

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO
E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE - PPGICS
ICICT/FIOCRUZ**

ANA CLÁUDIA CONDEIXA DE ARAUJO

**A AIDS E A IMPRENSA: AS VOZES E OS SILÊNCIOS NAS REPORTAGENS DO
DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA A AIDS DE 1988 A 2013**

Rio de Janeiro

2016

ANA CLÁUDIA CONDEIXA DE ARAUJO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Senso do
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
em Saúde para obtenção do grau de Doutor em Ciências

Orientador: Professor Doutor Nilson Moraes

Rio de Janeiro

2016

ARAUJO, ANA CLAUDIA CONDEIXA DE.

A AIDS E A IMPRENSA: AS VOZES E OS SILÊNCIOS NAS REPORTAGENS DO
DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA AIDS DE 1988 A 2013

/ ANA CLAUDIA CONDEIXA DE ARAUJO. - , 2016.

313 f.; il.

Tese (Doutorado) – Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e
Comunicação em Saúde, 2016.

Orientador: Nilson Alves de Moraes.

**A AIDS E A IMPRENSA: AS VOZES E OS SILÊNCIOS NAS REPORTAGENS DO
DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA A AIDS DE 1988 A 2013**

Aprovada em: 15 de setembro de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nilson Alves de Moraes – ICICT/FIOCRUZ
(Orientador)

Prof. Dr. Valdir Castro – ICICT/FIOCRUZ
(Co-orientador)

Prof^a Dr^a Kátia Lerner – ICICT/FIOCRUZ
(Examinador Interno)

Prof^a Cícera Henrique da Silva – ICICT/FIOCRUZ
(Examinador Interno)

Prof^a Dr^a Tania Conceição Clemente de Souza PPG/ UFRJ

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida – PPGSS/UERJ

Dedico esta tese a Cazu Barros e a Lucas Mendes.

A Cazu, a todos e todas cujas vidas foram transformadas pela epidemia de AIDS.

A vocês que enfrentaram e enfrentam o desafio diário de
manter-se vivo, sobrevivendo não só ao risco de morte,
mas também à dor do preconceito.

Ao jovem jornalista Lucas Mendes e aos jornalistas em formação,
que compreendam a importância e
a responsabilidade ética do profissional na transmissão
da informação ao público leitor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carlos Jorge e Marilza, por tudo;

Aos meus orientadores, Nilson Morais e Valdir Castro, pela troca sempre tão produtiva, pelo incentivo e pela força durante esta caminhada;

Às professoras Cícera Henrique, Inesita Araujo e Kátia Lerner, sempre tão incomensuráveis, inenarráveis, indescritíveis, inoxidáveis, inesquecíveis e inéditas, claro! Sinto-me muito honrada por ter dividido com vocês minha trajetória em busca da pesquisadora perdida;

À Tânia Clemente, professora e amiga, que me apresentou a Análise de Discurso há 16 anos; honrou-me tê-la nas bancas de qualificação e de defesa. Muito obrigada pelas xícaras de *cappuccino* e pelas dicas tão preciosas;

Às profissionais que tão bem nos atendem na Secretaria do Programa, em especial, Mel Bonfim, Tônia Cenzi, Tatiane Vieira Ferreira e Rosilene Oliveira;

Aos colegas-amigos da Turma 2012, por terem acreditado que eu conseguiria, mesmo quando nem eu mesma acreditei. Pelo amor, pelo carinho e pelas boas vibrações durante esses quase cinco anos;

Aos amigos e companheiros de vida acadêmica, em ordem alfabética, Daniele Ribeiro Fortuna, Dostoievski Marriat (Tico), Erika Almeida, Fred Schifer, Lucy Deccache e Sônia Mendes;

A Lucas Mendes, jovem jornalista, a quem também dedico este trabalho, meu parceiro e bolsista, obrigada pela ajuda sem medida;

A meus irmãos, Leonardo e Leandro, e minhas cunhadas, Lilian e Adriana, que se mantiveram unidos a mim na perda de nossa mãe e nos cuidados com nosso pai. Só consegui terminar este trabalho porque vocês cuidaram de tudo;

A você, Suelen Mariano de Souza, pela troca e pela presença inspiradora. E a Dona Rosa pelas lindas bolsas que abraçaram a mim e a minha tese.

Aos meus amigos e amigas pela compreensão com meu mau humor e minha ausência. Muito obrigada!

“Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.

Guimarães Rosa

“Às vezes fico pensando que a AIDS parece mesmo coisa da CIA misturada com o Vaticano. Sei que é um pouco de loucura pensar isso, mas faz sentido, faz. Faz muito sentido”.

Cazuza

RESUMO

Este trabalho analisa como a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), considerada a maior epidemia do século XX, foi tratada pelo O Globo e pela Folha de São Paulo no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, 1 de dezembro, entre os anos de 1988 a 2013, desde o primeiro ano em que a data foi “comemorada” no Brasil até 25 anos depois, quando a epidemia completou 30 anos. Os jornais, muitas vezes, foram fonte segura de informação e, outras, a única referência sobre o assunto para a população. Igualmente, os jornais funcionaram como interface para que o governo, os profissionais da saúde, os pesquisadores e os movimentos sociais pudessem fazer chegar notícias até os brasileiros. Ao todo, foram 289 matérias, entre manchetes de primeira página, editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativas ao Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, direta ou indiretamente. Do montante reunido, destacamos 16 capas, por acreditarmos que a primeira página de um jornal é a vitrine, a cara com que o veículo se apresenta aos leitores, ou seja, tudo que se julga ter valor de notícia está presente nas capas dos jornais. Além das capas, há mais seis matérias do interior dos jornais, relacionadas às chamadas de capa, dos anos de 1992, 1996 e 2001, quando coincidentemente ambos os veículos publicaram matérias sobre a temática. A cobertura priorizou o cenário nacional e o discurso científico, relacionando os dados nacionais com os internacionais, entretanto reservou pouco espaço em suas capas para tratar do tema, ainda que tenhamos escolhido uma data de culminância. A mídia, cuja divulgação das notícias da saúde é muitas vezes problemática, cumpriu seu papel de levar informação ao seu público leitor, mas deixou abertos flancos sujeitos à penetração das questões morais e ideológicas.

Palavras-chave: Aids, imprensa, acontecimento discursivo

ABSTRACT

In this work we map out the way the two Brazilian newspapers O Globo and Folha de São Paulo has focused on the Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) in the World AIDS Day designated on December 1, from 1988 to 2013. AIDS is considered the greatest epidemic in the twentieth century. Therefore, the theme came up on press media since the first year when the date has been “commemorated” in Brazil til 25 years after when epidemic turned 30. Most of the time newspapers represented important sources of information for the public and often were the only reference on this topic, since it has functioned as an effective interface with the government by providing data to our health professionals, researchers and social movements. In total there are 289 articles, front page major articles, articles, editorials, reports and interviews concerning World AIDS Day directly or indirectly. Of the total collected, we highlight 16 front pages of newspapers, as we compare it to a shop window in which the newspaper expresses his point of view to their readers. This means that relevant issues may come in the front page. Besides the front pages there are six other articles in both newspaper and they are linked to the front pages in the years of 1992, 1996 and 2001, when coincidentally both have published articles about this theme. The coverage placed a high priority on the national scenery and the scientific discourse, relating national to international data, however with a little chance to address the issue in front pages, even if there was a commemorative day. Press Media has fulfilled its role by informing the public about the epidemic. But due to the problems regarding dissemination of health issues, we believe that media was particularly marked by the glimpse of its moral and ideological questionings.

Keywords: AIDS, press media, discursive event

SUMÁRIO

PARTE I – DOS MEUS CAMINHOS ATÉ A TESE	10
A AIDS: companheira de caminhada	11
Introdução	19
Capítulo 1: Trajetos teóricos	24
1.1 Leituras, autores e reflexões	24
1.2 Sobre a Escola Francesa de Análise do Discurso	30
1.2.1 Procedimentos Analíticos	32
1.2.2 Como se analisam os discursos?	33
1.2.3 Sobre o Silêncio	34
1.2.4 Sobre o funcionamento do discurso jornalístico	36
1.2.4.1 Acontecimento jornalístico e acontecimento discursivo	36
Capítulo 2: Historicizando o objeto	39
2.1 A História da Aids	39
2.1.1 Da informação controversa à classificação como epidemia	39
2.1.2A AIDS, as estatísticas e a revelação de um novo perfil	41
2.1.3 Aids para além de um conjunto de sintomas: uma produção social	44
2.2A AIDS chega aos jornais	47
PARTE II – CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR	54
3 Metodologia de Pesquisa	55
3.1 Caminho se faz ao caminhar	55
3.1.1 Primeiro corte: as datas	55
3.1.2 Segundo corte: os periódicos	56
3.1.3 Um outro corte?	58
3.1.4 Enfim, cara a cara com o material! Será?	59
3.2 Cenários: mapeando os efeitos de sentido	66
3.2.1 Folha de São Paulo.....	66
3.2.2 25 anos do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS na FSP	139
3.3 Cenário O Globo	151
3.2.3 25 anos do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS em O Globo	198
3.2.4 Mapa comparativo das capas com AIDS	207
3.2.5 Pré-análise das capas	218
PARTE III – AS VOZES E OS SILÊNCIOS NAS REPORTAGENS DO DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA AIDS.....	233
4 Análise	234
4.1Folha de São Paulo	235
4.1.11988: Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto	236
4.1.21989: Silêncio	238

4.1.31990: Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial	239
4.1.41991: Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids	241
4.1.51992: Livro revela o custo da AIDS para o mundo	241
4.1.6 1993: Folha teen especial distribui preservativo	242
4.1.71994: Silêncio	244
4.1.81995: 12 milhões no país devem ter doença sexual	244
4.1.9 1996: Coquetel e Prevenção, acerca da AIDS	246
4.1.10 1997-1998: Silêncio	247
4.1.11 1999: Erro médico mata mais que AIDS nos EUA	248
4.1.122000: Editoriais	248
4.1.132001: Colcha de retalhos	250
4.1.142002-2007: Silêncio	251
4.1.152008Meninas contam por que namoram caras mais velhos	253
4.1.162009 a 2013: Silêncio	254
4.2 O Globo	257
4.2.11988-1991: Silêncio	257
4.2.21992: A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo	258
4.2.31993 – 1995: Silêncio	259
4.2.41996: “Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa”	260
4.2.51997–2000: Silêncio	260
4.2.6 2001: AIDS: Menos casos	262
4.2.72002-2003: Silêncio	264
4.2.82004: Abandonada, África é devastada pela Aids	265
4.2.92005: Aids: Negros serão alvo de campanha	267
4.2.102006: Só no Brasil Aids cresce entre idosos	268
4.2.11 2007-2013: Silêncio	270
4.3 Folha de São Paulo e O Globo	272
4.3.1 1992: Aids atinge a economia do Terceiro Mundo/Aids contagia mais 5 mil pessoas por dia	272
4.3.21996	274
4.3.32001	277
4.4 Fato e acontecimento jornalístico	280
4.5 Imagens das capas e matérias	281
4.5.1 Folha de São Paulo	281
4.5.1.1 FSP – 1988	281
4.5.1.2 FSP – 1990	282
4.5.1.3 FSP – 1991	283
4.5.1.4 FSP – 1992	284
4.5.1.5 FSP – 1993	285
4.5.1.6 FSP – 1995	286
4.5.1.7 FSP – 1996	287
4.5.1.8 FSP – 1999	288
4.5.1.9 FSP – 2000	289
4.5.1.10 FSP – 2001	290
4.5.1.11 FSP – 2008	291
4.6 O Globo	292
4.6.1 O Globo – 1992	292

4.6.2 O Globo – 1996	293
4.6.3 O Globo – 2001	294
4.6.4 O Globo – 2004	295
4.6.5 O Globo – 2005	296
4.6.6 O Globo – 2006	297
4.7 Matérias Folha de São Paulo – O Globo (1992, 1996, 2001)	298
4.7.1 Folha de São Paulo – 1992	298
4.7.2 O Globo – 1992	299
4.7.3 Folha de São Paulo – 1996	300
4.7.4 O Globo – 1996	301
4.7.5 Folha de São Paulo – 2001.....	302
4.7.6 O Globo – 2001	303
CONCLUSÃO	304
REFERÊNCIAS	308

,

Parte I – Dos meus caminhos até a tese

A AIDS: companheira de caminhada

As questões que deram início a esta pesquisa surgiram a partir da minha própria experiência. Afinal, nasci em 1966, portanto, nos anos 1980, eu e meus contemporâneos iniciamos nossa vida sexual já com a epidemia da AIDS anunciando mortes. Mal tinha comemorado meus 15 anos, em 1982, quando o primeiro paciente homem foi diagnosticado no Brasil, em São Paulo. A primeira mulher foi diagnosticada um ano depois. Mesmo que naquele momento os homossexuais do sexo masculino aparecessem em maior número entre os contaminados, o fato de eu ser lésbica me colocava no “grupo de risco” e, ainda que o contágio entre mulheres nunca tivesse sido identificado ou tema de debates, quem se arriscaria? Caminhamos os anos 1980 com a AIDS e o mistério de sua origem, as formas de contágio assombrando nossas cabeças, apesar das notícias que garantiam, com uma certeza “quase que absoluta”, de que se tratava de uma doença que atingia homens gays. E antes mesmo de eu vivenciar a primeira experiência sexual, o governo americano já se deparava com os desafios de tratar a nova doença. Sabia-se que possivelmente a transmissão se dava por contato sexual, uso de drogas ou exposição a sangue e derivados. Em 1984, as equipes do médico americano Robert Gallo e do francês Luc Montagnier iniciaram a briga pela anterioridade da descoberta do HIV.

Em janeiro de 1985 – ano em que o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA) foi fundado e o primeiro teste anti-HIV disponibilizado para diagnóstico, provocando a mudança do que era anteriormente chamado grupo de risco para comportamentos de risco – me juntei a milhares de jovens e fui ao primeiro Rock in Rio assistir a Cazuza e Fred Mercury, ídolos que perderíamos em poucos anos em decorrência da AIDS. No mesmo ano, assinaram pela primeira vez minha carteira de trabalho no extinto BANERJ. No ano seguinte, mesmo ano em que foi criado o Programa Nacional de DST/AIDS, ingressei no curso de Jornalismo nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) e passei a frequentar os bairros do Rio e a conhecer outras pessoas que não só aquelas que faziam parte do cenário da minha cidade, Niterói. As boates voltadas ao público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), como éramos chamados na época, mantinham intensa distribuição de camisinhas e folhetos, preferencialmente, voltados aos homens gays. Certamente em 1988, ano em que o Brasil passou a “comemorar” o Dia Mundial da Luta Contra Aids, a Assembleia Constituinte me chamou mais atenção. Assim fui avançando na década de 1980, fazendo sexo sem proteção, porque não havia informação sobre os perigos

do contágio do HIV no sexo entre mulheres. As poucas informações vinham através da imprensa, dos médicos – que àquela altura afirmavam que a transmissão só era possível pelo sangue e pelo sêmen – e dos poucos folhetos voltados às mulheres.

Começamos a década de 1990 perdendo Cazuzza, Rudolf Nureyev, Sandra Bréa, mas ganhamos quando o Sistema Único de Saúde (SUS) começou a tratar os doentes de Aids e a produção do AZT teve início no Brasil. Em dezembro de 1991, no mesmo ano em que o país chegou a quase 12 mil portadores de Aids, e o mundo, a 10 milhões, concluí a graduação. Nos sete anos que se seguiram, além de trabalhar com Comunicação Corporativa atendendo clientes como MTV Brasil, McDonald's, entre outros, acompanhei a AIDS pelas notícias dos jornais, pelas campanhas do Ministério da Saúde e pelos folhetos que, com o tempo, foram tornando-se mais explicativos e se multiplicando. Nessa década, a mídia anunciava como novidade aquilo que a ciência já havia constatado, por exemplo: a AIDS não atingia somente os homossexuais masculinos, os usuários de drogas injetáveis e os profissionais e as profissionais do sexo, mas também os hemofílicos e, assustadoramente, mulheres heterossexuais com mais de 50 anos, casadas e fiéis.

O ano de 1995 foi o ano em que mais se morreu de AIDS, ao todo foram 15.156 pessoas, sendo 11.599 homens e 3.535 mulheres. Em 1998, voltei à universidade para uma reciclagem. Inscrevi-me na Pós-graduação *Lato Sensu* em Jornalismo Cultural, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Fato é que sempre achei que o importante era ganhar dinheiro, e a academia nunca me pareceu boa opção. Achava uma bobagem pesquisar, refletir sobre dados, e o mundo precisando de ação. Os pesquisadores mais me pareciam as *carmelitas de pés descalços* que, enquanto o mundo se consumia em corrupção, guerras, desigualdades, produziam pesquisas que em nada impactavam sobre a realidade. De certo, naquela época, eu me referia às pesquisas ligadas à minha área, e não às pesquisas na área de saúde. Faço aqui minha ressalva. Enquanto ainda cursava a especialização, fui demitida. Era junho de 1998, não havia muito que fazer a não ser achar uma saída rápida, que foi ministrar um curso de férias de Assessoria de Imprensa, minha especialidade. Apresentei à Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) um curso de três semanas que deu muito certo, tive duas turmas e mais de 40 alunos. Nesse mesmo ano, os casos notificados de AIDS chegavam a 29 mil, mas 11 medicamentos eram ofertados gratuitamente pelo SUS.

A solução encontrada por mim mudaria de vez minha vida e minha trajetória profissional. Com os recursos obtidos, paguei as contas atrasadas, reativei minha empresa, a

Ágora Engenharia da Comunicação, e enfrentei o ano de 1999 muito mais tranquila. Foi também nesse ano que a mortalidade dos pacientes de AIDS caiu 50%, e a qualidade de vida dos portadores do HIV melhorou significativamente. O último ano da década e a expectativa de entrarmos no século XXI me renderam bons frutos profissionais: minha empresa foi contratada pelo Colégio Salesiano Santa Rosa e pelo Conselho Regional de Psicologia, e em ambos cuidei da Comunicação Interna e da Externa. Entretanto, a experiência com educação teria, por assim dizer, tornado-se uma opção, sem contar que eu havia adquirido pavor de ter uma única fonte de renda. No segundo semestre de 1999, terminei as matérias da especialização e passei a escrever a monografia. Como logo seria especialista, montei um outro curso de Assessoria de Imprensa e, aproveitando que meus dois irmãos faziam Administração na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), apresentei aos professores Mário Pinto e Cecília Mattoso minha ideia de curso de férias ou de extensão. Não havia muita pretensão nessa iniciativa, apenas queria ter um plano B, caso meus clientes rompessem o contrato. Para minha surpresa, a professora de Comunicação Empresarial havia sido demitida, então tive 20 dias para me preparar para entrar em sala, desta vez na graduação. E assim me tornei professora. No ano seguinte, indicada pela minha querida amiga Vera Marques, fui contratada pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), onde estou há 16 anos.

Em Brasília, em 2001, o ministro da Saúde José Serra recebeu um Prêmio da UNESCO de Direitos Humanos e Cultura da Paz. Graças à resposta brasileira à epidemia de AIDS, o país conseguiu conter o avanço da doença, revertendo previsões pessimistas do início da década de 90, quando o Banco Mundial estimou que 1,2 milhões de brasileiros estariam infectados pelo HIV na entrada do novo milênio. Em 2001, eram menos de 600 mil os infectados. O novo século já havia chegado e, a partir desse momento, palavras como mestrado, doutorado, dissertação, tese, qualificação e publicação começaram a fazer sentido. Ser professora, além de uma excelente opção de renda, havia mudado minha vida, eu queria fazer isso *pra* valer. Pensei, então, no que fazer para tornar meu currículo mais valioso. Por meio do meu colega da UNESA, Kleber Mendonça, fui apresentada à professora Tânia Clemente e à Análise do Discurso. Nos dois semestres de 2000, cursei matérias de Análise do Discurso com os alunos da pós-graduação. Com a ajuda da Tânia, no mesmo ano, concorri a uma vaga no mestrado em Comunicação, ficando em 16º lugar com 15 vagas. Mesmo não passando, autores como Pechêux, Backthin, Eni Orlandi invadiram minha mente. A ideia de que o discurso é uma construção social, não individual – que só pode ser analisado considerando

seu *contexto* histórico-social, suas condições de produção e que reflete uma visão de mundo determinada pelo “lugar onde” o autor está, seu lugar no mundo e por suas referências – me mudou para sempre. Conceitos como polifonia, contexto e o dialogismo me acompanhavam a cada frase do outro que ouvia, eu fazia questão de ver aquilo que se dizia, mesmo que o autor insistisse em dizer que não era aquilo que ele queria dizer. Meti-me a analisar discursos, quase que como um *hobby*, o que me trouxe muitas alegrias, decepções e brigas. Em 2001, concorri para o recém-aberto Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ e conquistei o 16º lugar com 14 vagas. Não era minha vez, ainda. Como opção para não perder tempo, ingressei no MBA em Comunicação e Marketing da ESPM, que, além de gratuito porque eu era professora, era mais um título. De 2002 a 2004, não tentei mais uma vaga para o mestrado, dediquei-me ao MBA.

Visto de hoje, 2004 foi um ano bastante interessante, marcado por rupturas. Antes do *Réveillon*, chegou ao fim meu contrato com o Colégio Salesiano Santa Rosa e fui demitida da ESPM. Ao mesmo tempo, fui convidada por uma ex-aluna para juntas abrirmos uma produtora cultural. O que não imaginava era que dessa sociedade surgiria um dos projetos mais relevantes da minha trajetória profissional. Logo que começamos a fazer contato com os teatros, tivemos dificuldades em conseguir pauta, ou seja, datas para os espetáculos que gostaríamos de trazer para Niterói. Imediatamente nos lembramos do antigo teatro Leopoldo Fróes, querido por muitas gerações de niteroienses que, quando crianças, assistiam a peças infantis em seu palco. Após verificar que o espaço estava fechado para apresentações desde 1990 e que a Arquidiocese de Niterói era sua proprietária, só nos restou fazer contato e “conceber” um projeto que pudesse interessá-la. Assim surgiu o projeto **Leopoldo Fróes: Teatro, Cultura e Cidadania**, que visava à revitalização do espaço, além de restaurar o prédio, reativar a sala de espetáculos, resgatar a memória e, sobretudo, dar um novo rumo ao espaço, unindo cultura e cidadania.

Com apenas o emprego na UNESA, tornar-me mestre passou a ser fundamental para garantir empregabilidade. Os boatos de que só seriam mantidos professores mestres e doutores me tiravam o sono. Em 2005, ano em que o Brasil abordou o racismo nas campanhas de prevenção contra a AIDS, foquei-me novamente em passar no mestrado. Desta vez, por comodidade ou inteligência, montei um pré-projeto para o mestrado baseado no que eu estava fazendo profissionalmente e deu certo, entrei para o Programa de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Assim, sob a orientação da

professora doutora Ângela de Castro Gomes, levei o Leopoldo Fróes para a academia e me encontrei com os estudos da memória e, em especial, com a professora Verena Alberti e a Memória Oral. O diferencial do programa era a possibilidade de fazê-lo junto com a dissertação, de modo que escrevi, produzi, gravei, editei e finalizei um DVD e um texto.

Um dos mais importantes e representativos palcos da história do teatro em Niterói, o Teatro Leopoldo Fróes estava fechado para apresentações desde 1990. Localizado na rua Manoel de Abreu n.º 16, no centro de Niterói, em frente à Praça da República, o teatro integra a área de proteção da ambiência da Praça da República, tombada pelo patrimônio estadual, o INEPAC, juntamente com os demais edifícios que a contornam: a Biblioteca Estadual, o Fórum e a Câmara dos Vereadores. Construído pelo Bispo Dom João da Matta, sua história começa com a doação do terreno para a Mitra Arquidiocesana no início do século XX. O objetivo do doador era que lá fosse construído um espaço de assistência aos menos favorecidos. As obras foram iniciadas em 1949 e concluídas em 1952, recebendo o edifício o nome de João da Matta, então arcebispo da cidade. O espaço era destinado à realização de reuniões, missas e autos de Natal. Em 1967, a Associação de Marítimos, por intermédio do Estaleiro Mauá, arrendou o espaço, transformando o que era auditório em teatro. Em dezembro, então, foi inaugurado o Teatro Alvorada. O desenhista projetista do estaleiro Albino Santos, o eterno palhaço Ripp, importante homem de teatro, batizou-o e foi seu primeiro diretor. Sob a direção de Albino, o teatro funcionou de 1967 a 1974, quando foi fechado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

Com capacidade para 400 espectadores, foi palco, nas décadas de 1970 e 1980, de inúmeros espetáculos infantis, tornando-se o berço do teatro infantil niteroiense. Há, contudo, poucos registros dessa época. Em 1979, a Prefeitura de Niterói, por meio da Fundação Niteroiense de Difusão Cultural (FNDC), arrendou o teatro e, em 1981, rebatizou-o de Leopoldo Fróes, uma justa homenagem ao ator nascido em Niterói, Leopoldo Constantino Fróes da Cruz (1882-1932). Durante duas décadas, o teatro foi referência para shows de música popular brasileira e abrigou as companhias de teatro da cidade, como Grupo Dois Pontos e Coofcia Teatral. Os projetos de fim de tarde foram uma das marcas do teatro, com projetos como “Sete em Ponto”, “Projeto Pixinguinha” e “Seis e Meia”. O teatro fechou suas portas,

apesar dos protestos dos artistas e intelectuais da cidade, em 1990. Desde então, seu prédio serve de sede da Pastoral da Criança e de outras pastorais da Diocese¹.

Fato é que, aos tantos autores que já habitavam em mim, outros se somaram, entre eles Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollack, Roger Chartier, além da própria Ângela de Castro Gomes e, claro, da professora Verena Alberti. A memória oral havia tornado minha vida um caos criativo, afinal, os documentos eram desmentidos, ou quase, pelos testemunhos de meus entrevistados. Como lidar com isso? Era uma pergunta constante. Sempre trabalhando muito, saía das aulas às 20h40min para estar às 21h10min em sala de aula, ia de Botafogo ao Centro do Rio correndo todas as terças, quartas e quintas-feiras durante 2006 e 2007. Enquanto isso, os mais pobres, os negros e os idosos apareceriam nas capas do O Globo para marcar as mudanças na trajetória e no perfil da epidemia de AIDS. Defendi minha dissertação *Os sonhos em cena: a memória e a história do teatro Leopoldo Fróes* no dia 3 de setembro de 2008, sob olhos atentos de uma plateia mínima (escolha minha) que incluía, para minha alegria, a neta de Albino Santos. Os membros da banca Monica Kornis (CEDOC-FGV) e Antônio Herculano (Casa de Rui Barbosa) fizeram colocações bastante construtivas. Assim, fechei o ano com essa conquista e o desafio de pensar o que fazer no futuro. Concomitantemente, a epidemia da Aids, naquele ano, teve 500 mil notificados.

Confesso que de 2009 a 2011, quando entrei no PPGICS, foi uma série de tentativas e erros. Na verdade, eu não tinha um projeto, uma ideia do que queria estudar, pesquisar, eu tinha apenas uma vaga ideia. Cheguei a tentar o Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e teria passado se não fosse a péssima de ideia de estudar francês e, na última hora, decidir fazer espanhol por julgar mais fácil. Foi quando, de repente, chegou a mim o e-mail da professora Inesita Araujo, enviado por um colega. Como de assalto, lembrei-me do querido projeto, aquele da AIDS que foi aceito pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela UERJ. Bastavam uns ajustes, e eu poderia concorrer. O processo fechava em dias e, além de um projeto, eu teria que ter um orientador. E agora já que minha área não era saúde e eu nunca havia pisado na Fiocruz? Como é de minha personalidade, arrisquei enviar um e-mail para a coordenação do programa pedindo orientação para conseguir alguém de última hora que pudesse me orientar caso eu passasse. Não é nenhum segredo que o mundo acadêmico faz com que alguns seres mortais (é importante ressaltar que são alguns

¹ <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/comunigranrio/article/view/1084>, acesso em 15/07/2016

mesmos) se sintam Deuses do Olimpo, o que lhes garante o direito de não responder e-mails ou de serem ríspidos com aqueles que detêm menos insígnias do que eles. Assim, sem nenhuma arrogância ou sentimento digno dos que habitam o Olimpo, surge na minha vida o professor Nilson Alves de Moraes. Grandalhão, simpático e muito carinhoso, Nilson me acompanhou nesses anos de caminhada com um otimismo digno de inveja. Mais tarde, ganharíamos o reforço do professor Valdir Castro, pessoa que me foi de grande importância por seu ativismo, sua sensibilidade e sua paciência.

Entretanto, chegar ao PPGICS não foi fácil. Reler e atualizar o projeto, preparar-me para a prova de inglês e para a entrevista não foram tarefas fáceis e, em 2010, o plano não deu certo. Assim, em 2011, a convite da professora Inesita, cursei algumas matérias para me aproximar dos autores e dos professores e funcionou. Com o título *As disputas de vozes na cobertura do Dia Mundial da Luta Contra AIDS em O Globo, na Folha de São Paulo e no Correio Brasiliense (1988-2013)*, meu projeto foi aprovado, e iniciei a caminhada que me traz até aqui. Muitas foram as mudanças nesses anos em que estive caminhando em paralelo à epidemia de AIDS. Já não se nasce com HIV há 20 anos, o número de mortos diminuiu vertiginosamente, o perfil dos contaminados sofreu mudanças, novas drogas foram descobertas e continuam sendo distribuídas gratuitamente pelo SUS, é possível viver com AIDS tendo qualidade de vida, foi anunciado para venda em farmácia um teste rápido através do fluido oral. Mesmo assim, ainda não se tem uma solução definitiva para o HIV. Alguns dados vêm surpreendendo os que acompanham a epidemia, como por exemplo: o aumento de jovens entre os infectados. Hoje cerca de 41 mil pessoas vivem com AIDS no Brasil. Em 2015, o Ministério da Saúde divulgou uma pesquisa apontando o crescimento de 40% do número de infectados por AIDS em jovens na faixa de 15 a 24 anos em todo o país. Por conta disso, foi criada uma campanha para incentivar o uso da camisinha e para realizar o exame que detecta a doença. Nas redes sociais, o lema é: "Partiu, teste".

No período de 25 anos que compreende esta pesquisa, muitas matérias foram publicadas. Hoje, a transmissão de doenças por sexo é assunto mais presente nas conversas de famílias. Ainda assim, há alguns desafios a enfrentar e resolver. A imprensa também sofreu mudanças com as novas tecnologias. Hoje, os grandes jornais têm suas versões *on-line*, e os jovens não são seus leitores, mas a grande imprensa ainda pauta os veículos menores, os *blogs*, o Youtube e outros canais e, também são pautadas por eles. Há que se descobrir, então, como falar com esse público, seja via Facebook, Snap Chat, Twitter ou Instagram. Por enquanto, o

desafio desta pesquisa é apresentar, nos capítulos a seguir, como O Globo e a Folha de São Paulo trataram as notícias da Aids, no dia Mundial da Luta Contra Aids, 1 de dezembro, no período que compreende os anos de 1988 a 2013.

INTRODUÇÃO

Considerada a maior epidemia do século XX, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) surgiu nos anos 1980 e não só pôs em evidência as relações sexuais, como também provocou mudanças nos mais diferentes níveis e em toda a extensão do planeta. Diferentemente de algumas outras epidemias, a AIDS trouxe mais do que dor e morte, pois impôs transformações no sistema público de saúde, no controle de qualidade dos bancos de sangue, na responsabilidade dos governos quanto à gratuidade de tratamento e de medicamentos e, ainda, provocou uma disputa acirrada com a bilionária indústria farmacêutica pela quebra de patentes de remédios que garantiriam sobrevivência aos doentes. As questões levantadas não ficaram restritas ao campo da medicina e da ciência e invadiram os lares, em suas mais distintas composições e gerações, para que casais discutissem a homossexualidade, a bissexualidade, a infidelidade e o uso de drogas. Outro papel importante protagonizado pela epidemia, sem sombra de dúvida, foi impulsionar o movimento pelos direitos dos homossexuais, fazendo com que ganhasse forma, corpo, identidade e respeito. Desde que passou a atingir a todas as pessoas sexualmente ativas, independentemente de sexo, idade, orientação sexual, origem, classe social, raça, etnia e cor de pele, a AIDS ultrapassou os veículos de comunicação e ganhou a mídia em geral.

É notório que os jornais desempenharam um papel importante na divulgação das notícias, muitas vezes levando à população, muito antes dos veículos oficiais da comunidade científica, as informações acerca da epidemia. Se o interesse da grande mídia em divulgar uma moléstia desconhecida e mortal está ligado à sua função de prestador de serviço para seus leitores, não podemos também esquecer o caráter comercial das informações, que envolve o interesse dos consumidores. Certamente, esta não é a primeira tese sobre a divulgação da AIDS na imprensa que chama atenção da academia. A maior parte dos trabalhos analisa jornais e, na grande maioria, O Globo e a Folha de São Paulo, mas o que torna nosso trabalho diferente é o recorte metodológico, o marco do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. Pela necessidade urgente de levar as descobertas, os avanços e os desafios enfrentados pela comunidade médica à população, a AIDS conquistou espaço na imprensa. Os meios de comunicação se tornaram, então, palco das notícias e, da mesma forma, serviram de praça, uma espécie de Ágora, onde se discutiram ética, preconceito e solidariedade, retirando dos médicos e dos cientistas a exclusividade sobre a doença e dando aos veículos de comunicação – jornais, rádios, televisão

e internet – o direito de amplificar as informações e as impressões de seus profissionais a partir de suas fontes: médicos, cientistas, soropositivos, aqueles que se tornaram doentes, seus familiares, os movimentos sociais e a população em geral. Os meios de comunicação são parte essencial na construção da realidade que acreditamos e da memória que carregamos.

Para analisar o tratamento dado à epidemia pelo O Globo e pela Folha de São Paulo, partimos das seguintes hipóteses:

- A imprensa parou de falar da AIDS a partir da queda no número de óbitos em função das novas drogas;
- A imprensa não deu a mesma atenção à AIDS quando esta se torna uma doença administrada e com remédios capazes de manter vivos e com qualidade de vida suas vítimas;
- A imprensa seleciona aquela informação que mais se adapta a sua linha editorial, dividindo os perfis de possíveis infectados em classificações como grupo de risco, responsabilizando os homossexuais, os usuários de drogas injetáveis e os profissionais de sexo e vitimizandando os hemofílicos, as vítimas de transfusão, as crianças e as mulheres;
- O fato de a AIDS deixar de ser uma doença exclusiva de homossexuais, drogados e prostituídos perdeu o valor para a imprensa;
- A imprensa assume uma postura de guardião dos bons costumes ao silenciar ou mesmo não considerar dados. A mídia, nessa sociedade comunicacional, em rede, espetacular, passa a ter um papel fiscalizador, legitimador de ideologias, relações e padrões sociais, bem como palco das questões públicas cotidianas.

Como objetivo geral, tínhamos o foco de investigar a forma como a imprensa tratou a epidemia, compreendendo tanto o conteúdo publicado quanto o silêncio, na busca de entender a relação da imprensa com as fontes, os dados epidemiológicos, as descobertas etc. Logo, bem mais do que descrever os mecanismos enunciativos tecidos pelo discurso jornalístico, buscamos denunciar os conflitos e o preconceito que se instauram com o embate de um jogo polifônico intenso. Quanto aos objetivos específicos, buscamos identificar que vozes falaram através da imprensa com o passar do tempo; verificar as relações de poder entre agentes e agências no discurso jornalístico; identificar os períodos de silenciamento e observar o quanto as falas discursivas e disputadas no âmbito da imprensa geraram identidades e processos de inclusão e de exclusão social.

Para que a tese fosse possível, investimos em uma análise qualitativa, fundada em recortes nas capas dos jornais O Globo e a Folha de São Paulo do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS de 1988 a 2013. O tratamento teórico dado ao *corpus* pelo viés da escola francesa de Análise de Discurso Francesa (AD) contribuiu para que compreendêssemos o material e para que fossem viáveis a “leitura” e a análise dos efeitos de sentido, dos silêncios e das sequências discursivas.

Esta tese encontra-se organizada em três partes. A **Parte I – Dos meus caminhos até a tese**, que compreende os itens *AIDS: Companheira de caminhada* e a *Introdução*, é o momento em que apresentamos o tema e a nós como indivíduos, profissionais e pesquisadores, além de nossa trajetória no campo de investigação escolhido. Também compõe essa parte o *Capítulo I – Trajetos teóricos* no qual apresentamos os referenciais teóricos que dão suporte a esta tese e, em especial, a Escola Francesa de AD, bem como os autores que nos possibilitaram compreender e analisar todo o material reunido. Ainda compreende a **Parte I** o *Capítulo 2 – Historicizando o objeto*, em que é possível acompanhar as mudanças no perfil dos doentes e a linha do tempo da AIDS, tanto do ponto de vista epidemiológico quanto no que diz respeito às suas primeiras inserções nas páginas dos jornais. A **Parte II – Caminho se faz ao caminhar** trata do grande desafio deste trabalho, a metodologia. Sem sombra de dúvida, a maior dificuldade encontrada para a realização desta pesquisa foi o tamanho do recorte temporal que nos predispomos a estudar e, conseqüentemente, o tratamento ao material. O número de matérias parecia nos alertar para a impossibilidade de avançar no trabalho proposto. Entretanto, ao caminhar sobre as pilhas de matérias, foi possível chegar ao que seria analisado e à solução mais do que satisfatória do material a ser analisado. Por fim, a **Parte III – As vozes e os silêncios nas reportagens do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS** apresenta a análise do material de nossa pesquisa, que para nós justifica, explica e sustenta nossa caminhada durante esses quase cinco anos.

Inicialmente, analisaríamos as publicações dos dias 30/11, 01 e 02/12 dos anos de 1988 a 2013 nos seguintes jornais *Correio Brasiliense*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*. Resumidamente, analisaríamos as capas de todo o período e as matérias cujo tema fosse HIV/AIDS. Em virtude do número de matérias que poderiam surgir e para não ter que diminuir o recorte de tempo definido, decidimos que não seria prejudicial à nossa pesquisa trabalhar apenas com o Dia Mundial da Luta Contra AIDS, 1 de dezembro. Após isso, as dificuldades em função do acesso ao acervo nos obrigou a abdicar do jornal do Distrito Federal. As despesas

seriam grandes, seria necessário viajar, pesquisar no acervo, comprar as páginas em pdf, imprimi-las ou fazer uma cópia. Em se tratando do jornal O Globo, por mais que também houvesse despesas, geograficamente era mais perto. A Folha de São Paulo, por sua vez, já disponibilizava o acervo *on-line*, logo era possível pesquisar, identificar, solicitar e receber em casa o material. Após um ano, reunimos em torno de 100 páginas. Nosso primeiro movimento foi identificar todo o material e, ao final, após os meses de coleta, deparamo-nos com um material extremamente extenso e rico, um total de 273 matérias. Novamente nos voltamos ao montante para melhor compreendê-lo. Desta vez, criamos uma tabela em que seriam identificados:

- I. Veículo;
- II. Editoria;
- III. Página;
- IV. Título;
- V. Recorte discursivo (ficou definido que o recorte discursivo seria o *lead* de cada matéria);
- VI. Vozes discursivas (fontes, quem “falava” através das matérias);
- VII. Efeito de sentido.

Ao final desta etapa, tínhamos criado uma categorização de matérias que, como poderá ser observado no capítulo 3, apontava-nos para dois grandes grupos: **medo** e **esperança**. Curiosamente, o jornal O Globo mantinha uma média de 42 matérias, cujo efeito de sentido nos remetia a medo, e 40 matérias que nos remetiam a esperança. Já na Folha de São Paulo, esperança vencida o medo numa média de 85 contra 50. Descartamos matérias internacionais e artigos de Opinião, mas ainda era impossível trabalhar com esse montante. Optamos, então, por analisar as capas de O Globo e da Folha de São Paulo que se referissem à AIDS e as matérias resultantes dessas chamadas nos anos em que os dois jornais publicassem coincidentemente matérias sobre o tema. Assim, decidimos trabalhar seis capas de O Globo e onze da Folha de São Paulo, além das matérias publicadas em 1992, 1996 e 2001, anos em que ambos os veículos publicaram em suas capas matérias sobre o tema. As capas dos anos em que a AIDS não foi mencionada nos serviu para trabalhar o silêncio acerca do tema. Surgiu uma nova tabela, na qual foi possível aprofundar o olhar e observar melhor as capas. Para compreender o momento

da epidemia, usamos o Boletim Epidemiológico publicado pelo Ministério da Saúde como suporte à nossa pesquisa. Foram observados os seguintes itens:

- A. Chamada de capa (Título);
- B. Espaço, localização dentro da página e centimetragem;
- C. Dados da AIDS;
- D. Enfoque da notícia.

Foi desse ponto que conseguimos identificar os anos em que os jornais publicaram, ou não, os silêncios, as coincidências e relacionar com o momento da epidemia, partindo dos dados oficiais do Ministério da Saúde.

1 Trajetos teóricos

Elencamos, a seguir, algumas considerações sobre o tema Aids, trazidas por autores da área de saúde, entre outros. Apresentamos, também, os pressupostos teóricos que serviram de base a esta pesquisa.

1.1 Leituras, autores e reflexões

A AIDS é somente mais uma doença conhecida pela humanidade que estigmatiza seus “doentes”. A história já retratou outras enfermidades, como a varíola, a lepra, a sífilis, a tuberculose, as doenças mentais, entre outras que igualmente viveram e vivem processos estigmatizantes. Algumas delas tiveram seus processos arrefecidos pelo tempo ou pelas novas tecnologias farmacológicas que trouxeram cura ou melhoras significativas, como no caso das doenças mentais, cujos pacientes têm uma vida bastante produtiva com ajuda de remédios. Se considerarmos o mesmo para a AIDS, veremos que, em sua trajetória, também houve queda de óbitos e um grande investimento, prioritário por parte do governo, em novas drogas que permitem que soropositivos “vivam com AIDS”. Resta saber se, quando, como e de que maneira a AIDS e seus “doentes” viveram e vivem esse processo. A nós interessa saber os detalhes do processo, as condições de produção e de reprodução, prioritariamente, nos meios de comunicação, dos estigmas ligados a AIDS e indagar sua persistência, como nos propõem os pesquisadores Ivan França Junior e Eliana Miura Zucchi:

“A surpresa de Francisco Bastos diante da persistência das metáforas estigmatizantes e elucidativa da necessidade de uma reflexão mais aprofundada acerca do estigma e suas condições de (re)produção. Assim cabe a nós, acadêmicos e ativistas do campo da AIDS, indagar os porquês dessa persistência” (MONTEIRO, Simone; VILELA, Wilza)²

O pesquisador Francisco Inácio Bastos, em seu livro “AIDS na Terceira Década”, defende a ideia de que, na primeira década, uma série de coincidências infelizes propiciaram a propagação não só do vírus, mas também – e sobretudo – de preconceitos, discriminações e estigmas relacionados a determinados grupos sociais, conhecidos como os “4Hs”. O autor denominou de “fábula dos 4Hs”, uma alegoria científica e moderna, criada a partir de equívocos de epidemiologistas, visto que raízes dessa fábula contemporânea se remetiam mais ao:

"clima de caça às bruxas, bruxas essas plasmadas pelos próprios fabuladores, talvez em busca de apoio a uma visão maniqueísta do mundo: de um lado os

² Estigma e Saúde. Fiocruz, 2013. Pag. 207. <http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n1/0103-7331-physis-24-01-00311.pdf>, acesso em 13/07/2014

saudáveis, do outro, os doentes, estes últimos, por seu turno, subdivididos em: 'vítimas inocentes' e (supostos) 'culpados'" (BASTOS, F.I. p. 29-30).

Outro aspecto levantado por Bastos é que, se por um lado, o que ele chamou de a fábula dos “4Hs” se traduziu como um movimento de negação daquilo que era ameaçador ao homem e que precisava ser afastado, por outro emergiu como um mecanismo de controle de determinados grupos sociais. Essa é uma questão ainda bastante presente e relevante, tanto no campo da produção de conhecimentos quanto na fixação de políticas públicas de saúde voltadas ao HIV/AIDS.

Atrelada fortemente à homossexualidade, a AIDS , o que pode ser confirmado, pois, mesmo após quatro décadas, a AIDS e seus “doentes” ainda enfrentam as mais variadas formas de discriminação e tentativas de controle e tanta discriminação interfere no tratamento e nos dados da epidemia. É o que podemos verificar na matéria de O Globo “Legislação anti-gay agrava epidemia global de AIDS”³, publicada em 28 de junho no site do jornal. A matéria trata exatamente do contrassenso entre o avanço da luta LGBT em alguns países em contraponto a outros em retrocesso, o que levaria a epidemia a voltar a crescer. A Rússia aprovou em 2013 uma lei altamente discriminatória contra “propaganda homossexual”. Já a Índia voltou a criminalizar as relações entre pessoas do mesmo sexo, assim como outros países do continente africano, como Uganda e Nigéria. Para o médico Chris Beyrer, da Universidade Johns Hopkins, o “clima de medo” gerado pelo apoio dos governos à discriminação e a garantia de impunidade aos que agridem homossexuais forçam as pessoas a se esconder e se afastar das clínicas de tratamento, ressalta Beyrer:

“– Estamos coletando dados que mostram que, depois que essas leis foram implementadas, as pessoas pararam de ir à centros de tratamento para portadores de HIV e de fazer testes – diz Beyrer em entrevista por e-mail. – Isso pode certamente levar a um agravamento da epidemia global de Aids dentro da comunidade gay.”

³ <http://oglobo.globo.com/sociedade/legislacao-antigay-agrava-epidemia-global-de-aids-13054513>, acesso em 28.06.14

Erving Goffman é quem traz à tona a questão do estigma ou uma relação especialmente criada entre um atributo e um estereótipo, ou seja, entre imagens e rótulos criados e consolidados dentro de padrões sociais específicos. Em seu estudo clássico, de 1950, o autor definiu estigma como “um significativo descrédito atribuído a uma pessoa com uma diferença indesejável que se constitui em poderoso signo de controle social usado para marginalizar e desumanizar indivíduos que apresentam certos traços socialmente desvalorizados”(GOFFMAN, 1980, pág. 53). Assim, o estigma representa um atributo extremamente depreciativo, pois a sociedade categoriza as pessoas e também os atributos considerados “normais e naturais”. Enfim, para o autor, estigmatizar alguns confirma a normalidade de outros. Sim, porque conhecer pessoalmente o estigmatizado e a possibilidade de se vir a estabelecer com ele uma rotina diária de normalização da interação não reduz necessariamente o preconceito. Como afirma o autor, “(...), *deve-se continuar a ver que a familiaridade não reduz necessariamente o menosprezo*”(GOFFMAN, 1988, pág. 63). No entanto, toda a questão da manipulação do estigma está intimamente relacionada ao fato de se conhecer pessoalmente – ou não – o indivíduo estigmatizado.

Os pesquisadores Parker e Aggleton(2001) contribuem com a concepção de Goffman e “concebem a estigmatização como um processo social e os processos de discriminação das pessoas estigmatizadas como processos que materializam relações de poder e dominação (de gênero, de classe e de raça, por exemplo)”. Nessas relações de poder e de dominação, insistem os autores, é que surge a produção de símbolos frutos das relações macro e microssociais que “associam diferença ou desvio a pessoas e a estereótipos” (JUNIOR & ZUCCHI, 2013, pág. 106). No nosso caso, buscaremos verificar como esse processo se desenvolve na imprensa, que processos estigmatizantes têm início nas páginas dos jornais e se ela reforça o que a sociedade expressa. Neste caso também nos interessa que fontes são ouvidas ou silenciadas como parte do processo estigmatizante do indivíduo soropositivo.

Através de uma análise extensa e minuciosa de vários segmentos do jornalismo que tiveram a AIDS como tema, Fausto Neto observou que esses dados traziam à tona o papel da mídia, não apenas pela sua competência de anunciabilidade – fazendo da AIDS um fato midiático –, mas também porque a construção dos processos de inteligibilidade sobre a AIDS dependia gradativamente das práticas das mídias e de seus respectivos efeitos de sentido.

Sendo nossa meta colocar em xeque alguns desses efeitos de sentidos apontados pelo autor já referido, quase sempre tomamos a polifonia, conceito criado pelo russo Mikhail Bakhtin (1895/1975), segundo o qual um todo é formado por uma multiplicidade de vozes independentes. De acordo com Ducrot, em “O dizer e o dito”, polifonia são modos de expressão implícita, que permitem deixar entender (sugerir) sem ficar descoberta a responsabilidade de se ter dito, ou se expressar de tal forma que a responsabilidade do dizer possa ser recusada (recurso do locutor). Todo enunciado apresenta uma pluralidade de vozes diferentes da do locutor. No nosso caso, o locutor – enquanto emissor das palavras – será a imprensa brasileira que, a partir do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, constrói seu discurso⁴, utilizando como fonte os diversos agentes e agências (ONGs, autoridades médicas, governo, indivíduos soropositivos, não portadores do HIV, entre outros). A enunciação, o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados – e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído por um em potencial (auditório social próprio bem estabelecido) –, será um conceito útil para trabalhar os textos produzidos. Para o autor, a palavra é uma arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios. Para Bakhtin, sempre sob as palavras outras palavras são ditas. Logo, toda palavra comporta duas faces: é determinada tanto pelo locutor que a precede quanto pelo interlocutor a que se dirige. Constitui, portanto, o produto da interação do locutor com o ouvinte.

Se enunciação é resposta a alguma coisa e é construída como tal, toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, prolonga aquelas que a precedem, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão. Toda enunciação é produzida para ser compreendida. Se o locutor se utilizará da língua para, na verdade, “resolver” suas necessidades enunciativas, com o receptor não será diferente, pois a descodificação é o reconhecimento, é compreender a “fala” dentro de um contexto preciso. O conceito de dialogismo de Bakhtin é nada mais do que uma redefinição de diálogo, pois considera toda expressão de linguagem, inclusive a expressão escrita. À luz desses dois conceitos, seguiremos buscando entender as relações entre a imprensa e suas fontes,

⁴ Noção fundadora e organizadora das demais. Discurso não é texto, ou frase longa, mas materialidade simbólica. Não se trata de tomar o discurso como realidade empírica, mas como objeto sócio-histórico: social porque processo-produto da sociedade; histórico, pelo trabalho dos sentidos (considerados na dimensão do ideológico) nele inscritos. Trata-se também de um objeto entendido na sua heterogeneidade e incompletude (ORLANDI, 1999).

determinando, assim, quem são, onde estão e que intenção têm. Authier-Revuz considera a enunciação como um campo heterogêneo do conhecimento, em que se articulam língua, fala e sujeito. Ele coloca em jogo o sujeito e sua relação com a língua e com o sentido. Os textos jornalísticos buscam, normalmente, expressar os fatos da forma mais imparcial possível, visto que eles não são a tradução da palavra de um indivíduo, mas a palavra dos sujeitos coletivos, por isso lhes é vetado falar em primeira pessoa. Por outro lado, mesmo optando pela busca de uma objetividade, a função do jornalismo é reconfirmar uma instituição social. E como tudo isso é feito pela palavra, daí se poder afirmar que todo o seu poder se funda na língua e a ela deve se conformar para reconstituição do real. Dessa forma, o desafio deste trabalho é analisar como se dá a relação entre a linguagem, sua significação e o contexto social, pois, ao colocar os indivíduos em interação, a língua cria o sentido e os lugares sociais.

Acreditamos que utilizar Bourdieu e sua teoria de campo⁵ pode ser um dos caminhos para nossa pesquisa em busca de mapear agentes, agências, soropositivos e os demais atores que compõem esta arena de falas que se complementam, contrapõem-se e se contradizem. Segundo o autor, um campo pode ser compreendido como um espaço estruturado de posições, onde os agentes estão em concorrência por seus troféus específicos, seguindo regras igualmente específicas; a conquista de espaço como fonte para a imprensa se encaixa bem nessa metáfora de troféu. É preciso, para nossa análise, entender a rede que compõe as fontes para o discurso sobre a AIDS no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS.

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas

⁵ Segundo Bourdieu (2000: 244) o “campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes e instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente)”.

e irreduzíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo, artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes. BOURDIEU (apud BONNEWITZ, 2005: 60)

Para Bourdieu, o campo é um espaço social, um ambiente estruturado e estruturante. É um espaço de disputa entre dominantes e dominados, onde simultaneamente atores têm posições que podem não ser harmônicas nem se equivalerem. Os espaços sociais nesse caso são “caracterizados por assimetrias e diferenças relativamente estáveis em termos de distribuição de, e acesso a recursos de vários tipos, poder, oportunidades e chance na vida” (THOMPSON, 2007: 198). Assim sendo, o conceito de campo tem uma lógica sistêmica – como um conjunto organizado, onde as posições se definem umas em relação às outras (BARROS, 2003). Cabe ressaltar, no entanto, que nem todos os espaços sociais de produção e circulação de discursos e práticas se constitui como campo. Segundo Bourdieu, o que permite estruturar o universo social é a posse de diferentes tipos de capital. A posição dos agentes no espaço das classes depende do volume e da estrutura de seu capital. Bourdieu (2000) distingue quatro tipos de capital: (1) capital econômico; (2) capital cultural; (3) capital social; (4) capital simbólico.

À primeira análise, a noção de capital está ligada à abordagem econômica. A analogia se explica pelas propriedades reconhecidas do capital: ele se acumula por meio de operações de investimento, transmite-se pela herança, permite extrair lucros segundo a oportunidade que seu detentor tiver de operar as aplicações mais rentáveis. Essas características fazem dele um conceito heurístico e, como faz Bourdieu, seu uso não se limita à área econômica.

O *capital econômico* é constituído “pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto de bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais” (BONNEWITZ, 2005: 53). O *capital cultural* corresponde ao “conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família”. Pode existir sob três formas: “em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por ex., a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadros, de obras); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por

instituições (como títulos acadêmicos)” (Idem, *ibidem*: 54). O *capital social* é definido pelo conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou um grupo. A posse deste tipo de capital implica a instauração e manutenção das relações de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum etc. (Idem). Já o *capital simbólico* corresponde ao conjunto de rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados a honra e reconhecimento.

1.2 Sobre a Escola Francesa de Análise do Discurso

A Análise do Discurso francesa procura compreender a relação estabelecida pelo sujeito com a história e com a língua, definindo discurso como resultado de um processo de construção simbólica, em que os sentidos são construídos, emergem e inscrevem-se a partir da relação que é estabelecida com os sentidos já postos em funcionamento e sempre retomados por sujeitos, num constante movimento em (dis)curso, a cada situação de enunciação.

“Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo, atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço.” PÊCHEUX (1990: 96)

Dessa forma, os sentidos são produzidos pelos sujeitos, amparados pela memória discursiva, que é o que permite a sustentação ou a quebra/ruptura do que está instituído, e pela ideologia, orientadora de tal processo, naturalizando posições para o sujeito e fazendo suas palavras parecerem claras e evidentes, enfim, indicadoras de uma relação termo a termo com o mundo.

Segundo Orlandi(1999), em Análise de Discurso, parte-se de uma escuta, aliada a um exercício de interpretação e compreensão: o de interpretar um contexto imediato e o de compreender a opacidade da linguagem, a historicidade dos sentidos, a constituição do sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. São dois movimentos: interpretar e compreender os funcionamentos. Compreender é a explicitação do modo como o discurso produz sentidos e interpretar não é atribuir sentidos, mas expor-se à opacidade do texto; ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos, sabendo que o sentido pode ser sempre outro.

Para que seja possível analisar discursos, há procedimentos como paráfrase, polissemia e efeito metafórico. Os conceitos de paráfrase e polissemia, ao lado de um outro – o de efeito metafórico –, são de grande valia ao analista de discurso, pois por essa vertente teórica são os que vão favorecer o trabalho de compreensão e de análise dos processos discursivos básicos à produção de sentido. Paráfrase e polissemia se definem em termos discursivos como a possibilidade de fronteira entre o mesmo e o diferente. Pelo movimento parafrásico, é possível discernir que em todo dizer há algo que se mantém – o dizível, a memória. Tem-se aí um processo de estabilização dos sentidos, quando são produzidas diferentes formulações em torno de um dizer sedimentado. Pelo movimento polissêmico, tem-se o deslocamento, a ruptura em processos contínuos de significação, quando se joga, então, com o equívoco. (ORLANDI, 1999)

A compreensão do próprio movimento parafrásico pode se efetivar com a observação dos chamados **efeitos metafóricos**. Por efeito metafórico, Pêcheux (1969) define o efeito semântico que se produz numa substituição contextual, isto é, por um deslizamento de sentido numa distância entre x e y, sendo esta constitutiva tanto do sentido produzido por x como por y. E é nesse jogo de deslizamentos que se instituem os movimentos de interpretação (mais ou menos parafrásicos ou polissêmicos), dando lugar à produção do sentido.

A metáfora para a AD não se coloca nem como comparação, nem como desvio, mas como transferência. Uma transferência que se dá num processo contínuo de deslizamentos de sentido (base dos efeitos metafóricos), através dos quais é possível se chegar tanto ao lugar da interpretação quanto ao lugar da historicidade. Por esse caminho é que também se chega à afirmativa de que não há sentido sem metáfora e de que as palavras não significam por si só. Para Pêcheux (1975), o sentido se delineia sempre na relação que uma palavra, uma expressão, etc. têm na relação com outra palavra, outra expressão, etc. Daí afirmar que "as palavras falam com outras palavras" (ORLANDI, 1999a) e se ter a constatação de que todo discurso vai estar configurado em relação a uma gama de dizeres que ocupam a memória.

1.2.1 Procedimentos Analíticos

O ponto de partida da análise dos discursos recai sobre a discursividade, entendida como um conjunto de mecanismos, de uma série de textos, verbais ou não verbais, que em sua complexidade e diversidade trazem à tona um *corpus* que será analisado. Assim quando analisamos, por exemplo, a discursividade no cinema, isso engloba narrativa, diegese, técnica, interpretação dos atores e tudo mais que tenha a ver com esse cinema e sua forma de representação. Em resumo, como nos diz Pêcheux, "a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história".

Operador discursivo

Um dos importantes mecanismos da análise se define como operador discursivo, embutido como um recorte dentro de outro recorte (uma cena, por exemplo), algo que nos chama a atenção pelo fato de, no âmbito da interpretação, ser um mediador da atribuição de sentido como um paradigma.

Recorte x segmento

Diferente de outras metodologias de análise, a AD secciona o *corpus* a ser trabalhado por recortes, ou sequências discursivas, destacando, assim, a noção de segmento. Enquanto o segmento é uma unidade de análise previsto *a priori*, como, por exemplo, um sintagma, um parágrafo etc., o recorte se define como fragmento de discurso. Ou "Uma unidade discursiva" (ORLANDI, 1984), aí correlacionando a linguagem e as condições de produção. Dentro do(s) recorte(s), instituto(s) operadore(s) discursivo(s).

Com relação à noção de Sequência Discursiva (SD), esta pode ser sequências oral ou escrita de dimensão superior à frase. É preciso aqui indicar que a própria natureza e a forma dos materiais recolhidos são eminentemente variáveis e que a noção de SD é uma noção vaga. Depende, na verdade, dos objetivos conferidos a um tratamento particular [...]; os procedimentos de segmentação, que acabam por atribuir uma forma determinada a uma sequência. (COURTINE, 1981).

1.2.2 Como se analisam os discursos?

Pode-se afirmar que a base da análise dos discursos é o enunciado. O estatuto do enunciado se difere de informações puramente factuais ou protocolares. Os enunciados, em geral, são opacos ou ambíguos e só podem ser lidos com referência a outros textos: a sequência discursiva não pode ser considerada somente como articulação de informações elementares, mas como uma série de mudanças de níveis sintaticamente recuperáveis. Logo: é inevitável a análise sintática da língua, fundada sobre o conhecimento de um real próprio à língua. A sintaxe é o algoritmo do discurso.

“A paráfrase sintática é na verdade fruto da articulação de duas hipóteses fundamentais da análise de discurso: hipótese da importância teórica do núcleo autônomo da sintaxe e hipótese sobre a produção discursiva de sentido.” (PÊCHEUX, 2011)

Assim a tomada de processo discursivo se faz considerando sua visibilidade a partir de várias sequências. Para tanto, pressupõem-se algumas etapas.

1ª. Etapa: representação do *corpus* em sequências autônomas. Autônomas porque, ao selecioná-las, quebramos o fio do discurso e permitimos que sejam tratadas pelo algoritmo como entidades independentes.

Segmentação: critérios sintáticos, quando se consideram as ligações interfrásticas.

Ligações: (a) conectivos, locuções adverbiais e preposicionais, advérbios frasais; (b) anáforas e elipse; (c) marcas de enunciação: modo-tempo-aspecto e determinantes.

A combinação desses critérios permite recortar os enunciados.

2ª. Etapa: divisão do *corpus* em certo número de sequências discursivas autônomas (SDA), tratadas pelo algoritmo como unidades máximas de comparação.

Fórmula SD: traços da argumentação intradiscursiva, constituída de índices de frases acompanhadas de suas marcas formais de enunciação e de ligações sintáticas que se ligam. Chega-se, assim, à não linearidade do fio discursivo.

3ª. Etapa: análise sintática da frase.

1.2.3 Sobre o Silêncio

O trabalho feito por Orlandi (1995) a respeito do silêncio será importante para nossa discussão, pois o silêncio, para a autora, tem estatuto de fundador e constitutivo, razão pela qual interessa à pesquisa do interdito como tal. Assim, pretendemos corroborar os pontos de vista de Orlandi, além de contribuir com eles, realizando alguns deslocamentos e avanços. Para a autora, as diferentes teorias da linguística excluem o silêncio enquanto matéria significativa. Segundo ela, conceitos como os de “meta” e de “vazio” no estruturalismo não deixam lugar para o silêncio. Tudo é definido pelo verbal, e o silêncio seria apenas o oposto da linguagem. O silêncio não é visível; por isso, uma teoria empírica do silêncio o reduz à falta de palavra. Para compreendê-lo, é preciso considerar os processos de construção dos sentidos e a historicidade. Além disso, para Orlandi, a materialidade do silêncio é diferente, ou seja, ele significa de outra maneira. A autora mostra como até em conceitos gramaticais existe a questão do silêncio (e sua domesticação) e aponta o fato de que a incisa é tida como um “acréscimo contingente” e a elipse como “falta necessária”.

Para Orlandi (2007, p.68), "o silêncio não é vazio, ou sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do 'vazio' da linguagem como um horizonte, e não como uma falta". Assim sendo, para nós o silêncio fala, quer dizer alguma coisa. O silêncio é a própria condição de produção de sentido, isto é, ele aparece como o lugar/espço que permite à linguagem significar. O silêncio produz sentido, quer dizer, ele significa. As formas do silêncio trabalham com os limites das formações discursivas, determinando, assim, os parâmetros do que se pode dizer, visto que é preciso não dizer para poder dizer. A relação dito/não dito pode ser contextualizada social e sócio historicamente, em particular com relação ao que chamamos de "poder-dizer". Pensando nesse contexto em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso. (ORLANDI, 2007, p.73).

Há três formas de silêncio definidas por Orlandi: o *silêncio fundador*, ou fundante, tido como o princípio de toda significação; o *silêncio constitutivo*, que diz respeito à ordem da produção de sentido e da linguagem, e o *silêncio local*, referindo-se à interdição do dizer, por exemplo, a censura e a repressão. Porém, neste trabalho trataremos apenas do silenciamento como uma política de sentido, que produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, a partir da concepção de silêncio local.

A censura é a forma do silêncio do interdito – do que é proibido, do que se pode ou não dizer. Ela (a censura) deve ser considerada em sua materialidade linguística e histórica, isto é, discursivamente.

A censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. [...] A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala. (ORLANDI, 2007, p.76-77)

Mas, se como apresenta Michel Foucault, “...o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que aquilo que é o objeto do desejo; e visto que... o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”⁶, estudar as estratégias da mídia enquanto verdade, e conseqüentemente poder, significa observar como têm se estruturado o sistema social e os papéis de cada ator estratégico, inclusive da imprensa, além da forma pela qual ela se institui como verdade, incluindo e excluindo de acordo ou sob forte influência de suas fontes.

A forma como a textualidade se deixa comprometer com esse tipo de hegemonia é localizada no que Pêcheux chama *intradiscurso*, ou o discurso que opera sobre si próprio, que se caracteriza por possuir dois traços distintivos: o pré-construído, traço identificado em qualquer formação discursiva e semelhante a ou funcionando como um preconceito histórico que é do conhecimento geral, e a articulação, aquilo que permite a um sujeito constituir-se como tal em relação àquilo com que se o próprio discurso se constrói. Sendo o discurso concebido como um sistema de relações de sentido, o conceito de *interdiscurso* destaca-se no processo de subjetivação da linguagem: o sentido de um texto nunca pode estar declarado *a priori* por seu autor, mas é, antes, o resultado das relações complexas dos usos da linguagem com as formações discursivas. A distinção mais imediata dos dois conceitos propostos por Pêcheux leva-nos a definir o interdiscurso como o “discurso de um sujeito” e do intradiscurso

⁶ FOCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 2001. Pag. 10

como a matéria linguística, ideológica, literária, simbólica etc. preexistente, uma espécie de imagem já conhecida de uma realização linguística que qualquer sujeito pode reconhecer.

Com papel-chave nesse processo, a mídia age como fiscalizadora e construtora de percepções de realidade e, dessa forma, usa seu poder para instituir aquilo que crê como verdade, “a verdade”. Não é à toa que, atualmente, há um grande investimento no que chamamos de “mídia espontânea”. Cresce assustadoramente o número de assessores de imprensa que “lutam” para que seus clientes tenham nos jornais suas vidas expostas. Entre outras palavras, o que fortalece o poder da mídia é o fato de ela dar credibilidade a tudo que diz. Ela tem o poder de instituir o que acredita ser verdade, e seu poder de convencimento é indiscutível.

1.2.4 Sobre o funcionamento do discurso jornalístico

1.2.4.1 Acontecimento jornalístico e acontecimento discursivo

Existe uma clara diferença entre o acontecimento tal como é entendido e abordado pela historiografia tradicional e pelos meios de comunicação. Por acontecimento jornalístico, entende-se um fato que é selecionado entre diversos e que acontece durante um período de tempo, considerado de interesse público ou do interesse de um público em especial, e que, por isso, passa a ocupar os espaços destinados ao jornalismo dentro das mídias impressa, eletrônica e digital; ou seja o acontecimento jornalístico é um fato que se inscreve na história cotidiana e que os jornalistas se propõem a escrever. E o cotidiano, por sua vez, é marcado por acontecimentos regionais, nacionais e internacionais, indo desde o recente aumento no preço do feijão a uma grande catástrofe. Segundo Olga Curado, “notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado” (CURADO, 2002, p.15). Critérios como ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo, empatia e proximidade são, segundo o Manual da Redação Folha de São Paulo (2001), os itens que jornalistas devem observar para descobrir se algum fato ocorrido tem potencial para tornar-se notícia. O jornalista deve considerar o impacto que a novidade representa ou pode representar, sua probabilidade ou improbabilidade de acontecer novamente, o interesse que provocará nos leitores, seja em razão de seu apelo, da empatia ou em virtude da relevância do tema junto ao leitor.

Podemos então afirmar que a primeira página de um jornal é a vitrine, a cara com que o veículo se apresenta aos leitores, ou seja, tudo que se julga ter valor de notícia está presente nas capas dos jornais. E os valores dados às notícias, denominados valores-notícia (*news value*), são elementos cruciais dessa noticiabilidade, que tem o objetivo de permitir a definição de que fatos serão noticiados pelo veículo (WOLF, 1995, p. 175). Wolf diz que os valores-notícia referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e ignorar outro acontecimento. Agindo dessa maneira, o jornalista se torna um *gatekeeper* (WOLF, 1995, p.170) – *gate*, portão; *keeper*, porteiro – ou, como o próprio autor traduz, um “selecionador” das notícias apresentadas ao público. Vale lembrar que o processo de seleção não é individual, mas sim a junção de opiniões de demais indivíduos e perpassa pelo interesse que desperta em quem seleciona e nos leitores. Acerca da noção de interesse, Muniz Sodré defende que:

“A noção de Interesse – ou seja, o que é considerado de interesse público – é crucial para o produtor da notícia. No manejo desta noção realiza-se o poder da arbitragem do jornalista. Pesquisas realizadas por agências noticiosas já demonstraram o profundo desacordo entre editores e leitores quanto aos assuntos de real interesse. Mas a ficção do “leitor-médio” (engendrada pelo arbítrio jornalístico), entidade tão abstrata quanto uma personagem romanesca, garante a continuidade da produção noticiosa”. (SODRÉ, 1996, p.140).

Diante das reflexões levantadas, vale pensar o que, como e quando algo se torna notícia para os jornalistas e, sobretudo, analisar o acontecimento jornalístico enquanto uma prática discursiva. Partimos daí para compreender a noção de acontecimento em Análise do Discurso. Para Pêcheux, o acontecimento discursivo é aquele que se produz “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (M. PÊCHEUX, *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. 1990. p. 17). Para o autor, o acontecimento, por causa de sua opacidade, fica por conta interpretação do leitor. É possível afirmar que a noção de acontecimento para a Análise do Discurso é fundamental porque permite que quem a analisa compreenda o funcionamento discursivo ou o “efeito de sentidos” materializado no texto.

A notícia jornalística é um tipo específico de discurso, pois, em sua superfície, está a informação supostamente isenta, como ensinado em ética da profissão e através da técnica que propõe ouvir o lado de cada envolvido. Entretanto, da mesma forma que se abre para ouvir o ponto de vista do personagem, a notícia está sujeita aos olhares múltiplos que se lançam sobre os fatos vindos do repórter, das fontes e, claro, do leitor.

2 Historicizando o objeto

2.1 A História da Aids

2.1.1 Da informação controversa à classificação como epidemia

Embora os sintomas da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) estivessem sendo notados nos hospitais da Califórnia e de Nova Iorque desde os últimos anos da década de 1970, atribui-se a um artigo publicado no *Morbidity and Mortality Weekly Report* (MMWR)⁷, em 5 de junho de 1981, que a Aids chegou ao conhecimento da comunidade médica de forma oficial.

⁷ *Morbidity and Mortality Weekly Report* (MMWR) é o boletim oficial do *Center of Disease Control* (CDC), cujo objetivo é divulgar informações e recomendações relacionadas à saúde pública nos EUA. Especificamente, em relação a Aids, um dos papéis relevantes desse boletim foi o de sistematizador das definições sucessivas do que seria uma caso de Aids, para fins de notificação. (NASCIMENTO, 2005: 108)

O artigo relatava o caso de cinco jovens do sexo masculino, sem história pregressa de imunodeficiência, de orientação homossexual, moradores de Los Angeles, que apresentavam infecção pulmonar atribuída a um micro-organismo já conhecido, mas que só produzia infecção em casos de baixa imunidade, o *Pneumocystis carinii* (PPC)⁸. Desconhecidos entre si, eles apresentaram pneumonia entre outubro de 1980 e maio de 1981, contudo, foi verificado também que também tinham candidíase oral e citomegalovírus (CVM). A nota editorial que acompanhava os artigos do MMWR chamava a atenção para a orientação sexual dos pacientes e sugeria uma associação entre aspectos do estilo de vida homossexual, a doença, adquirida por contato sexual, e a pneumonia por *Pneumocystis carinii*. (NASCIMENTO, 2005: 81).

Outros artigos saíram no mesmo ano no *Lancet*, no *New England Journal of Medicine*, mas ainda sem conceito clínico e com várias denominações carregadas de concepções morais como “pneumonia gay”, “câncer gay”, “síndrome gay” ou mesmo *Gay Related Immune Deficiency* (GRID) – imunodeficiência ligada a homossexualidade. Ou seja, inicialmente a doença era identificada como síndrome que acomete indivíduos do sexo masculino e homossexuais, que logo ganharam a categoria de “grupo de risco”. Entretanto, não demorou para que a doença fosse diagnosticada em hemofílicos e usuários de drogas injetáveis, aumentando assim o “grupo de risco”⁹. Com tanta informação circulando no meio médico, a imprensa não ficaria de fora. Em setembro de 1981, o Jornal do Brasil noticiou os casos de pneumonia e sarcoma de Kaposi¹⁰ que estavam sendo investigados pelos Centros Nacionais de Controle de Doenças (CDCs):

Os Centros Nacionais de Controle de Doenças formaram uma equipe de 20 médicos para investigar o surgimento de tipos raros, porém mortais, de pneumonia e câncer, principalmente em homossexuais

⁸ *Pneumocystis carinii* é um protozoário com predileção por pulmões. Produz pneumonia grave em prematuros e lactentes distróficos ou em adultos com imunossupressão. (NASCIMENTO, 2005: 108)

⁹ A primeira modalidade de relação dos indivíduos com a aids foi na forma de **grupos de risco**. A característica principal desse modelo é que a doença é coisa dos “outros”. Os “outros”, no caso, são aqueles que manifestam sexualidade desviante (homossexuais), excessiva e pecaminosa (prostitutas) ou então que praticam crime (uso de drogas injetáveis). Ora, a maioria de nós julga-se distante dessas realidades. E, em princípio, talvez esteja mesmo, pelo menos na aparência. A nomeação dos grupos de risco e a identificação da epidemia nos “outros” são manobras que fazem com que a AIDS seja tratada como algo episódico e distante, associada a promiscuidade, drogas e homossexualidade.

Fonte: homologaoweb.aids.gov.br/sites/default/files/vulnerabilidade.rtf, acesso em 01/10/11

¹⁰ O Sarcoma de Kaposi é um câncer de pele, raro, de causa desconhecida e pouca malignidade, que incide preferentemente em homem com idade acima de 50 anos. (NASCIMENTO, 2005: 109)

masculinos. A formação da equipe, que consistia de especialistas em doenças venéreas, viróticas, parasitárias e de várias formas de câncer, foi apressada pela descoberta de 108 casos de sarcoma de Kaposi e de pneumonia nos últimos meses. (NASCIMENTO, 2005: 86)

O Globo também publicou, no mesmo ano, uma notícia que reforça a ligação da nova doença com homossexuais do sexo masculino:

Homossexuais masculinos, em particular os viciados em drogas, estão sujeitos a uma enfermidade misteriosa, que reduz a imunidade natural às infecções e, com frequência, leva à morte. A síndrome, recém-descoberta, é tão nova que ainda não recebeu denominação, informaram cientistas de três centros médicos americanos, na última edição da revista *New England Medicine*. (NASCIMENTO, 2005: 86)

Em 1982, a síndrome foi temporariamente denominada de Doença dos “4H”, pois atingia homossexuais, hemofílicos, haitianos e heroínomas (usuários de heroína injetável). Ainda no mesmo ano, num outro momento, os *hookers* (nome em inglês para profissionais do sexo)¹¹ seriam incluídos nessa “quase” fórmula, alterando-a para “5Hs”. Mas, no mesmo ano, a doença finalmente recebeu a denominação *Acquired Immunodeficiency Syndrome*, cuja sigla – AIDS – passou a designar uma nova epidemia (NASCIMENTO, 2005: 82). Em 1987, pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz isolaram o HIV-1 pela primeira vez na América Latina. Teve início a administração do AZT, medicamento utilizado em pacientes com câncer, para o tratamento da Aids. A Assembleia Mundial de Saúde e ONU estabelecem 1º de dezembro como Dia Mundial de Luta Contra a AIDS.

2.1.2 A AIDS, as estatísticas e a revelação de um novo perfil

O Brasil fechou a década de 1980 contabilizando 6.295 casos diagnosticados e abriu os anos 1990 com quase o dobro, 11.805. Em 1991, o mundo atingiu 10 milhões de pessoas infectadas pelo HIV. O governo brasileiro, a comunidade médica e a sociedade viveram, nos anos 80 e 90, os primeiros 20 anos da epidemia da Aids, momentos de conquistas e perdas.

¹¹ <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>, acesso dia 28.09.2011

Entre elas, podemos citar: o início da administração do AZT, que era utilizado para o tratamento de câncer, mas começou a surtir efeito nos pacientes de Aids; a criação do Programa de DST/Aids pelo ministro da Saúde Roberto Santos (1986); a morte do cartunista Henfil (1988); do ator Lauro Corona (1989), do cantor Cazuza (1990); a morte do sociólogo Betinho (1997), o início do credenciamento de hospitais para tratamento de pacientes com AIDS, a inauguração do primeiro Centro de Testagem Anônima no Hospital São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro (1992); o início da produção do AZT, coquetel que trata a AIDS, no país (1993); a criação de uma lei que garante o recebimento gratuito dos remédios para o tratamento da AIDS (1996).

O Brasil chega ao século XXI com o seguinte perfil: 258 mil contaminados; o aumento da incidência da contaminação em mulheres, chegando a ser uma mulher para cada dois homens; a redução em 50% nas mortes em decorrência do HIV; o acordo feito por cinco grandes representantes da indústria farmacêutica para reduzir o preço dos remédios; a ameaça da quebra de patente por parte do governo brasileiro.

Para Veriano Terto Junior (1996), a AIDS e os fenômenos que a acompanharam em dimensões globais contribuíram para reconceituar os discursos sobre a própria síndrome e sobre as identidades sexuais existentes antes da emergência da epidemia. Tem-se como exemplos: as prostitutas, que, a partir da movimentação social e da política de reação ao HIV, passaram a ser chamadas de trabalhadoras sexuais ou profissionais do sexo, os “viciados”, que ganharam uma nova denominação, usuários de drogas injetáveis (UDIs) e as travestis, que passaram a ser conhecidos como transgêneros. Também os doentes de AIDS deixam de ser nomeados de aidéticos e passam a ser chamados de soropositivos e, como os coquetéis e antirretrovirais começam a lhes proporcionar uma sobrevida, eles passam a ser conhecidos como “aqueles que vivem com AIDS”. Muitas outras questões vão surgir ao longo da epidemia.

Há também os “homens que fazem sexo com homens (HSH)”, parcela da população que foi considerada como uma das prioritárias em relação à prevenção contra DST/HIV/Aids no Brasil. Uma reflexão sobre a referida categoria HSH pode ser situada no campo das ciências sociais, articulando o debate sobre gênero e sexualidade, mais especificamente, em torno da distinção entre identidade sexual (homossexual, heterossexual e bissexual) e papel sexual (homens que fazem sexo com homens). Tais questões remetem aos processos identitários e às

identificações circunstanciais. Na cultura sexual brasileira, esses pontos geram uma ambivalência, tendo em vista que é possível um homem fazer sexo com outro homem e não ser homossexual ou não se identificar como tal.

Com a queda do número de óbitos, o desenvolvimento da terapia combinada, o acesso irrestrito ao tratamento no Brasil e a consequente melhoria na qualidade de vida para os doentes de AIDS, o tema não causa o mesmo interesse por parte da imprensa. É evidente a diminuição de matérias ano a ano. Entretanto, a epidemia estava longe de ser controlada e continua, ainda hoje, afetando as pessoas. É importante considerar que houve uma variação no cenário da AIDS no Brasil ao longo de duas décadas e meia. Muitas foram as mudanças na epidemia: a mais marcante é a feminilização, seguida do aumento na idade dos pacientes, pela pauperização e pela interiorização. Obviamente, com isso, a imprensa também mudou sua “relação” com o tema. Com o fim do mistério que envolvia a doença, com a diminuição das mortes que, na primeira década da epidemia, atingiram personalidades dignas das manchetes e com a diminuição do discurso moral sobre os homossexuais, drogados e prostituídos, a imprensa apresentou menos interesse pelos anônimos, pelos idosos, pelos pobres, pelos que moram no interior e pelas mulheres heterossexuais casadas e fiéis que se descobriram soropositivas.

Do conceito inicial de grupo de risco, a comunidade médica adotou, muito em função da reivindicação do movimento gay e de amplas campanhas das ONGs de luta contra a Aids, a designação de comportamentos de risco ou atitudes de risco:

“Uma segunda forma de perceber a doença é através da idéia de comportamentos de risco, ou práticas de risco. As estatísticas da aids começam a mostrar que ela atinge indivíduos 'fora' dos grupos de risco tradicionais, e isso leva a dizer que 'a aids é de todos nós', ela é uma doença 'democrática', atinge a todos que adotam comportamentos de risco, como manter relações sexuais sem o uso do preservativo, compartilhar seringas, receber transfusão de sangue não testado, etc.(...) Outro problema do conceito de comportamentos de risco é que todo o trabalho de prevenção passa a ter uma ótica individualista, e culpabilizante: 'se fulano se infectou pelo HIV, é porque ele realizou um comportamento de risco'. Logo, a 'culpa' é dele.” (SEFFNER, 1998b: 403).

Se com base na ideia de grupo de risco, a estratégia foi isolar, na ideia de comportamento de risco, a estratégia foi o adestramento individual. Surge, então, o conceito de

*vulnerabilidade*¹², a partir dos trabalhos da Coalização Global de Políticas contra a AIDS; o que se quer é uma resposta social:

“Além desses dois denominadores comuns humanos - suscetibilidade biológica à infecção e modos de transmissão do HIV limitados, baseados no comportamento -, repousam as forças, fatores e influências que distinguirão, sustentarão ou acelerarão o progresso da epidemia do HIV pelo mundo. O comportamento individual é o determinante final da vulnerabilidade à infecção pelo HIV; (...) O comportamento individual é tanto mutável quanto conectado socialmente, variando durante a vida da pessoa (por exemplo, comportamento sexual na adolescência, meia-idade e terceira idade), mudando em resposta à história e experiência pessoal e fortemente influenciado por indivíduos-chave (família, amantes, amigos), comunidades e entidades sociais e culturais mais abrangentes, como religiões e estados-nações.” (MANN, 1993: 276)

Considerando toda a trajetória descrita, a luta, com o passar do tempo, passou a não ser mais contra uma prática, um grupo ou contra a morte; tampouco contra a ignorância a respeito da doença ou contra o preconceito, mas sim, em favor da vida, da prevenção, daqueles que vivem com a AIDS, do atendimento ao paciente e da manutenção da distribuição gratuita dos remédios. Uma luta constante para que a AIDS não seja considerada equivocadamente uma doença crônica e possa voltar, quem sabe, com pujança.

2.1.3 Aids para além de um conjunto de sintomas: uma produção social

Embora o diagnóstico seja a “certidão de nascimento” da doença, no caso da AIDS, sua nomeação é que a “funda” como tal. Fato é também que a AIDS surge num momento, pós-século XVIII, quando Foucault chama atenção para o tempo em que os médicos abandonam a prática de perguntar ao doente o que estava errado com ele e passam a perguntar onde dói. O diagnóstico passa a ser feito com base em um sistema classificatório de doenças, como na Biologia. A doença passa a ter uma sede em um órgão. A intervenção médica passa a ter normas. Antes, quando o doente recuperava seu vigor, sua disposição, estava curado. Agora, padrões de

¹² O conceito de vulnerabilidade nasceu na área dos Direitos Humanos, tendo sido incorporado ao campo da saúde a partir dos trabalhos realizados na Escola de Saúde Pública de Harvard por Mann sobre a epidemia da AIDS. Para compreender como se deu tal incorporação, é necessário recuperar a trajetória da epidemia a partir dos anos 80. Fonte: http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=23792, acesso em 13/10/2011

normalidade, numericamente expressos, definirão o objetivo do tratamento (FOUCAULT, 1977).

Para o pesquisador Charles Rosemberg, “uma doença não existe como um fenômeno social até que se convencie que ela existe – até que seja nomeada” (ROSEMBERG, 1977, p.13). Com sua nomeação, expressões amplamente difundidas como “câncer gay” dão lugar a uma sigla que a identifica para além das traduções de *Acquired Immunodeficiency Syndrome*. Enquanto a Aids não era “doença”, muitas eram as especulações acerca dela, e um grande preconceito se formava em seu entorno, até porque naquele momento já se sabia que se tratava de uma doença sexualmente transmissível e tinha, prioritariamente, os homossexuais masculinos como os primeiros diagnosticados.

A AIDS, além do choque que causa ao “corpo” físico do indivíduo, também gerou e gera outros tipos de impacto ao doente, à sua família e à sociedade como um todo. Todos esses aspectos também sofrem mudanças com o passar dos anos e da forma como a tecnologia foi se desenvolvendo e da forma de enfrentamento dos grupos de interesse, houve mudanças importantes na relação com a epidemia. A epidemia não só sofreu como gerou desde os anos 1980, transformações de diferentes aspectos, impactando e sendo impactada pelo movimento seja dos doentes, da comunidade médica, dos governos, dos movimentos sociais. A AIDS não é a mesma seja do ponto de vista médico, seja do ponto de vista daqueles que, se antes morriam, hoje vivem com ela, seja do ponto de vista dos governos, dos movimentos por direitos ou pela sociedade. A doença foi sendo construída ao longo de três décadas e está longe de ter um fim e vermos seus créditos subindo no próximo *frame*.

Para Lagdon (1994, p.11), “a doença é mais do que um conjunto de sintomas físicos observados numa realidade empírica. Ela se torna um conjunto de experiências associadas por redes de significados e interação social”. Esses significados vão sendo constituídos culturalmente, sendo influenciados por uma série de aspectos, tais como experiências individuais anteriores, personalidade, e contexto socioeconômico em que o indivíduo está inserido. Assim, uma mesma patologia pode ter diversas e diferentes interpretações, dependendo de quem olha como olha e de onde olha. A Biomedicina rompe com a ideia, ou mesmo com a visão de que a doença está no corpo e em seus sintomas, mas considera que a forma como o indivíduo doente se apropria dela ou a interpreta influencia o modo como a doença se manifestará em seu corpo e o desenvolvimento da própria doença (KLEINMAN,

1988). Para diferenciar a forma plural como a doença vai sendo construída e significada social e culturalmente, Kleinman propôs três conceitos: *illness* (entendido por doença), *disease* (entendido por patologia) e *sickness* (entendido por enfermidade).

O termo *illness* corresponde à doença sob o ponto de vista ou da perspectiva do doente, de sua família ou da rede social em que o indivíduo se encontra. Considera como percebem, convivem e respondem a sintomas e incapacidades. Leva-se em conta a experiência viva e vivida pelo doente e por sua rede, além do significado que lhe é dado, ou seja, como a doença é enfrentada e os problemas cotidianos trazidos por ela (KLEINMAN, 1988). A AIDS foi, durante muitos anos, sinônimo de morte e, para além disso, estar infectado pelo HIV era, para o “doente”, sua família e seus amigos, um desafio contra o preconceito. Os Centros de apoio aos doentes da AIDS vão surgir para abrigar soropositivos que, por ignorância e preconceito, foram abandonados pela família, pelos companheiros e pelos amigos. Há relatos que contam que, na década de 1980, pessoas que morriam vítimas da AIDS, por restrição de cemitérios como o São João Batista, no Rio de Janeiro, não tinham velório ou, se tinham, este era realizado com o caixão fechado.

Já *disease* refere-se estritamente à patologia. É o problema de saúde do ponto de vista do médico. Patologia é o que o médico foi treinado para ver e, diante dele, sua doença é configurada somente como uma alteração do funcionamento biológico, descartando o processo de adoecimento e a experiência da doença. O profissional de saúde não considera a relação do paciente com sua própria patologia, por exemplo, é desconsiderado o fato de alguém estar doente e não se sentir doente e/ou estar curado e continuar a sentir-se doente. A AIDS como patologia foi o grande desafio dos anos 1980 e parte dos anos 1990. E, de certa forma, continua sendo. Pensando a AIDS somente como patologia, embora longe de ser disseminada, “ganhou”, nessas três décadas, drogas e procedimentos que impactaram no tratamento e nos resultados. Há pelo menos uma década e meia, já se usa a expressão “vivendo com AIDS”.

Para o autor, *sickness* é a enfermidade e seu entendimento pela população, de uma desordem, num sentido genérico, em relação às forças macrossociais (economia, política, instituição). Pelo desconhecimento inicial e pelo enorme preconceito enfrentando nos primeiros anos da epidemia, a Aids nutriu fantasias em todos os segmentos da sociedade. “O vírus invade o organismo; a doença (ou na versão mais recente, o medo da doença) invade toda a sociedade”.

(SONTAG, 1989, p. 78). Sempre houve, talvez não com esta nomenclatura, os culpados e as vítimas da Aids. Ainda nos dias de hoje, há uma diferenciação entre a forma de pensar sobre os soropositivos se homossexuais, drogados e prostituídos ou os hemofílicos, crianças e mulheres heterossexuais que contraíram o vírus de seus maridos. A ignorância, o preconceito e a desinformação provocaram atitudes desumanas:

“Todas as epidemias de rápida difusão, mesmo aquelas em que não há suspeita de transmissão sexual nem é atribuída qualquer culpa aos doentes, dão origem a práticas de distanciamento e exclusão mais ou menos semelhantes”. (SONTAG, 1989, p.88).

Erving Goffman é quem traz à tona a questão do estigma ou uma relação especialmente criada entre um atributo e um estereótipo, ou seja, entre imagens e rótulos criados e consolidados dentro de padrões sociais específicos. Assim, o estigma representa um atributo extremamente depreciativo, pois a sociedade categoriza as pessoas e também os atributos considerados “normais e naturais”. Enfim, para o autor, estigmatizar alguns confirma a normalidade de outros. Sim, porque conhecer pessoalmente o estigmatizado e a possibilidade de se vir a estabelecer com ele uma rotina diária de normalização da interação não reduz necessariamente o preconceito. Como afirma o autor, "(...), deve-se continuar a ver que a familiaridade não reduz necessariamente o menosprezo” (GOFFMAN, 1988, pág. 63). No entanto, toda a questão da manipulação do estigma está intimamente relacionada ao fato de se conhecer pessoalmente ou não o indivíduo estigmatizado. No Brasil, isso efetivamente é visível em diversos cenários e ambientes. No nosso caso, buscaremos verificar o quanto é de responsabilidade da imprensa estigmatizar o indivíduo, ou se ela reforça o que a sociedade expressa.

Somando-se a essa discussão temos a contribuição do pesquisador Charles Rosemberg. Para o historiador, a doença não finda em si mesma por tratar-se de uma produção social que ganha outras dimensões, como a histórica, a cultural e a econômica, atingindo outros espaços que, *a priori*, não se imagina. Rosemberg, para dar sustentação teórica a sua proposta, usa “a metáfora *frame*” (GOFFMAN, 1974). É correto dizer que uma doença – ainda mais uma com a relevância da AIDS – provocou mudanças, adequações, reflexões de todos os tipos; por exemplo, a revolução sexual iniciada nos anos 60 e 70 desacelerou e deu lugar à era do “sexo seguro”. A epidemia chega a sua quarta década ainda sem uma solução definitiva e, com certeza, haverá ainda muitas construções sociais acerca dela.

2.2 A AIDS chega aos jornais

Nos anos que se seguiram, a imprensa insistiu em reproduzir mais o discurso das fontes que eram plenas de preconceito, em vincular a AIDS à homossexualidade, mas os textos eram pouco esclarecedores do ponto de vista científico e carregados de contradições, espelhando, mesmo, a perturbação causada por esse novo evento no campo científico (é quase certo que isto é – principalmente – uma visão/estereótipo social, assumida por editorias e jornalistas, produto da ignorância e do desconhecimento dos métodos científicos, mas pode ser – também – mais um indício). A revista *Isto É*, de 6 de abril de 1983, cujo título foi “Tragédia Venérea: o mal dos homossexuais americanos”, fazia uma vinculação a homossexuais e também a estrangeiros, além de trazer uma declaração de João Silvério Trevisan¹³ que afirmava desconhecer qualquer caso de AIDS no Brasil. Entretanto, segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso já teria sido diagnosticado em São Paulo, em 1982¹⁴. A Folha de São Paulo publicou que “foram detectados em São Paulo, recentemente, dois casos de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, mais conhecida como AIDS¹⁵”. A matéria informava ainda que um dos portadores tinha estado diversas vezes nos Estados Unidos e poderia tê-la adquirido lá. A mesma reportagem informava a morte do costureiro Marcos Vinicius Resende Gonçalves, o *Markito*. Nesse sentido, *Markito* apresentava uma síntese de todos os tipos e condições identificados – pelos jornais e por suas fontes de consulta – como indicativos da doença: era rico, homossexual, famoso, jovem e realizava frequentemente viagens ao exterior. Mais uma vez, a ameaça externa se apresenta. Desta vez, ela é uma ameaça sanitária. Assim, perpetuava-se a ideia do povo brasileiro alegre e feliz, apesar de tantas dificuldades, mantendo a ideia de que o mal sempre vem de fora, de longe. Isso explicaria o fato de Ricardo Veronesi, presidente da Associação Brasileira de Infectologia, afirmar, nessa mesma reportagem, desconhecer casos de AIDS no Brasil. No entanto, havia outro paciente diagnosticado no Brasil que nunca tinha saído do país,

¹³ João Silvério Trevisan (Ribeirão Bonito SP 1944). Romancista, contista, ensaísta, roteirista, cineasta e tradutor. Iniciou sua militância no movimento gay, em 1978, organizou o grupo Somos pelos Direitos dos Homossexuais Brasileiros, e fundou o jornal temático *Lampião da Esquina*, para integrar pontos de vista não somente de homossexuais, mas também de outros grupos excluídos. Em 1982, atendendo à demanda da editora britânica Gay Men's Press – GMP, começou uma intensa pesquisa para escrever uma história da homossexualidade no Brasil, *Devassos no Paraíso*, lançada em 1986 simultaneamente na Inglaterra e no Brasil. Fonte: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/09/homossexuais-amam-com-todos-os-direitos-deveres-diz-joao-silverio-trevisan-924412749.asp>, acesso 28.9.2011

¹⁴ <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>, em 28.09.2011

¹⁵ “Doença de homossexuais atinge o país”. A Folha de São Paulo, 8/6/83.pag. 15

o que apontava para o fato de a AIDS já ter se espalhado na América do Sul. (NASCIMENTO, 2005: 86-87).

Nos anos de 1983 e 1984, houve uma profusão de informações na imprensa sobre os casos brasileiros. As manchetes anunciavam: “Dois casos suspeitos de “câncer gay” são examinados na Unicamp”¹⁶; “AIDS já matou dois no Brasil”¹⁷; “Casos de AIDS duplicam a cada semestre no Estado de São Paulo”¹⁸. Entre 1985 e 1995, a Folha de São Paulo registrou cerca de 1.593 matérias que faziam alguma referência à AIDS, e O Globo, no mesmo período, realizou 959 matérias (FAUSTO NETO, 1999). Nos primeiros anos, a epidemia afetou a classe média e o meio artístico¹⁹, o que provocou uma grande mobilização por parte da imprensa, que associava a AIDS a homossexuais, usuários de drogas e prostituídos, julgados por seu comportamento, e considerava vítimas os hemofílicos, as mulheres e as crianças, gerando uma grande repercussão junto à opinião pública. O discurso da imprensa estava presente nas páginas dos jornais de relevada importância, como podemos observar em O Globo: “O mal atinge muitos hemofílicos, viciados em drogas injetáveis, a quem se submete a transfusões de sangue e aos que tomam injeções endovenosas.”²⁰; um mês depois, em 17/3/83, o mesmo jornal publica: “A chave da cura da AIDS, ou ‘câncer gay’, misteriosa doença mortal que desatou uma onda de pânico entre os homossexuais de todo o mundo, pode ser encontrada na África.”. Em 1988, por meio de uma portaria assinada pelo ministro da Saúde, Leonardo Santos Simão, o Brasil passa a adotar o dia 1 de dezembro como o Dia Mundial da Luta Contra a AIDS²¹. Curiosamente, em 3 de dezembro de 1988, o Jornal do Brasil publicou matéria declarando que até novembro daquele ano havia 418 mulheres contaminadas pelos vírus HIV²². A matéria assinada por Nadja Soraia anunciava:

“Atualmente, os usuários de drogas representam 10% do modo de transmissão do vírus, enquanto no ano passado esse índice era de apenas 5,8%. (...) Para a diretora da Divisão da AIDS, do Ministério da Saúde, “é preocupante a situação das mulheres usuárias de drogas injetáveis.” Dos 237 casos notificados em novembro, 13% foram mulheres, das quais 39% receberam o vírus através do uso de drogas.”

¹⁶ Jornal do Brasil, 15/6/83 p.5

¹⁷ Folha de São Paulo, 14/6/83.p.11

¹⁸ Folha de São Paulo, 30/9/84 p. 23

¹⁹ “Aidético brasileiro típico é homem, jovem e instruído”. Jornal do Brasil, 12/2/88

²⁰ O Globo, 09/02/83 p.23

²¹ <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>, acesso 28.9.2011

²² “Saúde detecta maior incidência de Aids em mulheres e viciados”, Jornal do Brasil, 3/12/88

Embora a matéria afirme que a maior parte, 39% das mulheres contaminadas, são usuárias de drogas, a imprensa não chama atenção para o detalhe de os demais casos femininos estarem associados ao contágio sexual. Talvez isso de deva ao fato de ter que se discutir a origem do contágio e, quem sabe, discutir uma possível bissexualidade dos homens. Para Regina Ferro Lago (1999), os bissexuais masculinos, responsabilizados com frequência pela disseminação da doença entre a população heterossexual, não receberam a devida atenção da mídia nem dos estudiosos da sexualidade: “a bissexualidade permanece insuficientemente problematizada enquanto categoria e pouco explorada no campo das pesquisas sobre a sexualidade”. (LAGO, 1991: 157). A ausência de interesse no campo das pesquisas e o tabu da sociedade em relação aos homens bissexuais que vivem relações heterossexuais estáveis provocaram um silenciamento, que explicaria o aumento da epidemia entre mulheres, pouco tempo depois, nos anos 90.

Enquanto isso a sociedade revelava, através da seção Carta ao Leitor, sua dificuldade de lidar com o tema. Observemos também o que dizem os leitores no período da primeira campanha sobre a importância do uso de camisinha: “A propaganda do Ministério da Saúde sobre o uso da camisinha é de um profundo mau gosto. Há outros meios de se difundir o uso de preservativos, sem lançar mão de apelações baratas.” (G. Silva – O Globo – 06/10/95); “A recente campanha do Ministério da Saúde, visando deter a disseminação da AIDS, além de aviltante é falsa e totalmente anti-producente, porque promove os fatores que estimulam o mal que se pretende combater. A sodomia e a promiscuidade sexual encorajado pela campanha constituem as principais fontes de manutenção e disseminação do vírus.” (J.E Santos – O Globo – 14/10/95); “Os métodos físicos e científicos não estão dando certo para conter a propagação da AIDS. Seria bom que se acrescentasse a essas armas o conselho bíblico que diz: o ato sexual deve ser realizado dentro do casamento. E o homem deve ser esposo de uma única mulher.” (José Carmelito S. Silva – O Globo – 03/02/92).

A grande repercussão na imprensa se deu pelo fato de a AIDS ser uma epidemia que pôs em questão alguns pontos-chaves do tempo em que vivemos: sexualidade, moralidade, grupos minoritários, saúde pública, morte etc. (AIDS e Imprensa Um guia para ONG-Grupo Pela Vida, 1999). A edição de O Globo, em 27 de julho de 2014, exibe na editoria Rio a matéria intitulada “A Ameaça do HIV à flor da idade” com o subtítulo “Taxa de novos casos

entre jovens de 15 a 24 anos sobe 34% em mais de uma década”²³. A matéria apresenta informações do Boletim Epidemiológico do Estado de 2014, onde são reveladas informações como o aumento de casos entre homossexuais (de 24% para 28,5%) e a queda entre os heterossexuais (de 33,3% para 27,5%); a redução de diagnóstico entre os homens, de 1982 a 1999, 74% de casos eram do sexo masculino contra 63% em 2012; o alto índice de mortalidade no estado, 9,1 entre 100 mil habitantes, enquanto no Brasil esse índice é de 5,5, em 2012. Para especialistas, diz a reportagem:

“Uma série de fatores explicam esse aumento da taxa entre jovens. O fato de a AIDS ser encarada como uma doença crônica e muitos não terem memória dos anos mais críticos da epidemia, nas décadas de 1980 e 1990, pode ter feito com que eles relaxassem quanto à prevenção, como uso da camisinha” (O Globo,27/07/2014)

Membros da Rede Estadual de Adolescentes e Jovens Vivendo com AIDS apontam como motivo a falta de campanhas informativas para esse público. Um ano depois, os dados do Boletim Epidemiológico afirmavam que o Brasil tinha 81 mil pessoas tomando antirretrovirais em 2015, 13% a mais do que em 2014. Nos últimos seis anos, o número de pessoas em tratamento no SUS dobrou, passando de 231 para 455 mil pessoas. A notícia boa é que o aumento da adesão ao tratamento significa que a meta de supressão viral de 90% estipulada pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) foi alcançada. No Brasil, hoje, 91% dos adultos vivendo com AIDS, em tratamento há pelo menos seis meses, já apresentam carga viral indetectável no organismo. O percentual de brasileiros que vivem com HIV diagnosticado passou de 80% em 2012 para 83%, em 2014. E, apesar do aumento, o Ministério da Saúde afirma que a epidemia está estabilizada, com cerca de 40 mil novos casos por ano. O SUS oferece 22 medicamentos para os pacientes, dos quais 11 são produzidos no Brasil.

Em entrevista, a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC)²⁴, o diretor do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, Fábio Mesquita, explicou que, embora a camisinha seja fundamental na prevenção, não deve ser considerada a única. “A estratégia hoje é prevenção combinada. O teste periodicamente é muito importante, mas tem também a

²³ <http://oglobo.globo.com/rio/a-ameaca-do-hiv-flor-da-idade-13396076>, acesso em 27/07/2014

²⁴ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/brasil-bate-recorde-de-pessoas-em-tratamento-contra-o-hiv-e-aids>, acesso em 29/01/2016

Profilaxia Pós-Exposição (PEP), que chamamos carinhosamente de pílula dos 28 dias seguintes. Todas essas ações em conjunto é que nos ajudarão a controlar a epidemia de Aids.” No entanto, Mesquita afirma que o tratamento não substitui a camisinha. São quatro comprimidos diferentes, trata-se de um medicamento pesado, que deve ser tomado por 28 dias à exposição sem proteção. A partir de 1998, o Ministério da Saúde não deixou de investir em campanhas para conscientização e prevenção das DST/AIDS. Só em 2016, foram três campanhas: Campanha de Carnaval, lançada em janeiro, “Deixe a Camisinha Entrar na Festa”; Encontrou um Sinal Diferente em Você?²⁵, lançada em abril, e a do Dia Mundial da Luta Contra as Hepatites Virais²⁶, lançada em julho. É importante também ressaltar que atualmente o Boletim Epidemiológico é lançando duas vezes ao ano. A primeira edição, sempre em julho, apresenta dados referentes aos casos de hepatites virais no país. A segunda, e mais tradicional, apresenta e analisa informações referentes aos casos de AIDS em toda a população brasileira, inclusive em mulheres grávidas. Nesse último, há, ainda, dados sobre sífilis em gestantes e sífilis congênita.

Mas, assim como a PEP²⁷ não substitui a camisinha, a comunicação acerca de HIV/AIDS deve ser combinada entre as campanhas amplamente divulgadas e com informação voltada à imprensa, buscando evitar que a população fique exposta, por exemplo, a casos como ocorreu na novela *Malhação*, voltada ao público adolescente. Em um episódio exibido em dezembro de 2015, Henrique (Thales Cavalcanti) é soropositivo e esbarrou em Luciana (Marina Moschen) durante uma aula de educação física. Logo depois, a adolescente foi à enfermaria e tomou um coquetel preventivo contra o vírus. O fato foi amplamente repudiado por Lucinha Araujo, numa nota pública publicada no *blog* da Sociedade Viva Cazuza, que ela intitulou de “O retorno do obscurantismo em relação ao HIV”²⁸ :

“Como se não bastassem todos os problemas que nós brasileiros estamos sofrendo, ainda temos que ver em pleno ano 2015 o programa ‘Malhação’, da **TV Globo**, prestar um desserviço à saúde pública. Há 10 anos vemos os novos casos de Aids aumentando entre jovens, segundo o Boletim

²⁵http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos_campanhas/2016/58799/cartaz_album_seriado_final.pdf acesso em 28/07/2016

²⁶http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos_campanhas/2016/59033/anrev_pagdupla_hepatite_c-42x297.pdf, acesso em 28/07/2016

²⁷ <http://www.aids.gov.br/pagina/2012/51276>, acesso em 28/07/2016

²⁸<http://vivacazuza.org.br/blog/malhacao-e-o-retorno-do-obscurantismo-em-relacao-ao-hiv>, acesso em 28/07/2016

Epidemiológico do **Ministério da Saúde**, por transmissão sexual. Depois de 30 anos de trabalho para combater o preconceito e informar corretamente as formas de transmissão do HIV, vemos um programa destinado ao público jovem aconselhar soropositivos a não praticar esportes, a mostrar um médico receitar medicamento antirretroviral numa situação onde dois jovens dão uma cabeçada é no mínimo de chorar. Que se queira ganhar dinheiro com sensacionalismo já é duro, mas dar informações erradas é um pouco demais. Deixo aqui minha indignação, meu repúdio e a vergonha que senti ao saber que o trabalho que a Viva Cazusa, as ONGs/Aids e todas as campanhas governamentais de prevenção ao longo de 30 anos vão por terra de uma maneira tão irresponsável. O mínimo que espero seria um novo episódio com a devida correção”.

O boletim lançado em dezembro de 2015 aponta que o tipo de epidemia brasileira está concentrado em “populações-chave que respondem pela maioria de casos novos do HIV em todo país, como gays e homens que fazem sexo com homens, travestis e transexuais, pessoas que usam drogas e profissionais do sexo”. Dentre os destaques relevantes, estão o crescimento de AIDS na juventude (15 a 24 anos), que continua sendo uma preocupação, e as ações nesse segmento, que têm de ser intensificadas. São informações como essas que nos alertam para a importância de nossa pesquisa. É importante chamar a atenção para os erros cometidos pelas fontes e pela imprensa, buscar novos meios usando as mídias digitais, formar e informar jornalistas e “para-jornalistas” como os blogueiros e os youtubers para que sejam capazes de observar a importância da imprensa como transmissora de informações que podem se não salvar vidas, colaborar para que mais pessoas se mantenham longe das DSTs do HIV e da AIDS.

Parte II – Caminho se faz ao caminhar

3 Metodologia de Pesquisa

3.1 Caminhos e descaminhos: a busca

Para atingirmos os objetivos propostos, havíamos definido que o objeto de avaliação seriam os jornais impressos de grande circulação no país e que representam as capitais econômica, cultural e política. Assim ficou definido que usaríamos O Globo (Rio de Janeiro); a Folha de São Paulo (São Paulo) e o Correio Brasiliense (Brasília), respectivamente. Já o material empírico a ser pesquisado tratava-se das matérias publicadas nos dias 30 de novembro, 1º e 2 de dezembro, do período que compreende os anos de 1988 a 2013. A escolha pelas datas se deu por conta do Dia Mundial da Luta Contra AIDS, celebrado 1º de dezembro, e que, desde 1988 tinha o objetivo de marcar a importância da causa. Afinal, no fim dos anos 1980, o Brasil contabilizava 6.295 casos de AIDS.

Acreditávamos que, ao cobrir a véspera, o dia e o dia seguinte, observaríamos melhor como a data foi tratada pela imprensa ao longo de 25 anos. A partir das matérias coletadas, buscaríamos identificar as múltiplas vozes existentes na fala da mídia, que processo de luta pelo poder e pelo sentido se instaura nesse cenário, como se institui a identidade do soropositivo por parte da mídia, como se dá a indicação de “vítimas” (crianças, hemofílicos e os que receberam transfusão) e “alcozes”(gays, drogados e prostituídos), como se dá o processo de inclusão e exclusão do soropositivo; do “grupo de risco” à “vulnerabilidade”; do sobreviver ao viver com Aids; a importância da prevenção e, posteriormente, as campanhas de sexo seguro e da importância da testagem.

3.1.1 Primeiro corte: as datas

A primeira questão a ser observada por nós foi o número de matérias produzidas nos dias definidos como recorte, 30/11, 1 e 2/12. Com sorte e se cada jornal publicasse apenas uma matéria que mencionasse a AIDS em cada um dos três dias, teríamos, ao fim da coleta, cerca

de nove matérias por jornal, o que, multiplicado pelo período de 25 anos, resultaria num total de 225 matérias a serem analisadas. Considerando o tamanho a que nossa pesquisa poderia chegar, consideramos as datas e optamos apenas pelas matérias publicadas no Dia Mundial da Luta Contra AIDS, 1 de dezembro. Acreditávamos que, assim, reduziríamos o material a ser analisado em 75 matérias.

3.1.2 Segundo corte: os periódicos diários

De acordo com os dados do Instituto Verificador de Circulação - IVC29 (IVC, 2014), a Folha de São Paulo é o jornal diário de maior circulação em todo o Brasil, com média de 351,745 mil exemplares impressos e digitais por dia. O segundo maior em vendas é O Globo, com média de 333,60 mil exemplares vendidos diariamente. O jornal com maior cobertura no Distrito Federal, também segundo o IVC, o Correio Braziliense mantém circulação média de 52,612 mil exemplares de segunda a domingo. Entretanto, é o único representante local da capital do país. A pertinência de nossa escolha estava no fato de tratar-se de jornais produzidos em capitais importantes do país, de grande circulação, com um grande número de leitores e com perfis semelhantes, com credibilidade e poder para pautar outros veículos. Além desses motivos “racionais”, podemos apontar a existência de fatores subjetivos e mesmo a maior facilidade de acesso ao material veiculado sobre nosso objeto de investigação. Todo esse grupo de motivos torna-os igualmente fontes de credibilidade e de confiança.

Já na fase de pesquisa e coleta de dados, descobrimos que, além de o material a ser analisado ser muito extenso, havia um fator que complicaria a coleta das matérias: o acesso aos acervos dos periódicos diários. Em se tratando de O Globo, como sua sede é no Rio de Janeiro, o gasto era de tempo e de dinheiro para ir ao Setor de Pesquisa, com horário marcado e mediante pagamento de R\$ 50,00 por cada meia hora de “investigação”, além de R\$ 3,50 por página em A3. A Folha de São Paulo já há muitos anos permite a visita *on-line* a seu acervo. Nesse caso, o pesquisador faz a pesquisa no *site* acervo.folha.uol.com.br, identifica o material e envia um *e-mail* solicitando as páginas, podendo optar pelo impresso ou pela versão em pdf. O pagamento é feito em cartão de crédito, e o material é enviado por correio ou *e-mail*, à escolha do freguês. Entretanto, com o Correio Brasiliense, havia a distância e a falta de estrutura para fazer a

pesquisa de forma remota, além da passagem, da hospedagem (afinal 25 anos, não são 25 dias) e das cópias. Neste momento nos questionamos se era realmente importante manter o periódico, uma vez que o fato de o jornal ter sua sede na mesma cidade onde fica o Ministério da Saúde poderia não ser relevante.

Para chegar a uma solução para esse “dilema”, buscamos o material de que já dispúnhamos por conta da pesquisa para o pré-projeto, observando o número de matérias produzidas. Outro fator foi a concentração de casos de AIDS. Mesmo que somente por uma pequena amostra, a Folha de São Paulo e O Globo ofereciam mais matérias do que o Correio Brasiliense. Das ocorrências identificadas no país, no período de 1980 a junho de 2015, a concentração de casos é maior nas regiões Sul e Sudeste com, respectivamente, 53,8% e 20% do total de casos. Em seguida, vêm o Nordeste, com 14,6%, o Centro-Oeste (5,9%) e o Norte (5,7%). De acordo com os dados da Secretaria de Saúde de Estado, desde o início da epidemia até 2012, a AIDS já levou a óbito 103.267 pessoas em São Paulo. No Estado do Rio de Janeiro, o número de casos, segundo a Secretaria de Saúde, já matou cerca de 40 mil pessoas. O Distrito Federal manteve-se atrás nesse *ranking*, ocupando até os dias de hoje o 28º lugar, tendo levado a óbito 4,4 pessoas a cada 100 mil habitantes²⁹. Justificamos, assim, a retirada do Correio Brasiliense como fonte de nossa pesquisa.

Definido esse recorte, acreditamos que outro item a ser considerado para o avanço na coleta de material era o perfil do público ao qual se destina cada um dos veículos. Acreditávamos também que trabalhar com jornais que falam para o mesmo perfil de público poderia garantir a excelência de nossa pesquisa e a lisura de nossa análise. A Folha de São Paulo tem 1.086.000 leitores espalhados por todo o país, circula diariamente com sete cadernos diários e atinge em maior número pessoas das classes A e B. O Globo também é um veículo de circulação nacional e possui 882 mil leitores³⁰. O perfil do leitor é assim distribuído, 55% na classe B e 16% na classe A. Os homens representam 51% do público leitor, e as mulheres, 49%. Mais informações sobre os periódicos escolhidos poderão ser encontradas no capítulo 4, na Análise.

²⁹ <http://dados.gov.br/dataset/taxa-de-incidencia-de-aids>

³⁰ Fonte: Leitores: Ipsos Marplan - Gde Rio - Jan a Dez/14 // Fonte Circulação: IVC Dezembro/15

3.1.3 Um outro corte?

Fomos levados a refletir e considerar como possível a diminuição do recorte temporal. Ainda que o primeiro corte tenha reduzido a coleta de três para um dia, o que impactou sobre o número de matérias, acreditávamos que só um período longo poderia nos permitir uma pesquisa completa e uma análise consistente de como a imprensa tratou a AIDS, seus doentes, seus sobreviventes, os familiares, o tratamento, as associações que lutavam pelos direitos dos pacientes etc. O que era bastante significativo nesta cena não se resumia ao tratamento e/ou à vacina, a busca de uma cura, a quebra de patentes, o atendimento e a distribuição gratuita de medicamentos pelo SUS. Os dados epidemiológicos mostravam que, desde os anos 80, foram notificados 757 mil casos de AIDS no Brasil. Hoje, a epidemia no país está estabilizada, com taxa de detecção em torno de 20,4 casos a cada 100 mil habitantes. Isso representa cerca de 39 mil casos novos ao ano. O coeficiente de mortalidade caiu 13% nos últimos 10 anos, passando de 6,4 casos de mortes por 100 mil habitantes em 2003 para 5,7 casos em 2013. O importante é que o cenário da epidemia sofreu mudanças significativas no perfil dos infectados e, com isso, a imprensa também foi adequando seu discurso a essas variações.

Fato que é que, para além da certeza da morte, havia a certeza do “viver com AIDS”. Houve muitas mudanças no perfil dos infectados que, com o passar do tempo, não eram mais os homens gays ricos nem os drogados e os prostituídos ou os hemofílicos que recebiam sangue contaminado e ainda crianças que já nasciam infectadas. As mulheres heterossexuais e monogâmicas, os negros, os pobres e os idosos passaram a fazer parte desse cenário. A partir de um determinado momento, a AIDS parou de matar e rompeu a barreira dos guetos, invadindo espaços onde, *a priori*, não se esperava vê-la, nas “famílias”. Sabíamos que, ao nos aventurarmos nesta pesquisa, por conta da nossa pré-pesquisa, havia uma divisão entre culpados e inocentes. Diante de tantas considerações, decidimos avançar na coleta das matérias, deixando para depois novas possibilidades de recortes. Venceram os 25 anos do Dia Mundial da Luta Contra AIDS, que coincidia exatamente com os 30 anos da epidemia. Sem mais, seguimos adiante.

3.1.4 Enfim, cara a cara com o material! Será?

O ano de 2015 foi dedicado à pesquisa de campo. As palavras-chave para a nossa busca eram AIDS, HIV, soropositivo, aidético, epidemia, dia mundial da luta contra AIDS, hemofílicos, entre outras. Em O Globo, passamos cerca de um mês e meio em dias e horários alternados no setor de pesquisa. O investimento foi grande, de tempo e de dinheiro, porque, a cada 30 minutos de pesquisa, eram cobrados R\$ 50,00. A primeira década só estava disponível em microfilme. Era preciso identificar, anotar e, ao fim do período de pesquisa, pagar R\$ 3,50 por cópia. A partir dos anos 1990, era mais fácil por conta da pesquisa feita a partir da base de dados do computador. Ao final da pesquisa, dispúnhamos de cerca de 90 páginas em tamanho A3 que tinham alguma referência às palavras-chave, incluindo as 25 capas compreendidas nesse período com ou sem referências. Afinal, apostávamos na primeira página como norteadora do momento político, social, cultural e econômico em cada 1 de dezembro de 1988 a 2013. Ao final, tínhamos 89 publicações.

A pesquisa no acervo da Folha de São Paulo foi extremamente mais fácil e prazerosa. Não mensuramos o tempo dedicado, mas, se reunido, não se compara ao tempo destinado ao outro veículo. Extraímos aproximadamente 100 páginas, incluindo as capas de cada ano com ou sem referência à AIDS. Ao final, captamos 197 referências à AIDS, entre matérias, artigos e chamadas de capa. Fizemos uma encomenda ao setor de acervo, e o responsável nos enviou as páginas mediante o pagamento feito através do cartão de crédito.

Diante de tanto material, pusemo-nos a observar, ano a ano, que editorias, quantas páginas, quantas capas e matérias, ou seja, como cada um dos veículos tratou o tema.

Quadro I – Panorama Geral FSP

Ano	Capa	Caderno	Número da página	Matérias, notas ou artigos por página
1988	sim			chamada
		Cidades	C1 C2 C3	03 03 04
1989	não			
		Opinião	A3	01
		Cidades	D6	08
1990	sim			chamada

		Folha ABCD	J02	01
		Caderno Especial Aids	01	05
		Aids Especial	02	05
		Aids Especial	03	06
		Aids Especial	04	06
		Aids Especial	05	03
		Aids Especial	06	02
1991	sim			chamada
		Cotidiano	4-03	01
		Cotidiano	4-04	02
1992	sim			chamada
		Mundo	2-10	01
		Cotidiano	3-3	02
1993	sim			chamada
		Opinião	1-03	03
		São Paulo	3-05	01
		Ilustrada	5-04	03
		Ilustrada	5-09	01
		Folha Norte	7-03	03
		Folha Sudeste	7-05	01
		FolhaTeen - Especial Aids	A-01	01
		FolhaTeen - Especial Aids	A-02	03
		FolhaTeen - Especial Aids	A-03	03
		FolhaTeen	A-04	04
		Folha Sudeste	01	03
1994	não			
		Opinião	03	01
		Cotidiano	04	07
		Folha ABCD	01	03
		Folha Nordeste	04	01
		Folha Sudeste	05	01
1995	sim			chamada
		Opinião	1-02	01
		Ciência	1-12	01
		São Paulo	07	06
1996	sim			chamada
		Editorial	1-02	02
		Cotidiano	04	01
			05	01
		Acontece	05	01

1997	não			
		Opinião	1-03	02
		Cotidiano	3-06	02
			3-08	02
				06
1998	não			
		1º Caderno Opinião	03	01
		Folha Vale Ribeirão Campinas	08	03
1999	sim			chamada
		Opinião	03	02
		Mundo	12	01
		Ilustrada	03	01
		Folha Campinas	03	02
			06	03
		Folha Ribeirão	01	04
2000	sim			chamada
		Opinião	02	01
			03	02
		Cotidiano	07	02
		Ilustrada	E 10	01
			E 21	01
2001	sim			chamada
		Folha Cotidiano	C 03	01
			C 05	04
		Ilustrada	5-06	01
2002	não			
		Cotidiano	C 06	03
		TV Folha	04	03
2003	não			
		Opinião	A 03	01
		Opinião	A 10	01
		Cotidiano	C 10	01
		Ilustrada	E 06	01
		Folha Teen	09	02
2004	não			
		Opinião	A 03	01
		Cotidiano	C 06	01
2005	não			
		Opinião	A 03	02
		Cotidiano	C 07	02
		Ilustrada	E 16	01
		Folha Equilíbrio	11	01
2006	não			
		Cotidiano	C 09	01

2007	não			
		Cotidiano	C 04	01
2008	sim			chamada
		Cotidiano	C 09	03
		Ilustrada	E 07	01
		Folha Teen	02	01
2009	não			
		Opinião	A 03	02
		Cotidiano	C 11	02
2010	não			
		Opinião	A 03	01
		Cotidiano	C 12	02
2011	não			
		Opinião	A 03	01
		Cotidiano	C 10	01
2012	não			
		Opinião	A 03	02
2013	não			
		Opinião	A 03	01
TOTAL				197

Tabela II – Panorama Geral O Globo

Ano	Capa	Caderno	Página	Matérias, notas ou artigos por página
1988	não			
		O País	04	01
		Grande Rio	14	01
			17	01
		Ciência e Vida	20	04
1989	não			
		O País	03	01
		Grande Rio	13	02
		O Globo	03	01
1990	não			
		Grande Rio	08	01
			15	06
		Ciência e Vida	20	01
1991	não			
		Segundo Caderno	02	02
		O País	13	01
		Grande Rio	31	01
		Ciência e Vida	43	01

1992	sim			chamada
		Ciência e Vida	18	03
		Grande Rio	11	02
				05
1993	não			
		Segundo Caderno	2	01
		Rio	18	02
		Ciência e Vida	22	02
1994	não			
		Rio	12	01
		Ciência e Vida	22	02
1995	não			
		Ciência e Vida	19	05
1996	sim			chamada
		O País	01	01
		Jornal da Família	01	01
			02	02
1997	não			
		Segundo Caderno	2	01
		Rio	19	01
1998	não			
		Ciência e Vida	35	01
1999	não			
		Rio	17	01
		Ciência e Vida	40	02
				03
2000	não			
		Ciência e Vida	32	01
2001	sim			chamada
		O País	11	01
		Ciência e Vida	35	02
				03
2002	não			
		O Mundo	01	01
2003	não			
		Ciência e Vida	24	02
2004	sim			chamada
		O País	14	02
		Ciência e Vida	36	02
		Caderno	01	01
		Especial Aids	02	02
			03	02
			04/05	02
			06/07	02
			08	02

2005	sim			chamada
		O País	16	02
2006	sim			
		Ciência e Vida	42	04
2007	não			
		Segundo Caderno	05	01
2008	não			
		Rio	11	01
2009	não			
		Rio	19	01
2010	não			
		Segundo Caderno	02	01
		Digital e Mídia	32	01
2011	não			
		Ciência e Vida	38	01
2012	não			
2013	não			
		Segunda Página	02	01
		Rio	24	01
TOTAL				89

De acordo com o Quadro I acima, a Folha de São Paulo teve 197 matérias em que a AIDS e o conjunto de palavras-chave foram mencionados e como podemos observar na Quadro II, O Globo um total de 89 matérias.

Contudo, não bastava apenas separar o material, também era preciso entendê-lo. Sendo assim, aprofundamos a pesquisa no sentido de quantificar e qualificar as vozes, entender o teor do discurso daqueles que “falavam através da imprensa” e a voz da própria imprensa por meio de seus jornalistas. Buscando compreender a complexidade do material, construímos uma nova tabela onde observamos nome do periódico, editoria, número da página; recorte discursivo (*lead*), vozes discursivas e efeitos de sentido. O efeito de sentido foi fruto da nossa leitura, da interação entre nosso discurso e o discurso jornalístico, considerando nosso lugar de fala.

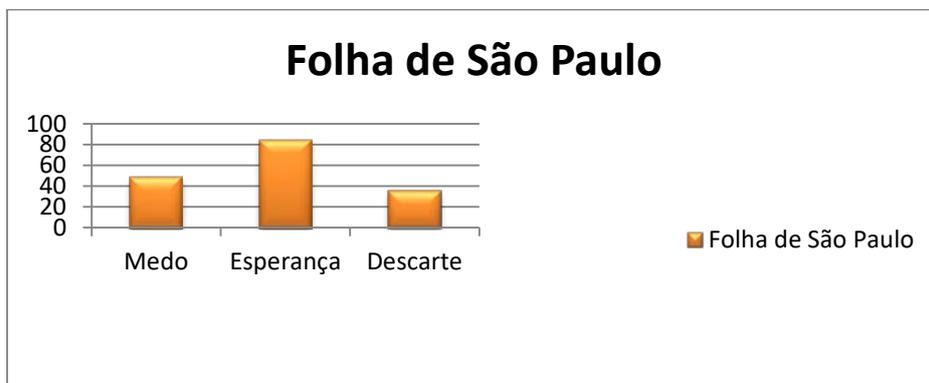
Quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada (ORLANDI, 2005, p.59).

3.2 Cenários

3.2.1 Folha de São Paulo

A Gráfico I serve como ilustração e demonstra os resultados em duas grandes chaves **medo** e **esperança**. O processo pelo qual chegamos a esse resultado pode ser observado no mapeamento das matérias do dia 1 de dezembro dos anos de 1988 a 2013 publicadas na FSP.

Gráfico I



3.2.2 Mapeando os efeitos de sentido - FSP

1988

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto	Na véspera do Dia mundial contra a Aids, que se celebra hoje, o vigia desempregado Wellington Cardoso dos Santos, 25, passou duas horas andando nu pelas ruas do bairro de Pinheiros, em São Paulo, gritando ser aidético. Ele cortava seu corpo em vários locais, ameaçando contagiar com o seu sangue os policiais que tentavam prendê-lo e quem quer que passasse por perto. Os hospitais das Clínicas e Emílio Ribas negaram ajuda a PM para deter o suposto aidético. Santos só foi dominado quando os PM's o desnortearam com um jato de extintor de incêndio. Foi algemado, amarrado a um poste e depois levado ao Hospital São Paulo para exames	Chamada para o caderno "Cidades"	Medo
Vigia se diz contaminado, sai nu e cria medo na véspera do Dia contra a Aids	Nu, ferindo-se com cacos de vidro e deixando o sangue escorrer pelo corpo, o vigia desempregado Wellington Cardoso dos Santos, 25, andou por duas horas na manhã de ontem, pelo bairro de Pinheiros (zona oeste de São Paulo) afirmando ser aidético, ele formou em torno de si uma multidão que acompanhou o seu trajeto. Nas duas horas, foi perseguido pelas ruas por dezenas de policiais, bombeiros e enfermeiros que temiam se aproximar dele.	Reportagem Local Gustavo, tenente da polícia militar José Francisco de Almeida, porteiro Georges Garcia Moreira, Auxiliar de Escritório Carlos Vecchi, fotógrafo Flávio Tine, Assessor de Imprensa do Hospital das Clínicas Custódia Ferreira Cardoso, mãe de Wellington	Medo

<p>Caso revela preconceito e despreparo</p>	<p>A Folha procurou entidades que dão apoio a aidéticos e especialistas na área de saúde para comentar o caso de Wellington Cardoso dos Santos. Se há um consenso sobre o significado do episódio ocorrido ontem em Pinheiros, é o de que o preconceito ainda determina a reação do público diante da Aids, e que as autoridades públicas continuam despreparadas para lidar com casos de emergência como o de ontem.</p>	<p>Júlio Munaro, padre e coordenador da Pastoral da Saúde Silvia Ramos, coordenador da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) Paulo César Bonfim, Presidente do Grupo de Apoio a Prevenção a Aids (GAPA) Maria Eugênea Lemos Fernandes, coordenadora de Educação e Treinamento em Aids da Secretaria do Estado de São Paulo</p>	<p>Questionamento</p>
<p>Brasil promove eventos para marcar a data</p>	<p>Diversas manifestações marcam hoje a participação do Brasil no Dia Mundial contra a Aids, instruído pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A necessidade de melhor informar a população sobre as formas de prevenção da doença e de se ampliar os programas oficiais servirão de tema para os principais eventos que ocorrerão durante o dia, em algumas capitais do país.</p>	<p>Reportagem Local Paulo Cesar Bonfim, presidente do GAPA</p>	<p>Informação</p>
<p>Escritor relata caso de Pinheiros</p>	<p>O escritor Mario Prata, 42, autor da novela "Estúpido cupido" e da peça "Besame Mucho", mora na Rua Lisboa e presenciou a prisão do suposto aidético. Este é o seu relato: "Ah, é? Ah, é? Tou de AIDS! Tou de AIDS!". Eram oito horas da manhã. Uma sirene ininterrupta se aproximando me acorda. Polícia ou Ambulância?</p>	<p>Mario Prata, autor e escritor Homem aidético não identificado</p>	<p>Descartado artigo opinativo</p>
<p>Pesquisa quer 'identidade' dos vírus brasileiros</p>	<p>O Instituto Adolfo Luiz, da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, deve entrar na segunda</p>	<p>Nelson Figueiredo Mendes, professor de imunologia e</p>	<p>informação</p>

	<p>fase de um dos mais bem cotados projetos do mercado científico do país, a partir de janeiro. Amparados por um investimento de US\$ 5 milhões (Cz\$ 3,5 bilhões no câmbio oficial de hoje) seus dez pesquisadores, equipes do Hospital Emílio Ribas e da Universidade Federal da Bahia pretendem captar as "impressões digitais" dos vírus HIV 1 e HIV 2, transmissores da Aids no Brasil. O cientista norte-americano, Robert Gallo, um dos pioneiros na identificação do HIV 1, já isolou e descreveu 17 variações apenas desse vírus nos EUA, o que equivale a ter revelada a sua identidade como se fosse uma boa impressão digital</p>	<p>biofísica</p> <p>Antônio Cechelli de Matos Paiva, professor de imunologia e biofísica</p>	
<p>Fiocruz estuda relação com mal de Chagas</p>	<p>A Aids representa uma ameaça ao ciclo evolutivo da doença de Chagas. Apesar de a medicina brasileira ainda não ter diagnosticado a contaminação pelo vírus da Aids - de propagação urbana - de um portador do parasita causador da Doença de Chagas - de propagação rural - a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) estuda, no Rio, as consequências de uma possível relação entre as duas moléstias</p>	<p>Bernardo Galvão, chefe da Unidade de Aids do Departamento de Imunologia da Fiocruz</p>	<p>informação</p>
<p>OMS calcula em 10 milhões os contaminados no mundo</p>	<p>Pelos dados atualmente disponíveis, os especialistas da Organização Mundial de Saúde (OMS) que estudam a evolução da epidemia de Aids no mundo, estimam que 250 mil pessoas já devem ter desenvolvido a doença. Pelas projeções, pode haver entre cinco e dez milhões de portadores do vírus de Aids. Pelo que se sabe da evolução da moléstia, é provável que todas as pessoas devam vir a desenvolvê-la. Apenas nos próximos cinco anos devem ser registrados um milhão de novos casos da síndrome.</p>	<p>Paulo Roberto Teixeira, epidemiologista do Centro de Referência e Treinamento da Aids em São Paulo</p>	<p>medo</p>

<p>Debate na Folha discute doença</p>	<p>A Folha promoveu ontem, às 19h, um debate sobre entidades e hospitais que assistem aids e pesquisam a doença em São Paulo. Participaram (foto, da esq. para a dir.) Paulo Cesar Bonfim, do grupo de Apoio à Prevenção Á Aids, Walkyria Pereira Pinto, chefe do ambulatório do Centro de Referência de Aids da Secretaria de Estado da Saúde, o Jornalista Marcelo Beraba, editor de Cidades do jornal (mediador) e o médico Nelson Hammerschlak, chefe do setor de Hematologia e Hemoterapia do Hospital Albert Einstein.</p>	<p>Paulo César Bonfim, do grupo de apoio a prevenção a aids</p> <p>Walkyria Pereira Pinto, Chefe do ambulatório do Centro de Referência de Aids da Secretaria de Saúde</p> <p>Marcelo Beraba, Jornalista e editor de Cidades do jornal</p> <p>Nelson Hammerschlakm chefe do setor de Hematologia e Hemoterapia do Hospital Albert Einstein</p>	<p>Informação</p>
<p>Igreja implanta um projeto que dá assistência aos doentes em SP</p>	<p>A Arquidiocese de São Paulo está implantando em todas as regiões episcopais o Projeto Esperança, uma série de iniciativas pastorais e assistências voltadas para os aids, as pessoas contaminadas com o vírus da Aids e seus familiares.</p>	<p>Dermi Azevedo, Jornalista</p> <p>Angélico Sândalo Bernardino, bispo de são miguel paulista</p>	<p>Iniciativa Surpresa esperança</p>
<p>Vaticano estuda a criação de ordem especial de apoio a aids</p>	<p>A fundação de uma ordem religiosa especificamente voltada para a atenção aos aids e seus familiares é um dos projetos de estudo nos organismos do Vaticano, dedicados a ação assistencial, promocional e humanitária da Igreja Católica. No governo central da Igreja, a Aids é comparada à "peste negra" que, segundo registros históricos, dizimou milhares de pessoas na Idade Média. Um dos embriões dessa nova congregação pode ser o grupo de trabalho sobre Aids, constituído na Cáritas Internacional, com sede em Roma, que coordena as atividades humanitárias da Igreja.</p>	<p>Reportagem Local</p>	<p>Iniciativa Surpresa esperança</p>

1989

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não tem chamada na Capa			
Um desafio chamado Aids	Ao se contar a história do final deste século, um problema ocupará lugar especial: a AIDS. Pelo impacto social e epidemiológico que mundialmente tem causado, pelos esforços para preveni-la traduzidos em recursos - humanos, tecnológicos e financeiros - investidos em pesquisas para sua cura, a AIDS surge como uma doença com vários níveis de expressão.	Seifo Tsuzuki, Cirurgião e Ministro da Saúde. Foi presidente da fundação Zerbini e do Instituto do Coração (Incor)	Descartado por ser artigo de Opinião
Faltam leitos para atender doentes em São Paulo	O estado de São Paulo tem 2.300 pacientes com Aids e apenas 220 leitos na rede pública, para atender a essa demanda. A maioria dos pacientes estão recebendo atendimento em prontos-socorros sem condições. Há um ano, a secretaria de saúde tenta estabelecer um convênio com a rede particular, mas o acordo sempre esbarra no preço oferecido. Na última tentativa, ocorrida há um mês, a secretaria propunha o pagamento de 58 BTN's (NCr 232,00 a valores de novembro) por leito de um paciente com Aids. Os exames especiais, como tomografia e broncoscopia, seriam feitos pela rede pública. Os hospitais recusaram. Segundo o presidente do Sindicato dos Hospitais do	Paulo Roberto Teixeira, coordenador do programa da Aids no Ministério da Saúde	Despreparo Desesperança Desamparo

	Estado de São Paulo, Chafie Faraht, 48, a quantia oferecida é insuficiente e se os hospitais aceitassem se transformariam “em um depósito de pacientes aidéticos sem a menor condição de trata-los”		
Campanha mobiliza 148 países	O Dia Mundial, instituído pela OMS, está sendo marcado hoje, em 148 países, com atividades simultâneas de conscientização sobre a doença. No Brasil, as programações em torno da data estão sendo coordenadas pela Divisão Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (DST), do Ministério da Saúde. Como parte da programação oficial, começou a ser veiculado ontem o comercial “Gritos”, com 60 segundos, que incentiva o uso da camisinha.	Lair Guerra, Diretora do DST	Mobilização
Laboratório em SP fica sem estoque de AZT	Há duas semanas, o fornecimento do medicamento AZT usado no tratamento da Aids, foi interrompido por quatro dias pela falta do produto, levando alguns pacientes a reduzirem a dose ou pedirem emprestado. O laboratório que importa e distribui o AZT, o Wellcome ICI do Brasil, uma subsidiária do fabricante norte-americano, confirmou a falta do medicamento mas disse que o problema já está superado. O laboratório atribuiu a falta dos produtos a entraves alfandegários e aumento da demanda.	José Maria Fletcher, Chefe de fiscalização da Inspeção da Receita Federal CACEX (Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil)	Desamparo
Infectados podem chegar a 6 milhões em uma década	Um estudo feito pela ONU estima que o número de pessoas contaminadas pela Aids no mundo deve chegar aos 6 milhões até o ano 2000.	Sem créditos jornalísticos	Desesperança

Cazuza toma nova droga só na semana que vem	Só na semana que vem, o cantor cazuza deve começar o tratamento com DDI, uma nova droga contra a Aids, só na semana que vem. Ele está internado há mais de um mês no Centro Médico Nova Inglaterra, em Boston, e o tratamento já deveria ter começado, mas as complicações de Cazuza atrasaram o procedimento	João Araújo, pai de Cazuza Álvaro Pereira Júnior, Jornalista	Esperança
Aids no Brasil BOX	Dados da AIDS nos estados de São Paulo, Paraná, Pernambuco e Pará sobre a Aids. Há ainda informações sobre Medicamentos(a relação entre o AZT – remédio mais eficaz no momento e o preço inacessível à população) e Leitos(negociação da Secretaria de Saúde do estado de São Paulo para a “compra” de leitos para pacientes com Aids nos hospitais privados, que acham o valor baixo)	Grupo de Apoio a Prevenção a Aids SP Secretaria de Saúde do Paraná Ciro Andrade Lima, Secretário de Saúde de Pernambuco Divisão de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Pará Paulo Roberto Teixeira, coordenador do Programa da Aids de SP	Informação
O pecado da vacina	Os cientistas acreditaram que todos os problemas que envolvessem a aplicação de vacinas na prevenção de epidemias estariam solucionados, mas eis que surge a Aids, trazendo diversas brigas sobre sexo, moral e drogas.	Paulo César Bonfim, pesquisador e técnico em patologia clínica. É vice-presidente do Grupo de Apoio a Prevenção a Aids, e coordenador do Programa de Prevenção da Aids da Secretaria de Saúde do município de São Paulo	Descartado por ser artigo opinativo
Prefeitura Santista começa a distribuir seringas e agulhas	A prefeita de Santos, Telma de Souza, deve anunciar hoje a distribuição de seringas e agulhas descartáveis para os usuários de drogas da cidade. Até ontem às 17h ela não havia se posicionado sobre o assunto,	Matéria da sucursal Santos cita a prefeita de Santos, Telma de Souza que, por sua vez, cita o Secretário de Saúde, Davi Capistrano.	Expectativa

matéria sucursal Santos	considerando precipitado o anúncio feito sábado pelo Secretaria de Saúde, Davi Capistrano.		
-------------------------	--	--	--

1990

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivos	Efeito de sentidos
<p>Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial</p> <p>Chamada para um Caderno “especial”, pág. 1 a 6</p>	Os cientistas já sabem tudo sobre o HIV, vírus causador da Aids, menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo. As pesquisas realizadas sobre a doença vivem um impasse. Agora, eles dão prioridade à procura de uma vacina e não mais de remédios que possam acabar com o vírus que já está no corpo das pessoas contaminadas.	Humberto Barjud Onias , Articulista, médico infectologista da Prefeitura Municipal de Santo André	Dúvidas Incerteza
Aids: Novas Perspectivas para o grande ABC	O dia 1º de Dezembro é dedicado mundialmente à realização de eventos que discutam a luta contra a AIDS. No Grande ABC, a data deste ano ganha uma conotação especial, porque acontece quando passos importantes estão sendo dados no sentido de iniciar-se um controle adequado da doença na região.	Hamilton Bonilha de Moraes, Médico Infectologista Márcia Sueli, Médica e Administradora da Santa casa	Artigo de Opinião
Já se sabe tudo sobre o vírus; só falta matá-lo	Mais um “Dia Mundial do Combate à Aids”. O que aparentava ser uma doença rara, há dez anos passa pela fase de frenesi da epidemia e	Reportagem Local Dados sobre a epidemia	Expectativa

	<p>chega hoje a opiniões controvertidas quanto a seu futuro. Paradoxalmente, sabe-se muito sobre o vírus. Mais do que sobre outros inimigos do homem, como o vírus da varíola. Falta, no entanto, um saber essencial: como se livrar dele. De concreto, até agora, existe o AZT, que dá aos contaminados que desenvolveram os sintomas da doença perspectivas deprimentes. Duas outras drogas, ddI e ddC, fazem mais ou menos o mesmo efeito e é só.</p> <p>É nesse clima, de impasse, que está toda a pesquisa e no qual mais tragicamente, encontram-se os prováveis dez milhões de indivíduos portadores do vírus, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).</p>		
<p>Pesquisa</p> <p>Jonas Salk, descobridor da vacina antipólio está testando um novo medicamento contra AIDS. PAG. Especial-6</p>	Chamada de Capa		
<p>Comportamento</p> <p>Em Santos(o local com mais incidência de AIDS no país) homem viciado em coca preparada a droga. PAG. Especial-2.</p>	Chamada de Capa		
<p>Publicidade</p> <p>A modelo Virginia, que faz</p>	Chamada de Capa		

<p>propagandas na TV, atuou em propaganda com texto sobre a AIDS. PAG. Especial-4</p>			
<p>Ápice da epidemia não chegou</p>	<p>Em termos epidemiológicos, a Aids é menos grave que, por exemplo, a malária, mas para o indivíduo, a situação é contrário, pois a Aids mata e a 'malária não'. Na alta capacidade em matar o portador do HIV e na baixa imunodeficiência humana, reside à fraqueza epidemiológica da doença. A Aids assusta, primeiro por matar e depois por apresentar um alto potencial de desenvolvimento da doença, que ainda não é considerada uma epidemia. Além disso, o modo mais frequente da infecção está deixando de ser a relação sexual homossexual para dar lugar ao uso de drogas injetáveis com seringa contaminada. Isso, antes mais comum nos países do Primeiro Mundo, torna-se frequente em todo o planeta. Desse modo, amplia-se o número de pessoas suscetíveis à contaminação por que os usuários de drogas mantêm também relações heterossexuais.</p>	<p>Marina Caldeira, reportagem local</p>	<p>Medo</p>
<p>Drogas e sexo multiplicam o vírus em Santos</p>	<p>O estigma de ser a cidade com o índice "per capita" de Aids maior do Brasil, mudou a noite de Santos. A prostituição se adaptou rápido a nova situação. O contraponto é o aumento do uso de drogas injetáveis, atualmente maior por causa do contágio, cerca de 48%. Os viciados ignoram as campanhas.</p>	<p>Jotabê Medeiros, da reportagem local Willi Umaua, frequentador da boate Love Story Edivalso dos Santos, gerente da boate ABC House</p>	<p>Medo</p>

	<p>O avanço do vírus na cidade se deve, hoje, segundo a Prefeitura, à indiferença dos principais disseminadores do vírus, os viciados em drogas, em relação às campanhas de esclarecimento. “Na hora do ‘baque’, ninguém quer saber se a seringa é enferrujada, se foi achada no lixo ou na sarjeta” diz o viciado e aidético M.E.Q, 33, enquanto injeta cocaína na veia misturada com água.</p>	<p>Luciana Santos, Bailarina da boate ABC House</p> <p>Paula Rocha Silva, Bailarina da boate ABC House</p> <p>M.E.Q (não identificou o nome no texto), portador do HIV e viciado em drogas</p> <p>Gilmar Luís Santos, Soro + e ex viciado</p> <p>Otávio Cesar da Silva, Advogado e coordenador do Programa de Aids do Juízo da Infância e Juventude de Santos</p> <p>Jorge Raimundo da Silva, comandante da polícia militar</p> <p>Lúcia Figueiredo Paulo, Diretora da casa de apoio e solidariedade ao paciente de AIDS.</p>	
<p>Pesquisa diz que sexo anal ainda é praticado</p>	<p>Os paulistanos de classe média, com educação secundária ou superior, que não usam drogas injetáveis e não mantêm relacionamento sexual com homossexuais e bissexuais, não estão livres da Aids. Exibem comportamentos que aumentam o risco de serem contaminados pelo vírus causador da doença: poucos usam camisinha, 40% a 45% costumam fazer sexo anal e 20% dos homens se relacionam com prostitutas. As mulheres não têm</p>	<p>Marina Caldeira, Jornalista</p> <p>Paulo Olzon Monteiro da Silva, estudante da Escola Paulista de Medicina</p>	<p>Informação</p>

	diminuído o número de parceiros sexuais.		
Heterossexuais são 2º grupo em Rio Preto	São José do Rio Preto é finalista em dois campeonatos díspares. Apesar de ser considerada a segunda melhor cidade em qualidade de vida, é medalha de bronze em casos de Aids em todo o país. Dados do Escritório Regional da Saúde (ersa) local mostram que os heterossexuais já são o segundo grupo mais atingidos pela doença “os heterossexuais não formam um grupo isolado. São maioria. Passamos para uma situação de risco ou para o início de um quadro epidêmico”, diz Lusmar Catarina Vechiato, 28, psicóloga do Geapa (Grupo de Educação a Prevenção da Aids).	Lilian Primi, Jornalista Lusmar Catarina Vechiato, Psicóloga do Geapa (grupo de educação e prevenção a aids) Gilberto Aparecido Américo, Delegado Hubert Elcy, Vereador e médico psiquiatra Gisele Barbosa, Psicóloga do Geapa	Informação
Medo da doença não afeta baile gay no Rio	O medo da Aids ainda não afastou o público do principal baile gay do Carnaval carioca, o Grande Gala G. do Scala. Segundo o empresário Chico Recarey, 42, que promove o baile, o que ocorreu foi uma mudança de comportamento. Ele disse que, nos últimos dois anos, os frequentadores estão mais comedidos e que "os travestis e homossexuais mais encarados estão desaparecidos dos salões".	Sucursal Rio Chico Recarey, Empresário Clovis Bornay, Carnavalesco Sergio de Andrada Nogueira, Presidente da Associação Brasileira das Agências de Viagens do RJ Álvaro Matida, Coordenador de Aids da Secretaria Estadual de Saúde	Informação
Em São Paulo, crescem números sobre outras doenças venéreas	O paulistano relaxou na prevenção da Aids. As doenças sexualmente transmissíveis (DST) que,	Da reportagem local	

	<p>como a Aids, são prevenidas através do uso de camisinha e escolha de parceiros, estão de volta à cidade com força total.</p>	<p>Marina Caldeira, Jornalista</p> <p>Celso Donato, Virulogista e médico do laboratório</p>	
<p>EUA pregam benefícios da masturbação</p>	<p>O incentivo à masturbação tem sido um dos principais temas das campanhas anti-Aids nos EUA. "Você não vai ficar louco, não vai ficar cego nem vai ter espinhas", diz um anúncio da Clínica Whitman-Walker, de Washington, em uma tentativa de convencer os homossexuais masculinos de que tudo que ouviram na adolescência é mentira.</p>	<p>Wilson Silveira, de Washington</p>	<p>Eventos no exterior</p>
<p>Maconha é liberada para tratamento</p>	<p>Na semana passada, um paciente de Aids no Estado de Virgínia (região leste dos EUA) recebeu a primeira de uma série de encomendas de maconha. A licença para uso foi conseguida por um grupo que luta pela legalização da droga para fins médicos.</p>	<p>The New York Times (Referência)</p> <p>Robert Randall, Diretor do grupo de ativistas</p>	<p>Eventos no exterior</p>
<p>Inglês contrai vírus da doença durante viagens</p>	<p>O número de casos de Aids na Grã-Bretanha entre homens e mulheres heterossexuais dobrou nos últimos 12 meses. Estatísticas divulgadas esta semana pelo Ministério da Saúde revelam que 240 heterossexuais que desenvolveram a Aids nos últimos 12 meses foram contaminados durante relações sexuais heterossexuais, em comparação com 123 até o final de setembro do ano passado.</p>	<p>Antonio Carlos Seidl, Jornalista</p> <p>Sir Donald Acheson, principal autoridade sanitária da Grã-Bretanha</p>	<p>Eventos no exterior</p>

Um bilhão de camisinhas protegem o Japão do vírus	Os japoneses consumiram no ano passado 586.102.418 camisinhas. Foram produzidas no país 957.320.472 camisinhas, quase um bilhão. A diferença, 351.909.200, foi exportada. Das pessoas que usam alguma forma de método anticoncepcional, 70% ficam com a tradicional camisinha. Esse hábito é antigo. Por isso, o número de casos de Aids no Japão é um dos mais baixos em países desenvolvidos.	Fernando Rodrigues, Jornalista Masahiro Kiraha, Médico e Diretor do Ministério da Saúde Japonês	Eventos no exterior
Alemães criam bar “positivo” para alegrar os contaminados	Um bar de aidéticos para aidéticos. Este é o slogan publicitário do Bar Positivo, no lado ocidental de Berlim. "Positivo" é a característica comum de seus frequentadores: o resultado do teste de contaminação pelo vírus da Aids. Fundado em janeiro deste ano, o bar tem ainda uma clientela pequena. São cerca de 20 fregueses assíduos, em uma cidade com 1.125 aidéticos.	Elvis Cesar Bonassa, Jornalista Rainer Baus, Soro + John River, Soro +	Eventos no exterior
Grupo radical quer tirar doentes da cama para passeatas em Paris	A estratégia guerrilheira dos ecológicos do Greenpeace inspira o grupo mais radical da luta contra a Aids na França. Trata-se do Act Up, uma associação que empresta o nome de uma similiar norte-americana, embora seja independente em métodos e estrutura. A tática da Act Up francesa é fazer barulho para conquistar espaço de denúncia na mídia.	Mario Andrada e Silva, Jornalista Didier Lestrade, Presidente do grupo	Eventos no exterior
Publicitários Ignoram tema em seu trabalho	Publicitários Ignoram tema em seu trabalho Se não gerou uma onda de puritanismo e nem reduziu a voltagem erótica dos comerciais de televisão, a Aids, embora	Nelson Bécher, Jornalista Stalimir Vieira, Publicitário	Descaso Preconceito Discriminação

	<p>tenha mudado hábitos, foi praticamente excluída pela publicidade. Exceto em casos de campanhas oficiais de prevenção a doença e de um comercial das lojas Marisa que fez referência explícita ao uso de preservativo, o tema parece cercado por uma cortina de silêncio. É curioso que até mesmo os anúncios veiculados pela Johnson e Johnsons, que domina o mercado nacional de preservativos, evitam vincular o fenômeno da Aids ao produto.</p> <p>“A questão é que, apesar da grave dimensão que alcançou o país, a Aids continua sendo vista como tabu”, opina o publicitário Stalimir Vieira, 37. “A dificuldade para tratar do tema na propaganda é proporcional à hipocrisia social”, diz Paulo Giro-te, 40, diretor de criação da DPZ, agência responsável pela nova campanha anti-aids do Ministério da Saúde que vai ao ar a partir de hoje, puxada por um slogan intimidativo “Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar”</p>	<p>Paulo Giro-te, Diretor de criação da DPZ, agência responsável pela nova campanha de prevenção a Aids do Ministério da Saúde</p> <p>Paulo Escaches, Sociólogo e Diretor do Instituto Inter Science</p>	
Escritor vê convite como insulto	O escritor Herbert Daniel considera a nova campanha anti-aids “catastrófica” e “preconceituosa”. Ele, que foi convidado a participar de um filme da campanha, criticou a frase que diria caso participasse, “Eu tenho Aids, Eu não tenho cura”	<p>Sucursal Rio</p> <p>Herbert Daniel, Escritor</p> <p>Victor José Nunes Paes, Diretor da Goda</p>	Descaso Preconceito Discriminação
Comercial com referência à Aids causa polêmica	Há pouco mais de um ano, um comercial da rede de lojas Marisa rompia o silêncio em torno da Aids, que predomina até hoje na propaganda comercial. Com o rosto	<p>Reportagem Local</p> <p>Gisela Rao, Publicitária</p>	Preconceito

	<p>besuntado de cremes, a personagem Virginia aparecia se maquiando para sair com o namorado Mário "Faz dois anos que a gente namora", dizia ela, a certa altura do roteiro. "Ainda bem, porque essa história de Aids, estou fora. O único jeito de evitar é usar camisinha...aliás, eu não vejo nada de mais em andar com uma na bolsa".</p>	<p>Clóvis Calai, Vice-Presidente da McCann-Erikson Brasil</p>	
<p>Fifa torna caneleira peça obrigatória do uniforme</p>	<p>A possibilidade de Aids no futebol assustou os homens da Fifa (federação Internacional de Futebol Associativo, a entidade que comanda o esporte no mundo). Antes da última Copa do Mundo, disputada na Itália, entre junho e julho deste ano, a Fifa divulgou um comunicado tornando obrigatório o uso de caneleiras entre os jogadores.</p>	<p>Sem créditos jornalísticos</p>	<p>Informação prevenção</p>
<p>Problema 'não existe' nas tabelas do INAMPS</p>	<p>A Aids não existe. É o que um doente vai escutar na hora em que procurar um hospital conveniado com a Previdência para se internar. A Aids não consta da tabela de procedimentos que estabelece o que o Estado reembolsa ou não ao hospital conveniado. A grande maioria dos convênios médicos também não reembolsam as despesas com tratamento de doenças infectocontagiosas.</p>	<p>Reportagem Local</p> <p>Paulo Roberto Teixeira, coordenador do programa de Aids da Secretaria do Estado da Saúde</p>	<p>Descaso</p>
<p>No Brasil, transfusões ficam menos perigosas.</p>	<p>Apesar de o controle de qualidade do sangue ainda estar longe do ideal, a contaminação pelo vírus da Aids devido a transfusões ou ao uso de derivados do sangue vem diminuindo no Brasil. Até junho, acumulados 11.222 casos notificados, os</p>	<p>Reportagem Local</p> <p>Paulo Roberto Teixeira, coordenador do programa de Aids da Secretaria do Estado de Saúde</p>	<p>Esperança</p>

	hemofílicos e receptores de sangue somavam 951 (8,4%)		
Cura da doença está nas mãos da ciência básica	<p>As características da Aids tornam difíceis saber a que proporções a doença chegará. Suas origens e causas do padrão de infecção não são claras. Enquanto em países ocidentais em grupos de risco, como homossexuais e usuários de drogas, na África a concentração é em heterossexuais.</p> <p>“Ainda não está clara a origem da diferença de padrões de infecção”, diz Daniel Hot, 44, diretor da divisão de Aids do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas, o órgão ligado aos institutos nacionais de saúde (NIH), que coordena nos EUA a pesquisa sobre a doença.</p> <p>Existe apenas hipóteses para explicá-la. Por exemplo, a maior presença de ulcerações causadas por doenças venéreas na África teria facilitado o contágio.</p>	<p>Reportagem Local</p> <p>Daniel Hoth, Diretor da divisão de Aids do Instituto Nacional de Alergia a Doenças Infecciosas</p> <p>William Haseltine, Pesquisador do Instituto do Câncer Dana-Farber</p>	Informação
Doença é usada como chamariz de verbas para pesquisas inúteis	<p>A moeda nos meios científicos é o "paper". Pesquisadores raramente escrevem livros, não têm tempo para isso. Devem administrar seus laboratórios, orientar seus alunos, participar de bancas de testes, de concursos, de encontros para levantar verbas para suas pesquisas, etc. Muito tempo do cientista é gasto em marketing científico. Toda uma linguagem especial é desenvolvida no sentido de convencer agências de financiamento - estatais e particulares- de que dada pesquisa vale o preço que pede.</p>	Reportagem Local	Descaso

<p>Cientistas decidem na prática quem é o verdadeiro descobridor do vírus</p>	<p>A descoberta do vírus da Aids, o HIV, está cercada de uma disputa judicial entre dois pesquisadores, Roberto Gallo (norte-americano) e Luc Montagnier (francês). A decisão formal da disputa - publicada em 1987 - estipula que ambos têm iguais direitos de reivindicar prioridade pela descoberta. A comunidade científica, no entanto, tomou outra decisão. Montagnier é o verdadeiro descobridor do vírus e o cientista mais confiável.</p>	<p>Da “New Scientist”</p>	<p>Artigo</p>
<p>Ciência deixa cura de lado e busca vacinas</p>	<p>A ciência desistiu de “matar” o HIV e agora buscam na prevenção o objeto mais alcançável. Para quem está infectado, o panorama não é bom - já que cientistas abdicaram das drogas supostamente promissoras para ajudar em uma possível cura - O cenário mudou para as vacinas. “Houve algumas descobertas muito encorajadoras este ano”, disse à Folha, por telefone, Bernard Moss, chefe do laboratório de doenças virais dos Institutos Nacionais de Saúde dos EUA . Moss, 50, pilota uma equipe que desenvolveu as duas principais vacinas em um estudo hoje e preparou o CD4, único medicamento já em testes criado especialmente contra a Aids.</p>	<p>Alvaro Pereira Júnior, especial para a Folha Bernard Moss, Chefe do Laboratório de doenças virais dos institutos dos EUA. Roberto Yachuan, Pesquisador americano do Instituto do Câncer nos EUA</p>	
<p>Prevenção vai demorar uma década</p>	<p>O pesquisador Bernard Moss estima em dez anos o tempo mínimo para que uma vacina eficaz seja descoberta e tenha seu funcionamento comprovado. Até imunizar todo o planeta, o tempo dobra.</p>	<p>Bernard Moss, Chefe do Laboratório de doenças virais dos institutos dos EUA Roberto Yachuan, Pesquisador</p>	<p>Medo Alerta Desalento</p>

	Por isso, a curto prazo, ele não vê outra alternativa "A pesquisa com terapias tem que continuar."	americano do Instituto do Câncer nos EUA	
--	--	--	--

1991

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Chamada para a editoria "Cotidiano" pág 4-4	Médicos que usaram a homeopatia para a Aids	Chamada para a editoria "Cotidiano"	Alternativas
Ato em SP marca o dia da luta contra AIDS em SP	Nove entidades não-governamentais fizeram ontem um ato público no viaduto do chá. O evento faz parte das atividades do Dia Mundial da Luta contra a Aids que acontece hoje. Durante o dia foram feitas palestras e distribuição de material educativo		Informação
Terapia alternativa dá sobrevida a aidsíacos, admitem os médicos <u>Subtítulo:</u> Pacientes vivem mais e melhor com tratamento à base de homeopatia e ervas	Pacientes de Aids que se utilizam de terapias alternativas estão vivendo mais e melhor. O vírus HIV, que há dez anos desafia cientistas do mundo inteiro, tem recuado em alguns casos diante de bolinhas homeopáticas ou poções à base de ervas engolidas com fé e determinação. Hoje se comemora o Dia Mundial de Luta Contra a Aids.	Aureliano Biancarelli – Jornalista Rosana Del Bianco – Médica e Diretora técnica do Centro de Referência e Tratamento da Aids Silvia Belluci – Imunologista, fundadora e	Alternativas Esperança

		<p>presidente do Centro Corsini</p> <p>Eduardo R. Soro + Walter Radamés Accorsi, professor de agronomia</p>	
Droga brasileira é testada	<p>Uma droga brasileira, desenvolvida em Birigui, 520 km a noroeste de São Paulo, pode contribuir na cura da Aids. Trata-se do SB-73, obtido a partir de um fungo que foi apresentado por pesquisadores brasileiros na 7ª Conferência Internacional Sobre Aids, realizada em Junho, na Itália.</p>	<p>Reportagem Local</p> <p>Iseu da Silva Nunes – Coordenador de pesquisas</p> <p>Silvia Belluci - Imunologista, fundadora e presidente do Centro Corsini</p>	Esperança
Paciente evita estresse	<p>O psicólogo Gustavo S., 32, trata-se pela homeopatia há dez anos. Há seis anos, teve uma pneumonia e descobriu que estava com Aids. Continuou se tratando pela homeopatia. "Estou vivendo muito bem, não abuso, tomo minhas cervejas, vou a festas e não recuso uma feijoada", conta.</p>	<p>Gustavo S, Soro +</p> <p>José Roberto Peruzzo, Soro + , fundador do Grupo de Incentivo à Vida (GIV)</p> <p>Marcos T, Soro +</p>	Esperança

1992

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Livro revela o custo da Aids para o mundo	O custo direto do tratamento de aidéticos em todo mundo é estimado de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3,6 bilhões para 1992. Este dado consta do livro "O Custo Oculto da Aids", lançado ontem. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, 13 milhões de pessoas têm o vírus da Aids e 500 mil adultos já desenvolveram a doença.	Leão Serya – Chamada de Capa do Jornal	Informação

<p>Aids atinge a economia do Terceiro Mundo</p>	<p>As empresas de mineração em Zâmbia, África, responsáveis por 75% das exportações do país, já tem dificuldade de repor funcionários pela velocidade com que a Aids provoca baixas na mão-de-obra. Casos como esse, já comuns no continente mais afetado pela epidemia, impõem um enfoque econômico no estudo da doença.</p>	<p>Leão Serva, Jornalista Martin Foreman, autor do livro “O custo oculto da Aids”</p> <p>Michael Merson, chefe do programa de Aids da OMS</p>	<p>Informação</p>
<p>Aids contamina três por minuto no mundo <u>Subtítulo:</u> Virus infecta 5.000 pessoas por dia, diz OMS: Portadores são 12,9 milhões e a maioria não sabe que tem a doença</p>	<p>A cada minuto, três pessoas são infectadas pelo vírus da Aids no mundo. São quase 5.000 pessoas por dia, ou 1,8 milhão por ano. Os dados foram divulgados no final de semana pela Organização Mundial de Saúde. Segundo os cálculos da entidade, o número de portadores do vírus HIV chega a 12,9 milhões. A grande maioria dos portadores não sabe que está infectada.</p>	<p>Lair Guerra de Macedo, diretora da Divisão de AIDS do Ministério da Saúde.</p>	<p>Informação</p>
<p>Box: SP comemora dia de luta</p>	<p>Quase uma dezena de eventos marcam hoje o Dia Mundial de Luta conta a Aids em São Paulo. Os programas incluem shows no Masp e no Anhangabaú, debates, exposições e vídeos no Memorial da América Latina e no Sesc Pompéia, e ato ecumênico na Sé.</p>	<p>Reportagem Local</p>	<p>Informação</p>

1993

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Folhateen especial distribui preservativo	No Dia mundial de Luta contra a Aids, a edição especial do Folhateen distribui hoje camisinhas para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A Ilustrada traz a programação de eventos culturais em que artistas informam a população sobre a moléstia. São Paulo relata que, depois de quase um ano de silêncio, o Ministério da Saúde lança hoje uma campanha de prevenção. Serão dois filmes de televisão de 30 segundos.	Chamada de Capa de Jornal	Informação
Na luta pela solidariedade e direitos humanos	Amparada pela especulação da mídia, geralmente positiva quando bem-intencionada para o combate às doenças, ou algumas vezes emitindo falsos conceitos e, portanto ênfases, deslocados, no início da década de 80, quando surgiu a Aids, a reação da sociedade em todo mundo foi de incredulidade e ao mesmo tempo de um certo incômodo fascínio.	Caio Rosenthal médico infectologista do Hospital do Servidor Público Estadual, do Instituto de Infectologia Emilio Ribas e do Hospital Albert Einstein	Retirado por ser artigo de Opinião
Estamos perdendo a luta	É importante, quando se discute a doença Aids, que se entenda toda a extensão e profundidade do problema. De um lado, o paciente, seus parceiros e familiares, vivenciando suas perdas de identidade, de privacidade e de afetividade, muitas vezes desestruturados e desorganizados. Do outro lado, os profissionais da área da saúde, que se veem obrigados a lidar com seus próprios limites, conflitos e temores diante de uma doença incurável.	David Everson professor e doutor em doenças infecciosas e parasitárias do Hospital das Clínicas (HC). Diretor do Serviço de Saúde da Clínica de Doenças Infecciosas e parasitárias.	Retirado por ser artigo de Opinião

<p>Painel do Leitor</p>	<p>Luta contra a Aids. Hoje é celebrado o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Nós brasileiros temos que lutar com todas as armas disponíveis para vencer essa batalha. A principal delas, sem dúvida, é a informação. O Ministério da Saúde inicia hoje uma nova campanha contra a Aids, que visa informar os riscos da doença e inclui também a distribuição de preservativos.</p>	<p>Mario da Costa Cardoso Filho, Presidente da Associação Médica Brasileira José Knoplich, Presidente da Associação Paulista de Medicina</p>	<p>Retirado por ser artigo de Opinião</p>
<p>Saúde lança hoje campanha sobre a AIDS</p> <p><u>Subtítulo:</u> Dois filmes de TV voltados para os jovens vão lembrar a necessidade do uso da camisinha para evitar a doença</p>	<p>Depois de quase um ano de silêncio, o Ministério da Saúde lança hoje uma campanha de prevenção à Aids destinada aos jovens. Dois filmes de TV de 30 segundos vão lembrar que é preciso usar camisinha para se evitar o vírus.</p>	<p>Laír Guerra de Macedo, coordenadora do programa de Aids do Ministério.</p>	<p>Informação</p>
<p>Artistas se unem hoje no combate à AIDS</p> <p><u>Subtítulo:</u> Com 26 portadores do HIV no meio teatral paulistano, artistas se mobilizam no dia mundial contra a doença</p>	<p>Hoje, Dia Mundial de Luta contra a Aids, data criada em 1988 pela Organização Mundial da Saúde, artistas se reúnem em eventos culturais para informar a população sobre a doença. A classe teatral paulistana, através do Fact (Fundo de Assistência da Classe Teatral), sai hoje às ruas para vender broches com máscaras da tragédia e da comédia, uma atividade realizada há dois anos. O objetivo é arrecadar fundos para a assistência dos profissionais do teatro portadores do vírus HIV.</p>	<p>Jornalista Hélio Guimarães</p> <p>Músico Totô Brasil, ex-vocalista da banda Secos e Molhados</p>	<p>Solidariedade</p>

<p>MoMA faz 'dia sem arte'</p>	<p>O Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) realiza hoje, pelo quinto ano consecutivo, seu "day without art" (dia sem arte) como forma de pedir mais ação contra a Aids. As galerias do museu estarão fechadas, mas haverá uma palestra de Kitty Carlisle Hart, presidente do conselho de arte do Estado de Nova York, sobre as respostas criativas que a comunidade artística tem oferecido à crise gerada pela doença.</p>	<p>Fernanda Godoy, Jornalista</p>	<p>Retirado por se tratar de algo que não aconteceu no Brasil</p>
<p>Shows marcam data na Europa</p>	<p>O principal evento do dia mundial da Aids em Londres será um grande concerto de música pop no estádio de Wembley. Participam George Michael, Elton John e K.D Lang, entre outros. Além disso, está programada para hoje à tarde uma passeata pelas ruas da capital britânica. Os ingressos para o show estão esgotados há vários dias e a renda será destinada à luta contra a Aids.</p>	<p>Fernanda Scalzo, Jornalista</p>	<p>Retirado por se tratar de algo que não aconteceu no Brasil</p>
<p>Use camisinha! Bota o boné no João-Teimoso <u>Subtítulo:</u> Duas boas notícias: O PC tá preso e já tá aceitando cheque pré em casa de massagem! Rarará!</p>	<p>Bomba! Bomba! Hoje vou escrever a coluna em 15 minutos. Já estou treinando para a São Silvestre! Duas boas notícias para o fim do ano: O PC está preso e já estão aceitando cheque pré em casa de massagem! Verdade! Apesar da Aids, a vida sexual continua intensa. Já tem casa de massagem aceitando cheque pré. Goze hoje e pague daqui a 30 dias. Só que pagar por um orgasmo que você teve há mais de um mês é como fazer supermercado depois do almoço! Rarará!</p>	<p>Articulista José Simão</p>	<p>Descartado por ser artigo de opinião</p>
<p>Metade dos portadores do HIV usam drogas Subtítulo: Escritório Regional de saúde do Rio Preto já registrou 588 mortes provocadas</p>	<p>Falez Tarraf, 71, empresário - "A Associação Comercial de Rio Preto está participando da Campanha junto com a Secretaria de Saúde. Temos que conscientizar a população de que é preciso evitar a Aids. Acho que algumas vezes há necessidade de agredir, para chamar a atenção. Talvez haja necessidade desta linguagem para que a Aids não se propague, como vem acontecendo. É necessário pela preservação da raça humana."</p>	<p>Tânia Regina, coordenadora do programa de prevenção à Aids F.M – Nome fictício, personagem</p>	<p>Informação</p>

pela doença desde 1986			
Medo prejudica a mensagem	Atualmente, a população tem se deparado com vários tipos de campanhas que visam à prevenção da Aids. Tenho encontrado cartazes, outdoors e vídeos que explicitam a Aids de uma forma que mostra pacientes em estado terminal, assim como mensagens alarmistas que visam atingir diversas demandas.	Sandra Mara dos Santos, Jornalista	Alerta Informação
Hospital faz exames de graça	O Hospital de Base do Rio Preto realiza em média 567 exames de Aids por mês. A informação é da bióloga responsável pela Unidade Sorológica do HB, Márcia Vendramini, 28. Os laboratórios da cidade também fazem os exames para clientes particulares ou que tenham algum convênio de saúde.	Márcia Vendramini, Bióloga	Informação
Aids: Só depende de você	No mundo, a cada 24 horas, 5.000 pessoas se tornam portadoras do vírus da Aids. E você sabe que se compartilhar agulhas e seringas, se transar com vários parceiros, se transar sem camisinha, vai pegar Aids.	Propaganda do Centro Corsini sobre a conscientização à Aids	Descartado por ser anúncio

<p>Adolescentes agitam luta contra a AIDS</p> <p><u>Subtítulo:</u> Garotas ‘sexualmente corretas’ aprendem na escola como colocar o preservativo e ensinam os namorados</p>	<p>Hoje é o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Como comemoração, os tens mostram que já aprenderam a evitar a doença da maneira mais simples: usando camisinha. Saber como usar o preservativo tornou-se uma atitude obrigatória, principalmente entre as garotas.</p> <p>Hoje, a menina “sexualmente correta” não só traz a camisinha na bolsa como dispõe de paciência de professores em algumas salas de aula e ensina ao parceiro como coloca-la do jeito certo, em seu devido lugar.</p>	<p>Claudio Julio Tognolli, Jornalista</p> <p>Andréa Xini, Estudante</p> <p>Roberta Paula, Estudante</p> <p>Paulo Hermes, Estudante</p> <p>Rodrigo Pereira, Estudante</p> <p>Leandro Manoel de Lima, Estudante</p>	<p>Informação</p>
<p>Tudo sobre a doença</p>	<p>Verdades e mentiras sobre a AIDS, como se prevenir e o que evitar em ilustrações.</p>	<p>Ilustração da equipe do Folha de São Paulo</p>	<p>Informação</p>
<p>Esse é o momento para curtir sexo, camisinhas e rock n’roll</p>	<p>Você já tem muitas coisas com que se preocupar. Sua educação na escola, o trabalho, a educação de seus pais. Os problemas do país, a maldita inflação que acaba com sua mesada ou o salário, a MTV, shows de música, os papos cabeça que sempre pintam.</p> <p>Ficar, namorar e outros tantos verbos usados para tentar definir seus relacionamentos. Como se isso fosse possível!</p> <p>A violência das cidades que sempre chega bem perto de você. Seu corpo, as mudanças, suas expectativas e sonhos, seus sentimentos. As decisões sobre sua vida sexual. É mole?</p>	<p>Rosely Sayão, psicóloga e especialista no tratamento de adolescentes</p>	<p>Informação</p>

<p>O vírus que transmite a AIDS prefere parceiros mais jovens</p>	<p>O vírus da Aids gosta da juventude. Cerca de metade dos casos da doença ocorrem em jovens de até 25 anos. Mesmo nos países desenvolvidos, a Aids é a principal causa de morte entre homens de 15 a 40 anos e uma das principais causas entre mulheres da mesma faixa etária.</p>	<p>Dráuzio Varela, cardiologista e coordenador do CPT do objetivo e desenvolve trabalho de prevenção à AIDS</p>	<p>Descartado por ser Artigo de Opinião</p>
<p>No alternative <u>Subtítulo:</u> Esse é o disco que reúne bandas como o Nirvana e o Soul Asylum para arrecadar fundos de combate à AIDS</p>	<p>A Aids tem gerado bastante movimento na comunidade musical, especialmente depois da morte de Freddy Mercury. Hoje, Dia Mundial da Luta contra a Aids, George Michael, K D Lang e Mick Hucknall se apresentam no Wembley Arena, em Londres, em um show beneficente para as vítimas da Aids.</p>	<p>Marcel Plasse – Especial para a folha</p>	<p>Retirado por se tratar de algo que não aconteceu no Brasil</p>
<p>Sobre a AIDS... Retranças: Madona lembra de amigos em show Magic Johnson escreveu um livro Sociólogo Betinho tem várias histórias Soldado aidético processa o exército HQ's desmitificam contágio da doença A menina Sheila foi símbolo do combate</p>	<p>A cantora Madonna, em sua turnê mundial aparentemente se coloca como libertária “Transem, não importa como, nem com quem, o sexo do parceiro não é importante... Cuidem da Aids, mas transem”</p> <p>“O que você pode fazer para evitar a Aids” e a biografia “Minha Vida” são os livros do ex-jogador do time de basquete americano do Los Angeles Lakers, Magic Johnson, lançou este ano. Para evitar a Aids, Johnson fez um manual que traz uma grande lição “Você não pega Aids por causa do que você é, mas sim por causa do que você faz”</p> <p>O sociólogo Herbet de Souza, o Betinho, é hemofílico e contraiu o vírus da Aids por transfusão de sangue. Seus dois irmãos também são hemofílicos e morreram por causa da doença, também transmitida por sangue. Apesar disso, ele continua cheio de disposição. Hoje, lidera a campanha contra a fome e milita pelo fim dos preconceitos aos doentes de Aids.</p>	<p>Cantora Madonna O ex-jogador de basquete americano, Magic Johnson</p>	<p>Informação</p>

	<p>O soldado carioca P.P descobriu que tinha Aids em Junho de 1992. A partir daí, sua vida mudou. Ele diz que foi pressionado por oficiais a pedir baixa do quartel aonde estava. Hoje, ele move um processo para receber do Exército os soldos que ganharia se estivesse trabalhando como soldado até o fim da vida.</p> <p>“Aids: Que monstro é esse”, é um manual de prevenção à doença com história em quadrinhos que faz a metáfora de uma cidade como se fosse o corpo humano. A comparação é pertinente porque mostra os “amigos” e “inimigos” da cidade e seu sistema de defesa contra “invasores”. Mostra que os “ataques de monstros” podem ser evitados e por fim, esclarece as dúvidas mais frequentes sobre a doença</p> <p>A menina Sheila Caroline Cortopassi de Oliveira, 6, era portadora do HIV e virou símbolo da luta contra o preconceito aos portadores de Aids. Ela passou por uma via crúcis para achar uma escola que a aceitasse. Morreu no dia em que voltaria às aulas no Colégio São Luís. O “caso” Sheila deu início a uma discussão entre a Justiça, pais, educadores que estavam despreparados para uma situação de ter uma criança aidética nas escolas.</p>		
<p>Caderno circulou com camisinha em Março</p>	<p>Os leitores atentos a Folhateen já devem ter lembrando que não é a primeira vez que o caderno faz uma edição especial sobre prevenção de Aids. Nas vésperas do Carnaval desse ano, o “Teen” fez uma edição só sobre camisinha e trouxe pela primeira vez um preservativo de presente para os leitores.</p>	<p>Reportagem Folha de São Paulo</p>	<p>Informação</p>

<p>Ex-garoto de programa conta sua história</p> <p><u>Subtítulo:</u> Christian descobriu que tem AIDS há dois anos; hoje ele diz estar bem e com vontade de aproveitar a vida</p>	<p>Christian R, é um garoto bonito que gosta de blusas e camisetas de estampas de universidades americanas e prefere tênis de marca. Veste-se como um jovem de sua idade. Gosta de rock e filmes de aventuras. Os pontos em comum com sua geração param aí. Há dois anos Cristian sabe que é portador do vírus da Aids. Fez o exame anti-HIV quando descobriu manchas pelo corpo. É possível que tenha pego o vírus três ou quatro anos atrás, quando ainda era um menino e fazia “ponto” na avenida São Luiz, região central de São Paulo.</p>	<p>Jornalista Aureliano Biancarelli</p> <p>Ex-garoto de programa Christian R.</p>	<p>Informação</p>
<p>Box: ‘Você atrai o que pensa’</p>	<p>O auxiliar de escritório Roberto, 22, descobriu que tinha Aids em Maio do ano passado, quanto seu então namorado ficou doente. Sete meses depois, o namorado morreu. Roberto conta que já se sentia preparado e procurou não se desesperar. “Primeiro, cuidei dele. Depois fiz os exames.” Os testes que fez confirmaram que estava com o vírus. A doença ainda não se manifestou e ele acredita que isso vai demorar para acontecer. “Você atrai o que pensa, sei que vou ficar doente algum dia, mas prefiro imaginar que isso só acontecerá no ano de 2010”</p>	<p>Reportagem local – Folha de São Paulo</p> <p>O auxiliar de escritório Roberto</p>	<p>Informação</p>
<p>Camisinha na bolsa ou no bolso impõe respeito e dá segurança</p>	<p>Os tens admitem que veem com respeito a menina que não só anda com uma camisinha na bolsa, como que também sabe coloca-la “Não tenho vergonha de contar isso, minha namorada sabe usá-la e já me ensinou como colocar no lugar certo, pelo menos umas três vezes, diz o estudante Leandro Manoel de Lima, 19.</p>	<p>Estudante Leandro Manoel de Lima Estudante</p> <p>Daniel Gueorguieu Estudante</p> <p>Rodrigo Pereira Gonçalves Estudante Diana Mounssef</p> <p>Estudante José Carlos Rodrigues Araújo Filho</p>	<p>Informação</p>

Tô dentro	<p>Famosos falam sobre a camisinha. Felipe Folgosi, 20: "Não usar camisinha é como pular de paraquedas sem saber se ele vai abrir".</p> <p>Sérgio Brito, 33: "A camisinha previne a Aids, outras doenças e evita a gravidez. Eu uso."</p> <p>Nico Puig, 21: "Camisinha é um ato de higiene, como escovar os dentes. Uso e recomendo."</p> <p>Rodrigo Penna, 20: "Eu uso camisinha. Só paro de usar quando estou namorando firme."</p>	<p>Felipe Folgosi</p> <p>Sergio Brito</p> <p>Nico Puig</p> <p>Rodrigo Penna</p>	Descartado não se trata de matéria
<p>Campinas faz maratona contra a AIDS</p> <p><u>Subtítulo:</u> Serão distribuídos 3.000 preservativos como promoção do Dia Mundial de Combate a AIDS</p>	Um evento realizado pela prefeitura de Campinas para distribuir 3.000 preservativos e panfletos com informações sobre a AIDS. O evento inclui exposições, exibição de vídeos e shows com bandas da cidade	Presidente da "Esperança e vida", Roberto Geraldo da Silva	Informação Solidariedade de Esperança Prevenção
Alunos criam campanha	Criação e transmissão da campanha "Aids: Só depende de você", feita por alunos 11 de Publicidade e Propaganda da Puccamp na EPTV, retransmissora da rede Globo na região"	Freelancer para a Folha	Informação Solidariedade de Prevenção

Exame requer revista	Os pacientes que querem fazer gratuitamente um exame para detectar a presença do HIV, em Campinas, precisam passar por revistas. Ambulatórios e clínicas só atendem após essa consulta.	Reportagem Local Chefe do Ambulatório, Dulcélia Bueno de Figueiredo	Preconceito
----------------------	---	---	-------------

1994

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Sem chamada	Sem chamada	Sem chamada	
Ausência de luta e morte com dignidade	No Dia Internacional de Luta Contra a Aids, gostaríamos de poder comemorar alguma vitória ou então passar alguma mensagem otimista. Ocorre que no Brasil, este ano, não houve luta e portanto, não tivemos vitórias.	Caio Rosenthal, Articulista. Médico infectologista do Instituto de Infectologia Emilio Ribas do Hospital do Servidor Público Estadual e do Hospital Albert Einstein	Descartado por ser artigo de opinião
Saúde tenta descobrir número de infectados. <u>Subtítulo:</u> Ministério faz exames, sem o conhecimento das pessoas, para detectar portadores que não desenvolveram a doença	Até segunda feira passada, o Brasil tinha registrado 58.594 casos de Aids, mas ninguém conhece o número mais importante, que são quantas pessoas infectadas com o vírus da Aids ainda não sabem ou não manifestaram os sintomas no país. Um programa lançado pelo Ministério da Saúde, com o sugestivo nome de “Vigilância Sentinela” dá uma ideia. E mostra que há mais infectados com o HIV do que os números oficiais indicam.	Cláudio Csillag, Editor Assistente de Ciência Lair Guerra de Macedo, Coordenadora do Programa de combate a Aids do Ministério da Saúde Luiz Antônio Loures, Chefe do setor de epidemiologia da Aids	Informação Desalento
Doença pode deixar 5,5 mi de órfãos até 2000	Até o ano 2000, cerca de 5,5 mil crianças ficarão órfãs de pai ou mãe vítimas da Aids no mundo todo. Nos próximos cinco a dez anos, 2,7 milhões de crianças e 3 milhões de mulheres deverão morrer vítimas da doença. Hoje, a cada 24h, 6.000 pessoas são infectadas pelo HIV. Até o final do século, os soropositivos terão mais de 40 milhões. Destes, 10 milhões serão crianças.	Aureliano Biancarelli, Jornalista Marinella Della Negra, Organizadora do 2º Encontro Nacional sobre Aids Pediátrico	Informação Desalento

Saúde promete medicamentos	O fornecimento do DDI – medicamento usado para tratamento da Aids – deve estar sendo entregue ao estado em até 20 dias. A previsão é de Rosana del Bianco, 38, chefe da Unidade de Assistência à Saúde e Aids, do Ministério da Saúde. O DDI está em falta há cerca de um mês nas unidades de saúde de São Paulo.	Antonio Rocha Filho, Jornalista Rosana Del Bianco, Chefe da Unidade de Assistência à Saúde e Aids. Cármino Antônio de Souza, Secretário Estadual da saúde	Esperança
País é elogiado por combate ao vírus	O Brasil está sendo citado pelo Banco Mundial como exemplo de país bem sucedido na luta contra Aids, por tê-la definido como investimento com retorno de grande porte em curto prazo. O Banco financiou diversos projetos de combate à Aids no Brasil e considera os resultados até agora obtidos como excelentes.	Carlos Eduardo Lins da Silva, Jornalista	Informação
Encontro reúne 42 países em Paris	Chefes de governo e representantes de 42 países se reúnem hoje na capital francesa para discutir formas de combater a Aids. Os participantes assistirão uma declaração em que se comprometem a lutar contra o preconceito.	André Fontenelle, Jornalista Bernard Debré, Coordenador do Encontro	Informação
Lençóis contra a Aids	Membros de várias organizações governamentais e não-governamentais cobriram ontem com lençóis brancos o Momento às Bandeiras no Ibirapuera, pela passagem do Dia Mundial de Luta contra a Aids.	Sem crédito jornalístico	Comemoração
Aidético processa irmãos em SC	O projetista Guilherme da Silva ,36, está processando seus quatro irmãos para garantir seu direito de receber parte dos bens deixados pelos pais. Segundo Silva, eles o abandonaram quando os sintomas da Aids surgiram. “Todos foram coniventes com meu abandono”.	Agência Folha Guilherme da Silva, Soro + Noberto da Silva Filho, irmão de Guilherme	Preconceito

	No quarto 13 da ala cinco do Hospital Nereu Ramos, em Florianópolis, Guilherme diz que sente muito ter que recorrer à justiça.		
Faltam remédios para aidéticos na região	Os postos de atendimento aos pacientes de Aids e hospitais da região não recebem há dois meses o DDI 100mg, medicamento para o tratamento de adultos portadores do vírus da Aids.	Renata Segato Rosa, Farmacêutica Nilton Roberto Nascimento, Almojarife Ana Lúcia Spiassi, Coordenadora do COAS	Desesperança
Travestis fazem manifestação	Os travestis da Tulipa (Travestis Unidos na Luta Incessante e na Prevenção Contra à Aids), grupo de prevenção À Aids fazem manifestação no dia da luta contra a Aids a noite.	Adriana, presidente da Tulipa	Luta
Santo André é o 5º do Estado	No último boletim da Secretaria Estadual de Saúde sobre o avanço da Aids, Santo André aparece na quinta colocação com 656 casos notificados.	Sem créditos jornalísticos	Desesperança
Grupo faz campanha contra a Aids em Ribeirão	O GAPA de Ribeirão inicia hoje uma campanha no Dia Mundial da Luta contra a Aids com o objetivo de atingir 20 mil pessoas numa campanha de preservação, principalmente as mulheres.	Regina Helena Brito de Souza, Presidente do GAPA	Esperança Luta Comemoração
Campinas tem 912 casos de Aids registrados desde 82 pela prefeitura	O número de mortes entre os doentes de Aids cresceu de 36, em 1993, para 178, neste ano, de acordo com dados registrados de janeiro a outubro pelo serviço funerário da Setec (Serviços técnicos de Campinas).	Sílvia Bellucci, Coordenadora do Programa Municipal de DST	Informação

1995

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
12 milhões no país devem ter doença sexual	O Brasil deve registrar cerca de 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis em 95, estima a Organização Mundial da Saúde.	Chamada para a página 3-7	Preocupação Alerta
Dia Mundial da Aids: Direitos e Deveres	Dentre todas as doenças que acometeram a humanidade nestes últimos 5.000 anos, a Aids é a que mais vem ameaçando o mundo inteiro. Mesmo se comparada com a peste negra, que ceifou a vida de milhões de europeus nos fins da Idade Média, a Aids é ainda mais dramática: já se expandiu praticamente por todos os países do globo e, apesar dos progressos da medicina, o HIV continua indestrutível.	Luiz Mott, Articulista e Professor do Departamento de Antropologia da UFBA, presidente do Centro Baiano Anti-aids e membro da Comissão Nacional da Aids do Ministério da Saúde	Descartado por ser artigo de opinião
Estados Unidos aprovam novo medicamento para combater a Aids	A FDA, agência que regula alimentos e drogas nos EUA, aprovou uma nova droga para combater a Aids, trata-se do saquinavir.	Donna Shalala, Secretária de saúde e serviços humanos dos EUA	Descartado porque não aconteceu no Brasil
Aumenta o número de doenças sexuais. <u>Subtítulo:</u> Chances de uma pessoa pegar Aids	Cerca de 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis (DTS's) surgiram ou surgirão no Brasil ao longo desse	Aureliano Biancarelli, Jornalista	Alerta Preocupação

<p>é até 18 vezes maior quando ela tem uma doença sexualmente transmissível</p>	<p>ano. A estimativa é da Organização Mundial da Saúde (OMS).</p>	<p>Marcos Boulos, Infectologista da USP</p> <p>Maria Eugênia Lemos Fernandes, Infectologista e Diretora da Family Health International</p> <p>Artur Kalichman, Membro do Programa DST-Aids do Ministério da Saúde</p>	
<p>ONGs farão protesto no Masp</p>	<p>Dezenas de pessoas vão se deitar ao meio-dia de hoje em frente ao MASP, na Avenida Paulista, em sinal de protesto pelo Dia Mundial de Luta Contra a Aids.</p>	<p>Sem crédito jornalístico</p>	<p>Informação</p>
<p>Doença cresce entre mulheres</p>	<p>As mulheres entre 20 e 54 anos vítima de Aids já representam 16,37% de todas as mortes de mulheres no estado de São Paulo. Das 2.335 mulheres nessa idade que morreram em 1994, 830 foram vítimas da Aids.</p>	<p>Bernadete Waldvogel, Gerente de Indicadores e Estudos Populacionais</p>	<p>Informação Medo</p>
<p>Cartilha ajudará Soropositivos</p>	<p>Para o Dia Mundial de Combate a Aids, que é celebrado hoje, o Ministério da Saúde lançará uma complicação de todas as leis que envolvem o direito dos infectados pelo HIV.</p>	<p>Sem crédito jornalístico</p>	<p>Informação Esperança</p>
<p>Justiça proíbe Santos de distribuir seringas</p>	<p>A Polícia de Santos (SP) apreendeu na tarde de ontem os 500 kits enviados pelo governo do Estado para o programa de troca de seringas, que começaria hoje, em campanha de combate à Aids.</p>	<p>Marcus Fernandes, Jornalista</p> <p>Ministério da Saúde (Dados)</p>	<p>Preconceito</p>

		João Ferreira Dantas, Promotor	
Encontro vai debater doença	A faculdade de medicina da USP, os hospitais Emílio Ribas e das Clínicas, além da Federação de Obras Sociais promovem hoje um encontro para discutir a Aids e seus efeitos sobre a vida das pessoas.	Sem crédito jornalístico	Informação

1996

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Opinião da Folha	Leia os editoriais "Dólares para o Brasil" sobre a entrada de capital no país: "Coquetel e prevenção", acerca da Aids; e "O basco global", na indústria automobilística.	Chamada para a página 2 – Opinião Muito discreto	?
Coquetel e Prevenção	Desde o surgimento da Aids, o ano de 1996 pode ser considerado o mais otimista diante da possibilidade de se encontrar uma cura num futuro próximo ou uma vacina contra a doença. Isso é devido aos bons resultados conquistados pelo "coquetel de medicamentos", apresentado em julho na conferência mundial sobre a Aids.	É a palavra do jornal	Otimismo Esperança
'Macho' latino transmite vírus a mulheres	A cultura latino-americana que classifica o bissexual ativo como "macho" vem provocando um	Aureliano Biancarelli – Jornalista	Medo

	<p>crescimento rápido no número de mulheres infectadas pela Aids. Em outras regiões, como as do Caribe, Colômbia, aquele que faz sexo ativo com homossexuais é glorificado como "machote", o "mais macho que outros machos".</p>	<p>Roberto Cardenas Rojas, médico da seguridade social da Colômbia</p> <p>Carlos Perez Cortes, Infectologista da Universidade Católica do Chile</p> <p>Paulo Olzon Silva – Professor da USP</p> <p>Alexandre Granjeiro, Sociólogo do programa estadual da Aids</p>	
<i>Um mundo uma esperança</i>	<p>A cada minuto, seis novas pessoas estão sendo infectadas no mundo pelo vírus da Aids. 8.500 novos casos por dia. Mais de 3 milhões por ano. Os dados são da ONU: na virada do milênio serão mais de 24 milhões de portadores do HIV.</p>	<i>Luitz Mott</i>	<i>Descartado por ser artigo de opinião</i>
<i>Ney Matogrosso faz show pelo Dia da Aids</i>	<p><i>O show “Ney Matogrosso, um brasileiro que canta Chico Buarque” é o espetáculo programado para hoje, na noite de solidariedade que marca o Dia Mundial de Luta contra a Aids. O Show terá participação especial de Chico César. O presidente Fernando Henrique Cardoso foi convidado.</i></p>	<i>Redação</i>	<i>Comemoração Luta Informação</i>
Cariocas comemoram dia com caminhada	<p>Os cariocas vão comemorar o Dia Mundial de Luta Contra a Aids com uma caminhada. A manifestação vai começar</p>	Redação	Comemoração Luta Informação

	<p>às 11h, no Leme, e terminar em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro. Durante o evento, haverá distribuição de camisinhas, folhetos com dicas sobre prevenção da doença e laços vermelhos, símbolos mundiais da luta contra a Aids. Artistas, grupos de rock e rap participarão da caminhada, que é organizada por várias entidades.</p>		
<p>Cidade se mobiliza na Luta Contra Aids</p>	<p>No espírito de solidariedade do Dia Internacional da Luta contra a Aids, 1º de Dezembro, a cidade oferece, esta semana, vários eventos beneficentes.</p> <p>Hoje, no ginásio do Ibirapuera, o “show pela vida” reúne, entre outros, as duplas sertanejas Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo. A iniciativa é do fundo social de solidariedade do estado de São Paulo.</p>	<p>BMB FREE-LANCE PARA A FOLHA</p>	<p>Comemoração Luta Informação</p>

1997

Editoria	Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Primeiro Caderno	Não possui	Não tem chamada de Capa	Não tem chamada de capa sobre o assunto	
Opinião	A globalização da miséria	Não há registro, na história da medicina, de progressos tão rápidos como aqueles a que assistimos com a Aids desde o seu aparecimento. Em 1981, foram notificados nos EUA os primeiros casos, após a constatação de que naquele ano houvera um aumento de um tipo de pneumonia até então raríssima. Notou-se também que os casos iniciais ocorriam em homens que faziam sexo com homens.	Caio Rosenthal, Articulista e médico infectologista do Instituto Emilio Ribas e do Hospital do Servidor Público Estadual	Comemoração Luta Informação

Opinião	A Aids e as mulheres	Quando assumi a Secretaria de Estado da Saúde, há dez anos, tínhamos em São Paulo um caso de Aids em mulher para cada 50 homens com a doença. Hoje, há uma mulher para cada dois homens. Em nenhum outro estamento a incidência de Aids aumentou tanto.	José Aristodemo Pinotti, Articulista, Deputado Federal do PSB de São Paulo e Professor de Ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo	Comemoração Luta Informação
Cotidiano	Aids atingirá 40 milhões no ano 2000	Cerca de 40 milhões de pessoas estarão infectadas pelo HIV ou doente da Aids no ano 2000. O número equivale a ¼ da população brasileira. A cada minuto, uma pessoa é infectada no mundo. São 16 mil novos casos por dia ou 5,8 milhões de novas infecções ao longo deste ano. No balanço geral, são 30,6 milhões de pessoas vivendo com HIV ou Aids no mundo. Outras 11,7 milhões de pessoas já morreram da doença. Equivale dizer que uma cidade do tamanho de São Paulo foi inteiramente reduzida pela epidemia.	Aureliano Biancarelli – Jornalista Peter Piot, Diretor-executivo da Unaid Maria Eugênia Lemos Fernandes, Membro da Associação de Saúde da Família	Medo
Cotidiano	Órfãos chegarão a 16,5 mi em 2000	O mundo terá 16,5 milhões de órfãos da Aids no ano 2000. Hoje, estima-se que 8,2 milhões de crianças de até 14 anos tenham perdido o pai ou mãe por causa da doença. O abandono de crianças vítimas da epidemia é o tema do dia de combate à Aids.	Sem crédito jornalístico	Desesperança
Cotidiano	Epidemia é tema central da bienal de humor	Rir certamente não é o melhor remédio contra a Aids, mas pode ser uma excelente forma de prevenção. Os visitantes da Bienal Internacional de	Pedro Cime, Jornalista José Alberto Lovetro, Integrante da dupla de cartunistas Jal e Gual	Informação

		Humor, que abre hoje em São Paulo, vão ter a oportunidade de conferir essa tese.		
Cotidiano	Camisinha feminina 'estréia' hoje	A camisinha feminina entra em cena esta semana depois de um ano de ensaio e com a promessa de "maior autonomia" para as mulheres. O anúncio será feito hoje, em cerimônia organizada pela Associação Saúde da Família (ASF) em espaço nobre do Memorial da América Latina, em São Paulo.	Carlos Ferreiros, Diretor da DKT Maria Eugênia Lemos Fernandes, Médica da ASF	Informação Esperança

1998

Editoria	Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Primeiro Caderno	Não possui	Não tem chamada na Capa	Não tem chamada na capa	
Opinião	Aids em 1998: Progressos e retrocessos	Apesar da imensa quantidade de pesquisas induzidas pela existência do HIV e da Aids, não acontecem enormes novidades todos os anos. Os fatos hoje já não ocorrem na velocidade dos anos	Vicente Amato Neto, Articulista, Infectologista e professor titular do Departamento de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da USP.	Descartado por ser artigo de opinião

		anteriores; nem mesmo a enfermidade tem o destaque jornalístico anterior. Acostumamos com as desgraças, a propósito, a Aids não é exceção.	Jacyr Pasternak, Articulista, Infectologista e médico assistente da Divisão de Clínica e Moléstias infecciosas e parasitárias do Hospital das Clínicas da USP	
Folha Vale/Campinas/Ribeirão Saúde	Sem-vírus vive romance com vítima de Aids	Na primeira vez, foi difícil convencê-lo a usar camisinha. Na segunda, foi outra batalha. Na terceira, ela criou coragem e contou que tinha Aids. "Ele pegou na minha mão e ficou me olhando, como se me admirasse ainda mais. E assim começou uma paixão que durou por dois anos."	Aureliano Biancarelli, Jornalista. Nair Soares Brito, Pedagoga. Júlio Cesar Pacca, Diretor de Prevenção. José de Araújo, soropositivo	Informação Esperança
Folha Vale/Campinas/Ribeirão Saúde	Contaminada leva vida normal a dois	Valéria contou ao namorado que tinha Aids quando viajava pela Nova Zelândia, em Fevereiro. "Eu estava mochilando, ele também, a coisa foi indo, ficamos amigos, depois namorados. Ele sempre me tratou como uma pessoa igualzinha às outras."	Valéria Polizzi, Autora e personagem. Markus Grunbock, namorado de Valéria, personagem. Nair Brito, Coordenadora da rede paulista de mulheres com HIV e Aids. Ana Maria, personagem soropositiva	Informação Esperança
Folha Vale/Campinas/Ribeirão Saúde	Campanha na região vai ser explicativa	A prefeitura de Campinas deve distribuir no Dia Mundial da Luta contra a Aids, 30 mil camisinhas e 250 mil folhetos explicativos nos postos de saúde, praças e terminais de ônibus da cidade, o intuito é	George Julen Burlandy, Secretário de Saúde	Informação Esperança

		conscientizar as pessoas sobre a doença.		
--	--	--	--	--

1999

Editoria	Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Primeiro Caderno	Erro médico mata mais que a Aids nos EUA	Os erros médicos causam de 44 mil a 98 mil mortes nos EUA por ano. O índice supera o verificado em acidentes de carro.		Descaso
Opinião	Ética e Mídia	Ao contrário do que deveria ocorrer com malária, esquistossomose, cólera, dengue, etc.etc, a Aids não pode acabar por decretos. Exterminar mosquitos, sanear o ambiente e fornecer água potável, por exemplo, bastariam para fazer aquelas doenças desaparecerem. Se isso até hoje não aconteceu é por absoluta sem-vergonhice e incompetência das autoridades públicas.	Caio Rosenthal, Articulista, Médico infectologista do instituto de infectologia Emilio Ribas e conselheiro do Conselho Regional de Medicina de São Paulo	Descartado por ser artigo de opinião
Opinião	Especulações sobre a evolução da epidemia	Os últimos anos foram prodígios em drogas eficientes contra o vírus HIV, e é correto dizer, com toda a segurança, que a doença causada por ele pode ser postergada, talvez para muito longe. Muitos pacientes não sabem	Vicente Amato Neto, Articulista, Médico Infectologista e professor da faculdade de medicina da USP Jacyr Pasternak, Articulista, Médico	Descartado por ser artigo de opinião

		quantos, terão possibilidade de evitá-la, desde que tomem a medicação de maneira adequada todo o tempo. Esse detalhe é crucial.	Infectologista e doutor em medicina pela Unicamp	
Mundo	Erro médico mata mais que acidente	Erros médicos matam entre 44 mil e 98 mil pessoas nos EUA, todo ano, mais do que acidentes de carro, Aids ou câncer no seio.	Marcio Aith, Correspondente Donald Berwick, Médico	Informação
Campinas	Casos notificados de Aids caem 58%	O número de casos de Aids notificados em Campinas caiu 58,3% de janeiro a novembro deste ano. São 97 casos da doença em 11 meses neste ano, contra 254 registrados durante todo o ano passado.	Ana Paula Scinocca, Free-Lancer para a Folha Saulo Augusto Pereira Filho, Representante Estadual da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids Eliana Hebling, Psicóloga e Coordenadora do Núcleo de Educação do Centro Corsini de Campinas	Informação Esperança
Campinas	Portador diz que faltam remédios	O representante da RNP+, Saulo Augusto Pereira Filho, 40, afirmou ontem que há falta de kits para CD4 (que verifica o sistema imunológico) e remédios que combatem doença oportunistas (neurotoxoplasmose) na cidade.	Ana Paula Scinocca, Free-Lancer para a Folha Saulo Augusto Pereira Filho, Representante da RNP+ Josué Lima, Coordenador municipal do	Preconceito Medo Desesperança

			programa DST-Aids	
Ribeirão	Mortes em decorrência da Aids tem queda de 85% desde 94 na região	A mortalidade de doentes de Aids caiu 85,14% entre 94 e os dez primeiros meses deste ano na região de Ribeirão, que engloba 25 cidades e uma população de mais de um milhão de habitantes.	Joseli Mendonça Pintiá, Responsável pelo programa de Aids da DIR Valdir Fernandes, Secretário do GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção a Aids)	Esperança Informação
Ribeirão	“Está faltando remédio”, afirma o GAPA	A Prefeitura de Ribeirão Preto não está distribuindo regularmente medicamentos utilizados no tratamento de infecções oportunistas, que afetam doentes de Aids, segundo o secretário do Gapa, Valdir Fernandes.	Valdir Fernandes, Secretário do GAPA (Grupo de Apoio à prevenção à Aids)	Medo Desesperança
Ribeirão	Auxiliar diz ter perdido 20 amigos	O auxiliar aposentado Ademir (nome fictício), 33, morador do Bairro Quintino 2, disse acreditar que foi infectado pelo vírus em 89 devido ao uso de drogas injetáveis, que é responsável pela contaminação de 70% dos casos.	Ademir (Nome fictício) Auxiliar	Medo Desesperança Solidão
Ribeirão	30% das gestantes tem AZT	Apenas 30% das gestantes com o vírus HIV recebem AZT durante o parto no Estado de São Paulo, segundo o Programa Estadual de DST/Aids.	Ana Maria Aratanga, Responsável do setor de prevenção	Medo Desesperança

Campinas	Cidades tem eventos na região	As cidades da região também realizam eventos hoje, Dia Mundial da Luta contra a Aids.	Ana Paula Scinocca, Free-Lancer para a Folha	Informação Esperança
Campinas	Aids avança entre moradores de rua <u>Subtítulo:</u> Indigentes não são alcançados por campanhas; 15% dos 30 mil moradores de rua podem estar com o HIV	Cerca de 30 mil de indigentes sem casa nem família, perambulam pelas ruas de São Paulo. Estima-se que 15% dessa população estejam com HIV ou Aids. É uma porcentagem tão alta quanto a de certos presídios, como a Casa de Detenção.	Aureliano Biancarelli, Jornalista Naveen Maniakompel, Padre e coordenador da Ong Fraternidade Povo da rua Caio Rosenthal, Infectologista Maria Inês Nemes, Médica	Medo Desesperança
Campinas	Número de mortes cai em São Paulo	O número de pessoas que morreu em decorrência da Aids caiu 44,7% desde 1995 no Estado de São Paulo. Os números foram divulgados pela Fundação Seade, levando em conta uma projeção realizada para todo o ano de 1999 com base nos registros de óbito recebidos pela fundação até Julho desse ano.	Naila Santos, Diretora da Vigilância Epidemiológica da Aids	Informação Esperança
Campinas	Doença vira defesa contra a violência das ruas <u>Subtítulo:</u> “Se te ameaçarem, você puxa a faca e grita que tem Aids”	O violento universo da rua ainda é pouco conhecido nos organismos voltados para Aids e saúde. Relatos de ex-moradores mostram que o risco da doença fica pequeno	Ana Paula Scinocca, Free-Lancer para a Folha Jean R, ex-auxiliar de enfermagem	Medo Preconceito

		diante das ameaças do cotidiano. Muitas vezes, o fato de ser portador vira uma forma de defesa.		
--	--	---	--	--

2000

Editoria	Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Primeiro caderno	Luta contra a Aids	Leia "Luta contra a Aids", sobre avanços terapêuticos; "Pato manco", acerca do final da gestão Pitta; e "México, urgente", sobre a posse do novo presidente.	Chamada para a leitura da editoria de opinião, página 2	Luta Esperança
Opinião Editorial Fala do jornal	Luta Contra a Aids	Hoje é o dia mundial da luta contra a Aids. O mundo certamente tem algo a comemorar, pelo menos na comparação com os anos que se seguiram à identificação da epidemia, em 1981. Naquela época, o curso da moléstia era rápido e inexorável. Poucos pacientes sobreviviam mais que cinco anos. Hoje, graças aos coquetéis antivirais, a doença tornou-se mais controlável, embora permaneça incurável. A	Editorial Fala do jornal	Informação

		qualidade de vida das pessoas acometidas melhorou muito		
Opinião	Sobre direitos e deveres	Todo dia 1º de dezembro, uma rede mundial de solidariedade junta esforços para lembrar a luta sem tréguas contra a epidemia de Aids que afetou a vida de toda a humanidade. É dia de comemorar as conquistas, lamentar as perdas e renovar as esperanças.	Caio Rosenthal, Articulista. Médico Infectologista e conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Mario Scheffer, Articulista. Ativista na luta contra a Aids e membro do Conselho Regional de Saúde	Descarta do por ser artigo de opinião
Opinião	Amanhã, como vai ser?	Com o risco de deixar pública e com notória a nossa propectividade, percebemos durante a vida profissional uma completa mudança nos aspectos clínicos da Aids. Quando começou a epidemia, nos anos 80, a doença, clinicamente declarada, cursava rápida evolução. Uma infecção oportunista seguia-se a outra, no entremeio surgindo tumores, e o tempo total de duração da enfermidade, entre o diagnóstico e o final, raramente ultrapassava cinco anos.	Vicente Amaro Neto, Articulista. Médico Infectologista e professor na Faculdade de Medicina da USP Jacyr Pasternak, Articulista. Médico Infectologista e doutor em medicina pela Unicamp	Descarta do por ser artigo de opinião
Cotidiano	Verba para combater a Aids não terá corte <u>Subtítulo:</u> Ministério deve receber R\$101 milhões nos próximos dias para desenvolver campanha voltada a homens heterossexuais	O coordenador nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, Paulo Roberto Teixeira, anunciou ontem que não será mais realizado o corte no orçamento que estava previsto para o programa de Aids do ministério.	Paulo Roberto Teixeira, Coordenador Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde José Serra, Ministro da Saúde	Informação Esperança

Cotidiano	Pacientes querem novos remédios	Doentes de Aids que não respondem mais aos medicamentos disponíveis na rede pública estão entrando na Justiça para garantir o acesso a novas drogas.	Aureliano Biancarelli, Jornalista – Enviado especial Adauto Castelo, Professor da Universidade Federal de São Paulo	Informação Desesperança
<i>Ilustrada Destaques da TV paga notinha</i>	<i>Programa do GNT aborda a Aids na África</i>	Hoje, Dia Mundial contra a Aids, o GNT reapresenta, às 21h, o documentário "Morte por negligência". Produzido pela equipe do jornalístico "60 Minutes", da CBS, o programa traz o repórter Ed Bradley mostrando como a epidemia está se alastrando pela África, seu surto e as consequências para o resto do mundo.	<i>Sem créditos jornalísticos</i>	
<i>Ilustrada TV</i>	<i>MTV tem programação especial hoje dedicada à luta contra a Aids</i>	<i>A MTV dedica a programação de hoje, a partir das 15h, ao Dia Internacional de Combate à Aids. A novidade do quarto ano consecutivo em que o canal se volta ao tema é um quiz informativo comandado pelo médico Jairo Bouer, apresentado do "MTV erótica" e colunista da Folha.</i>	<i>Zico Goés, diretor da programação MTV</i>	Informação Esperança

2001

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<p>Rio Claro é a 10ª cidade em Aids no país</p> <p><u>Subtítulo:</u> Município tem 47,3 infectados para um grupo de 100 mil de habitantes; outras 6 localidades da região estão entre as cem</p>	<p>Rio claro passou a ser a 10ª cidade em número de casos de Aids do país. Para cada grupo de 100 mil habitantes, 47,3 desses manifestaram a doença. Esse índice era de 38,4 pessoas em 1998, o que colocava o município em 41º lugar no ranking.</p>	<p>Ana Paula Margarido, Jornalista Maria Cristina Hilário, Coordenadora do programa DST/Aids</p>	<p>Informação Medo</p>

<p>Contaminação por Aids segue em queda</p> <p><u>Subtítulo:</u> Entre mulheres, no entanto, cresce o número de infectados pelo vírus HIV; hoje elas são 1/3 dos casos notificados</p>	<p>Os programas de prevenção à Aids no Brasil conseguiram reduzir a incidência da doença de 12,2 casos por 100 mil habitantes para 9 por 100 mil entre 1999 e o ano passado, mas, por outro lado, o Ministério da Saúde está preocupado com o fenômeno da "feminilização" da epidemia.</p>	<p>Leila Suwvan, Jornalista</p> <p>Paulo Teixeira, Coordenador de DST/Aids</p>	<p>Informação Esperança</p>
<p>Vírus espalha-se na Europa Oriental</p>	<p>Segundo dados divulgados pela Unaid (programa da Onu de combate à Aids) e pela OMS, o número de pessoas infectadas pelo HIV hoje, é cerca de 40 milhões. O vírus espalha-se na Europa Oriental como em nenhum outro lugar no mundo. Um exemplo é a Rússia, que deve ultrapassar mais de 75 mil novos casos até o final desse ano</p>	<p>Sem créditos jornalísticos</p>	<p>Descartado por não se tratar de dados Brasileiros e nem do Brasil</p>
<p>Paulistano ignora atos pelos mortos da Aids</p> <p><u>Subtítulo:</u> ONG's estendem no vale do Anhangabaú faixas e colchas de retalhos em memória das 150 mil vítimas fatais da doença no Brasil</p>	<p>Dezenas de faixas, centenas de balões e uma colorida colcha de retalhos com cem metros quadrados aberta no vale do Anhangabaú sob o viaduto do Chá em memória das 150 mil pessoas que já morreram de Aids no Brasil não foram capazes de despertar a atenção dos paulistanos.</p>	<p>Ricardo Kotscho, Jornalista</p> <p>Beloqui, Professor da USP</p> <p>Rubens Oliveira Duda, Presidente do Fórum de ONGs/Aids de SP</p> <p>Áurea Celeste da Silva Abbade, Advogada e ajudante na fundação da GAPA</p>	<p>Informação Luto Luta</p>
<p>SP registrou quase a metade dos casos do país</p>	<p>O Estado de São Paulo registrou quase metade dos casos de Aids já notificados no país, com 101.435 dos quase 216 mil registros acumulados desde 1980.</p>	<p>Sucursal de Brasília</p>	<p>Medo Incerteza</p>
<p>Informação é sempre o melhor</p>	<p>Informação é sempre o melhor tratamento. Folha Explica A Aids.</p>		<p>Descartado por não se</p>

tratamento. Folha explica a Aids.			tratar de matéria
-----------------------------------	--	--	-------------------

2002

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Sem chamada de capa	Sem chamada de capa	
Novo governo “herda” dívida da Aids <u>Subtítulo</u> : O médico Paulo Roberto Teixeira	A política de Aids no futuro governo petista terá duas grandes dívidas sociais para saldar, entre outras pendências: aumentar o acesso ao tratamento por parte das	Aureliano Biancarelli, Jornalista	Desesperança Preconceito

diz que o tratamento de gestantes e de presidiários ainda estão pendentes	gestantes com HIV ou Aids e oferecer aos presidiários infectados o mesmo tratamento que recebem os doentes comuns.	Paulo Roberto Teixeira, Dermatologista e Sanitarista	
Tese aborda católicas infectadas	Todas elas se casaram na igreja e ouviram do padre a pregação de que deveriam ser devotadas a seus maridos e que eles cuidariam delas e seriam igualmente fiéis.	Yury Puello Orozco, Teóloga, Pesquisadora e Doutora	Preconceito
Aids e Hepatite C	O programa brasileiro para tratamento de pacientes com Aids é um dos melhores do mundo. É reconhecido e testado como eficaz.	David Everson Uip, Articulista, Professor da USP, da faculdade de Medicina do ABC e diretor da casa de Aids	Esperança Luta
Especialistas em Aids criticam a programação <u>Subtítulo:</u> Para eles, as emissoras estimulam a sexualidade sem alertar para os riscos de contaminação, principalmente entre os jovens	Apesar das programações especiais em datas como o Dia Internacional de Combate à Aids, celebrado hoje, especialistas acham que as emissoras brasileiras ainda não possuem uma política responsável de prevenção à doença. De acordo com eles, a maioria dos canais estimula a sexualidade sem o cuidado de alertar os riscos da contaminação pelo vírus HIV.	Marcelo Bortoloti, Jornalista Antônio Carlos Egypto, Coordenador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual Alexandre Grangeiro, Membro do Conselho Nacional de DST e Aids Fernando Falabella, Psicólogo	Informação Alerta
ABERT incentiva campanhas	De acordo com a Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão), cada canal de TV tem sua tabela de horários e preços para as inserções comerciais.	Marcelo Bortoloti, Jornalista	Informação Esperança
Canais pagos exibem especiais sobre o tema	A TV paga leva ao ar hoje filmes, documentários, entrevistas e especiais que tem como tema a Aids.	Sem créditos jornalísticos	Informação Esperança

Neste ano, a FSP lançou um tipo de cartilha Folha Explica a AIDS que foi anunciado nesta data, mas, não voltamos a vê-lo.

2003

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Obstáculos na luta contra a Aids	As dificuldades para combater a epidemia e a infecção pelo HIV, podem ser englobadas em três grupos: Biológicas, que dependem dos mecanismos que envolvem a infecção e a relação do vírus com o sistema imunológico do indivíduo que ele ataca. Econômica, em que a infecção se espalha com facilidade por países mais pobres onde o sistema de saúde é precário e a Socióloga, No qual o estigma da Aids e o preconceito são comuns na África, no entanto, perduram entre todos em outras eventualidades.	Vicente Amato Neto, Articulista, Médico infectologista e professor na faculdade de medicina da USP Jacyr Pasternek, Articulista, médico infectologista e doutor em medicina pela unicamp	Descartado por ser artigo de opinião
No Dia Mundial da Luta contra a Aids, OMS e Unids	A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Unids (Programa das Nações Unidas para a Aids) anunciam hoje, Dia Mundial de	Jong-Wook Lee, Diretor-Geral da OMS	Informação Esperança

<p>lançam nova campanha <u>Subtítulo:</u> Meta é tratar 3 milhões de portadores do vírus 2005</p>	<p>Luta contra a Aids, o lançamento de uma campanha para simplificar a distribuição dos remédios e melhorar a eficácia do tratamento da doença. A meta é fornecer tratamento a 3 milhões de portadores do vírus HIV até 2005.</p>	<p>Kofi Annan, Secretário-geral da ONU</p>	
<p>Soropositivo “malha” contra danos do HIV <u>Subtítulo:</u> Em academias, pacientes usam exercícios para reverter deslocamentos da gordura e recuperar antiga forma do corpo</p>	<p>Antes, os pacientes de Aids queriam viver. Agora querem mais: estão se organizando e "malhando" para recuperar os corpos que tinham antes da doença. Hoje, nas manifestações que marcam o Dia Mundial de Luta contra a Aids, milhares deles estarão exibindo as formas e a energia que costumavam mostrar antes de caírem vítimas da doença.</p>	<p>Aureliano Biancarelli, Jornalista José Valdez Ramalho, Infectologista Fausto, Soropositivo e fisioterapeuta Hugo Hagstrom, técnico em contabilidade Valdez Madruga, pesquisador Maria Stagni, Fonoaudióloga</p>	<p>Informação Esperança</p>
<p>Dia Mundial põe dedo na ferida da Aids</p>	<p>O modelo programa brasileiro de combate à Aids e a estabilização da doença no país por vezes disfarçam o horror destrutivo causado pelo HIV no mundo. O documentário "Aids: A Assassina Global", que o GNT exibe hoje, às 23h30, cumpre o papel de lembrar aos esquecidos o tamanho do problema. E o faz com a potência de um soco no estômago.</p>	<p>Fábio Victor, Jornalista</p>	<p>Informação Esperança</p>
<p>Dia Mundial da Luta contra a Aids</p>	<p>Há algum tempo o dia 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta Contra a Aids, não caía em uma segunda-feira, dia de Folhateen. Para aproveitar a ocasião, vou deixar de responder a um e-mail para falar das novidades que cercam a doença porque você é</p>	<p>Jairo Bouer, Colunista</p>	<p>Informação Conscientização</p>

	uma pessoa que pode interferir no rumo desse história.		
Aids cresce no mundo de forma preocupante	Se no Brasil os números apontam uma estabilização no crescimento da Aids, os dados divulgados pela Unaid (agência da ONU para combate à epidemia) são muito preocupantes. Tanto o número de infectados quanto o de mortos pela Aids bateram recordes nesse ano	Jairo Bouer, Colunista	Informação Conscientização

- modelo brasileiro de prevenção a AIDS é modelo – ano importante

2004

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Aids: Um alerta aos novos prefeitos	Passados mais de 20 anos desde a descoberta do HIV, já existem no Brasil quase 4.000 municípios com registros de casos de Aids. Os prefeitos eleitos precisam assumir que a epidemia ainda é um grave problema de saúde pública, que não está restrita aos grandes centros e não pode ser combatida só no âmbito das políticas nacionais. Os governantes locais, assim como a sociedade em geral, parecem se importar cada vez menos com uma doença que antes, sem tratamento e letal, mobilizava tantos esforços. A banalização e o comodismo são também alimentados	Caio Rosenthal, Articulista, médico infectologista do Hospital do Servidor Público Estadual e do Instituto de Infectologia Emilio Ribas. Membro do conselho regional de Medicina de São Paulo Mário Scheffer, Articulista, Comunicador Social e Sanitarista. É mestrando no Departamento de Medicina Preventiva da	

	pelo paternalismo centralizador do Ministério da Saúde e pela questionável ideia de que a Aids está sobre controle.	faculdade de medicina da USP e membro do Conselho Nacional da Saúde	
Aids continua fora de controle, diz governo	A epidemia de Aids no Brasil cresce de forma "preocupante" entre mulheres, negros, pobres e pouco instruídos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, informa o Ministério da Saúde.	Iuri Dantas, Jornalista	Informação Medo

2005

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
A inadiável quebra de patentes	Hoje, no Dia Mundial de Combate à Aids, terá início na Justiça Federal, em Brasília, uma ação civil pública contra a União, movida pelo Ministério Público Federal e diversas organizações não-governamentais: Conectas Direitos Humanos, Abia (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids), Grupo Pela Vida/SP, Idec	<i>Caio Rosenthal, Articulista, médico infectologista do Hospital do Servidor Público Estadual e do Instituto de Infectologia Emilio Ribas. Membro do conselho regional de Medicina de São Paulo</i> <i>Mário Scheffer, Articulista, Comunicador Social e Sanitarista. É mestrando no Departamento de Medicina Preventiva da faculdade de</i>	

	(Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), entre outras.	<i>medicina da USP e membro do Conselho Nacional da Saúde</i>	
<i>Aids: 25 anos</i>	Não é propriamente algo que se comemore, mas há 25 anos, um clínico em Los Angeles (EUA) percebeu que estava na presença de uma nova doença. Quase imediatamente, outros médicos em Nova York (EUA) confirmaram que se tratava de algo não descrito ainda. A partir daí, foi sendo claramente delineado o que conhecemos hoje como infecção pelo vírus HIV - na verdade, dois vírus (HIV 1 e HIV 2), - da imunodeficiência humana, que, na fase mais adiantada, leva à Aids.	<i>Vicente Amato Neto, Articulista, médico infectologista e professor emérito na faculdade de medicina da USP</i> <i>Jacyr Pasternak, Articulista e médico infectologista, doutor em medicina pela Unicamp</i>	<i>Descartado por se tratar de Opinião</i>
Aids aumenta no norte e no nordeste <u>Subtítulo:</u> Incidência do vírus se tornou estável em 2004, comparado ao final dos anos 90	A incidência de casos de Aids no Brasil se manteve estável no ano passado em comparação com o final da década de 90, chegando a perder força entre os jovens, usuários de drogas injetáveis e crianças abaixo de cinco anos. Na contramão, porém, estão as taxas das regiões Norte e Nordeste e das populações negra e parda - todas com tendência de alta.	Luciana Constantino, Jornalista Pedro Chequer, Coordenador do Programa Nacional de Aids	Medo Informação Preconceito
Ministro volta a defender droga patenteada	O ministro Saraiva Felipe (Saúde) voltou a defender a decisão de não quebrar a patente do medicamento Kaletra, para pacientes com Aids, após saber que o Ministério Público Federal e seis ONGs pretendem entrar hoje com ação na Justiça para tentar obrigar o	Saraiva Felipe, Ministro da Saúde	Esperança

	governo federal a adotar a medida.		
<p>Luta contra a Aids questiona racismo</p> <p>Subtítulo: De acordo com o relatório da ONU, o número de pessoas infectadas pelo HIV é de 40,3 milhões ; só em 2005, pelo menos 5 milhões contraíram o vírus</p>	<p>Hoje é o Dia Mundial da Luta contra a Aids. E, mesmo após duas décadas de convivência com a doença, os índices de contaminação ainda crescem em muitos países.</p>	<p>Coluna Poucas e Boas (sem o crédito do colunista)</p>	<p>Denúncia</p>
<p>Documentários escancaram a dor da Aids</p> <p>Chamada para documentário do GNT</p>	<p>Entre contar a verdade sobre a epidemia de Aids na África, o que geraria uma história sobre exploração, governantes irresponsáveis e ganância ou culpar vítimas, o jornalista negro Sorious Samura decidiu pela segunda opção. No documentário 'living with aids', Samura chega ao cúmulo de fazer um discurso sobre vergonha a um jovem doente e pouco instruído que lhe diz que não usa camisinha com as companheiras eventuais.</p>	<p><i>Fabiane Leite, Jornalista</i></p> <p><i>Sorios Samura, Jornalista</i></p>	<p><i>Não acontece no Brasil</i></p>

Quebra de patente dos remédios contra a AIDS

2006

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Brasil não contém transmissão do HIV e da sífilis da mãe para o bebê <u>Subtítulo</u> : Ministério da saúde lança mobilização	O governo federal lança hoje, Dia Mundial de Luta Contra a Aids, mobilização nacional para reduzir casos de transmissão do HIV e	Fabiane Leite, Jornalista Mariângela Simão, Diretora do Programa Nacional de Doenças	Medo

no Dia Mundial da Luta contra a Aids	sífilis das mães para os bebês, a transmissão vertical.	Sexuais Transmissíveis e Aids	
--------------------------------------	---	-------------------------------	--

2007

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Cem escolas terão máquina de camisinha <u>Subtítulo:</u> Governo federal instalará equipamento em colégios do ensino médio em 2008, mas não definiu se preservativo será gratuito	O governo federal vai colocar máquinas de distribuição de camisinha em cerca de cem escolas de ensino médio da rede pública no ano que vem.	Angela Pinho, Jornalista Mariângela Simão, Coordenadora do Programa Nacional de DST e Aids Jaqueline Moll, Integrante do MEC	Esperança

2008

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Dados sobre a Aids mostram que garotas se contaminam mais	Dados sobre a Aids mostram que garotas se contaminam mais.	Chamada para a editoria “Folhateen”, página 2	Atenção Medo Preocupação
25% dos pacientes com HIV está com peso acima do ideal <u>Subtítulo:</u> Dentre os 540 pacientes avaliados, só 6% estavam abaixo do peso, segundo dados preliminares de pesquisa da USP	Dados preliminares de uma pesquisa com 540 pacientes em HIV atendidos em nove Centros de Referência e Treinamento DST/Aids da cidade de São Paulo mostram que 25% deles estão com sobrepeso e 7,5% são obesos.	Julianne Silveira, Jornalista Ana Clara Duran, Nutricionista Jean Gorinchteyn, Infectologista Luísa Helena Maia, Pesquisadora	Informação Atenção
Soropositivo deve buscar atividade física assim que começar a tomar a medicação	A prática de atividade física auxilia na diminuição do sobrepeso e taxas de colesterol e triglicérides. É o que atesta o auxiliar-administrativo Elias Fernando Ribeiro, 39.	Julianne Silveira, Jornalista Elias Fernando Ribeiro, Auxiliar Administrativo Valdez Madruga, Infectologista	Informação Esperança
<i>Propaganda</i>	Existe um mal que não tem cor, não tem idade e nem sexo. Que está presente em nosso dia-a-dia e no daqueles que amamos. Que	<i>Propaganda do banco do brasil sobre a conscientização a respeito do vírus</i>	<i>Descartado por ser propaganda</i>

	<p>pode passar despercebido e contaminar inúmeras pessoas, podendo afetar a qualidade de vida de muitas outras.</p> <p>Se você pensou em Aids, mude os seus conceitos. Porque é de preconceito que estamos falando.</p>	<i>HIV, no Dia Mundial da Luta contra a Aids</i>	
Especiais marcam dia da luta contra a Aids	<p>Instituído em 1987 pela Organização Mundial de Saúde para disseminar os métodos de prevenção à doença e a solidariedade com os portadores do vírus HIV, o Dia Mundial da Luta contra a Aids, celebrado hoje, inspira uma semana de programação especial na TV.</p>	Sem créditos jornalísticos	Esperança
Aliança contra a Aids	<p>Hoje se comemora o Dia Mundial da Luta Contra a Aids. Nesta data, ações são desencadeadas em todo o mundo para lembrar e alertar a população sobre os riscos da epidemia. E nossa coluna, que trata basicamente de saúde e sexualidade, não poderia ficar de fora dessa iniciativa.</p>	<i>Jairo Bouer, Colunista</i>	<i>Descartado por ser artigo</i>

2009

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
A face oculta da Aids	Mais de uma década depois da chegada dos medicamentos que compõem um tratamento eficaz, a infecção pelo HIV ganha novos contornos e a determinação em prolongar a vida a todo custo convive com situações que começam a preocupar pacientes e médicos. Com mais de 30 drogas potentes disponíveis no mundo para combater o HIV, grande parte das pessoas conseguem manter o vírus indetectáveis na corrente sanguínea. As gravíssimas doenças oportunistas tornaram-se raras, e a mortalidade foi estabilizada em 30 casos de óbito por dia no Brasil.	Caio Rosenthal, Médico infectologista e membro do conselho regional de Medicina do Estado de São Paulo Mário Scheffer, Comunicador Social e sanitarista . Pós-doutorando do Departamento de Medicina Preventiva da faculdade de Medicina da USP	
Do começo à cura?	Vamos começar pelo início: a infecção pelo HIV é uma doença realmente nova na espécie humana, por passagem de vírus de duas espécies de antropoides próximos à nossa linhagem, chimpanzés e gorilas, com mais outra passagem (o HIV-2) de macacos verdes africanos. Isso ocorreu no começo do século 20, e a enfermidade	Vicente Amato Neto, Médico especialista em clínica de doenças infecciosas e parasitárias. É professor emérito na Faculdade de Medicina da USP Jacyr Pasternak, Médico especialista em clínica de doenças infecciosas e	

	provavelmente existe desde 1930, mas só foi reconhecida em 1980.	parasitárias , é doutor em medicina pela Unicamp	
Morte por Aids sobe em São Paulo após 13 anos de queda <u>Subtítulo:</u> Diagnóstico tardio é responsável por metade dos óbitos; ocorrem cerca de 3.300 mortes por anos	Balanço da Secretária Estadual de São Paulo mostra que a taxa de mortalidade por Aids no Estado subiu pela primeira vez desde 1995. O número de mortes em 2008 foi de 8.2 por 100 mil habitantes, contra 8 por 100 mil no ano anterior. Morrem cerca de 3.300 soropositivos por ano.	Julianne Silveira, Jornalista Maria Clara Viana, Diretora do Programa Estadual DST-Aids Denize Lotufo, Infectologista do Centro de Referência e Treinamento em Aids	Medo
Nova campanha sobre HIV foca em preconceito	O Ministério da Saúde lança hoje uma campanha com o slogan "Viver com Aids é possível. Com o preconceito não".	Tarso Araújo, Jornalista Eduardo Barbosa, Coordenador do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde Cleverson Ferming, Personagem	Esperança

2010

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<i>Aids, novos tempos</i>	A história da Aids mudou 30 anos depois de a doença ser reconhecida e 15 anos após a descoberta do tratamento eficaz. O programa de Aids da ONU acaba de anunciar pela primeira vez a estabilização da epidemia do mundo; mais gente está vivendo por mais tempo, já é possível falar na eliminação da transmissão do HIV da mãe para o filho e até o Vaticano finalmente admitiu o uso de preservativo "em situações extremas".	<i>Caio Rosenthal, Médico infectologista e membro do conselho regional de Medicina do Estado de São Paulo</i> <i>Mário Scheffer, Comunicador Social e sanitarista . Pós-doutorando do Departamento de Medicina Preventiva da faculdade de Medicina da USP</i>	
Vivendo com a Aids e o preconceito	RESUMO Melany Lima foi contaminada pelo HIV na amamentação. Perdeu o pai aos dois anos e a mãe, aos 13. Ela é de Céu Azul (PR) e hoje, Dia Mundial da Luta Contra a Aids, está em Brasília, a convite do Ministério da Saúde. Integrante de uma rede de jovens com HIV, participa de uma campanha que será lançada contra a	Tarso Araújo, Jornalista Melany Lima, personagem	Esperança

	<p>discriminação dos soropositivos. Melany vai prestar vestibular para Medicina.</p> <p>DEPOIMENTO Tenho HIV desde que me entendo por gente. Meu pai e minha mãe contraíram o vírus. Quando nasci, meu teste deu negativo. Aos quatro anos, comecei a ter febre e feridas. Minha mãe repetiu o exame. Aí deu positivo.</p>		
Mortalidade por HIV diminui em SP	As mortes por Aids no Estado de São Paulo atingiram o nível mais baixo em 20 anos, segundo a Secretaria de Saúde.	Sem créditos jornalísticos	Esperança

2011

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<i>É possível derrotar a Aids</i>	Desde a descoberta do HIV, há três décadas, e após o surgimento, há 15 anos, do coquetel de medicamentos que permite uma vida normal, o mundo espera notícias capazes de alterar os rumos da epidemia de Aids, que até hoje impõe sofrimento e perdas humanas. Só no Brasil, a cada ano, são mais de 12 mil mortos, 35 mil novos doentes e incontáveis infecções.	<i>Caio Rosenthal, Articulista, médico infectologista do Instituto de Infectologia Emílio Ribas</i> <i>Mário Scheffer, Comunicador e Sanitarista, doutor em ciências pela Faculdade de Medicina da USP e presidente do grupo pela vida em São Paulo</i>	<i>Descartado por ser artigo de Opinião</i>
Para 20%, só gays e prostitutas pegam AIDS <u>Subtítulo:</u> Pesquisa com 2.000 moradores de SP aponta também que 43% já fizeram o teste de HIV	Homossexuais e prostitutas são os únicos com risco de contrair o vírus HIV, segundo 19,2% da população da cidade de São Paulo.	Débora Mismetti, Editora-assistente de Saúde Celso Monteiro, Coordenador do Programa DST/Aids Zarifa Khoury, Coordenadora do Programa de DST/Aids	Desinformação

2012

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	

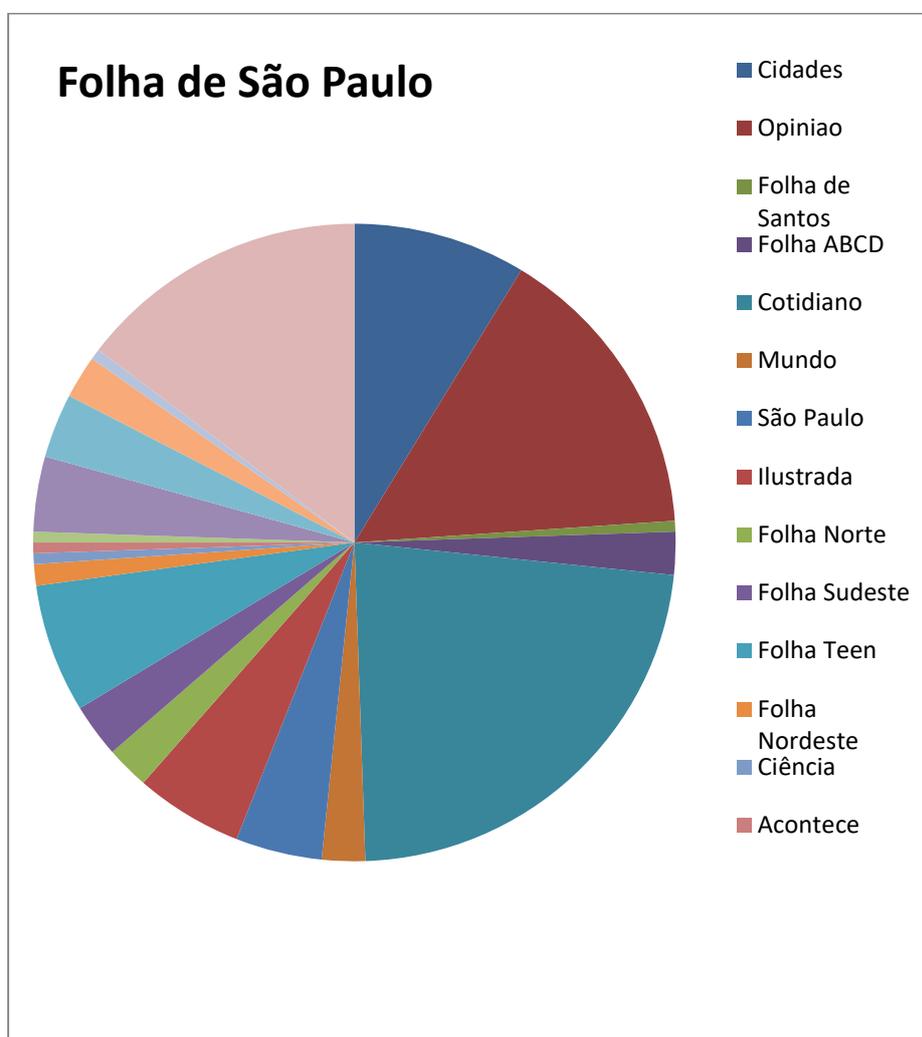
<p><i>O Brasil avança no combate à Aids?</i> SIM <i>Subtítulo: Mais medicamentos e prevenção</i></p>	<p>No marco do Dia Mundial de Luta Contra a Aids, o Ministério da Saúde divulga os avanços recentes e os desafios que ainda temos na resposta brasileira à epidemia. Parou de crescer o número de casos novos registrados anualmente, mas no patamar ainda preocupante de 38 mil anuais. Reduzimos fortemente a transmissão da gestante para o bebê e a taxa de mortalidade por Aids nos últimos anos.</p>	<p><i>Alexandre Padilha, Articulista, médico infectologista e ministro da saúde</i></p>	<p><i>Descartado por ser artigo de Opinião</i></p>
<p><i>O Brasil avança no combate à Aids?</i> NÃO <i>Retrôcesso e divulgação seletiva de dados</i></p>	<p>Enquanto o mundo vislumbra a erradicação do HIV e uma geração livre da Aids, o Brasil retrocede no combate à doença, vive da divulgação seletiva de dados e do ufanismo diante de uma epidemia supostamente controlada. A Aids está fora de controle no país em várias regiões em grandes centros e em grupos vulneráveis.</p>	<p><i>Caio Rosenthal, Articulista, médico do Instituto de Infectologia Emílio Ribas e membro do Conselho Regional de Medicina de SP</i></p> <p><i>Mário Scheffer, Presidente do Grupo Pela Vidda, Professor da faculdade de medicina da USP e autor de “Coquetel: A incrível História dos Antirretrovirais e do tratamento da Aids no Brasil”</i></p>	<p><i>Descartado por ser artigo de Opinião</i></p>

2013

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<i>Aids no Brasil: Oportunidade perdida</i>	É bem possível que muitos de nós ainda estejamos vivos para assistir ao fim da epidemia da Aids. A ciência busca freneticamente uma vacina. Já em teste, drogas menos tóxicas e de efeito prolongado prometem substituir as doses diárias que pacientes tomam por toda a vida. Ganha força a ideia da cura funcional da Aids, a redução do HIV a um nível tão baixo no organismo ao ponto de o sistema imunitário assumir o controle da infecção, mesmo sem medicamentos.	<i>Caio Rosenthal Articulista, médico do Instituto de Infectologia Emílio Ribas e membro do Conselho Regional de Medicina de SP. Mário Scheffer, Professor do Departamento de Medicina preventiva da Faculdade de Medicina da USP</i>	<i>Descartado por ser artigo de Opinião</i>

3.2.3 25 anos do Dia Mundial da Luta contra Aids na Folha de São Paulo

A Folha de São Paulo, no mesmo período, publicou 184 matérias com referência ao HIV/AIDS fora as 11 capas, que serão analisadas no item três, foram um total de 11, ou seja, no lugar de maior destaque dentro de um veículo, o tema foi manchete nos anos 1988, 1990, 1991, 1992, 1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2001 e 2008. Este montante diz respeito a editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativas às “comemorações” do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS ou não, mas, que tinham relação ao tema. Quanto à localização dentro do periódico, foram publicadas nas seguintes editorias:



Cidades (16 matérias); Opinião (28 artigos); Folha de Santos (1 matéria); Folha ABCD (4 matérias); Cotidiano (42 matérias); Mundo (4 matérias); São Paulo (8 matérias); Ilustrada (

10 matérias); Folha Norte (4 matérias); Folha Sudeste (5 matérias); Folha Nordeste (2 matérias); Folha Vale (1 matérias); Folha Teen (12 matérias); Ciência (1 matéria); Acontece (1 matéria); Campinas (7 matérias); Ribeirão (6 matérias); TV Folha (4 matérias); Folha Equilíbrio (1 matéria), além de uma Edição Especial AIDS com 27 matérias. Incluímos nessa conta dois anúncios.

Em 1988, o primeiro ano de nossa pesquisa, a FSP publicou além da chamada de capa, dez matérias, todas na editoria Cidades. As reportagens “Vigia se diz contaminado, sai nu e cria medo na véspera do Dia contra a AIDS; “Caso revela preconceito e despreparo” e artigo “Escritor relata caso de Pinheiros”, que está em outra página, a C-02, complementam a chamada de capa e relatam a história, apresentando diferentes olhares. Mais do que narrar o fato de que um homem nu, ferido e sangrando andou por duas horas “afirmando ser aidético”, espalhou medo, o mesmo foi perseguido por policiais, bombeiros, enfermeiros e reuniu em torno de si uma multidão, a FSP trouxe a fala de Gustavo, tenente da polícia militar; José Francisco de Almeida, porteiro; Georges Garcia Moreira, Auxiliar de Escritório; Carlos Vecchi, fotógrafo; Flávio Tine, Assessor de Imprensa do Hospital das Clínicas; Custódia Ferreira Cardoso, mãe de Wellington e representantes de entidades como a Pastoral da Saúde, o GAPA, a ABIA e a Secretaria Estadual de Saúde, especialistas na área, além de um escritor para comentar o caso. Entretanto, a matéria aponta para um consenso, o preconceito e o despreparo das autoridades públicas. Ainda neste mesmo dia, o jornal publicou sete outras matérias onde a epidemia era o tema. Entre as reportagens de cunho científico como “Pesquisa quer ‘identidade’ dos vírus brasileiros”, “Fiocruz estuda relação com mal de Chagas” e “OMS calcula em 10 milhões os contaminados no mundo” estavam duas coberturas sobre eventos “Debate na Folha discute doença”, e “Brasil promove eventos para marcar a data”, que mostram que havia interesse em falar sobre o assunto. Outras duas matérias “Vaticano estuda a criação de ordem especial de apoio a aidéticos” e “Igreja implanta um projeto que dá assistência aos doentes em SP” apontam para a posição da Igreja Católica em relação à epidemia.

Um ano depois, em 1989, mesmo não havendo capa, oito matérias e um artigo foram publicados. O artigo intitulado “Um desafio chamado AIDS” e de autoria de Seifo Tsuzuki, Cirurgião e Ministro da Saúde alertava quando ao impacto social e epidemiológico causado pela AIDS. Já a matéria “Prefeitura Santista começa a distribuir seringas e agulhas” noticiava as providências que Santos, considerada a 'capital nacional da AIDS' durante duas décadas, estava

tomando para controlar a transmissão de HIV. Entre as demais matérias algumas se tratavam de denúncias como a falta de leitos para atender doentes em São Paulo, a interrupção da distribuição do AZT ou ainda que o número de infectados pudesse chegar a seis milhões em uma década. Esperança mesmo o leitor ia encontrar na notícia de que Cazuza receberia uma nova droga.

No ano 1990 a AIDS teve uma grande exposição na FSP. Ao todo foram 28 matérias e na Primeira Página a chamada era para o Caderno Especial AIDS que, com apenas oito páginas, gerou 27 matérias abordando os mais variados assuntos dentro do mesmo tema. Entre tantos olhares sobre a epidemia foi abordada como aquela doença que foi considerada rara uma década antes e que dez anos depois enfrentava opiniões controversas quanto a seu futuro. O mesmo caderno trouxe a crítica veemente de Herbert Daniel sobre a Campanha “Eu tenho AIDS, não tenho cura!”, “catastrófica” e “preconceituosa”, disse o escritor, sociólogo, jornalista brasileiro. Com o que parece surpresa, os jornalistas noticiaram “Medo da doença não afeta baile gay no Rio” ou ainda “Em São Paulo, crescem números sobre outras doenças venéreas”. Com bastante destaque revelam que os EUA pregam benefícios da masturbação. Ou ainda, a notícia de uma pesquisa sobre sexo anal em São Paulo. Diz a matéria:

“Os paulistanos de classe média, com educação secundária ou superior, que não usam drogas injetáveis e não mantêm relacionamento sexual com homossexuais e bissexuais, não estão livres da Aids. Exibem comportamentos que aumentam o risco de serem contaminados pelo vírus causador da doença: poucos usam camisinha, 40% a 45% costumam fazer sexo anal e 20% dos homens se relacionam com prostitutas. As mulheres não têm diminuído o número de parceiros sexuais”

(FSP, Especial AIDS, página 2, 1990).

Interessante também foi observar que a Folha não só investiu em matérias voltadas à capital, mas, o interior do estado aparece bastante: das 184 matérias, 31 eram voltadas aos cadernos com Folha de Campinas, Folha de Ribeirão etc. O artigo “Faltam recursos para tratar aidéticos” do médico infectologista Hamilton Bonilha de Moraes, publicado na Folha ABCD é um exemplo entre tantos.

Em 1991, foram publicadas quatro matérias mais a chamada de capa. Todas as reportagens tinham um tom bastante positivo, pois, trouxeram *grosso modo* informações que colaboravam tanto na prevenção quanto no tratamento. Exceto a matéria “Ato em SP marca o dia da luta contra AIDS em SP” que noticiava um evento que ONGs fizeram no viaduto do Chá, um dia antes, onde foram feitas palestras e distribuição de material educativo como parte das

atividades do Dia Mundial da Luta contra a AIDS, duas se referiam aos benefícios do tratamento com homeopatia e uma em especial noticiava a descoberta de uma nova droga o SB-73, obtido a partir de um fungo que foi apresentado por pesquisadores brasileiros na 7ª Conferência Internacional Sobre AIDS, realizada em Junho, na Itália. No ano de 1992, só teve chamada de capa e uma matéria interna.

Os gastos com a epidemia foram notícia como poderemos observar na Análise XX. O tema AIDS originou 21 matérias, um anúncio, um infográfico, quatro artigos e uma seção de cartas Painel do Leitor no ano de 1993. Resolvemos incluir o Painel porque pela primeira vez não houve uma carta isolada, mas quase todas. Como só analisamos as capas, contabilizamos e consta aqui para registro. O artigo de Caio Rosenthal, médico infectologista do Hospital do Servidor Público Estadual, do Instituto de Infectologia Emilio Ribas e do Hospital Albert Einstein, falava do inconformismo da população com o surgimento da AIDS nos anos 80, comparando-a a doenças infecciosas e contagiosas como a Hanseníase, Tuberculose, Sífilis, doenças mentais e etc. O outro artigo intitulado “Estamos perdendo a luta” do Diretor do Serviço de Saúde da Clínica de Doenças Infecciosas e parasitárias, David Eperson Uip, denunciava que estávamos longe de uma solução definitiva. O Dr. Dráuzio Varella em seu artigo afirma que metade dos casos da doença ocorre em jovens de até 25 anos. Mesmo nos países desenvolvidos, a AIDS é a principal causa de morte entre os homens de 15 a 40 anos e uma das principais causas entre mulheres da mesma faixa etária. Havia ainda um artigo do jornalista humorístico José Simão cujo título foi Use camisinha! Bota o boné no João-Teimoso. Muitos eventos também foram noticiados além do lançamento da Campanha do Ministério da Saúde, os artistas da cena teatral paulistana que foi às ruas para vender broches com máscaras da tragédia e da comédia para arrecadar fundos para a assistência dos profissionais do teatro portadores do vírus HIV. A exposição ‘day without art’ (dia sem arte) do museu de arte moderna de Nova York como forma de pedir mais ação contra a AIDS. É um grande concerto de música pop no estádio de Wembley com George Michael, Élton John e K.D Lange com a renda revertida para a causa. A cantora Madonna, em sua turnê mundial implora ‘Transem, não importa como, nem com quem, o sexo do parceiro não é importante... Cuidem da AIDS, mas transem’. As demais matérias, em sua grande maioria, eram informativas como a publicada na Folha Rio Preto: “O Hospital de Base do Rio Preto realiza em média 567 exames por mês” ou a matéria que revela que a maioria dos cartazes, outdoors e vídeos usam a imagem de pacientes em estado terminal, assim como mensagens alarmistas e desta forma estaria afastando e não

mobilizando as pessoas de fazer o teste e começar o tratamento. Na matéria “Camisinha na bolsa ou no bolso impõe respeito e dá segurança” revela que meninos adolescentes admitem que veem com respeito a menina que não só anda com uma camisinha na bolsa, como que também sabe colocá-la ‘Não tenho vergonha de contar isso, minha namorada sabe usá-la e já me ensinou como colocar no lugar certo, pelo menos umas três vezes, diz o estudante Leandro Manoel de Lima, 19’. Há ainda a história do ex-garoto de programa Christian R, há dois anos sabe que tem o vírus HIV, fez o exame quando descobriu manchas pelo corpo. “É possível que tenha pego o vírus três ou quatro anos atrás, quando ainda era um menino e fazia “ponto” na avenida São Luiz, região central de São Paulo”. Já o auxiliar de escritório Roberto, 22, descobriu em sete meses depois que o namorado morreu. Os testes confirmaram que estava com o vírus. ‘Primeiro, cuidei dele. Depois fiz os exames. Você atraí o que pensa, sei que vou ficar doente algum dia, mas prefiro imaginar que isso só acontecerá no ano de 2010’, revelou.

Em 1994, 12 matérias e um artigo abordaram o tema nesta data. Sete matérias são do interior do estado e falam das lutas locais pela prevenção e tratamento. O artigo do médico infectologista Caio Rosenthal, articulista bastante presente na Folha de São Paulo, durante o período que compreende nossa pesquisa, denuncia ‘gostaríamos de passar alguma mensagem positiva ou comemorar uma vitória, mas nesse ano no Brasil, não houve lutas e por isso não há vitórias. É nosso dever registrar essa sórdida omissão e indiferença frente ao avanço da doença no país’. Outra denúncia revela que a saúde tenta descobrir número de infectados fazendo exames, sem o conhecimento das pessoas para detectar portadores que não desenvolveram a doença. O programa lançado pelo Ministério da Saúde, com o sugestivo nome de “Vigilância Sentinela” dá uma ideia. E mostra que há mais infectado com o HIV do que os números oficiais indicam. Outra matéria revela que a AIDS fará órfãos:

“Até o ano 2000, cerca de 5,5 mil crianças ficarão órfãs de pai ou mãe vítimas da Aids no mundo todo. Nos próximos cinco a dez anos, 2,7 milhões de crianças e 3 milhões de mulheres deverão morrer vítimas da doença. Hoje, a cada 24h, 6.000 pessoas são infectadas pelo HIV. Até o final do século, os soropositivos terão mais de 40 milhões. Destes, 10 milhões serão crianças”(Folha de S.Paulo, Cotidiano, pag. 3, 1994).

Curiosamente a matéria do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, “País é elogiado por combate ao vírus” parece contrapor as notícias de maus resultados. O repórter diz que o Brasil está sendo citado pelo Banco Mundial como exemplo de país bem sucedido na luta contra AIDS, por tê-la definido como investimento com retorno de grande porte em curto prazo. “O

Banco financiou diversos projetos de combate à AIDS no Brasil e considera os resultados até agora obtidos como excelentes”, diz a reportagem. A previsão de Rosana del Bianco, chefe da Unidade de Assistência à Saúde e AIDS, do Ministério da Saúde, “Saúde promete medicamentos” revela que o fornecimento do DDI – medicamento usado para tratamento da AIDS – deve estar sendo entregue ao estado em até 20 dias, o remédio estava em falta há cerca de um mês nas unidades de saúde de São Paulo. Já a matéria “Aidético processa irmãos em SC” traz o depoimento do projetista Guilherme da Silva, 36 anos, internado no Hospital Nereu Ramos, que está processando seus quatro irmãos para garantir seu direito de receber parte dos bens deixados pelos pais. “Segundo Silva, eles o abandonaram quando os sintomas da AIDS surgiram. Todos foram coniventes com meu abandono.”, diz a matéria.

O ano que mais se morreu em decorrência da AIDS, 1995, contou com apenas nove matérias. A notícia alarmante de que 12 milhões de pessoas no Brasil devem ter doenças sexualmente transmissíveis, o que seria uma porta de entrada para o vírus, estampou a Primeira página. O professor Luiz Mott, em seu artigo, denuncia “ Apesar dos progressos da medicina o HIV continua indestrutível”. Nos EUA novo medicamento é aprovado pela FDA, agência que regula alimentos e drogas naquele país, o Saquinavir. No Brasil, segundo Bernadete Waldvogel, Gerente de Indicadores e Estudos Populacionais, as mulheres entre 20 e 54 anos vítima de AIDS já representam 16,37% de todas as mortes de mulheres no estado de São Paulo. Das 2.335 mulheres nessa idade que morreram em 1994, 830 foram vítimas da doença. A Polícia de Santos apreendeu os 500 kits enviados pelo governo do Estado para o programa de troca de seringas. A ideia era evitar que os usuários de drogas injetáveis, que já haviam compartilhado seringas, pudessem trocar e a partir daí não dividir mais com outras pessoas, mas, a polícia não viu com bons olhos a iniciativa. Em contraponto a tanta notícia ruim e desalento, a nota de que dezenas de pessoas deitaram em frente ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP, na Avenida Paulista, em sinal de protesto pelo Dia Mundial, a notícia de em Encontro no Emílio Ribas e a distribuição de Cartilhas, complicação de todas as leis que envolvem o direito dos infectados pelo HIV, soaram como conquista.

Em 1996, além da capa que faz parte do item 4.1.9 da Análise, há um artigo de Luiz Mott, este ano intitulada “Um mundo uma esperança”, três matérias sobre eventos como o show “Ney Matogrosso, um brasileiro que canta Chico Buarque” com a presença de Chico César, a caminhada dos cariocas partindo do Leme e o “Show pela vida” no Ginásio do Ibirapuera que reuniu, entre outros, as duplas sertanejas Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo. Mas, a

matéria “‘Macho’ latino transmite vírus a mulheres” relata que cultura latino-americana que classifica o bissexual ativo como ‘macho’ vem provocando um crescimento rápido no número de mulheres infectadas e acaba por levantar uma questão que pouco se explora: a bissexualidade masculina. Não veremos neste periódico outro momento em que se discuta o assunto.

Das seis matérias que figuram no ano de 1997, dois são artigos. Caio Rosenthal aborda o fato de que não há registro na história da medicina de progressos tão rápido quanto aqueles que assistimos com a AIDS. O texto ainda fala sobre a evolução do vírus HIV em todo o mundo. Já José Aristodemo Pinotti, Deputado Federal do PSB de São Paulo e Professor de Ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, aborda o fato de que os casos de mulheres eram de uma para cada 50 homens. “Hoje os casos são de uma mulher para dois homens. A incidência de AIDS aumentou muito”, denuncia. Entre as demais matérias tem a estreia da camisinha feminina que promete “maior autonomia para as mulheres” e o fato de que a epidemia será tema da Bienal de Humor diz o texto de Pedro Cime, “Rir certamente não é o melhor remédio contra a AIDS, mas pode ser uma excelente forma de prevenção”. Além dessas as notícias são desfavoráveis como a que revela que cerca de 40 milhões de pessoas estarão infectadas pelo HIV ou doente da AIDS no ano 2000. O número equivale a um quarto da população brasileira. A cada minuto, uma pessoa é infectada no mundo ou a que quantifica o número de órfãos no mundo: “Hoje, estima-se que 8,2 milhões de crianças de até 14 anos tenham perdido o pai ou mãe por causa da doença. O mundo terá 16,5 milhões de órfãos da AIDS no ano 2000”.

Em 1998, na antevéspera da virada do milênio, não houve capa, as notícias foram quatro e em sua maioria falavam do interior do estado. Os médicos infectologistas Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak, no artigo “AIDS em 1998: Progressos e retrocessos” denunciam que não acontecem enormes novidades todos os anos. Os fatos já não ocorrem na velocidade dos anos anteriores, nem mesmo a enfermidade tem o mesmo destaque jornalístico. “Acostumamos com as desgraças; a propósito, a AIDS não é exceção”, diz o artigo.

Um ano depois, em 1999, 13 matérias e a capa abordaram o tema. Deste montante, 10 eram voltadas aos cadernos do interior, que só circulam por lá. Os temas das dez matérias falavam sobre morte, falta de remédio, o aparecimento de AIDS entre moradores de rua. O caderno Campinas anuncia “O número de pessoas que morreram em decorrência da AIDS caiu 44,7% desde 1995 no Estado de São Paulo. Os números foram divulgados pela Fundação Seade”. A informação não circulou na capital, apenas no interior. Das três, dois eram artigos e a outra da editoria Mundo. Mais uma vez Caio Rosenthal, articulista já conhecido, defende

que: “Ao contrário do que deveria ocorrer com malária, esquistossomose, cólera, dengue, etc, a AIDS não pode acabar por decretos.” O artigo dos médicos infectologistas Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak sob o título “Especulações sobre a evolução da epidemia” vai mais longe:

“Os últimos anos foram prodígios em drogas eficientes contra o vírus HIV, e é correto dizer, com toda a segurança, que a doença causada por ele pode ser postergada, talvez para muito longe. Muitos pacientes não sabem quantos, terão possibilidade de evitá-la, desde que tomem a medicação de maneira adequada todo o tempo. Esse detalhe é crucial.”

(Folha de S.Paulo, Opinião, pag. 3, 1999).

A matéria do correspondente Marcio Aith, publicado na editoria Mundo, revela que “Erros médicos matam entre 44 mil e 98 mil pessoas nos EUA, todo ano, mais do que acidentes de carro, AIDS ou câncer no seio”

Em 2000, sete matérias de diferentes editorias davam as notícias da AIDS, inclusive a capa com uma chamada mínima para o Editorial. O trio de articulistas Caio Rosenthal, Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak levam ao leitor suas opiniões de especialistas. Caio desta vez acompanhado do colega Mario Scheffer, defendeu os direitos e deveres “É dia de comemorar as conquistas, lamentar as perdas e renovar as esperanças”. Já Vicente e Jacyr falavam das mudanças no perfil da doença e dos infectados. A Folha Cotidiano anunciou que estava suspenso o corte nas verbas para o combate a AIDS e a matéria de Aureliano Biancarelli denunciava que “Doentes de AIDS que não respondem mais aos medicamentos disponíveis na rede pública estão entrando na Justiça para garantir o acesso a novas drogas”. O caderno Ilustrada na secção TV trazia duas notas: a primeira era a exibição no GNT do documentário "Morte por negligência", produzido pela equipe do jornalístico "60 Minutes". A epidemia se alastrando pela África, seu surto e as consequências para o resto do mundo era o tema do filme. E a outra nota era que pelo quarto ano consecutivo a MTV dedicaria sua programação ao Dia Mundial da Luta contra AIDS e apresentaria um quiz informativo comandado pelo médico Jairo Bouer.

Em 2001, além da capa, cinco matérias no caderno Cotidiano e as notícias abordavam a queda nos número de mortos pela AIDS. A jornalista Leila Suwwan abordou em sua matéria “Contaminação por AIDS segue em queda” o fato dos programas de prevenção à AIDS no Brasil terem conseguido a incidência da doença de 12,2 casos por 100 mil habitantes para nove por 100 mil entre 1999. Entretanto, o Ministério da Saúde está preocupado com o fenômeno da "feminilização" da epidemia: “Entre mulheres, no entanto, cresce o número de infectados pelo

vírus HIV; hoje elas são 1/3 dos casos notificados”. Seguindo com a boa nova, o Estado de São Paulo registrou quase metade dos casos de AIDS já notificados no país, com 101.435 dos quase 216 mil registros acumulados desde 1980. Curiosamente, segundo dados divulgados pela Unaid (programa da ONU de combate à AIDS) e pela OMS, o número de pessoas infectadas pelo HIV hoje, é cerca de 40 milhões. O vírus espalha-se na Europa Oriental como em nenhum outro lugar no mundo. Um exemplo é a Rússia, que deve ultrapassar mais de 75 mil novos casos até o final desse ano.

A matéria de Aureliano Biancarelli abre 2002 noticiando que política de AIDS no futuro governo petista terá duas grandes dívidas sociais para saldar, entre outras pendências: “aumentar o acesso ao tratamento por parte das gestantes com HIV ou AIDS e oferecer aos presidiários infectados o mesmo tratamento que recebem os doentes comuns”. O artigo do médico David Everson Uip revela que o programa brasileiro para tratamento de pacientes com AIDS é um dos melhores do mundo. É reconhecido e testado como eficaz. Na matéria de Marcelo Bortoloni, especialistas como Antônio Carlos Egypto, Coordenador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Alexandre Grangeiro, Membro do Conselho Nacional de DST e AIDS e o psicólogo Fernando Falabella, “acham que as emissoras brasileiras ainda não possuem uma política responsável de prevenção à doença. De acordo com eles, a maioria dos canais estimula a sexualidade sem o cuidado de alertar os riscos da contaminação pelo vírus HIV”. Outra revelação importante fica por conta da teóloga Yury Puello Orozco cuja pesquisa para sua tese foi ouvir mulheres católicas e contaminadas com o vírus HIV. Segundo a autora, “todas elas se casaram na igreja e ouviram do padre a pregação de que deveriam ser devotas a seus maridos e que eles cuidariam delas e seriam igualmente fiéis”.

Em 2003, o Programa Nacional de DST/AIDS recebeu US\$ 1 milhão da Fundação Bill & Melinda Gates como reconhecimento às ações de prevenção e assistência no país. Os recursos foram doados para ONGs que trabalham com portadores de HIV/AIDS. O Programa é considerado por diversas agências de cooperação internacional como referência mundial. Na matéria: “Meta é tratar três milhões de portadores do vírus 2005”, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Unaid (Programa das Nações Unidas para a AIDS) anunciam o lançamento de uma campanha para simplificar a distribuição dos remédios e melhorar a eficácia do tratamento da doença. “A meta é fornecer tratamento a três milhões de portadores do vírus HIV até 2005”. Enquanto isso, em seu artigo, o médico Jairo Bauer (aproveitando que a data caiu numa segunda, dia de sua coluna no FolhaTeen) mostra sua preocupação porque se no

Brasil os números apontam uma estabilização no crescimento da Aids, no mundo tanto o número de infectados quanto o de mortos pela Aids bateram recordes. As notícias brasileiras foram mesmo positivas como pudemos observar também na matéria de Aureliano Biancarelli, “Em academias, pacientes usam exercícios para reverter deslocamentos da gordura e recuperar antiga forma do corpo”. Se antes, os pacientes de AIDS queriam viver, agora querem mais estão se organizando e "malhando" para recuperar os corpos que tinham antes da doença: “Hoje, nas manifestações que marcam o Dia Mundial de Luta contra a AIDS, milhares deles estarão exibindo as formas e a energia que costumavam mostrar antes de caírem vítimas da doença”.

Em 2004, duas matérias são publicadas sobre o tema e ambas marcam denúncias. A matéria de Iuri Dantas avisa que a AIDS está fora de controle em alguns lugares do país: “A epidemia de AIDS no Brasil cresce de forma "preocupante" entre mulheres, negros, pobres e pouco instruídos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, informa o Ministério da Saúde.” O artigo do já conhecido infectologista Caio Rosenthal em parceria com o comunicador social e sanitarista Mário Scheffer não fica atrás e revela que:

“Passados mais de 20 anos desde a descoberta do HIV, já existem no Brasil quase 4.000 municípios com registros de casos de Aids. Os prefeitos eleitos precisam assumir que a epidemia ainda é um grave problema de saúde pública, que não está restrita aos grandes centros e não pode ser combatida só no âmbito das políticas nacionais. Os governantes locais, assim como a sociedade em geral, parecem se importar cada vez menos com uma doença que antes, sem tratamento e letal, mobilizava tantos esforços. A banalização e o comodismo são também alimentados pelo paternalismo centralizador do Ministério da Saúde e pela questionável ideia de que a Aids está sobre controle”. (Folha de S. Paulo, Opinião, pag. 3, 2004).

Em 2005, a epidemia completa 25 anos e a quebra de patente dos remédios para o tratamento da AIDS se torna urgente, como se pode observar no artigo “A inadiável quebra de patentes” de Caio Rosenthal e Mário Scheffer que trata da uma ação civil pública contra a União, movida pelo Ministério Público Federal e diversas organizações não governamentais para pressionar o governo. O tema é novamente abordado pelo Ministro da Saúde Saraiva Felipe que neste caso voltou a defender a decisão de não quebrar a patente do medicamento Kaletra, para pacientes com AIDS, após saber que o Ministério Público Federal e seis ONGs pretendem entrar hoje com ação na Justiça para tentar obrigar o governo federal a adotar a medida. As demais notícias abordam a realidade da epidemia em outros países, como é o caso do jornalista que preferiu contar a verdade sobre a epidemia de AIDS na África, o que geraria uma história

sobre exploração, governantes irresponsáveis e ganância ou culpar vítimas, decidiu pela segunda opção. No documentário 'Living With AIDS', Samura chega ao cúmulo de fazer um discurso sobre vergonha a um jovem doente e pouco instruído que lhe diz que não usa camisinha com as companheiras eventuais.

Em 2006, conta com apenas uma matéria cujo título é "Brasil não contém transmissão do HIV e da sífilis da mãe para o bebê". Fabiana Leite notícia que o governo federal propõe uma mobilização nacional para reduzir casos de transmissão do HIV e sífilis das mães para os bebês, a transmissão vertical. Em 2007, a Folha notícia que o governo federal vai colocar máquinas de distribuição de preservativos em cerca de cem escolas de ensino médio da rede pública no ano que vem. Em 2008, além da capa, a AIDS foi abordada, por exemplo, pelo Banco do Brasil em anúncio institucional cujo texto dizia que:

Existe um mal que não tem cor, não tem idade e nem sexo. Que está presente em nosso dia-a-dia e no daqueles que amamos. Que pode passar despercebido e contaminar inúmeras pessoas, podendo afetar a qualidade de vida de muitas outras. Se você pensou em Aids, mude os seus conceitos. Porque é de preconceito que estamos falando.

(Folha de S.Paulo, Cotidiano, pag. 9, 2008).

A outra preocupação visivelmente observada na publicação foi com a qualidade de vida dos que vivem com AIDS. Duas matérias abordam o tema e revelam que dados preliminares de uma pesquisa com 540 pacientes em HIV atendidos em nove Centros de Referência e Treinamento DST/AIDS da cidade de São Paulo mostram que 25% deles estão com sobrepeso, os obesos soropositivo devem buscar atividade física assim que começar a tomar a medicação.

Em 2009, o Ministério da Saúde lançou uma campanha com o slogan "Viver com AIDS é possível. Com o preconceito não". Ao mesmo tempo, uma notícia chama atenção, pois, revela que após 13 anos de queda no número de mortes, o panorama muda: "Balanço da Secretária Estadual de São Paulo mostra que a taxa de mortalidade por AIDS no Estado subiu pela primeira vez desde 1995. O número de mortes em 2008 foi de 8.2 por 100 mil habitantes, contra oito por 100 mil no ano anterior. Morrem cerca de 3.300 soropositivos por ano". Vicente Amaro Neto e Jacyr Pasternak em seu artigo "Do começo à cura?" se perguntam se a infecção pelo HIV é de fato uma doença nova na história humana e fazem relação com "a passagem de vírus de duas espécies de antropoides próximos à nossa linhagem, chimpanzés e gorilas, com mais outra passagem (o HIV-2) de macacos verdes africanos". Para ele o HIV já existe desde os anos 1930

e só foi descoberto em 1980. Já os articulistas Caio Rosenthal e Mário Scheffer propõem revelar a face oculta da AIDS:

“Mais de uma década depois da chegada dos medicamentos que compõem um tratamento eficaz, a infecção pelo HIV ganha novos contornos e a determinação em prolongar a vida a todo custo convive com situações que começam a preocupar pacientes e médicos. Com mais de 30 drogas potentes disponíveis no mundo para combater o HIV, grande parte das pessoas conseguem manter o vírus indetectáveis na corrente sanguínea. As gravíssimas doenças oportunistas tornaram-se raras, e a mortalidade foi estabilizada em 30 casos de óbito por dia no Brasil”.

(Folha de S. Paulo, Opinião, pag. 3, 2009).

Em 2010, os articulistas Caio Rosenthal e Mário Scheffer dão continuidade ao artigo do ano anterior e publicam “*Aids, novos tempos*”. Ao mesmo tempo a notícia de que as mortes por AIDS no Estado de São Paulo atingiram o nível mais baixo em 20 anos, segundo a Secretaria de Saúde, exibiu um quadro favorável. A matéria “Vivendo com a AIDS e o preconceito” de Tarso Araujo contou a história de Melany Lima que foi contaminada pelo HIV na amamentação. Perdeu o pai aos dois anos e a mãe, aos 13. Ela é de Céu Azul (PR) e é integrante de uma rede de jovens com HIV, participa de uma campanha que será lançada contra a discriminação dos soropositivos. “Melany vai prestar vestibular para Medicina”, revela a matéria.

Em 2011, mais uma vez, os articulistas Caio Rosenthal e Mário Scheffer no artigo “É possível derrotar a AIDS” discutem o quanto é importante enfrentar a epidemia e dizem “há 15 anos, do coquetel de medicamentos que permite uma vida normal, o mundo espera notícias capazes de alterar os rumos da epidemia de Aids, que até hoje impõe sofrimento e perdas humanas”. Porém na mesma edição uma matéria revela pesquisa acerca da desinformação da população. Segundo 19,2% da população da cidade de São Paulo, homossexuais e prostitutas são os únicos com risco de contrair o vírus HIV. Em 2012, dois artigos são publicados em primeiro de dezembro, Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. O artigo do Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, sob o título “*O Brasil avança no combate à Aids? SIM*” onde o autor afirma: “Reduzimos fortemente a transmissão da gestante para o bebê e a taxa de mortalidade por Aids nos últimos anos”. A dupla Caio Rosenthal e Mário Scheffer parece não concordar, pois, publica na mesma edição artigo que defende que enquanto o mundo vislumbra a erradicação do HIV e uma geração livre da Aids:

“o Brasil retrocede no combate à doença, vive da divulgação seletiva de dados e do ufanismo diante de uma epidemia supostamente controlada. A Aids está

fora de controle no país em várias regiões em grandes centros e em grupos vulneráveis”.

(Folha de S. Paulo, Opinião, pag. 3, 2012).

Por fim, em 2013, ano que terminamos nossa pesquisa, a Folha só teve uma publicação e mais uma vez foi um artigo de Caio Rosenthal e Mário Scheffer, diz o artigo:

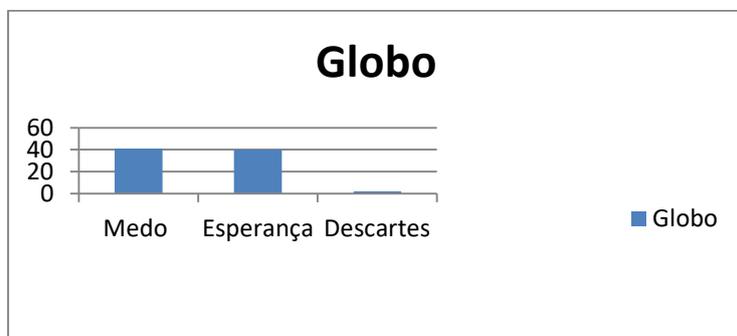
“É bem possível que muitos de nós ainda estejamos vivos para assistir ao fim da epidemia da Aids. A ciência busca freneticamente uma vacina. Já em teste, drogas menos tóxicas e de efeito prolongado prometem substituir as doses diárias que pacientes tomam por toda a vida. Ganha força a ideia da cura funcional da Aids, a redução do HIV a um nível tão baixo no organismo ao ponto de o sistema imunitário assumir o controle da infecção, mesmo sem medicamentos.”

(FSP, Opinião, pag. 3, 2013).

3.3 O Globo

Da mesma forma, o Gráfico II serve como ilustração e demonstra os resultados em duas grandes chaves **medo** e **esperança**. O processo pelo qual chegamos a esse resultado pode ser observado no mapeamento das matérias do dia 1 de dezembro dos anos de 1988 a 2013 publicadas em O Globo.

Gráfico II



3.3.1 Mapeando os efeitos de sentido – O Globo

1988

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeitos de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Mobilização Geral	A data de 1º de dezembro foi instituída como Dia Mundial Contra a Aids. Qual o significado desse evento? Infelizmente não se trata de nenhuma comemoração alegre, muito pelo contrário. Seu significado, longe de festivo, é extremamente preocupante, pois a Aids continua sua caminhada implacável, deixando à sua passagem toda sorte de misérias e desgraças. Isso nos remete a algumas reflexões sobre a problemática da doença e o papel da comunidade, especialmente se pensarmos no insistente aumento dos casos de Aids e na crescente rejeição às suas vítimas.	Paulo Cesar Bonfim, Articulista. Pesquisador técnico em patologia clínica, presidente do grupo de apoio à prevenção da Aids (Gapa) e membro da comissão nacional de controle a Aids	Informação Solidariedade
Igreja participará do Dia contra a Aids	A Arquidiocese do Rio de Janeiro também vai participar do Dia Mundial Contra a Aids, nesta quinta-feira, dia 1º de dezembro, com uma conferência sobre prevenção e orientação pastoral no atendimento aos pacientes aidéticos, às 18h, no auditório do Edifício João Paulo II, à Rua Benjamin Constante 23, Glória. A conferência será destinada a	Carlos Augusto Dias de Almeida, Médico e coordenador da pastoral da saúde da Arquidiocese do Rio. Maria Inês Linhares, Médica responsável pelo Centro de Desenvolvimento Pessoal do Banco da Província que atende a aidéticos, mendigos e prostitutas Eugênio Sales, cardeal	Informação Solidariedade

	sacerdotes, religiosas, agentes de pastoral e outros interessados.		
AIDS: O quadro ainda é negro. Mas o MEC luta para apagar isso	O MEC está fazendo de tudo para combater a Aids no Brasil. 75% dos leitos destinados aos pacientes de AIDS são dos hospitais do MEC*. Que, além disso, mantém os melhores laboratórios de Imunologia para estudo das reações dos anticorpos. Pesquisando, tratando, dando carinho, o MEC vai lutando até o dia em que se descubra a solução para a questão da AIDS, apagando de vez esse problema da vida de milhares de brasileiros.	Anúncio motivacional do Ministério da Educação	Informação Solidariedade
OMS prevê um milhão de aidéticos em 1991	Dentro de três anos haverá mais de um milhão de novos aidéticos no mundo, advertiu o Diretor da Organização Mundial de Saúde (OMS). A projeção ainda é considerada otimista e os números deverão ser muito mais elevados pois as estimativas são baseadas nas estatísticas atuais, sabidamente incompletas	Hiroshi Nakajima, Diretor da Organização Mundial de Saúde	Medo
Vacina não chega antes de um ano	Um medicamento capaz de conter o avanço da Aids no corpo humano será produzido antes da descoberta de uma vacina que ainda poderá levar mais cinco anos. Esse é um alerta de Jonathan Mann, que alerta para a multiplicação de 4 a 10 vezes no número de aidéticos no mundo	Jonathan Mann, Diretor do Programa de Luta contra a Aids da OMS	Medo Desesperança

Austriaco diz que cura com planta da Amazônia	LIMA - Uma planta amazônica pouco conhecida pelos cientistas porém muito usada na medicina popular, a unha-de-gato, pode curar a Aids, segundo acaba de afirmar o médico austriaco Klaus Keplinger, que garante ter tratado com sucesso cinco vítimas da doença.	Klaus Keplinger, Médico Américo Melendez, Médico naturalista Emma Cerrate, Chefe do Departamento de Botânica da Universidade de São Marcos	Informação Esperança
Uma variada gama de 'tratamentos'	A "unha-de-gato" ou, segundo a enciclopédia Delta Larousse, "ratinho", "primavera", "riso-do-prado" e outros nomes e sub-espécies, não é a única planta da qual se falam maravilhas para a cura da Aids. Na realidade, desde que a doença tomou as atenções de todo o Mundo, uma variada gama de poções, infusões e tratamentos naturalistas foram anunciadas. Três leguminosas comuns na dieta do mexicano - Chile, quelite e papado -, por exemplo, foram apontados pelo cientista da Universidade da Califórnia, Eloy Rodrigues, como promissores no combate a moléstia por terem a substância ativa "Alfatt", capaz de romper a membrana do vírus.	Eloy Rodrigues, Cientista da Universidade da Califórnia Francisco Guedes de Moraes, empresário Francisco Cacciácaro Neto, farmacêutico Alberto Nebauer, curandeiro Edgardo Campos, Fazendeiro	Esperança

1989

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	

<p>Se depender do governo do estado, ninguém mais pega aids por transfusão de sangue no estado do Rio.</p>	<p>Esta é a boa notícia que o Governo do Estado anuncia no Dia Mundial da Luta Contra a Aids. O sangue contaminado foi responsável por 18% dos casos de Aids no Estado. Nos últimos dois anos, nenhuma das mais de duas mil amostras de sangue colhida nos bancos de sangue revelou a presença do vírus da Aids, o HIV.</p>	<p>Governo do Estado do Rio de Janeiro</p>	<p>Esperança</p>
<p>Ambulatório da providência atende pobres vítimas de Aids</p>	<p>Mendigos, prostitutas e homossexuais têm desde ontem direito a um atendimento de saúde regular, no Ambulatório da Providência, inaugurado pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio Sales, e o Secretário estadual de Saúde, José Noronha. O Ambulatório atenderá essa camada carente da população do Rio, inclusive pacientes de Aids, não em estado terminal, que têm dificuldade de serem atendidos em outros hospitais.</p>	<p>Reportagem do 'O Globo' – sem referência jornalística</p>	<p>Esperança Solidariedade</p>
<p>'Desperta Rio' alerta contra epidemia</p>	<p>Para comemorar o Dia Mundial Contra a Aids, a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) fez circular ontem o documento denominado "Desperta Rio", baseado num estudo realizado por sete organizações que trabalham contra o que consideram "uma epidemia de Aids no Estado do Rio de Janeiro". O documento apresenta as prioridades e emergências para a implantação de um efetivo Programa Estadual de Prevenção e Controle da doença, acusando o Governo estadual de omissão. É assinado por Herbert de Souza, da Abia, e Herbert Daniel, do Grupo Pela Vida.</p>	<p>Reportagem do 'O globo' – sem referências jornalísticas</p>	<p>Informação Esperança Solidariedade</p>

Um dia sem arte	NOVA YORK - A partir de hoje será impossível, nos Estados Unidos, não pensar na doença que alarmou o mundo nos anos 80. Os carros do metrô de Nova York serão invadidos por cartazes estampando apenas quatro letras: AIDS. Em todo o país, 600 instituições culturais estarão envolvidas no projeto "Day Without art" ("dia sem arte") promovendo manifestações em galerias, museus e espaços alternativos para chamar a atenção da população para a devastação que a doença já causou, e ainda vai provocar no mundo artístico.	Heloísa Villela – Jornalista	Descartado por se tratar de matéria sobre EUA
-----------------	---	---------------------------------	---

1990

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Aids: Urgente se faz a volta à moral cristã	Na recente Feira da Providência foi montado um estande denominado "Luta pela vida". Uma iniciativa do Banco da Providência, através do setor que cuida do problema de Aids. Esse ambulatório promoveu, durante os quatro dias do evento uma pesquisa para avaliar o grau de informação sobre a mortífera doença entre a população do Rio de Janeiro. Foi cuidadosamente preparado um questionário com 23 itens e entrevistadas 7.760 pessoas de todas as camadas sociais, idades e níveis de instrução.	Dom Eugênio Sales, Jornalista	Solidariedade
Aids: Rio tem 18% dos casos do País	A estimativa da Secretaria Estadual de saúde é que nos próximos quatro anos sejam registrados seis mil novos casos de Aids no Rio de Janeiro. De 1982 pra cá foram confirmados 2.477 casos da doença, representando 18% do número de pessoas com aids em todo o país.	Álvaro Natida, coordenador do programa de Aids da Secretaria Estadual de Saúde do RJ.	Medo
UFRJ inaugura laboratório de pesquisas	A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) inaugurou ontem, no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão, um laboratório destinado à pesquisa científica de Aids, montado com recursos da Petrobrás. A Estatal aplicou 660 mil BTN nos próximos dois anos para garantir o seu funcionamento.	Mauro Schechter, Professor Alfeu Valença, Diretor da Petrobrás Maria Clara Cavalcanti, Médica	Esperança

Betinho condena falta de ação do Governo federal	Portador do vírus da Aids de 1982, Hebert de Souza criticou veemente a falta de uma ação enérgica do Governo Federal na solução de problemas ligados a Aids e no esclarecimento da população sobre a doença. Para Betinho, além da Aids, há outra epidemia assolando a população: a lei	Hebert de Souza, Sociólogo	Preconceito Denúncia
Médicos pedem subvenção do Ministério para AZT	O Ministério da Saúde deveria subvencionar a compra do medicamento AZT para tratamento da Aids, segundo conclusão de 15 dos 18 especialistas consultados pelo Diretor de Clínica Médica do Hospital Universitário Caffrée e Guinle, Mário Barreto Corrêa Lima. O Diretor está preparando um estudo sobre o uso do remédio no Brasil para o Seminário Internacional sobre o Tratamento da Aids, que começará na segunda-feira, em Brasília. Para os médicos, o alto preço do AZT - fabricado nos Estados Unidos e considerado o mais eficaz medicamento no tratamento da Aids - o torna inacessível à maioria dos aidéticos.	Mario Barreto Corrêa Lima Diretor da clínica médica do hospital universitário Gaffré e Guinle	Solidariedade
Em 91, mundo terá 500 mil com a doença	Em 1988 foi criado o Dia Mundial da Luta Contra a Aids no combate a doença. Entretanto, em 1990, cerca de 250 mil novos casos foram registrados na OMS por mais de 150 países e estima-se que esse número atinja 700 mil em 1991	Redação	Medo
Cremerj: Falta leito para aidéticos	O RJ é o segundo colocado no número de infectados pela Aids no país, com 18% no total. O número preocupa médicos e membros de entidades que atuam no combate a doença. A falta de leitos para o	Válber Vieira, Médico infectologista	Medo Denúncia Preconceito

	tratamento a aidéticos, a não cobertura de planos de saúde no caso da doença e as propagandas malfeitas pelo governo federal são alguns dos motivos de preocupação		
Mulheres são o tema no Dia Internacional de Luta contra a Aids	PARIS - As mulheres foram o tema escolhido este ano pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para comemorar hoje o Dia Mundial da Luta contra a doença. A enfermidade já afeta 807.379 pessoas, o que significa aumento de 8.463 casos em relação ao final de outubro. A OMS estima que até dez milhões de pessoas estejam contaminadas. Um terço corresponde a mulheres.	Organização Mundial de Saúde – Dados Act Up – Grupo de soropositivos e ativistas gays	Informação

1991

Título	Recorte Discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Pelé combate a Aids	O Presidente Collor anunciou, ontem à noite, em cadeia de rádio e TV, a criação da Comissão Nacional da Aids. Será presidida por Pelé e comandará as ações de combate à doença.	Chamada para a Página 13	Solidariedade Ação
Aids	A Organização Mundial da Saúde teme que o crescimento da Aids possa afetar a economia mundial até o ano 2000.	Chamada para a página 43 – Ciência e Vida	Atenção
Collor convoca para luta contra Aids	O Presidente Fernando Collor anunciou ontem à noite, em rede nacional de televisão, a criação da Comissão Nacional da Aids, que vai ser presidida por Pelé. O objetivo da Comissão é mobilizar a sociedade para a importância de se prevenir contra a doença, aproveitando o Dia Mundial da Aids, que será comemorado hoje em todo o mundo.	Fernando Collor, Presidente	Luta Solidariedade
Comoção	Membros da Liga Americana de Basquete, que chegam ao Brasil dia 5 para encontros com técnicos brasileiros na USP, cortaram da viagem o passeio que fariam ao Rio. Alegaram que, ainda abalados com a revelação que Magic Johnson contraiu o vírus da Aids, estão sem condições psicológicas para se divertir.	Reportagem 'O Globo'	Solidariedade
OMS: Aids afetará economia mundial	A Aids poderá causar sérias distorções na população mundial por causa do impacto sobre os grupos sexualmente ativos. O Diretor do Programa de Aids da Organização Mundial da Saúde (OMS), Michael Merson,	Michael Merson, Diretor do	Medo

	disse que a tendência, se a doença não for controlada, é existirem comunidades com números desproporcionais de pessoas velhas e crianças.	programa da Aids da OMS	
--	---	-------------------------	--

1992

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo	A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo.	Chamada para a editoria 'ciência e vida', página 18	Medo
Aids contagia mais de 5 mil pessoas por dia	A cada minuto surgem três novos casos de Aids no mundo. Isso significa que 5.320 pessoas são contaminadas pelo vírus HIV todos os dias, de acordo com o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Hiroshi Nakajima, que divulgou ontem em Nova York, um estudo a respeito da doença, marcando o Dia Mundial da Luta contra a Aids, celebrado hoje. Segundo ele, de dez a 12 milhões de pessoas estão infectadas pela Aids no mundo, das quais, dois milhões já desenvolveram a doença.	José Meirelles Passos – Correspondente Hiroshi Nakajima – Diretor-geral da OMS Michael Merson, Diretor do programa global contra a Aids da OMS	Medo
Mulher pobre será a principal vítima	A Aids está se transformando num sintoma da pobreza e deve contribuir para o aumento da miséria no Terceiro Mundo. O alerta faz parte do estudo "O Custo Oculto da Aids", lançado hoje em todo o mundo pelo Instituto de Panos, uma organização internacional de pesquisa. A falta de acesso aos meios de proteção fará com que as mulheres pobres do Terceiro Mundo se tornem as principais vítimas da doença, salientam os autores do estudo.	Instituição de Panos - Dados de Pesquisa	Informação
Quatorze vacinas estão em fase de testes	Atualmente, estão em teste 14 vacinas de três tipos contra a Aids: Preventivas, Terapêuticas (Para bloquear a progressão da infecção do HIV) e perinatais (para prevenir a transmissão de mãe para filho durante	José Meirelles Passos - Correspondente	Informação Esperança Luta

	a gestação). Entretanto, o diretor-geral da OMS, Hiroshi Nakajima, acredita que uma vacina contra a doença ficará pronta, no mínimo, dentro de dez anos.	Hiroshi Nakajima – Diretor-Geral da OMS	
Menino com Aids está sem remédio. Subtítulo: Decisão judicial garante que tratamento não é respeitado	Até ontem, véspera do Dia Internacional de Luta contra a Aids, o menino Vando Soares da Costa, de 9 anos, ainda aguardava que o Inamps regularizasse a entrada do medicamento imunoglobulina humana endovenosa, necessário à sua sobrevivência. Vando contraiu a doença numa transfusão de sangue no Hospital da Lagoa, no primeiro ano de vida.	Norma Rubini, Médica da imunologia do hospital Gaffré e Guinle Jorge Beja, Advogado	Descaso
Hospital precisa de 50 frascos por mês para suas crianças	O Hospital Gaffrée e Guinle precisaria receber do governo pelo menos 50 frascos de imunoglobulina humana endovenosa por mês para o tratamento de crianças aidéticas. Não recebe nenhum. Todo o medicamento que conseguiu foi através da Fundação Viva Vazuza. Norma Rubini acha que o problema só será controlado quando o uso da imunoglobulina for padronizado.	Norma Rubini, Médica da imunologia do hospital Gaffré e Guinle Diva Garcia Gomes Soares, Mãe de Vando (menino de 9 anos com Aids)	Informação Apelo

1993

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Novo teste detecta vírus da Aids até na saliva	Cientistas japoneses criaram um teste de Aids quatro mil vezes mais sensível que os atuais. O anúncio foi feito ontem, véspera do Dia Mundial de Luta contra a Aids. O teste acusa a presença do HIV até na saliva, mesmo que ele exista em quantidade mínima.	Chamada para a matéria da página 22, editoria Ciência e Vida	Esperança Informação Luta
PESSOAS	O ex-jogador de basquete "Magic" Johnson foi apontado pelos franceses, numa enquete, como a pessoa que mais personifica a luta contra a Aids em todo o mundo.	Cesar Tartaglia, Jornalista	Solidariedade
Elton contra a Aids	Elton John inaugurou oficialmente ontem, em Londres, o Departamento de Saúde sexual do Hospital do Kings College, que já funciona há um ano e meio e para qual o cantor fez diversas contribuições.	Cesar Tartaglia, Jornalista	Descartado porque não é no Brasil
Aids: Teste mais sensível detecta vírus na saliva	Cientistas japoneses criaram um teste ultra-sensível, capaz de detectar o vírus da Aids em sangue, saliva e urina. Segundo o jornal "Mainichi", o novo método é quatro mil vezes mais sensíveis que os disponíveis (acusando a presença do HIV mesmo em quantidade ínfima). Em 185 experimentos preliminares, o teste mostrou ter acerto de 100%, disse ao jornal o cientista Eiji Ishikawa, da Universidade de Miyazaki. O	Eiji Ishikawa, Cientista da Universidade de Miyazaki	Esperança Tratamento

	anúncio foi feito ontem, véspera do Dia Mundial de Luta contra a Aids.		
Brasil já tem mais de 40 mil casos da síndrome	O Ministério da Saúde lança hoje, Dia Mundial de Luta contra a Aids, uma nova campanha de prevenção da síndrome no rádio e na TV. Até o dia 30 de Outubro desse ano, já tinham sido registrados 48.964 mil casos de Aids (35.454 homens) no país. O número de mortes desde 1980 é de 18.128. A campanha, que vai durar 15 dias, pretende alertar principalmente os jovens para a necessidade do uso de preservativos nas relações sexuais.	Lair Guerra Macedo, Coordenadora da Divisão de Doenças Sexualmente Transmissíveis	Informação

1994

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentidos
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Aids	O TRT do Rio julga hoje o processo movido pela produtora Oilaque André, demitida da empresa Xuxa Produções, há dois anos, por ser portadora do vírus da Aids.	Redação	Informativo
Paris reúne 42 países para combater a Aids	PARIS - com a participação de 42 países (13 chefes de Governo e 19 Ministros) e sob uma avalanche de críticas da maioria das organizações humanitárias, será aberto hoje, Dia Mundial da Aids, em Paris, a Conferência Internacional de Chefes de Estado sobre a Aids. Organizada pelo Governo Francês, com o apoio da Organização Mundial da Saúde (OMS), a conferência vai aprovar uma declaração defendendo o respeito aos direitos das pessoas infectadas pelo vírus e rejeitando toda forma de discriminação.	Helena Celestino, Correspondente	Descartada por ser matéria sobre fato no exterior
HIV fará cinco milhões de órfãos	GENEBRA - A Organização Mundial de Saúde (OMS) informou, ontem, que no ano 200 haverá cinco milhões de crianças órfãs no mundo devido à Aids. A proteção das famílias afetadas pela doença foi o tema escolhido pela OMS para os eventos que se realizam hoje, Dia Mundial da Aids.	Helen Celestino, correspondente	Medo

1995

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
ONU: Aids vai se alastrar no Brasil	GENEBRA - A epidemia de Aids no Brasil vai se ampliar nos próximos anos, de acordo com o relatório do Programa da ONU para o Combate à Aids. O documento, divulgado ontem, véspera do Dia Mundial de Combate à Aids, cita quatro fatores que contribuem para que a doença se alastre. Primeiro, o aumento do número de usuários de drogas injetáveis no Sul e no Sudeste do País. Depois, o aumento da quantidade de adolescentes e pessoas com baixo nível escolar infectados e um índice muito elevado de doenças sexualmente transmissíveis em determinados grupos da população. O último fator seria a "cultura sexual permissiva" existente no país.	Deborah Berlinck, Correspondente	medo
HIV nos EUA já é vírus endêmico	WASHINGTON - A Aids já assumiu características endêmica no Estados Unidos. Entre os países industrializados, os EUA são a nação com o maior número de pessoas infectadas e a síndrome se alastra principalmente entre os negros e os cidadãos de origem latina. A informação foi divulgada em artigo publicado na revista "Science"	Sem crédito	Descartada por ser matéria sobre fato no exterior
Presos receberão orientação	BRASÍLIA - O Ministério da Saúde vai distribuir dez mil cartilhas nos presídios brasileiros para esclarecer os presos sobre as medidas de prevenção à Aids. Preocupado com a disseminação da	Lair Guerra de Macedo, Coordenadora do Programa Nacional de	Esperança Solidariedade Luta

	doença entre os presidiários - não há levantamentos sobre o número exato de casos - o Governo resolveu criar uma comissão formada pelos Ministérios da Saúde, Justiça e Relações Exteriores para propor meios de combate à Aids no sistema penitenciário. A portaria será publicada hoje no Diário Oficial.	Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde.	
Bird diz que moléstia infecta seis mil por dia	WASHINGTON - Diariamente, seis mil pessoas são contaminadas em todo o mundo pelo HIV, o vírus da Aids. As cifras indicam que o mito de que os homossexuais são os principais infectados caiu por terra: atualmente 75% das infecções têm atingido heterossexuais. E mais da metade das vítimas são mulheres. Os dados foram divulgados ontem pelo Banco Mundial (Bird), na véspera do Dia Mundial da Aids. O levantamento feito pela instituição comprovou que os países em desenvolvimento são os mais atingidos pela doença.	José Meirelles Passos , Correspondente David de Ferranti, Diretor do Departamento de Desenvolvimento Humano da Bird	Medo Desamparo
'Dia de combate à Aids' ganha campanha na TV	As emissoras de televisão com apoio do Ministério da Saúde, veicularão em rede nacional duas campanhas de alerta aos telespectadores. O MTV fará também vinhetas e ficará um minuto fora do ar em sua programação para momentos de reflexão.	Virginia Viveiros, Jornalista Clarissa Cohen, Diretora de criação da MTV	Esperança Luta

1996

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa	Chamada para a editoria 'Jornal da Família'	Chamada para a editoria 'Jornal da Família'	Informação
Forças armadas discutem o aumento da Aids nos quartéis	BRASÍLIA. O número de militares vítimas de Aids é, proporcionalmente, cinco vezes maior do que o registrado na população brasileira acima de 18 anos que está fora dos quartéis. A preocupação de alertar para essa realidade e propor soluções levou as Forças Armadas a quebrarem um tabu e abordar o assunto delicado num seminário internacional aberto ao público. Começa hoje - Dia Mundial de Luta contra a Aids - em Brasília, no Hospital das Forças Armadas, o "Seminário internacional sobre Aids nas Forças Armadas e polícias da América Latina".	Hugo Marques, Jornalista Carlos Alberto Gonçalves, Coronel-médico e chefe da seção de saúde do EMFA Jair Bolsonaro, Deputado do PPB-RJ	Medo
Meu marido é gay Subtítulo: Pesquisa mostra que 75% das mulheres com Aids são donas-	A dona-de-casa V. M., de 30 anos, está casada há cinco anos e nunca se preocupou com a prevenção de Aids. Jamais pensou que estivesse vulnerável à doença: vivia uma relação estável, absolutamente fiel a seu marido. Ela estava no quarto mês de gravidez, quando seu	Antônio Marinho, Jornalista V.W, Dona de casa que não quis se identificar OMS – Dados de pesquisa	Estigma Preconceito

de-casa monogâmicas	médico pediu que fizesse um teste de HIV. Indignou-se, protestou, adiou o exame, mas afinal teve que se render, atônita, à realidade: estava infectada pelo vírus HIV. Foi apenas diante do resultado do exame que seu marido confessou: tinha uma vida bissexual e escondia este fato da mulher.	Regina Maria Barbosa, Pesquisadora Wilza Vieira Villela, Pesquisadora Alvaro Matilda, Médico do programa de controle a Aids Betina Durovni, Médica e Coordenadora do setor de DST da Secretaria Municipal de Saúde	
<p>Mulher com Aids sofre mais preconceito</p> <p>Subtítulo: A maioria é obrigada a deixar o emprego e muitas delas mostram-se receosas ao divulgar o diagnóstico para a família</p>	Um estudo da Universidade de São Paulo (USP) revela que 69,2% de um grupo de brasileiras infectadas foram obrigadas a deixar o emprego, rejeitadas por seus empregadores, e 50% tornam-se autônomas. Os pesquisadores Elucir Gil e Geraldo Duarte entrevistaram 26 mulheres, entre 25 e 30 anos, atendidas no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Pelo menos 19,2% das entrevistadas tinham medo de revelar o diagnóstico da doença para a família.	<p>Elucir Gil, Pesquisador</p> <p>Geraldo Duarte, Pesquisador</p> <p>Regina Barbosa, Pesquisadora da Comissão Mulher Aids.</p> <p>Katia Guimarães, Pesquisadora do Instituto de Medicina da UERJ</p> <p>Moisés Tractenberg, Psicanalista</p> <p>Esaú Custódio João Filho, Infectologista</p> <p>Betina Durovni, Médica</p> <p>Mauro Schechter, Médico</p> <p>Beto Grangeiro, Pioneiro do Projeto Praça Onze</p> <p>Alvaro Matilda, Médico do programa de controle a Aids</p>	Preconceito

		Dirce Bonfim, Professora de Doenças Infecto-Parasitárias	
<p>Coquetel não deve ser visto como panacéia</p> <p><u>Subtítulo:</u> Terapia combinada prolonga a vida dos doentes mas tem fortes efeitos colaterais</p>	<p>No momento em que poderosos medicamentos contra a Aids chegam a hospitais e ambulatórios da rede pública, a fama de panaceia definitiva adquirida pelo coquetel de drogas anti-Aids preocupa médicos e autoridades sanitárias do Rio. Para Maria Inês Linhares, diretora do Ambulatório do Banco da Providência da Arquidiocese do Rio, em São Cristóvão, a desinformação sobre os medicamentos está levando muitas pessoas a não se prevenir contra a doença.</p>	<p>Eros Ramos de Almeida, Jornalista</p> <p>Maria Inês, Diretora de ambulatório do Banco da Providência da Arquidiocese do Rio</p> <p>Laydson de Andrade, Médico do ambulatório</p> <p>Eduardo Jesus, Paciente</p> <p>Tomás Alcântara, Paciente</p>	Esperança

1997

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<p>Artistas participam de ato de solidariedade a vítimas da Aids</p> <p>Subtítulo: Corrente antecipa atividades do dia de luta contra a doença</p>	<p>A solidariedade contaminou os pedestres e banhistas que circulavam pelo Posto Nove, em Ipanema, na manhã de ontem. Antecipando as atividades do Dia Mundial de Luta Contra a Aids, que está sendo celebrado hoje, um grupo de artistas e voluntários da Legião da Boa Vontade (LBV) promoveu uma corrente de apoio às vítimas do vírus HIV. Entre os artistas que participaram da manifestação, estavam a cantora Sandra de Sá e as atrizes Taís Araújo e Isabel Fillardis</p>	<p>Isabel Fillardis, Atriz</p> <p>Gisele de Almeida, Organizadora do evento</p>	Esperança
<p>A consciência sobre a Aids através de risos e imagens</p> <p>Subtítulo: São Paulo abre sua 1ª Bienal Internacional do Humor, dedicada a campanha contra a doença</p>	<p>Figura um: uma boneca de pano faz travessuras fálicas vestindo um preservativo no nariz de Pinóquio. Figura dois: debaixo de um arranha-céu, uma multidão despida faz um colchão de roupas em forma de coração para aparar da queda o soropositivo suicida. Figura três: uma mulher ajusta uma camisinha no globo terrestre. Com abordagens diferentes para o mesmo tema, estes são três dos mais de 2.300 desenhos de 49 países inscritos na 1ª Bienal Internacional de Humor, que tem como tema "Sem Aids com amor" e será inaugurada hoje, Dia Internacional de Combate à Aids. A TV Futura também trata do</p>	<p>Claudia Thevenet, Jornalista</p> <p>Antonio Neto, Presidente Nacional da Central Geral dos Trabalhadores</p> <p>Yara Codo, Cartunista</p> <p>Miguel Paiva, Desenhista de O Globo</p> <p>Spacca, Desenhista</p>	Solidariedade

	assunto durante toda a sua programação.		
--	---	--	--

1998

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Vírus HIV avança rapidamente na África do Sul Subtítulo: Mais de quatro milhões de africanos serão infectados esse ano	JOHANNESBURGO. Um dos lugares do mundo onde a Aids tem crescido com mais velocidade é a África do Sul. Segundo o diretor do Programa das Nações Unidas de Combate à Aids (OnuAids), Peter Piot, os números da doença atingiram níveis preocupantes no país. Ontem, véspera do Dia Mundial da Aids, Piot esteve na África do Sul fazendo uma conferência sobre o avanço do vírus HIV no continente.	Peter Piot, Diretor do Programa das Nações Unidas Geraldine Fraser Moleketti, Ministra do Bem Estar Social	Descartada por ser matéria sobre fato no exterior

1999

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Luta contra a Aids vai ter show em São Conrado Subtítulo: Acadêmicos da Rocinha emprestará a quadra para o evento	Um time liderado pela cantora Alcione, pelo dançarino Carlinhos de Jesus e pela apresentadora Maria Paula entra em campo hoje na quadra da escola de samba Acadêmicos da Rocinha, em São Conrado, para marcar o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Promovido por Organizações Não Governamentais (ONG's) e coordenado por Daniel de Souza, filho do sociólogo Betinho, que morreu de Aids há pouco mais de dois anos, o show vai começar às 20h30m e terá entrada franca.	Sem créditos jornalísticos	Luta
Resistência do Vírus da Aids aumenta Subtítulo: Pesquisa da Unifesp mostra que há redução dos efeitos dos coquetéis em 70% dos casos	As principais preocupações dos cientistas que estudam o vírus da Aids é a sua crescente resistência aos remédios e o aumento do número de casos. Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), uma pesquisa mostrou que 70% dos pacientes que tomavam os chamados coquetéis anti-aids apresentavam alguma falha terapêutica, sendo 93% dessas falhas estavam ligadas à resistência do HIV. Hoje, Dia Mundial de Luta contra a Aids, estão previstas manifestações no mundo inteiro para lembrar o crescimento da doença e a falta de acesso de alguns países aos remédios.	Tina Vieira, Jornalista Ricardo Dias, Pesquisador da Unifesp	Medo
Saiba mais sobre a Aids	Uma tabela com estatísticas sobre a doença, baseada em mortes, regiões,	Infográfico dados da Aids	Informação

	continentes, pessoas, órfãos e mulheres		
--	---	--	--

2000

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<p>Começam novas campanhas anti-Aids</p> <p><u>Subtítulo</u>: Cruz Vermelha e Governo Sul-Africano anunciam programas para conter o avanço da epidemia</p>	<p>GENEBRA. Hoje, Dia mundial de Luta contra a Aids, shows de música, monumentos decorados com laços vermelhos (símbolo da luta contra a doença), uma campanha estrelada pelo cantor latino Rick Martín e o anúncio de novas estratégias de combate ao vírus HIV terão como objetivo chamar a atenção da população mundial sobre a gravidade da epidemia. De acordo com o Programa de Aids das Nações Unidas, a doença afeta 36 milhões de pessoas e matará três milhões somente este ano.</p>	<p>Madeleine Albright, Secretária do Estados Unidos</p> <p>Paulo Roberto Teixeira, Coordenador Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde.</p>	<p>Descartada por ser matéria sobre fato no exterior</p>

2001

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Aids: Menos casos	Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à Aids, em São Paulo. O ritmo de crescimento da doença no país caiu 13,8%	Chamada para matéria da página 11	Esperança
Cai o ritmo do crescimento da Aids no Brasil Subtítulo: Desde 80, quando ocorreu o primeiro registro no país, doença só havia crescido. Maior problema é na região Sul	Pela primeira vez desde 1980, quando foi registrado o primeiro caso de Aids no Brasil, o ritmo da doença diminuiu em 13,8% se comparados a 1999 e 2000. Até agora, o Ministério recebeu a notificação de 15 mil novos casos, no ano passado foram 20 mil. O percentual de redução pode ser ainda maior, mas o Ministério prefere trabalhar com números precisos	Lisandra Paraguassú, Jornalista	Esperança
Contaminação de mulheres por homens cresce Subtítulo: Média nacional é de dois soropositivos para uma portadora do vírus	O número de mulheres infectadas pelo HIV é ainda maior no país em relações heterossexuais. Um boletim divulgado pelo Ministério da Saúde afirma que entre os anos de 1999 e 2000, 76,7% das mulheres que contraíram a Aids foram contaminadas em relações sexuais com homens. Hoje, a média nacional é de dois homens infectados para uma mulher.	Paulo Roberto Teixeira, Coordenador de DST e Aids do Ministério	Medo Mudança de público
Portadores do HIV transmitem vírus resistente	Pessoas infectadas pela Aids e sob tratamento estão transmitindo um tipo de HIV resistente às drogas usadas para	Roberta Jansen, Jornalista	Medo

<p>Subtítulo: Estudo realizado em Santos mostra que até 20% dos doentes não respondem às drogas</p>	<p>controlar a doença. Os números mostram que entre as pessoas contaminadas recentemente, 17% tem resistência parcial ao AZT, medicamento usado para controlar a Aids.</p>	<p>Ricardo Dias, Infectologista da Unifesp</p> <p>Celso Ramos Filho, Integrante da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde</p> <p>Ricardo Dias, Pesquisador</p>	
<p>OMS já negocia produção de vacina</p> <p>Subtítulo: Se passar no teste, VaxGen poderá ser fabricada por 7 empresas</p>	<p>É possível que no ano que vem, a nova vacina contra a Aids, a americana VaxGen, já levanta debates sobre patentes e, potencialmente, um problema. Sete indústrias farmacêuticas foram convocadas pela OMS para discutir uma estratégia de garantir o sucesso na medicação. A vacina passará por testes em setembro de 2002</p>	<p>Deborah Berlinck, Correspondente</p> <p>José Esparza, Coordenador do programa de vacinas da OMS</p>	<p>Esperança</p>

2002

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
<p>Milhares de pessoas nas ruas contra a Aids</p> <p>Subtítulo: Dia mundial de combate à doença que já atinge 40 milhões mobiliza países como a China, Índia e África do Sul</p>	<p>WASHINGTON - Os países que foram mais afetados pelo HIV decidiram se reunir e aderir ontem às comemorações do Dia mundial da luta contra a Aids com uma campanha de advertência e prevenção. Todos os países pedem mais empenho no combate da doença.</p>	Sem créditos jornalísticos	Descartada por ser matéria sobre fato no exterior

2003

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
OMS lança plano de combate à Aids Subtítulo: No dia mundial da luta contra a doença, manifestantes pedem mais ação	O Dia Mundial de Luta Contra a Aids, celebrado hoje em todo o mundo, foi escolhido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para o lançamento de uma campanha internacional cujo o objetivo é dar tratamento gratuito a três milhões de portadores do vírus HIV até o fim de 2005. Planos para a conscientização de governantes também serão anunciados.	Morten Rostrup, Presidente da Ong Médico sem fronteiras Kofi Annan, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas. Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul	Esperança Luta
Exibição de vídeos é proibida no Brasil Subtítulo: Feito por ONG's de combate à Aids, filme ataca posição da igreja	O Juiz Sérgio Jerônimo Abreu da Silveira, da 4ª Vara Cível, proibiu liminarmente, na sexta-feira, a exibição do vídeo "Perdão", que integra uma campanha feita por ONG's de combate à Aids. A peça publicitária, exibida no fantástico, da Rede Globo, em 9 de Novembro, critica a postura da igreja Católica em relação ao uso da camisinha.	Paulo Marqueiro, Jornalista Sérgio Jerônimo Abreu da Silveira, Juíz da 4ª vara cível Dom. Eusébio Oscar, Arcebispo do Rio	Preconceito

2004

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
<p>Abandonada, África é devastada pela Aids</p>	<p>A epidemia de Aids está levando países africanos a retrocesso de um século em seu desenvolvimento, revelam, em caderno especial que o GLOBO publica hoje (Dia Mundial de Luta Contra a Aids), as enviadas especiais Roberta Jansen e Marizilda Cruppe. A expectativa de vida no sul da África foi reduzida para 47 anos e a segurança internacional está sob ameaça.</p>	<p>Chamada para as matérias do caderno especial O Globo – Aids</p>	
<p>Aids cresce entre negros e pardos mais pobres</p> <p>Subtítulo: Dados são do Boletim Epidemiológico 2004. Segundo o Ministério da Saúde, baixa escolaridade facilita o contágio</p>	<p>O Boletim Epidemiológico da Aids 2004, divulgado ontem pelo Ministério da Saúde, revela que a epidemia está crescendo entre a população negra e parda, de baixa escolaridade e renda baixa. O Boletim mostra que, em 2000, quando foram coletados dados por raça pela primeira vez, 13,2% das mulheres e 11,2% dos homens infectados naquele ano eram negros. No primeiro semestre de 2004, essa proporção subiu para 14,3% e 11,8%, respectivamente.</p>	<p>Demérito Webber, Jornalista</p> <p>Pedro Chequer, Diretor do Programa Nacional de DST e Aids</p>	

<p>Camisinha é vendida por 0,30 centavos</p>	<p>Responsável pelas campanhas de prevenção da Aids e distribuição gratuita de preservativos masculinos, o Ministério da Saúde começou a vender o produto. Desde Outubro, as 26 lojas do Farmácia Popular, oferecem camisinhas a R\$ 0,30 a unidade. Em um mês foram vendidas 3.500.</p>	<p>Sem créditos jornalísticos</p>	<p>Prevenção</p>
<p>Igreja: Aids é imunodeficiência moral</p> <p>Subtítulo: Vaticano defende abstinência, mas pede o fim do preconceito e remédios mais baratos</p>	<p>O Vaticano atribuiu ontem a disseminação da Aids a uma "imunodeficiência dos valores morais". Na véspera do Dia Mundial de Luta contra a Aids, o presidente do Conselho de Saúde do Vaticano citou o Papa, dizendo que João Paulo II considera a Aids uma "doença de espírito", que deve ser combatida com a "prática sexual correta e o ensino de valores sagrados".</p>	<p>Javier Lozano Barragan, Cardeal</p>	<p>Luta</p>
<p>Órfãos são cobaias em teste anti-HIV</p> <p>Subtítulo: Laboratório é acusado de usar menor carente em experiência com drogas</p>	<p>LONDRES. Ontem, véspera do Dia Mundial de Luta contra a Aids, uma denúncia feita pela rede de TV britânica BBC chocou profissionais envolvidos no combate à epidemia: o laboratório GlaxoSmithKline está testando drogas experimentais anti-HIV em crianças soropositivas de um abrigo para órfãos e menores carentes em Nova York, o Centro Infantil Encarnação.</p>	<p>Jacklyn Hoerger, Funcionária do abrigo</p> <p>Michael Welstein, Presidente da ONG Aids Healthcare Foundation</p> <p>Glaxo Smith Kline – pronunciamento do laboratório</p> <p>David Rasnick, Especialista da Universidade de Berkeley</p>	<p>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</p>

<p>A África agoniza</p>	<p>Nenhum lugar mostra tão bem o poder destrutivo da Aids quanto a África. O continente abriga 60% dos 39,4 milhões de casos da doença e muitos países já amargam um retrocesso de um século em seu desenvolvimento. Hoje, dia mundial de luta contra o HIV, as enviadas especiais do GLOBO mostram a face da epidemia que arrasa economias, destrói famílias, nega aos órfãos um futuro e ameaça a segurança mundial.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p>	<p>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</p>
<p>Fome e Desilusão</p> <p><u>Explicação:</u> Pouco mais de duas décadas após a identificação do vírus, a epidemia se alastra em ritmo avassalador, corrói bases da sociedade e a esperança de desenvolvimento dos países do sul da África, região mais atingida</p> <p><u>Subtítulo:</u> Aids mata agricultores, reduz oferta de alimentos e aumenta o número de desnutridos.</p>	<p>Pouco mais de 20 anos depois de o vírus da Aids ter sido isolada, a doença alcança um estágio jamais enfrentado pela Humanidade. Na análise de especialistas, a Aids deixou de ser exclusivamente um problema de saúde para se tornar uma ameaça à estabilidade dos países mais afetados em razão de seus graves efeitos sociais, econômicos e políticos.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Luiz Loures, Diretor do programa de Aids das Nações Unidas (unaids)</p> <p>Peter Piot, Diretor-Geral da Unaid</p>	<p><i>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</i></p>
<p>População faminta é mais vulnerável ao HIV e ONU teme tragédia humanitária em vários países</p>	<p>A base da alimentação da população dos países mais pobres da África é a mandioca, rica em carboidratos e pobre em praticamente todos os demais nutrientes necessários. O tubérculo é consumido invariavelmente na forma de</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Paulo Teixeira, Integrante da comissão HIV/Aids</p>	<p>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</p>

	<p>uma espécie de purê, o fufu, quase sempre acompanhado por folhas de mandioca cozidas em azeite de dendê. O consumo de proteínas é bastante reduzido e a maior parte da população faz apenas uma refeição por dia.</p>		
<p>A perda do saber</p> <p>Subtítulo: Até 2015, doença terá matado milhões de profissionais, a maioria na África</p>	<p>Três anos atrás, Oliver Wala-Wala assistiu a uma aula na faculdade de Medicina de Kinshasa, na República Democrática do Congo (RDC), que provocaria uma mudança em sua vida. O professor falava sobre Aids, a doença que devasta boa parte dos países da África. Como estudante de medicina e africano, Wala-Wala tinha todo o interesse no assunto. Mas não era só isso. Tendo recebido uma transfusão de sangue anos antes e tido diversas parceiras sexuais, ele temia ser portador do vírus HIV.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Olliver Wala-Wala, Estudante de Medicina</p> <p>Jean Baptiste Amyala, Professor de Inglês e Informática</p> <p>Paulo Teixeira, Integrante da Comissão de HIV/Aids e Governança na África e Nações Unidas</p> <p>Peter Piot, Diretor-Geral da Unaid, programa de Aids das Nações Unidas</p>	<p><i>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</i></p>
<p>Alta contaminação de soldados e estupros espalham vírus e geram instabilidade</p>	<p>Romania Mulegwa tinha acabado de descobrir que estava grávida de seu oitavo filho, quando seu marido foi assassinado por soldados em South Kivu, na República Democrática do Congo. Para sustentar a família, ela passou a cultivar mandioca. A cada dia, ia a mercados mais distantes de casa, tentando obter preços melhores para seus produtos. Numa dessas incursões, acompanhada de outras duas</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Romania Mulegwa, Agricultora</p> <p>Peter Piot, Diretor-Geral da Unaid, programa de Aids das Nações Unidas</p>	<p><i>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</i></p>

	mulheres, ela foi abordada por um grupo de soldados.		
<p>Dor e abandono</p> <p><u>Explicação:</u> As mulheres são hoje as maiores vítimas da Aids. Abuso sexual, violência doméstica e a opressão permitiram que a epidemia se espalhasse num ritmo nunca visto. O vírus HIV se tornou arma de guerra e instrumento de exclusão. Ao matar milhares de mães, a Aids destrói famílias</p> <p><u>Subtítulo:</u> Preconceito e pobreza fazem com que soropositivas sejam rejeitadas pela família</p>	<p>O hospital é, na verdade, uma casa simples de madeira, sem luz, e com algumas camas dispostas ao acaso. Recostada numa delas, recebendo apenas soro como tratamento para Aids, Basubi Kisumbi, de 34 anos, conta sua história. O marido a deixou e seu filho caçula morreu, vítima do HIV, com 1 ano e 3 meses de idade. Ela tem outros quatro filhos, mas não consegue sustentá-los porque está doente e sua família a abandonou. O único apoio vem de uma ONG da República Democrática do Congo, em Goma, a Femme Plus, que não tem recursos para oferecer muito mais que um leito sem cobertas, soro e um prato de mandioca por dia.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Basubi Kisumbi, personagem</p> <p>Kasoki Kabumga, personagem</p> <p>Marie Epenge, Assistente Social</p> <p>Pierre Sonse Diretor do escritório Unaid, programa de Aids das Nações Unidas</p> <p>Jean-Christophe Dollé, Diretor do Escritório de Médicos Sem fronteiras</p> <p>Luiz Loures, Diretor da Unaid</p> <p>Marie Kura-Kund, Coordenadora da Ong Ferame Plus</p>	<p><i>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</i></p>
<p>Quando as mulheres adoecem, famílias se rompem, crianças passam fome e toda sociedade sofre</p>	<p>O lenço laranja cobre completamente os cabelos de Yalola Kalume, conferindo-lhe um ar de submissão. A fala é mansa, resignada, e seus olhos expressam todo o seu desamparo. Aos 36 anos, ela é soropositiva, perdeu dois filhos para Aids e foi abandonada pelo marido.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Yalala Kalume, personagem</p> <p>Luiz Loures, Diretor do Unaid, Programa de Aids das Nações Unidas</p> <p>Leontine Obell, personagem</p>	<p>Descartado matéria de fato que ocorreu no exterior</p>

		Basubi Kisumbi, personagem	
Os sem-futuro <u>Subtítulo:</u> Nos países do sul da África, toda a geração tem chance de um futuro melhor perdido	Sem o apoio da família e doentes, muitas africanas estão tomando uma das decisões mais difíceis e dolorosas decisões que uma mãe pode tomar: oferecer os seus filhos para a adoção. Não porque não os querem ou não podem cuidar deles. Mas simplesmente para não deixa-los órfãos.	Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente Lillian Tumba, Personagem Marie Epenge, Assistente Social Romania Mulegwa, Personagem	Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior
Com legiões de desamparados, nações têm reduzidas suas chances de recuperação	Crianças que perderam um ou ambos os pais para a Aids já somam 12 milhões nos países do Sul da África, um número recorde em todo o mundo. O último Relatório Global do Unaid estima que, em 2010, os órfãos da Aids serão mais de 18 milhões. O que é pior: dificilmente haverá alguém para tomar conta dessas crianças.	Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente Betty Mbuji Nkashama, Enfermeira Paulo Teixeira, Integrante da Comissão de HIV/Aids e Governança na África das Nações Unidas	Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior
Uma esperança Explicação: Ciência, técnica e disposição política são os pilares da receita de especialistas para salvar o futuro de um continente até agora abandonado à própria sorte na luta	O temor de que a Aids venha a comprometer a estabilidade e a governabilidade de muitos países africanos fez com que o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, decidisse criar uma instância específica para tratar do tema, a Comissão de HIV/Aids e a Governança na África.	Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente Kofi Annan, Secretário Geral da ONU Paulo Teixeira, Integrante da Comissão de HIV/Aids e	Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior

<p>contra a pior das epidemias</p> <p><u>Subtítulo:</u> Grupo da ONU prepara pacote de medidas para reduzir a epidemia</p>		<p>Governança na África das Nações Unidas</p>	
<p>Para o diretor-geral da Unaid, é possível impedir 40 milhões de infecções em 20 anos</p>	<p>Ao longo das últimas duas décadas, o combate à epidemia esteve centrado na redução de novos casos de Aids. Mas com os percentuais de infectados atingindo 35% ou mais em numerosos países da África, como a Botsuana, Zimbábue e Suazilândia, a disseminação da epidemia dando poucos sinais de diminuição, ficou claro que uma resposta mais abrangente era necessária para fazer frente ao problema.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista e Correspondente</p> <p>Peter Piot, Diretor-Geral da Unaid</p> <p>Paulo Teixeira, Integrante da Comissão de HIV/Aids e Governança na África das Nações Unidas</p>	<p>Descartado por ser matéria de fato que ocorreu no exterior</p>

2005

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Aids: Negros serão alvo de campanha	O Ministério da Saúde anunciou que vai iniciar uma campanha de combate à Aids voltada a população negra. De acordo com o boletim epidemiológico divulgado ontem, os homens pretos e pardos respondiam em 2003 por 38,5% dos casos da doença e agora já são 43,3% dos contaminados com o vírus HIV.	Chamada para a página 16	Preconceito
Incidência de Aids cresce entre negros e pardos Subtítulo: Ministério da saúde fará campanha voltada a este público, já que doença, de modo geral, manteve-se estável	O Ministério da Saúde vai iniciar uma campanha de combate à Aids voltada especialmente para negros. O boletim epidemiológico mostra que a incidência da doença de modo geral mantém-se estável, mas está diminuindo entre os brancos e aumentando entre os negros. Os homens pretos e pardos respondiam, em 2003, por 38,5% dos casos de Aids registrados e as mulheres, por 40,6%. Em 2005, com os dados contabilizados até junho, a incidência da Adis entre homens pretos e pardos subiu para 43,3% e entre mulheres para 45,2%.	Evandro Éboli, Jornalista Demérito Weber, Jornalista Saraiva Felipe, Ministro da Saúde	Medo Preconceito
Desagravo a Daniela Subtítulo: Ministério da	O Ministério da saúde fará hoje um ato de desagravo à cantora Daniela Mercury, que foi impedida pelo Vaticano de participar de um	Saraiva Felipe, Ministro da Saúde	Luta

Saúde homenageia cantora	concerto de Natal no sábado, com a presença do Papa Bento XVI. Daniela foi vetada por ter protagonizado a campanha do governo brasileiro de incentivo ao uso de preservativos. O Ministro Saraiva Felipe condenou a atitude do Vaticano e disse que questões religiosas e interferências externas não vão mudar a condução política de combate à Aids do governo federal:		
--------------------------------	---	--	--

2006

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Só no Brasil a Aids cresce entre idosos	Especialistas estão surpresos com a transformação da epidemia de Aids. O Brasil tem um perfil distinto e só aqui, o HIV avança na população mais velha. Em outros países, os jovens são a maior preocupação.	Chamada para a matéria da página 42	Medo
<p>HIV muda a face da epidemia</p> <p>Subtítulo: No Brasil, Aids surpreende e adquire perfil diferente do de outros países</p>	Em 25 anos, a epidemia de Aids já adotou diversas faces em todo o mundo. De "Câncer Gay", em países ricos no início dos anos 80 a uma doença majoritariamente de mulheres e jovens das periferias do mundo desde o fim dos anos 90, a Aids se reinventa e avança sem trégua. No Brasil, a doença surpreende especialistas ao adquirir um perfil bem diferente do registrado em outros países e envelhecer: sua incidência cresce entre	<p>Roberta Jansen, Jornalista</p> <p>Mariângela Simão, Diretora do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde</p> <p>Paulo Teixeira, Consultor da OMS</p> <p>Luiz Loures, Diretor do Programa de Aids das Nações Unidas</p>	

	<p>peessoas com mais de 50 anos.</p>		
<p>Com orgulho para mostrar o rosto</p> <p>Subtítulo: Brasileiros contam suas histórias para alertar a população</p>	<p>Maria nem sabia o que era Aids em 2000, quando começou a emagrecer. Foram 18 quilos em poucos meses, mas os turnos puxados como faxineira de um shopping em Niterói e a alimentação à base de lanches a fizeram crer que nada de mais grave acontecia. Até que ela caiu doente e, internada, recebeu o diagnóstico: era soropositiva.</p>	<p>Roberta Jansen, Jornalista</p> <p>Maria José Santos, Personagem</p> <p>João Bernardo da Silva, Personagem</p>	
<p>Para salvar crianças</p> <p>Subtítulo: Transmissão cai 51% no Brasil</p>	<p>Na véspera do Dia Mundial de Combate à Aids, celebrado hoje em todo mundo, a Fundação Bill Clinton, do ex-presidente americano, anunciou ter negociado um acordo para reduzir os preços do tratamento para crianças infectadas. Pelo acordo, dois laboratórios da Índia vão fornecer 19 drogas antirretrovirais a um custo de US\$ 60 por ano, por criança, uma redução de 45%. As drogas mais baratas serão oferecidas em 62 países em desenvolvimento, na África, na Ásia, na América Latina e no Caribe.</p>	<p>Bill Clinton, Ex- Presidente dos EUA</p>	

<p>Leste da Europa: Explosão de casos</p> <p><u>Subtítulo:</u> Aumento de 70% das novas infecções é resultado do descaso com a doença</p>	<p>BERLIM. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) advertiu ontem que a Aids ameaça causar uma catástrofe na Europa Oriental. A epidemia se alastrou nos últimos dez anos e, segundo um estudo divulgado ontem na Alemanha, só este ano o HIV contaminou 270 mil pessoas na região. Dietrich Garlich, diretor do escritório da Unicef na Alemanha, disse que esse número representa um aumento de 70% em relação a 2004.</p>	<p>Graça Magalhães-Ruether, Correspondente</p> <p>Dietrich Garlich, Diretor do Escritório Unicef da Alemanha</p> <p>Nikolai Grashdanow, Diretor do Centro de Aids de Donezk</p> <p>Ulrich Heide, Membro da Fundação Alemã de Aids</p>	<p>Descartado por ser matéria sobre evento no exterior</p>
---	---	---	--

2007

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Stay alive manifest	Hoje é mais um Dia Mundial da Luta Contra a Aids. Enquanto muita gente pensava que usar jeans já era transgressão suficiente, a Levi Strauss & Co foi para a linha de frente de uma batalha que, na época, estava apenas começando. A luta contra a Aids. Em seu último relatório, a ONU afirma ser 2,5 milhões o número de pessoas que contraíram o vírus em 2007. Mais de 30 brasileiros, todos os dias, são infectados. Décadas passam, as lutas da humanidade se sucedem. E usar a nem tão velha e nem tão desbotada calça	Chamada para o Dia Mundial da Luta contra a Aids através de uma propaganda	Descartado por ser anúncio

	azul, segue com o mesmo significado. Liberdade, expressão, atitude de igualdade. Princípios que não saem de moda, sobrevivem às opiniões mesquinhas, ao poder que não constrói.		
--	---	--	--

2008

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não Possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Dia Internacional da Luta contra a Aids	2 Milhões de pessoas morreram vítimas da Aids no ano passado. Aquela fitinha lá em cima é para te lembrar disso. Use camisinha.	Propaganda de conscientização da Aids.	Descartado por ser anúncio

2009

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Ponto Final	<p>Pesquisa que o Ministério da Saúde divulga hoje mostra que 20% dos portadores de HIV no país perderam seus empregos por preconceito, entre outras coisas. Por isso, hoje, Dia Mundial de Luta contra a Aids, o ministério lança esta campanha com o garoto-propaganda Samir Amim, de 24 anos, soropositivo há quatro, mineiro, estudante de letras da UFMG, que leva uma vida normal.</p>	<p>Ana Cláudia Guimarães, Jornalista</p> <p>Marceu Vieira Aydano</p> <p>André Motta</p> <p>Bernardo de La Peña</p>	Preconceito

2011

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
Ganhador do Nobel testa nova terapia contra a Aids	<p>Celebrado hoje, o Dia Mundial de Combate a Aids chegou em uma nova promessa de cura. E a esperança, dessa vez, bem do grupo do ganhador do Prêmio Nobel de Medicina David Baltimore, do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech). O experimento, ainda restrito a camundongos, inovou na metodologia. Em vez de injetar uma substância que provoque uma resposta do sistema imunológico, ensinando-o a se defender contra o HIV, os pesquisadores resolveram levar o antígeno pronto para o organismo.</p>	<p>Renato Grandelle, Correspondente</p> <p>Alejandro Balazs, autor do artigo “Nature”</p>	<p>Esperança</p> <p>Luta</p>

2010

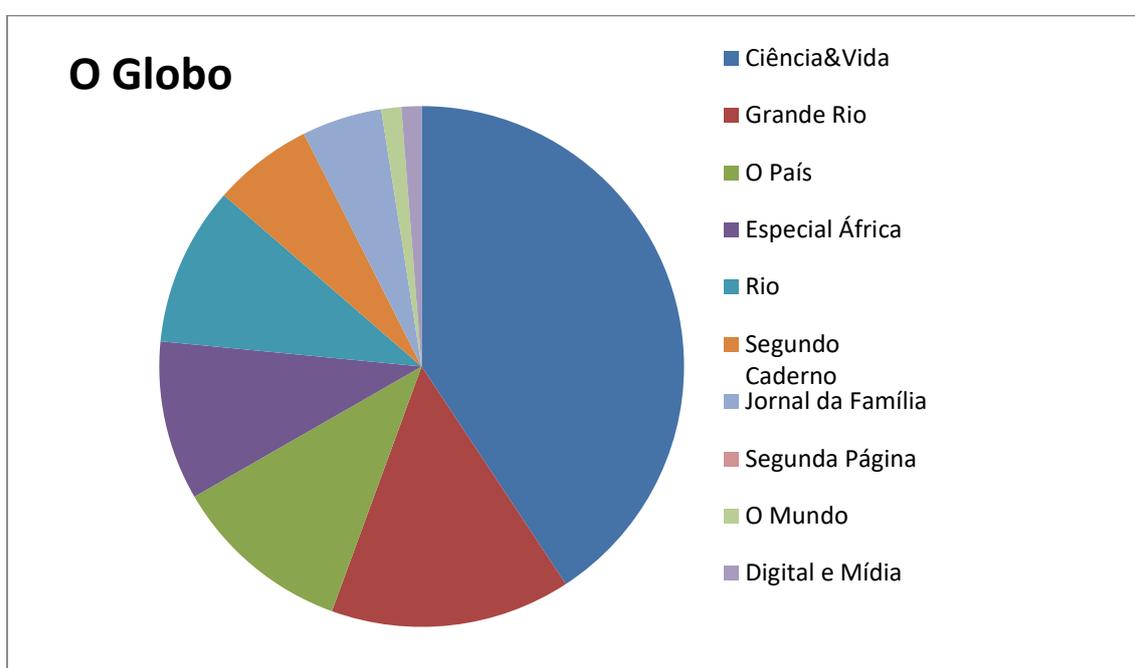
Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Sir Elton John: Editor	No Dia Mundial de Combate à Aids, o jornal "Independent" de hoje terá páginas que passaram pelo crivo de um editor especial convidado: Sir Elton John. Ele também ocupou ontem a cadeira de editor do "i", jornal recentemente lançado e que pertence ao mesmo grupo.	Sem créditos Jornalísticos	Exterior
Elton John vira editor por um dia na luta contra a Aids	O cantor Elton John editou o jornal britânico "Independent" que circula hoje. A receita será passada para a Elton John Aids Foundation.	Sem créditos jornalísticos	Exterior

2013

Título	Recorte discursivo	Vozes discursivas	Efeito de sentido
Não Possui	Não tem chamada de capa	Não tem chamada de capa	
O Mapa da Aids	Cai o número de crianças infectadas.	Chamada para a página 24	Informação
Crianças com Aids	<p>O Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, lança hoje, Dia Mundial de Combate à Aids, um boletim com o retrato da doença no país. O índice de detecção, segundo o ministério, está estável.</p> <p>A boa notícia é a queda na infecção de menores de 5 anos. O Boletim mostra que, em dez anos, houve uma redução de 36% na taxa de detecção de menores de 5 anos com o vírus.</p>	Anselmo Gois, Colunista	Informação

3.3.2 25 anos do Dia Mundial da Luta contra Aids no O Globo

Nos 25 anos que compreendem nossa pesquisa, O Globo publicou no dia primeiro de dezembro, 89 matérias com referência ao HIV/AIDS, foram editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativas às “comemorações” do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS ou não, mas, que tinham relação à síndrome. Em relação à localização dentro do periódico, foram publicadas nas seguintes editorias: Grande Rio (12 matérias); Ciência e Vida (33 matérias); O País (9 matérias); Jornal da Família (4 matérias); Segundo Caderno (5 matérias); Rio (8 matérias); O Mundo (1); Digital e Mídia (1); Segunda Página (2 matérias) e um Especial África com oito páginas, em 2004. Quanto às capas, que serão analisadas no item 2.3.1, foram apenas seis, ou seja, no lugar de maior destaque dentro de um veículo, o tema foi manchete nos anos 1992, 1996, 2001, 2004, 2005 e 2006.



O primeiro Dia Mundial da Luta Contra AIDS comemorado no Brasil, em 1988, não teve destaque na capa de O Globo, mas, curiosamente, no interior do jornal, foram publicadas sete matérias que tinham relação com o tema. Na editoria O País, sob o título “AIDS e a Comunidade”, figurava um artigo, entre fios, titulado de “Mobilização Geral” de autoria de Paulo César Bonfim, presidente do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA), e membro da comissão nacional de controle a AIDS. Bonfim convidava ao leitor para que refletisse sobre a importância da data, sobre o significado do evento e, sobretudo, o papel da comunidade diante do aumento dos doentes e da rejeição dos pacientes pelas suas famílias, amigos e colegas de trabalho:

“A data de 1º de dezembro foi instituída como Dia Mundial Contra a Aids. Qual o significado desse evento? Infelizmente não se trata de nenhuma comemoração alegre, muito pelo contrário. Seu significado, longe de festivo, é extremamente preocupante, pois a Aids continua sua caminhada implacável, deixando à sua passagem toda sorte de misérias e desgraças. Isso nos remete a algumas reflexões sobre a problemática da doença e o papel da comunidade, especialmente se pensarmos no insistente aumento dos casos de Aids e na crescente rejeição às suas vítimas”(O Globo,O Pais, p.4, 1988)

Já na editoria Grande Rio, sob o título: “Igreja participará do Dia contra a AIDS”, a Arquidiocese do Rio de Janeiro informava sua participação nas atividades do dia primeiro de dezembro, promovendo “uma conferência sobre prevenção e orientação pastoral no atendimento aos pacientes aidéticos”³¹, destinada a sacerdotes, religiosas, agentes de pastoral e outros interessados. Na mesma editoria, o anúncio publicitário motivacional do Ministério da Educação dizia: “AIDS: O quadro ainda é negro. Mas o MEC luta para apagar isso”³². Na editoria Ciência e Vida quatro matérias dividiram a mesma página. Sob o título “OMS prevê um milhão de aidéticos em 1991”, Hiroshi Nakajima, Diretor da Organização Mundial de Saúde (OMS), anunciava que, em três anos, haveria “mais de um milhão de novos aidéticos no mundo”. A previsão ainda considerada otimista, pois, segundo ele, as estimativas eram baseadas em estatísticas sabidamente incompletas. Na matéria “Vacina não chega antes de um ano”, Jonathan Mann, Diretor do Programa de Luta contra a Aids da OMS, alertava para a multiplicação de quatro a dez vezes o número de doentes no mundo e para a necessidade de investir num medicamento capaz de conter o avanço enquanto a vacina não estivesse disponível. A matéria estava relacionada a dois outros textos da mesma página: “Austriaco diz que cura com planta da Amazônia” que narrava a descobertas de uma planta amazônica pouco conhecida pelos cientistas, porém muito usada na medicina popular, a unha-de-gato e que o médico austriaco Klaus Keplinger afirmara ter tratado com sucesso cinco vítimas da doença. Em outra

³¹ A Arquidiocese do Rio de Janeiro também vai participar do Dia Mundial Contra a Aids, nesta quinta-feira, dia 1º de dezembro, com uma conferência sobre prevenção e orientação pastoral no atendimento aos pacientes aidéticos, às 18h, no auditório do Edifício João Paulo II, à Rua Benjamin Constante 23, Glória. A conferência será destinada a sacerdotes, religiosas, agentes de pastoral e outros interessados. (O Globo, 1/12/1988, Grande Rio, pág. 14)

³² O MEC está fazendo de tudo para combater a AIDs no Brasil. 75% dos leitos destinados aos pacientes de AIDS são dos hospitais do MEC*. Que, além disso, mantém os melhores laboratórios de Imunologia para estudo das reações dos anticorpos. Pesquisando, tratando, dando carinho, o MEC vai lutando até o dia em que se descubra a solução para a questão da AIDS, apagando de vez esse problema da vida de milhares de brasileiros.(O Globo, 1/12/1988, Grande Rio, pág. 17)

matéria, referia-se ao poder da unha-de-gato e dos tratamentos alternativos para a cura da AIDS como “Uma variada gama de ‘tratamento’”:

“Três leguminosas comuns na dieta do mexicano - chile, quelite e papado -, por exemplo, foram apontados pelo cientista da Universidade da Califórnia, Eloy Rodrigues, como promissores no combate a moléstia por terem a substância ativa "Alfatt", capaz de romper a membrana do vírus”. ”(O Globo,Ciência e Vida, p.20, 1988)

No ano seguinte, 1989, também não houve capa, mas, quatro matérias foram publicadas. Em uma nota em O País, o governo do estado anunciava que se dependesse dele, ninguém mais pegaria AIDS por transfusão de sangue no Rio. “Nos últimos dois anos, nenhuma das mais de duas mil amostras de sangue colhida nos bancos de sangue revelou a presença do vírus da AIDS, o HIV.”, revelava o *lead*. No Grande Rio, a notícia trazia a boa nova de que mendigos, prostitutas e homossexuais ganharam o direito a um atendimento de saúde regular, no Ambulatório da Providência, inaugurado pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio Sales, e o Secretário Estadual de Saúde, José Noronha. Outra reportagem trazia a notícia de que, para comemorar o Dia Mundial Contra a AIDS, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (Abia) fez circular um documento denominado: "Desperta Rio", baseado no estudo realizado por sete organizações que trabalham contra o que consideram: ‘uma epidemia de AIDS no Estado do Rio de Janeiro’. O documento acusava o Governo estadual de omissão e apresentava as prioridades e emergências para a implantação de um efetivo Programa Estadual de Prevenção e Controle da doença. Para terminar, a jornalista Heloísa Villela, correspondente em Nova Iorque, anunciava em nota o Day Without Art – Dia sem arte, ação que promovia manifestações de retirada de pinturas e quadros em museus e espaços alternativos para chamar a atenção da devastação que a AIDS já havia causado.

Em 1990, o número de matérias dobrou, chegando a oito, todas no interior do veículo. Na página 15 da editoria Grande Rio, sob o título “AIDS: Urgente se faz a volta à moral cristã”, a narrativa tratava do estande ambulatório denominado "Luta pela vida", montado na Feira da Providência, que promoveu durante os quatro dias do evento, uma pesquisa para avaliar o grau de informação sobre a “mortífera doença” entre a população do Rio de Janeiro. Na mesma página, Álvaro Natida, coordenador do programa de AIDS da Secretaria Estadual de Saúde do RJ, informava que 18% de pacientes eram do Rio e que nos próximos quatro anos seriam registrados seis mil novos casos. O restante da página foi dividida entre matérias, tais como: a

inauguração de um laboratório destinado à pesquisa científica de AIDS, montado com recursos da Petrobras, no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão.; a crítica de Herbert de Souza a falta de uma ação enérgica do Governo Federal na solução de problemas ligados à AIDS e no esclarecimento da população sobre a doença. Ainda havia o pedido dos médicos pela subvenção do Ministério para AZT, a denúncia de “falta leito para aidéticos” feito pela CREMERJ e o anúncio de que, em 91, mundo chegaria a 500 mil. A notícia de que a OMS escolheu as mulheres como tema do Dia Internacional de Luta contra a AIDS pelo número de infectadas, o órgão acredita que “até dez milhões de pessoas estejam contaminadas. Um terço corresponde a mulheres”.

Em 1991, quatro matérias e uma chamada trataram o tema. Nesta edição, o Presidente em exercício, Fernando Collor de Mello aproveitou a data para anunciar em cadeia nacional a criação da Comissão Nacional da AIDS que seria presidida por Pelé. O atleta comandaria as ações de combate à doença. “O objetivo da Comissão é mobilizar a sociedade para a importância de se prevenir contra a doença”, diz a matéria. Na editoria Grande Rio a nota era sobre o corte dos passeios que seria feitos pelos membros da Liga Americana de Basquete. A alegação era “que, ainda abalados com a revelação que Magic Johnson contraiu o vírus da AIDS, estão sem condições psicológicas para se divertir”. E ainda, o “Diretor do Programa de AIDS da Organização Mundial da Saúde (OMS), Michael Merson, disse que a tendência, se a doença não for controlada, é existirem comunidades com números desproporcionais de pessoas velhas e crianças”.

Em 1992, além da capa “A cada minuto, três novos casos de AIDS no mundo” e da matéria relativa a ela “AIDS contagia mais de cinco mil pessoas por dia”, que analisamos no item 4., foram publicadas quatro matérias, sendo duas no Ciência e Vida e duas no Grande Rio. A notícia que estavam em teste 14 vacinas de três tipos contra a AIDS: Preventivas, Terapêuticas (Para bloquear a progressão da infecção do HIV) e perinatais (para prevenir a transmissão de mãe para filho durante a gestação) contrastavam com o alerta do estudo “O Custo Oculto da AIDS”, que mostrava que a AIDS estava se transformando num sintoma da pobreza, contribuindo para o aumento da miséria no Terceiro Mundo. No entanto, as mais afetadas seriam mulheres por falta de acesso aos meios de proteção, salientaram os autores. No Grande Rio, foram feitas duas denúncias: de que o “Hospital Gaffrée e Guinle precisaria receber do governo pelo menos 50 frascos de imunoglobulina humana endovenosa por mês para o

tratamento de crianças aidéticas” e a de que a decisão judicial que obrigava o INAMPS a liberar o remédio para o menino Vando Soares da Costa, de nove anos, não foi respeitada. O menino que, “contraiu o vírus durante uma transfusão”, recebeu ajuda da Sociedade Viva Cazusa. A Norma Rubini, Médica da imunologia do hospital Gaffré e Guinle, “acha que o problema só será controlado quando o uso da imunoglobulina for padronizado”.

Apesar do silêncio no período de 1993 a 1995, O Globo não deixou de publicar nas páginas internas nenhum dos anos. Em 1993, por exemplo, cinco matérias fizeram parte das Editorias Rio, Coluna Pessoas e Ciência e Vida. O colunista César Tartaglia noticiou que “ Magic’ Johnson foi apontado pelos franceses, numa enquete, como a pessoa que mais personifica a luta contra a AIDS em todo o mundo” e que “Elton John inaugurou oficialmente o Departamento de Saúde Sexual do hospital Kings College em Londres”. Na Ciência e Vida, além da notícia que Brasil possuía 40 mil casos da síndrome, divulgou que cientistas japoneses criaram um teste ultrasensível, capaz de detectar o vírus da AIDS em sangue, saliva e urina. “Segundo o jornal "Mainichi", o novo método é quatro mil vezes mais sensíveis que os disponíveis (acusando a presença do HIV mesmo em quantidade ínfima)”.

A edição de 1994 publicou uma nota sobre o julgamento do processo movido pela produtora Oilaque André, demitida da empresa Xuxa Produções, há dois anos, por ser portadora do vírus da AIDS. Noticiou também a conferência em Paris que reuniu 42 países para combater a AIDS e para aprovar uma declaração defendendo o respeito aos direitos das pessoas infectadas pelo vírus e rejeitando toda forma de discriminação e o pronunciamento da OMS que disse que “no ano 2000 haverá cinco milhões de crianças órfãs no mundo devido à AIDS”.

Um ano depois, em 1995, ano em que mais mortes houve em decorrência do HIV, os EUA declaravam que a AIDS assumiu características endêmicas e que se alastrava no país e atingindo principalmente os negros e os latinos. O Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) estimava que, diariamente, seis mil pessoas eram contaminadas em todo o mundo pelo HIV. “As cifras indicam que o mito de que os homossexuais são os principais infectados caiu por terra: atualmente 75% das infecções têm atingido heterossexuais”, dizia a matéria. Em Genebra, a OMS anunciou que a doença ia se alastrar no Brasil e que quatro fatores contribuía diretamente: o aumento do número de usuários de drogas injetáveis no Sul e no Sudeste do País; o aumento da quantidade de adolescentes e pessoas com baixo nível escolar, infectados e um índice muito elevado de doenças sexualmente

transmissíveis em determinados grupos da população. O último fator seria a "cultura sexual permissiva" existente no país. No Brasil, o Ministério da Saúde, preocupado com a disseminação da doença entre os presidiários, anunciava a distribuição de dez mil cartilhas nos presídios brasileiros para esclarecer os presos sobre as medidas de prevenção à AIDS. E por fim, as emissoras de televisão com apoio do MS anunciavam a veiculação em rede nacional duas campanhas de alerta aos tele-espectadores.

Em 1996, ano em que na capa foi estampada a manchete “Pesquisa: 75% das mulheres com AIDS são donas de casa”, além da matéria “Meu marido é gay” que é relativa à chamada da Primeira Página, duas outras matéria fizeram parte dessa edição. “Mulher com AIDS sofre mais preconceito” contava como a maioria das mulheres era obrigada a deixar o emprego e mostravam-se receosas ao divulgar o diagnóstico para a família “Coquetel não deve ser visto como panaceia” falava da preocupação das autoridades com os poderosos medicamentos disponíveis na rede pública de saúde e que eram eficazes, mas, tinham efeitos colaterais e não podiam ser encarados como solução mágica a ponto das pessoas não se precaverem mais. “Para Maria Inês Linhares, diretora do Ambulatório do Banco da Providência da Arquidiocese do Rio, em São Cristóvão, a desinformação sobre os medicamentos está levando muitas pessoas a não se prevenir contra a doença”.

No período de 1997 a 2000, houve um novo silenciamento nas capas de O Globo, mas, no interior do jornal as matérias pela primeira vez mostravam as ações de solidariedade como, por exemplo, o evento liderado pela atriz Isabel Filardes no Posto Nove, em Ipanema, “voluntários da Legião da Boa Vontade (LBV), promoveu uma corrente de apoio às vítimas do vírus HIV. Entre os artistas que participaram da manifestação, estavam a cantora Sandra de Sá e a atriz Taís Araújo.” Na mesma edição, a matéria “São Paulo abre sua 1ª Bienal Internacional do Humor, dedicada a campanha contra a doença” de Cláudia Thevenet contava sobre a forma de conscientização a partir do humor. “A camisinha reina em mais de 90% dos cartazes. É a maior exposição sobre o tema no mundo todo”, diz José Alberto Lovetro, da dupla de cartunistas Jal e Gual”.

Em 1998, somente uma notícia foi publicada e falava da realidade da África “Um dos lugares do mundo onde a AIDS tem crescido com mais velocidade é a África do Sul. “Mais de quatro milhões de africanos serão infectados esse ano.” Em 1999, foram apenas duas notícias: o show na Quadra dos Acadêmicos da Rocinha, liderado por Alcione e Carlinhos de Jesus,

chamaram o público para a conscientização. A outra matéria noticiava a crescente resistência aos remédios e o aumento do número de casos. “Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), uma pesquisa mostrou que 70% dos pacientes que tomavam os chamados coquetéis antiaids apresentavam alguma falha terapêutica, sendo 93% dessas falhas estavam ligadas à resistência do HIV”. Esta edição ainda contava com um Infográfico com os dados da doença no Brasil. Em 2000, houve apenas uma matéria que alertava “Cruz Vermelha e Governo Sul-Africano anunciam programas para conter o avanço da epidemia”.

Em 2001, o jornal noticiou em sua Primeira Página a queda nos casos de AIDS “o ritmo da doença diminuiu em 13,8% se comparados a 1999 e 2000”, mas, além dessa chamada de capa e matéria referente à chamada, o jornal alertava sobre a contaminação de mulheres por homens “76,7% das mulheres que contraíram a AIDS foram contaminadas em relações sexuais com homens” e sobre o fato de que pessoas infectadas e sob tratamento estão transmitindo um tipo de HIV mais resistente “17% tem resistência parcial ao AZT”. Curioso é que a chamada de capa é de alguma forma contestada no interior do jornal. Tem menos casos sim, mas, entre homens “a média nacional é de dois homens infectados para uma mulher”, de acordo com os dados do Boletim Epidemiológico divulgado em 01 de dezembro de 2000. Por fim, “OMS já negocia produção de vacina”, garantia que, se passasse no teste, haveria uma vacina em breve.

Os anos de 2002 e 2003, apesar do silêncio nas Primeiras Páginas, no interior tanto num ano quanto no outro a mobilização para o tratamento foi o grande foco. Em 2002, a mobilização da população de países como a China, Índia e África do Sul por conta do grande número de contaminados, 40 milhões, levou “Milhares de pessoas nas ruas contra a AIDS” e em, 2003, a matéria falava do movimento da OMS na conscientização de governantes e nos esforço para dar tratamento gratuito a três milhões de portadores do vírus HIV até o fim de 2005. E ainda, deu-se destaque à proibição da apresentação do vídeo "Perdão", que integrou uma campanha feita por ONG's e que criticava a postura da igreja Católica em relação ao uso de preservativo.

O ano de 2004, contou com uma grande exposição do tema em sua edição de 01 de dezembro, mas a manchete chamava atenção para a realidade no continente africano e um especial África com oito páginas foi publicado com o título de abertura “A África agoniza”. Os assuntos explorados no interior da edição falavam de dor, abandono, estupro, pobreza em títulos tais como: “População faminta é mais vulnerável ao HIV e ONU teme tragédia humanitária em vários países”; A perda do saber. Até 2015, doença terá matado milhões de profissionais, a

maioria na África”; “Alta contaminação de soldados e estupros espalham vírus e geram instabilidade” e “O vírus HIV se tornou arma de guerra e instrumento de exclusão ao matar milhares de mães.” Na Ciência e Vida, duas notícias ganharam destaque: a fala do Vaticano atribuiu a disseminação da Aids a uma "imunodeficiência dos valores morais" e a denúncia de que “Órfãos são cobaias em teste anti-HIV”. A denúncia foi feita à rede de TV britânica BBC, e dizia que o laboratório Glaxo Smith Kline estaria testando drogas experimentais em crianças soropositivas de um abrigo de órfãos e menores carentes de Nova York. De notícias nacionais, a camisinha, além de ser distribuída nos Postos de Saúde, agora podia ser encontrada por 0,30 centavos na Rede de Farmácias Popular. Curiosamente, a chamada da editoria O País anunciava “AIDS cresce entre negros e pardos mais pobres”, um ano depois esta notícia seria a grande chamada na Primeira Página.

Em 2005, além da matéria de capa, que será mais bem trabalhada no capítulo 4, item 4.1.9, que revela dados divulgados no Boletim Epidemiológico afirmando que a AIDS está diminuindo entre os brancos e aumentando entre os negros: “Em 2005, com os dados contabilizados até junho, a incidência da AIDS entre homens pretos e pardos subiu para 43,3% e entre mulheres para 45,2%.”, diz a reportagem. Havia mais uma notícia, a de que o Ministério da Saúde faria um ato de desagravo à cantora Daniela Mercury, que foi impedida pelo Vaticano de participar de um concerto de Natal com a presença do Papa Bento XVI por ter “protagonizado a campanha do governo brasileiro de incentivo ao uso de preservativos”.

Em 2006, a grande notícia de capa “Só no Brasil a AIDS cresce entre idosos” e a matéria referente ao envelhecimento da doença tiveram grande destaque, mas, no interior, uma reportagem com o depoimento de pessoas “vivendo com AIDS”, cujo título foi “Com orgulho para mostrar o rosto. Brasileiros contam suas histórias para alertar a população.” e também a notícia de que a transmissão de mães soropositivas para crianças no Brasil caiu em 51% mostraram quanto o país enfrentou a epidemia. E ainda, o “Fundo das Nações Unidas para Crianças (Unicef) advertiu que a AIDS ameaça causar catástrofes na Europa Oriental. A epidemia se alastrou nos últimos dez anos e, segundo estudo, só neste ano (2006), o HIV contaminou 270 mil pessoas na região”. Em outra matéria, a Fundação Bill Clinton “anunciou ter negociado um acordo para reduzir os preços do tratamento para crianças infectadas. As drogas mais baratas serão oferecidas em 62 países em desenvolvimento”. É importante lembrar que 2006 foi à última vez em que o tema esteve entre as manchetes de O Globo.

Nos anos subsequentes, de 2007 a 2013, a AIDS, o HIV, o Dia Mundial da Luta Contra AIDS ou qualquer outro assunto são mencionados nas Primeiras Páginas. Nesses setes últimos anos da nossa pesquisa, em 2007 e 2008, somente anúncios de conscientização e prevenção foram publicados. Em 2009, a matéria de Ana Cláudia Guimarães, intitulada “Ponto Final, divulgava os dados de uma pesquisa que o Ministério da Saúde mostrando que 20% dos portadores de HIV no país haviam perdido seus empregos por preconceito e por este motivo, o ministério lançou no Dia Mundial da Luta Contra AIDS uma campanha cujo garoto-propaganda Samir Amim, de 24 anos, soropositivo há quatro, mineiro, estudante de letras da UFMG, que levava uma vida normal. Já havia se passado 27 anos desde o início da epidemia, muito já se sabia acerca da prevenção e do tratamento e mesmo assim, o preconceito contra aqueles que viviam com AIDS necessitavam de campanha. Em 2010, o Segundo Caderno estampava a seguinte nota: “Duas rosas ilustram nesta quarta-feira a capa de um número especial do jornal britânico ‘The Independent’, cujo editor-chefe é especialmente o músico britânico Elton John por ocasião do Dia Mundial da Luta contra a AIDS.” Um ano depois, em 2011, a editoria Ciência e Vida, na página 38, noticiava que uma nova promessa de cura havia chegado para celebrar a data, dizia: “O experimento, ainda restrito a camundongos, inovou na metodologia. Em vez de injetar uma substância que provoque uma resposta do sistema imunológico, ensinando-o a se defender contra o HIV, os pesquisadores resolveram levar o antígeno pronto para o organismo”.

Em 2012, não há nenhum registro e em 2013, ano em que se encerra nossa Pesquisa, que o Dia Mundial da Luta Contra AIDS chega a 25 anos e, sobretudo, a epidemia completa 30 anos, a Coluna de Anselmo Gois publica a seguinte nota:

“O Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, lança hoje, Dia Mundial de Combate à Aids, um boletim com o retrato da doença no país. O índice de detecção, segundo o ministério, está estável. A boa notícia é a queda na infecção de menores de 5 anos. O Boletim mostra que, em dez anos, houve uma redução de 36% na taxa de detecção de menores de 5 anos com o vírus” (O Globo, Coluna do Anselmo, pag. 24, 2013).

3.4.5 Mapa comparativo das capas com AIDS

FOLHA DE SÃO PAULO

JORNAL O GLOBO

ANO	CHAMADA DE CAPA	ESPAÇO, LOCALIZAÇÃO DENTRO DA PÁGINA E CENTIMETRAGEM*	DADOS DA AIDS	ÓBITOS AIDS	ENFOQUE DA NOTÍCIA	ANO	CHAMADA DE CAPA	ESPAÇO, LOCALIZAÇÃO DENTRO DA PÁGINA E CENTIMETRAGEM*	DADOS DA AIDS	ÓBITOS AIDS	ENFOQUE DA NOTÍCIA
1988	Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto	4 colunas Ao fim da página à direita com foto 16,5 X 14,5 cm	Casos Notificados no ano: 4.324	Óbitos masculinos: 1800 Óbitos femininos: 256 Total de óbitos: 2.056	Incidental Alarmista Narra um incidente com um tom alarmista, não cita a criação do Dia Mundial da Luta Contra Aids.	1988			Casos Notificados no ano: 4.324	Óbitos masculinos: 1800 Óbitos femininos: 256 Total de óbitos: 2.056	
1989			Casos notificados no ano: 5.982	Óbitos masculinos: 2840 Óbitos femininos: 434 Total de óbitos: 3.274		1989			Casos notificados no ano: 5.982	Óbitos masculinos: 2840 Óbitos femininos: 434 Total de óbitos: 3.274	
1990	Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial	3 colunas Manchete alta à esquerda 15,3 X 12 cm	Casos notificados no ano: 8.653	Óbitos masculinos: 4632 Óbitos femininos: 750 Total de óbitos: 5.383	Temática Dia Mundial da Luta Contra AIDS / Pesquisa.	1990			Casos notificados no ano: 8.653	Óbitos masculinos: 4632 Óbitos femininos: 750 Total de óbitos: 5.383	
1991	Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids	Selo (1 coluna) no rodapé da página, centralizada 1,5 X 4 cm	Casos notificados no ano: 11.464	Óbitos masculinos: 6135 Óbitos femininos: 1229 Total de Óbitos: 7.367	Temática Chama atenção para novos tratamentos.	1991			Casos notificados no ano: 11.464	Óbitos masculinos: 6135 Óbitos femininos: 1229 Total de Óbitos: 7.367	
1992	Livro revela o custo da AIDS para o mundo	Meio da página à esquerda 4 X 6cm	Casos notificados no ano: 14.229	Óbitos masculinos: 7449 Óbitos femininos: 1564	Temática Impactos sobre a economia.	1992	A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo	Chamada no fim da página, à direita 1 módulo 4,5 X 3cm	Casos notificados no ano: 14.229	Óbitos masculinos: 7449 Óbitos femininos: 1564	Temática Alarmista Crescimento, avanço da epidemia.

				Total de Óbitos: 9.020			1ª matéria de O Globo no Dia Mundial da Luta Contra AIDS			Total de Óbitos: 9.020	
1993	Folhateen especial distribui preservativo	Manchete Alta com foto 5 colunas 25,5 X 6 cm	Casos notificados no ano: 16.392	Óbitos masculinos: 9239 Óbitos femininos: 2220 Total de Óbitos: 11.469	Temática Preservação				Casos notificados no ano: 16.392	Óbitos masculinos: 9239 Óbitos femininos: 2220 Total de Óbitos: 11.469	
1994			Casos notificados no ano: 18.009	Óbitos masculinos: 10582 Óbitos femininos: 2790 Total de Óbitos: 13.391					Casos notificados no ano: 18.009	Óbitos masculinos: 10582 Óbitos femininos: 2790 Total de Óbitos: 13.391	
1995	12 milhões no país devem ter doença sexual	Chamada à esquerda 4 X 5 cm	Casos notificados no ano: 20.754	Óbitos masculinos: 11599 Óbitos femininos: 3535 Total de Óbitos: 15.156	Alarmista Aponta para os dados de aumentos das DST's, o que podem aumentar as chances da contaminação.				Casos notificados no ano: 20.754	Óbitos masculinos: 11599 Óbitos femininos: 3535 Total de Óbitos: 15.156	
1996	Brasil Opinião da Folha Chama da para o editorial da Folha "Coquetel e Prevenção"	3,5 X 4 cm (porém a chamada ocupa duas linhas)	Casos notificados no ano: 23.658	Óbitos masculinos: 11176 Óbitos femininos: 3828 Total de Óbitos: 15.017	Temática Prevenção e medicamentos.		Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa	Manchete dentro de um box no meio da página, à direita Módulo 1 Módulo 2,5 X 7,5 cm	Casos notificados no ano: 23.658	Óbitos masculinos: 11176 Óbitos femininos: 3828 Total de Óbitos: 15.017	Temática Tomba-se o mito de que só homossexuais masculinos contraem o vírus HIV Deslocamento.
1997			Casos notificados no ano: 25.941	Óbitos masculinos: 8749 Óbitos femininos: 3321 Total de óbitos: 12.078					Casos notificados no ano: 25.941	Óbitos masculinos: 8749 Óbitos femininos: 3321 Total de óbitos: 12.078	
1998			Casos notificados	Óbitos masculinos: 7671					Casos notificados do ano: 28.836	Óbitos masculinos: 7671	

			do ano: 28.836	Óbitos femininos: 3095 Total de Óbitos: 10.770					Óbitos femininos: 3095 Total de Óbitos: 10.770		
1999	Erro médico mata mais que AIDS nos EUA	Selo (1 coluna) no rodapé da página, à direita. 4 cm X 8 cm	Casos notificados no ano: 26.427	Óbitos masculinos: 7485 Óbitos femininos: 3027 Total de Óbitos: 10.521	Temática Deslocamento	1999			Casos notificados no ano: 26.427	Óbitos masculinos: 7485 Óbitos femininos: 3027 Total de Óbitos: 10.521	
2000	Editorial “Luta Contra Aids”	Ao final da página à esquerda 1 coluna 3,4 X 4 cm	Casos notificados no ano: 31.354	Óbitos masculinos: 7540 Óbitos femininos: 3187 Total de Óbitos: 10.730	Temáticos Avanços	2000			Casos notificados no ano: 31.354	Óbitos masculinos: 7540 Óbitos femininos: 3187 Total de Óbitos: 10.730	
2001	Foto com legenda	Manchete alta Foto com legenda 3 colunas X 14 cm	Casos notificados no ano: 32.029	Óbitos masculinos: 7517 Óbitos femininos: 3428 Total de Óbitos: 10.948	Temática Evento Foto personificada em uma imensa colcha de retalhos para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no país e menciona a taxa de incidência que está caindo.	2001	Aids: Menos casos	2 colunas. Manchete no fim da página, à direita. Ao lado da charge e com foto 2 módulos 9 X 7 cm	Casos notificados no ano: 32.029	Óbitos masculinos: 7517 Óbitos femininos: 3428 Total de Óbitos: 10.948	Temática Pesquisa (dados) revela a queda no número de contaminados
2002			Casos notificados no ano: 39.689	Óbitos masculinos: 7580 Óbitos femininos: 3473 Total de Óbitos: 11.055		2002			Casos notificados no ano: 39.689	Óbitos masculinos: 7580 Óbitos femininos: 3473 Total de Óbitos: 11.055	
2003			Casos notificados no ano: 38.268	Óbitos masculinos: 7672 Óbitos femininos: 3610		2003			Casos notificados no ano: 38.268	Óbitos masculinos: 7672 Óbitos femininos: 3610	

2009			Casos notificados no ano: 39.751	Óbitos masculinos: 7962 Óbitos femininos: 4171 Total de Óbitos: 12.134		2009			Casos notificados no ano: 39.751	Óbitos masculinos: 7962 Óbitos femininos: 4171 Total de Óbitos: 12.134	
2010			Casos notificados no ano: 39.226	Óbitos masculinos: 7980 Óbitos femininos: 4169 Total de Óbitos: 12.151		2010			Casos notificados no ano: 39.226	Óbitos masculinos: 7980 Óbitos femininos: 4169 Total de Óbitos: 12.151	
2011			Casos notificados no ano: 41.199	Óbitos masculinos: 7960 Óbitos femininos: 4189 Total de óbitos: 12.151		2011			Casos notificados no ano: 41.199	Óbitos masculinos: 7960 Óbitos femininos: 4189 Total de óbitos: 12.151	
2012			Casos notificados no ano: 40.904	Óbitos masculinos: 7847 Óbitos femininos: 4225 Total de Óbitos: 12.073		2012			Casos notificados no ano: 40.904	Óbitos masculinos: 7847 Óbitos femininos: 4225 Total de Óbitos: 12.073	
2013			Casos notificados no ano: 41.814	Óbitos masculinos: 8302 Óbitos femininos: 4257 Total de Óbitos: 12.564		2013			Casos notificados no ano: 41.814	Óbitos masculinos: 8302 Óbitos femininos: 4257 Total de Óbitos: 12.564	

ANO	CHAMADA DE CAPA	ESPAÇO, LOCALIZAÇÃO DENTRO DA PÁGINA E CENTIMETRAGEM*	DADOS DA AIDS	ÓBITOS AIDS	ENFOQUE DA NOTÍCIA	ANO	CHAMADA DE CAPA	ESPAÇO, LOCALIZAÇÃO DENTRO DA PÁGINA E CENTIMETRAGEM*	DADOS DA AIDS	ÓBITOS AIDS	ENFOQUE DA NOTÍCIA
1988	Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto	4 colunas Ao fim da página à direita com foto 16,5 X 14,5 cm	Casos Notificados no ano: 4.324	Óbitos masculinos: 1800 Óbitos femininos: 256 Total de óbitos: 2.056	Incidental Alarmista Narra um incidente com um tom alarmista, não cita a criação do Dia Mundial da Luta Contra Aids.	1988			Casos Notificados no ano: 4.324	Óbitos masculinos: 1800 Óbitos femininos: 256 Total de óbitos: 2.056	
1989			Casos notificados no ano: 5.982	Óbitos masculinos: 2840 Óbitos femininos: 434 Total de óbitos: 3.274		1989			Casos notificados no ano: 5.982	Óbitos masculinos: 2840 Óbitos femininos: 434 Total de óbitos: 3.274	
1990	Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial	3 colunas Manchete alta à esquerda 15,3 X 12 cm	Casos notificados no ano: 8.653	Óbitos masculinos: 4632 Óbitos femininos: 750 Total de óbitos: 5.383	Temática Dia Mundial da Luta Contra AIDS / Pesquisa	1990			Casos notificados no ano: 8.653	Óbitos masculinos: 4632 Óbitos femininos: 750 Total de óbitos: 5.383	
1991	Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids	Selo (1 coluna) no rodapé da página, centralizada 1,5 X 4 cm	Casos notificados no ano: 11.464	Óbitos masculinos: 6135 Óbitos femininos: 1229 Total de Óbitos: 7.367	Temática Chama atenção para novos tratamentos.	1991			Casos notificados no ano: 11.464	Óbitos masculinos: 6135 Óbitos femininos: 1229 Total de Óbitos: 7.367	
1992	Livro revela o custo da AIDS para o mundo	Meio da página à esquerda 4 X 6cm	Casos notificados no ano: 14.229	Óbitos masculinos: 7449 Óbitos femininos: 1564	Temática Impactos sobre a economia.	1992	A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo	Chamada no fim da página, à direita 1 módulo 4,5 X 3cm	Casos notificados no ano: 14.229	Óbitos masculinos: 7449 Óbitos femininos: 1564	Temática Alarmista Crescimento, avanço da epidemia.

				Total de Óbitos: 9.020			1ª matéria de O Globo no Dia Mundial da Luta Contra AIDS			Total de Óbitos: 9.020	
1993	Folhateen especial distribui preservativo	Manchete Alta com foto 5 colunas 25,5 X 6 cm	Casos notificados no ano: 16.392	Óbitos masculinos: 9239 Óbitos femininos: 2220 Total de Óbitos: 11.469	Temática Preservação				Casos notificados no ano: 16.392	Óbitos masculinos: 9239 Óbitos femininos: 2220 Total de Óbitos: 11.469	
1994			Casos notificados no ano: 18.009	Óbitos masculinos: 10582 Óbitos femininos: 2790 Total de Óbitos: 13.391					Casos notificados no ano: 18.009	Óbitos masculinos: 10582 Óbitos femininos: 2790 Total de Óbitos: 13.391	
1995	12 milhões no país devem ter doença sexual	Chamada à esquerda 4 X 5 cm	Casos notificados no ano: 20.754	Óbitos masculinos: 11599 Óbitos femininos: 3535 Total de Óbitos: 15.156	Alarmista Aponta para os dados de aumentos das DST's, o que pode aumentar as chances da contaminação.				Casos notificados no ano: 20.754	Óbitos masculinos: 11599 Óbitos femininos: 3535 Total de Óbitos: 15.156	
1996	Brasil Opinião da Folha Chama da para o editorial da Folha "Coquetel e Prevenção"	3,5 X 4 cm (porém a chamada ocupa duas linhas)	Casos notificados no ano: 23.658	Óbitos masculinos: 11176 Óbitos femininos: 3828 Total de Óbitos: 15.017	Temática Prevenção e medicamentos		Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa	Manchete dentro de um box no meio da página, à direita Módulo 1 Módulo 2,5 X 7,5 cm	Casos notificados no ano: 23.658	Óbitos masculinos: 11176 Óbitos femininos: 3828 Total de Óbitos: 15.017	Temática Caí o mito de que só homossexuais masculinos contraem o vírus HIV Deslocamento.
1997			Casos notificados no ano: 25.941	Óbitos masculinos: 8749 Óbitos femininos: 3321 Total de óbitos: 12.078					Casos notificados no ano: 25.941	Óbitos masculinos: 8749 Óbitos femininos: 3321 Total de óbitos: 12.078	
1998			Casos notificados	Óbitos masculinos: 7671					Casos notificados do ano: 28.836	Óbitos masculinos: 7671	

			do ano: 28.836	Óbitos femininos: 3095 Total de Óbitos: 10.770					Óbitos femininos: 3095 Total de Óbitos: 10.770		
1999	Erro médico mata mais que AIDS nos EUA	Selo (1 coluna) no rodapé da página, à direita. 4 cm X 8 cm	Casos notificados no ano: 26.427	Óbitos masculinos: 7485 Óbitos femininos: 3027 Total de Óbitos: 10.521	Temática Deslocamento	1999			Casos notificados no ano: 26.427	Óbitos masculinos: 7485 Óbitos femininos: 3027 Total de Óbitos: 10.521	
2000	Editoriais “Luta Contra Aids”	Ao final da página à esquerda 1 coluna 3,4 X 4 cm	Casos notificados no ano: 31.354	Óbitos masculinos: 7540 Óbitos femininos: 3187 Total de Óbitos: 10.730	Temáticos Avanços	2000			Casos notificados no ano: 31.354	Óbitos masculinos: 7540 Óbitos femininos: 3187 Total de Óbitos: 10.730	
2001	Foto com legenda	Manchete alta Foto com legenda 3 colunas X 14 cm	Casos notificados no ano: 32.029	Óbitos masculinos: 7517 Óbitos femininos: 3428 Total de Óbitos: 10.948	Temática Evento Foto mostra imensa colcha de retalhos para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no país e menciona a taxa de incidência que está caindo.	2001	Aids: Menos casos	2 colunas. Manchete no fim da página, à direita. Ao lado da charge e com foto 2 módulos 9 X 7 cm	Casos notificados no ano: 32.029	Óbitos masculinos: 7517 Óbitos femininos: 3428 Total de Óbitos: 10.948	Temática Pesquisa (dados) revelam a queda no número de contaminados.
2002			Casos notificados no ano: 39.689	Óbitos masculinos: 7580 Óbitos femininos: 3473 Total de Óbitos: 11.055		2002			Casos notificados no ano: 39.689	Óbitos masculinos: 7580 Óbitos femininos: 3473 Total de Óbitos: 11.055	
2003			Casos notificados no ano: 38.268	Óbitos masculinos: 7672 Óbitos femininos: 3610		2003			Casos notificados no ano: 38.268	Óbitos masculinos: 7672 Óbitos femininos: 3610	

2009			Casos notificados no ano: 39.751	Óbitos masculinos: 7962 Óbitos femininos: 4171 Total de Óbitos: 12.134		2009			Casos notificados no ano: 39.751	Óbitos masculinos: 7962 Óbitos femininos: 4171 Total de Óbitos: 12.134	
2010			Casos notificados no ano: 39.226	Óbitos masculinos: 7980 Óbitos femininos: 4169 Total de Óbitos: 12.151		2010			Casos notificados no ano: 39.226	Óbitos masculinos: 7980 Óbitos femininos: 4169 Total de Óbitos: 12.151	
2011			Casos notificados no ano: 41.199	Óbitos masculinos: 7960 Óbitos femininos: 4189 Total de óbitos: 12.151		2011			Casos notificados no ano: 41.199	Óbitos masculinos: 7960 Óbitos femininos: 4189 Total de óbitos: 12.151	
2012			Casos notificados no ano: 40.904	Óbitos masculinos: 7847 Óbitos femininos: 4225 Total de Óbitos: 12.073		2012			Casos notificados no ano: 40.904	Óbitos masculinos: 7847 Óbitos femininos: 4225 Total de Óbitos: 12.073	
2013			Casos notificados no ano: 41.814	Óbitos masculinos: 8302 Óbitos femininos: 4257 Total de Óbitos: 12.564		2013			Casos notificados no ano: 41.814	Óbitos masculinos: 8302 Óbitos femininos: 4257 Total de Óbitos: 12.564	

3.5 Pré-análise das capas

	Manchete		Manchete				Lead / Comentários		
	O Globo	Centimetragem	Notícia O Globo	Folha de São Paulo	Centimetragem	Dados AIDS	Notícia FSP	Lead / Trechos O GLOBO	Lead / Trechos FSP
1988				Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto	4 colunas Ao fim da página à direita com foto Legenda da foto: 16,5 X 14,5 cm Descrição da foto: o homem nu, caído no chão, amarrado ao poste. Policiais ao lado o observam.	Casos Notificados no ano: 4.324 Óbitos masculinos: 1800 Óbitos femininos: 256 Total de óbitos: 2.056	Incidental Alarmista Narra um incidente com um tom alarmista, não cita a criação do Dia Mundial da Luta Contra Aids.		Na véspera do Dia Mundial contra a Aids, que se celebra hoje, o vigia desempregado Wellington Cardoso dos Santos, 25, passou duas horas andando nu pelas ruas do bairro de Pinheiros, São Paulo, gritando ser aidético . Ele cortava seu corpo em vários locais, ameaçando contagiar com seu sangue os policiais que tentavam prede-lo e quem passasse por perto.
								Comentários	Comentários
								Apesar da grande seriedade dos dados e da importância que a AIDS vem ganhando ano a ano desde a sua descoberta, o jornal não dá a devida atenção não dando destaque em sua primeira página. Ao contrário do que a FSP sequer cita qualquer fato relativo à epidemia.	A manchete é de cunho alarmista e especulativa, não é informativa nem no tocante às formas de contágio muito menos quanto à prevenção. Na verdade, do início até o fim, não foi possível detectar se Wellington era de fato portador do vírus da HIV. Em particular, o que mais chama atenção é que esta manchete ocupa um espaço significativo em um meio de comunicação de grande circulação no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. Dos números notificados, 50% vão a óbito. Transformar o dia 1º de dezembro em Dia Mundial de Luta Contra a Aids foi uma decisão da Assembléia Mundial de Saúde, em outubro de 1987,

									<p>com apoio da Organização das Nações Unidas – ONU. A data serve para reforçar a solidariedade, a tolerância, a compaixão e a compreensão com as pessoas infectadas pelo HIV/aids. A escolha dessa data seguiu critérios próprios das Nações Unidas.</p> <p>No Brasil, a mesma passou a ser adotada, a partir de 1988, por uma portaria assinada pelo Ministério da Saúde.</p> <p>Em critérios subjetivos, o jornal não só não cumpre seu papel informativo, quanto desperta e provoca pânico e desinformação em um dia criação, para reforçar tolerância e solidariedade humana.</p>
1989						<p>Casos notificados no ano: 5.982</p> <p>Óbitos masculinos: 2840</p> <p>Óbitos femininos: 434</p> <p>Total de óbitos: 3.274</p>			
								Lead / Trechos	Lead /Trechos
1990				Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial	3 colunas(¼ de página) Manchete alta à esquerda 15,3 X 12 cm	<p>Casos notificados no ano: 8.653</p> <p>Óbitos masculinos: 4632</p>	Temática Dia Mundial da Luta Contra AIDS / Pesquisa	O jornal mantém o seu silêncio sobre qualquer assunto tocante a AIDS neste dia. O Globo parece ignorar a existência do Dia Mundial da Luta Contra Aids.	Os cientistas já sabem tudo sobre o HIV, vírus causador da Aids, menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo. As pesquisas realizadas sobre a doença vivem um impasse. Agora elas, dão prioridade à procura de uma vacina e não mais de remédios que possam

						Óbitos femininos: 750 Total de óbitos: 5.383			<p>acabar com o vírus que já está no corpo da pessoa.</p> <p>A Folha publica hoje, Dia Mundial do Combate a Aids, um caderno especial de seis páginas sobre o problema, no Brasil e nos demais países. Ele inclui informações que ajudam a evitar a Aids e também a “paranoia” em torno do vírus.</p>
								Comentário	Comentário
								<p>O jornal mantém o seu silêncio sobre qualquer assunto tocante a AIDS neste dia. O Globo parece ignorar a existência do Dia Mundial da Luta Contra Aids.</p>	<p>Em uma visão globalizada, podemos destacar que a matéria é temática, ou seja, o tema central é a AIDS e o Dia Mundial, os dados apontam para um aumento significativo nas notificações e nos óbitos, onde o percentual de mulheres que quase dobram.</p> <p>A matéria fala das mudanças em relação ao contágio, que deixou de ser através das relações sexuais (homossexuais) e deu lugar às drogas injetáveis. E ainda apontam para um crescimento de 4,5%(1983) para 38,2%(1990).</p> <p>A matéria cita ainda campanhas publicitárias americanas incentivando a masturbação ao invés das relações sexuais “consideradas cada vez mais arriscadas”</p> <p>Em nossa opinião, os dados apresentados na matéria informam que há um impasse. Surge uma mudança nos infectados ou, simplesmente, a comunidade médica não pode mais omitir os dados de outra</p>

									população vulnerável, que são os usuários de drogas injetáveis. O importante é que esta é uma manchete Alta, ou seja, de grande destaque dentro da primeira página. O título não corresponde ao teor encontrado no texto ainda da capa.
1991				Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids	Selo (1 coluna) no rodapé da página, centralizada 1,5 X 4 cm	Casos notificados no ano: 11.464 Óbitos masculinos: 6135 Óbitos femininos: 1229 Total de Óbitos: 7.367	Temática Chama atenção para novos tratamentos	O jornal mantém o seu silêncio sobre qualquer assunto tocante a AIDS neste dia.	O lead está ilegível, estou em busca da matéria por outros meios
								Lead / Trechos	Lead / Trechos
									O lead está ilegível, estamos em busca da matéria por outros meios.
								Comentários	Comentários
									O lead está ilegível, estamos em busca da matéria por outros meios.
1992	A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo	Chamada no fim da página, à direita 1 módulo 4,5 X 3cm	Temática Alarmista Crescimento, avanço da epidemia	Livro revela o custo da AIDS para o mundo	Meio da página à esquerda 4 X 6cm	Casos notificados no ano: 14.229 Óbitos masculinos: 7449	Temática Impactos da Aids sobre a economia	A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo Ciência e Vida, página 18.	O custo direto do tratamento de aidéticos em todo o mundo é estimado de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3,6 bilhões para 1992. Este dado consta no livro "O oculto custo da Aids", lançado ontem. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, 13 milhões de pessoas tem o vírus da AIDS

									A criação de uma edição especial voltado ao público adolescente, parece revelar que o jornal está engajado na luta contra a aids. Associar a distribuição de camisinhas (preservativos) é uma jogada de marketing bastante interessante. A chamada da distribuição de preservativos abre espaço para a manchete falar sobre os eventos culturais, que trabalharam o tema, mas, o uso da palavra moléstia coloca em evidência a forma como se apresenta o tema.
1994						<p>Casos notificados no ano: 18.009</p> <p>Óbitos masculinos: 10582</p> <p>Óbitos femininos: 2790</p> <p>Total de Óbitos: 13.391</p>			
1995				12 milhões no país devem ter doença sexual	<p>Chamada à esquerda</p> <p>Módulo</p> <p>4 X 5 cm</p>	<p>Casos notificados no ano: 20.754</p>	<p>Alarmista</p> <p>Aponta para os dados de aumentos das DST's, o que pode aumentar</p>		<p>O Brasil deve registrar cerca de 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis em 95, estima a Organização Mundial de Saúde. Essas doenças aumentas as chances de contaminação pelo</p>

						Óbitos masculinos: 11599 Óbitos femininos: 3535 Total de Óbitos: 15.156	as chances da contaminação.		HIV. Hoje é o dia mundial de combate a Aids.
									A matéria já em seu título é alarmista, no número de 12 milhões. Depois chama volta à atenção para o aumento do número de infectados pelas DSTs, o que poderia acarretar um aumento de contaminação pelo HIV. O título não está se referindo a AIDS, mas, as outras DTS. O sublead é encerrado pela frase "Hoje é o dia mundial da luta contra a AIDS." Embora haja o HIV também possa ser transmitido sexualmente, não é só esta a forma.
1996									
	Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa	Manchete dentro de um box no meio da página, à direita Módulo 1 Módulo 2,5 X 7,5 cm	Temática Caí o mito de que só homossexuais masculinos contraem o vírus HIV deslocamento	Brasil Opinião da Folha Chama da para o editorial da Folha "Coquetel e Prevenção"	3,5 X 4 cm Modulo (porém a chamada ocupa duas linhas)	Casos notificados no ano: 23.658 Óbitos masculinos: 11176 Óbitos femininos: 3828	Temática Prevenção e medicamentos	Chamada para matéria do Caderno família, dentro de um Box em negrito.	Muito discreta a chamada e o texto contemplam apenas duas linhas.

						Total de Óbitos: 15.017			
								O impacto da chamada, além de quebrar o mito de que só homens gays, prostitutas e drogados contraem o vírus, chama atenção para uma realidade que o mundo vai impactar ao encarar: a questão das identidades sexuais e de gênero. Pouco tempo depois a OMS criou o termo HsH para definir homens que fazem sexo com homens e MsM, mulheres que fazem sexo com mulheres, para contemplar homens e mulheres que fazem sexo com iguais, mas, não se veem como homossexuais.	É um dos muitos artigos publicados pela Folha que traz especialistas para falarem de tratamento e prevenção. A Folha traz muitos artigos durante os 25 anos que analisamos.
1997									
						Casos notificados no ano: 25.941 Óbitos masculinos: 8749 Óbitos femininos: 3321			

								Embora o evento da reportagem seja o mesmo, em O Globo a foto traz uma perspectiva solitária de uma pessoa andando sobre o tapete e a frase: “manifestante anda sobre tapete de panos”, dá uma conotação contrária à boa notícia que a matéria traz. Já a manchete da Folha é uma manchete alta, a foto mostra diferentes pessoas montando o tapete, o que remete a uma ideia de solidariedade. O texto vai ao encontro da foto, fala de “ato para lembrar 150 mil mortos pela Aids”.	
2002				Casos notificados no ano: 39.689 Óbitos masculinos: 7580 Óbitos femininos: 3473 Total de Óbitos: 11.055					
2003				Casos notificados no ano: 38.268 Óbitos masculinos: 7672 Óbitos femininos: 3610 Total de Óbitos: 11.283					
								Lead / Trechos O Globo	Lead / Trechos FSP
2004	Abandonada, África é devastada pela AIDS Vírus ameaça segurança mundial	½ página 4 colunas Foto Uma casa aparentemente pobre com três crianças. Legenda: Órfãos da Aids num vilarejo da República Democrática da	Temática Porém os dados são da África	Casos notificados no ano: 37.692 Óbitos masculinos: 7458 Óbitos femininos: 3562 Total de Óbitos: 11.020				A epidemia da Aids está levando países africanos a retrocesso de um século em seu desenvolvimento, revelam, em Caderno Especial que O Globo publica hoje(Dia Mundial da Luta contra aids), as enviadas especiais Roberta Jansen e Marizilda Cruppe. A expectativa normal de vida no sul da África foi reduzida para 47 anos e a segurança nacional está sob ameaça.	

		<p>Congo: sem pais, comida e escola.</p> <p>Manchete na metade de baixo da página, à direita.</p> <p>Com foto.</p>							
								<p>Como a última matéria que o jornal deu foi sobre a queda nos números de Aids, fica parecendo que só agora o veículo se deu conta da pandemia e olhou para a desgraça da Aids. É a segunda capa com destaque e foto dada pelo O Globo. AO compararmos as fotos das matérias de 2001 e 2004, há um certo tom dramático até mesmo para dar boas notícias.</p>	
2005	<p>Aids: Negros serão alvo de campanha</p>	<p>1 coluna.</p> <p>Manchete no meio da página, à esquerda</p> <p>1 Módulo</p> <p>3,5 X 6,5 cm</p>	<p>Temática</p> <p>Pesquisa, dados apontam a maior incidência entre os negros, empobrecimento da AIDS</p> <p>deslocamento</p>	<p>Casos notificados no ano: 37.645</p> <p>Óbitos masculinos: 7364</p> <p>Óbitos femininos: 3736</p> <p>Total de Óbitos: 11.100</p>				<p>O Ministério da Saúde anunciou que vai iniciar uma campanha de combate à Aids voltada a população negra. De acordo com o boletim epidemiológico divulgado ontem, os homens pretos e pardos respondiam em 2003 por 38,5% dos casos da doença e agora já são 43,3% dos contaminados com o vírus do HIV.</p>	
								<p>A forma de colocar a notícia, as palavras pretos e</p>	

								pardos, aponta para uma indiferença. Parece que não são pessoas são pretos e pardos.	
2006	Só no Brasil Aids cresce entre idosos	Manchete no fim da página, à esquerda. 1 Módulo Espaço 1 coluna 5,5 X 4 cm	Temática Pesquisa, dados apontam o crescimento entre os idosos. deslocamento	Casos notificados no ano: 36.924 Óbitos masculinos: 7342 Óbitos femininos: 3704 Total de Óbitos: 11.046				Especialistas estão surpresos com a transformação da epidemia da Aids. O Brasil tem um perfil distinto e só aqui o HIV avança na população mais velha. Em outros países, os jovens são a maior preocupação.	
2007				Casos notificados no ano: 37.713 Óbitos masculinos: 7585 Óbitos femininos: 3785 Total de Óbitos: 11.372				Parece que os jornalistas se surpreenderam tanto quando os especialistas. A matéria e porque não dizer que a comunidade médica tem questões quanto ao sexo entre pessoas mais velhas. Sabe-se que há uma relação como uso do Viagra. Haverá também a partir daí um maior numero de mulheres a partir dos 50 anos heterossexuais, casadas, monogâmicas, contaminadas. Vale lembrar que em 1996 O Globo já falava de donas de casa com Aids.	
2008				Casos notificados no ano: 39.855 Óbitos masculinos: 7797 Óbitos femininos: 4042 Total de Óbitos: 11.839	Jairo Bauer Dados da AIDS mostram que garotas se contaminam mais	2 colunas 1 módulo 2 X 7 cm (dentro de um Box com	Temática Pesquisa revela dados ainda não explorados	Dados da AIDS mostram que garotas se contaminam mais	

					Obs: Esta chamada fica no rodapé de um Box onde há outra chamada Meninas contam por que namoram caras mais velhos. A foto mostra um casal onde o homem é aparentemente mais velho que a mulher.	o verde para destacar)	Deslocamento		
								Quando olhamos para o conjunto, traduz explicitamente que as mulheres só pegam Aids de homens mais velhos. Se o intuito da matéria é discutir no interior do jornal, o fato das meninas estarem se contaminando mais, evidencia na manchete, apenas que homens mais velhos podem transmitir. Não se discute outros tipos de contágio.	
2009					Casos notificados no ano: 39.751 Óbitos masculinos: 7962 Óbitos femininos: 4171				
2010					Casos notificados no ano: 39.226 Óbitos masculinos: 7980				

				Óbitos femininos: 4169 Total de Óbitos: 12.151					
2011				Casos notificados no ano: 41.199 Óbitos masculinos: 7960 Óbitos femininos: 4189 Total de óbitos: 12.151					
2012				Casos notificados no ano: 40.904 Óbitos masculinos: 7847 Óbitos femininos: 4225 Total de Óbitos: 12.073					
2013				Casos notificados no ano: 41.814 Óbitos masculinos: 8302 Óbitos femininos: 4257 Total de Óbitos: 12.564					

**Parte III - As vozes e os silêncios nas reportagens do
Dia Mundial da Luta Contra a AIDS**

4 Análise

Nosso objetivo é compreender como a imprensa, no caso do nosso objeto, a Folha de São Paulo e O Globo, tratou a AIDS no período de 1988 a 2013, observando a necessidade de uma data específica para fortalecer a luta contra a intolerância e a favor da solidariedade, da compaixão e da compreensão para com as pessoas infectadas. Era de suma importância observar esse único dia no ano, quando as atenções se voltaram para os doentes, os dados, os avanços, os tratamentos de HIV/AIDS e, assim, partimos desse pressuposto para justificar nossa pesquisa, o de analisar as capas publicadas nesse dia durante 25 anos, desde o ano em que o Brasil passou a comemorar, em 1 de dezembro, o Dia Mundial da Luta Contra a AIDS³³.

Nossa análise tomou como objeto os jornais Folha de São Paulo e O Globo, de onde construímos nosso *corpus*. De início, nossa proposta seria analisar a chamada das capas (com tema AIDS) e, quando houvesse, fotografias, ilustrações e infográficos e o respectivo *lead*. Entretanto, dado o teor de algumas notícias, recorreremos, algumas vezes, às matérias no interior do jornal, as quais tinham sido anunciadas na primeira página pelas chamadas. Constituímos, assim, nosso *corpus* sob análise. A noção de *corpus*, em AD, estrutura-se pelo conjunto de sequências discursivas, definidas por Courtine (1982), com base em:

“O discurso como objeto deve ser pensado na sua *especificidade*. A adoção de uma concepção especificamente discursiva deve evitar, se é verdade que o discurso pode ser pensado como uma relação entre o linguístico e o ideológico, reduzir o discurso à análise da língua ou lhe dissolver dentro da perspectiva histórica sobre a ideologia como "representação". Pelo contrário, se trata de manter a análise linguística, da qual certos procedimentos – notadamente sintáticos – fornecem a linguagem de descrição e a técnica de manipulação de sequências discursivas, e, por outro lado, a análise histórica das condições de formação dos conjuntos ideológicos como discurso. E com isso levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio, isto é, que produz seu lugar de proposições teóricas.”

Segundo um levantamento prévio (conferir Tabelas I e II), constatamos que a Folha de São Paulo dedicou, no período de 1988 a 2013, 11 capas, enquanto o GLOBO, seis capas. Do

³³ Transformar o 1º de dezembro em Dia Mundial de Luta Contra a Aids foi uma decisão da Assembleia Mundial de Saúde, em outubro de 1987, com apoio da Organização das Nações Unidas – ONU. A data serve para reforçar a solidariedade, a tolerância, a compaixão e a compreensão com as pessoas infectadas pelo HIV/aids. A escolha dessa data seguiu critérios próprios das Nações Unidas. No Brasil, a data passou a ser adotada, a partir de 1988, por uma portaria assinada pelo Ministério da Saúde.

ponto de vista discursivo, essa diferença quantitativa, necessariamente, não corresponde a uma diferença qualitativa no tratamento dado ao tema AIDS. Somente ao final da análise, poderemos concluir sobre a posição discursiva dos dois jornais, bem como sobre a densidade do enfoque creditado ao tema. Passemos à análise.

4.1 Folha de São Paulo

A Folha de São Paulo conta com distribuição nacional, e seus 1.086.000 leitores estão espalhados por todo o país. Circulam, de segunda a sábado, 300.736 exemplares; no domingo, 332.631³⁴. Não foi possível identificar nenhum dado sobre assinaturas digitais. Em relação ao público leitor, sabe-se que 15% são da classe A; 61% da classe B; 22% da classe C, as classes D/E aparecem com 2%. Quanto ao gênero, os homens representam 54% do público leitor e as mulheres, 46%. A respeito da faixa etária, 66% encontram-se entre 25 a 64 anos, entretanto, a maior concentração de pessoas está entre 35 a 44 anos, com 26%. Entre as características dos leitores, 87% têm interesse em atualidades; 62% se interessam por finanças e orçamento familiar; 49% têm interesse em política internacional e 57%, em política nacional; 51% têm interesse em psicologia/comportamento; 74% costumam fazer compras nos shopping centers; 74% pretendem viajar nos próximos 12 meses; 85% têm acesso à internet; 79% têm casa própria e 38% têm TV de plasma, LCD, LED, 3D³⁵.

Atualmente, o veículo roda com sete cadernos diários, são eles: o caderno Poder, dirigido prioritariamente à cobertura de política, Justiça, questão agrária, movimentos sociais, imprensa e religiões, além de outros temas de relevância nacional; o caderno Mundo, que busca informar o leitor sobre os principais acontecimentos políticos e sociais no exterior. Textos analíticos e didáticos acompanham as principais notícias, de modo a assegurar ao leitor entendimento preciso sobre o conteúdo do noticiário e suas implicações no contexto de cada país ou região; o caderno Ciência cobre as áreas de pesquisa em ciências naturais e de ambiente no Brasil e no mundo e tem o objetivo de tornar compreensível às pessoas leigas o trabalho de setores especializados; Mercado traz as principais decisões da política econômica, os grandes

³⁴ Exemplares: IVC Fevereiro/2016 - http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml

³⁵ Fonte: Ipsos Marplan- Estudos EGM - 1º Trimestre de 2014 - Leitores da Folha de S.Paulo - Grande São Paulo

negócios nacionais e globais e as principais alterações no panorama econômico mundial e seus reflexos no Brasil; o Cotidiano (noticiário local), o Esporte (jornalismo esportivo) e Ilustrada (cultura e lazer), além de sete suplementos semanais: Folhinha (para o público infantil), Tec (tecnologia e redes sociais), Equilíbrio (saúde e qualidade de vida), Turismo (destinos de viagens nacionais e internacionais), Ilustríssima (arte, ciência e humanidade), Comida (cultura gastronômica e dicas de culinária) e *The New York Times* (fatos da semana que ocorreram em território internacional).

A análise de discurso tem como primeiro passo, como já assinalamos anteriormente, o enfoque da discursividade, assinalando aí as sequências discursivas de referência (SDs) e os operadores discursivos (marcas no domínio linguístico), elementos-chave para o desenvolvimento da análise.

Em termos operacionais, recortamos a análise por cada manchete e pelo ano da edição do jornal. Embora nossa proposta tenha como meta o enfoque das capas num período de 25 anos, desde já observamos que, durante esse período, nem todas as capas abordam o tema no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. Começamos a análise pela Folha de São Paulo, que teve a AIDS como destaque em 11 capas, nos anos de 1988, 1990, 1991, 1992, 1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2001 e 2008.

4.1.1 Ano de 1988: Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto

A capa do dia 1 de dezembro de 1988 traz o título “Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto”. A chamada para a matéria ocupa um espaço importante, quatro colunas numa página, ocupando um espaço de 16,5 X 14,5 cm³⁶ ao fim da página à direita com foto e legenda. A foto ocupa mais espaço que o texto, e a imagem mostra um homem nu amarrado ao poste, sendo observado por duas pessoas, com a seguinte legenda: Welligton Cardoso dos Santos, algemado, é amarrado num poste por PMs após percorrer ruas de Pinheiros dizendo-se aidético ameaçando contagiar pessoas.

³⁶ Optamos por trabalhar indicando a centimetragem, apenas para verificar o tamanho da matéria e a descrição da localização dentro da página para compreendermos a matéria dentro do espaço total.

SD1

Na véspera do Dia Mundial Contra a Aids, que se celebra hoje, o vigia desempregado Wellington Cardoso dos Santos, 25, passou duas horas andando nu pelas ruas do bairro de Pinheiros, São Paulo, gritando ser aidético. Ele cortava seu corpo em vários locais, ameaçando contagiar com seu sangue os policiais que tentavam predê-lo e quem passasse por perto.

No *lead* em destaque acima, o que se percebe de imediato é a menção à véspera do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, seguido do episódio envolvendo o vigia. Duas atitudes do vigia que serviram de mote à notícia resumem o fato de se estar com AIDS e a possibilidade de contaminação só pelo contato com o sangue do infectado. Do ponto de vista discursivo, a notícia é trabalhada num tom ao mesmo tempo alarmista – aidético solto nas ruas, ou seja, sem amparo – e especulativa, quando lança a afirmativa sobre a possibilidade de fácil contaminação. Além disso, não há nenhuma comprovação de o vigia ser, de fato, portador da doença: “dizendo-se aidético”.

Além disso, chama a atenção o fato de essa manchete ocupar um espaço significativo num jornal de grande circulação nacional no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, e a notícia não tratar nem da AIDS, tampouco da comemoração da data. Nos trechos grifados por nós “vigia desempregado”; “gritando ser aidético” e “ameaçando contagiar com seu sangue”, observa-se uma discursividade figurativa e um possível alerta sobre as consequências da AIDS. O repórter usa a palavra “desempregado” para (des)qualificar Wellington, mesmo que o faça de forma disfarçada quando informa que ele tem uma profissão, “vigia”. Ainda se assinala uma posição discursiva de preconceito do jornal com relação a pessoas pobres, contaminadas e soltas pelas ruas, representando uma ameaça à população.

Sobre a AIDS, suas formas de tratamento e prevenção, e o porquê da criação de um dia de luta contra a doença, não há qualquer referência. O texto metaforiza a AIDS como a “nova arma”, que se apresenta na forma do sangue contaminado. A informação se Wellington era, de fato, portador do vírus da HIV não é revelada, reforçando o tom alarmista do texto. Em sua materialidade discursiva, trata-se de uma sequência narrativa, pois conta algo, apresenta os fatos e as ações dos personagens dentro de uma lógica de espaço temporal, o que nos permite colocar em xeque o papel informativo da mídia.

É importante registrar que, em dezembro de 1988, o número de pessoas notificadas com AIDS, segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, chegava a 4.324, metade daqueles que desenvolviam a doença iam a óbito, sendo 1.800 homens e 256 mulheres. Ou seja, há todo um conjunto de dados que poderiam ser matéria de capa do jornal, no entanto, sob nosso ponto de vista, o jornal, ao optar por essa notícia, não só deixa de cumprir seu papel informativo como também provoca pânico e desinformação.

4.1.2 Ano de 1989: Silêncio

Intitulamos este tópico de Silêncio porque, apesar dos 5.982 casos notificados e, desse total, 3.274 irem a óbito, sendo 2.840 homens e 434 mulheres, a Folha de São Paulo não fez qualquer menção ao tema HIV/AIDS em sua capa nesse ano. Já dentro do jornal, oito matérias e um artigo contemplam o assunto, mas não com o mesmo destaque que teriam se tivessem chamada na capa. Os dados utilizados em nossa pesquisa são procedentes do Boletim Epidemiológico 2015³⁷ que, por se tratar de uma série histórica, traz dados que contemplam todo o período de nossa pesquisa.

Tratamos então por silêncio, não somente pela ausência de informação, mas o silêncio como significado em si mesmo. Conforme Orlandi, “a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras” (ORLANDI, 2007, p.70). Assim, o silêncio pode ser ausência de palavras ou perpassar as palavras. De qualquer forma, é possível que *o silêncio seja ouvido*. Para Orlandi (2007, p.68), “o silêncio não é vazio, ou sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do 'vazio' da linguagem como um horizonte e não como uma falta”. Assim sendo, para nós o silêncio fala, quer dizer alguma coisa. O silêncio é a própria condição de produção de sentido, isto é, ele aparece como o lugar/espço que permite à linguagem significar. O silêncio produz sentido, isto é, ele significa. As formas do silêncio trabalham com os limites das formações discursivas, determinando, assim, os parâmetros do que se pode dizer, visto que é preciso não dizer para poder dizer. A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos o “poder-dizer”. Pensando essa contextualização em

³⁷<http://www.aids.gov.br/publicacao/2015/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2015>, download feito em 1 de dezembro de 2015.

relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso. (ORLANDI, 2007, p.73).

Há três formas de silêncio definidas por Orlandi: o *silêncio fundador*, ou fundante, tido como o princípio de toda significação; o *silêncio constitutivo*, que diz respeito à ordem da produção de sentido e da linguagem e o *silêncio local*, referindo-se à interdição do dizer, por exemplo, a censura e a repressão. Porém, neste trabalho trataremos apenas o silenciamento como uma política de sentido, que produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, a partir da concepção de silêncio local, a censura.

A censura é a forma do silêncio do interdito – do que é proibido, do que se pode ou não dizer. Ela (a censura) deve ser considerada em sua materialidade linguística e histórica, isto é, discursivamente.

A censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. [...] A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala. (ORLANDI, 2007, p.76-77)

Nesse ano de silêncio, a FSP entendeu que era mais importante dar destaque em sua primeira página a temas como o “Governo fixa de improviso a poupança”; “PRN e PT debatem economia na Folha”; “Passagem aérea aumenta 15,28%”; “Flexa diz que o caso Itamaraty só é ‘gerencial’” e “Sarney passa por uma crise de hipertensão”. As notícias sobre política e economia internas superaram qualquer interesse pelos dados da AIDS.

4.1.3 Ano de 1990: Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial

A capa do dia 1 de dezembro de 1990 traz uma chamada em manchete alta – ou comumente chamada nas redações de mancheton (o lugar de maior destaque dentro da primeira página) –, ocupando o espaço de 15,2 X 12 cm. Apesar de tanto destaque, não há foto, ilustração e infográfico.

SD2

Os cientistas já sabem tudo sobre o HIV, vírus causador da Aids, menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo. As pesquisas realizadas sobre a doença vivem um impasse. Agora elas dão prioridade à procura de uma vacina e não mais de remédios que possam acabar com o

vírus que já está no corpo da pessoa. A Folha publica hoje, Dia Mundial do Combate à Aids, um caderno especial de seis páginas sobre o problema, no Brasil e nos demais países. Ele inclui informações que ajudam a evitar a Aids e também a “paranoia” em torno do vírus.

A manchete aliada ao *lead* revela ser a matéria temática, quando traz a AIDS como ponto de partida. O uso da palavra “impasse” é opaco, já que não se explicita qual seria o motivo do impasse e discrepante com o trecho “Os cientistas já sabem tudo sobre o HIV, vírus causador da Aids, menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo”. Do ponto de vista argumentativo, há uma incoerência entre “já sabem tudo” e “menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo”, mas o jornal promete, num caderno de seis páginas, informações elucidativas sobre a AIDS e a “paranoia” em torno do vírus.

“A Folha publica hoje, Dia Mundial do Combate à Aids, um caderno especial de seis páginas sobre o problema, no Brasil e nos demais países. Ele inclui informações que ajudam a evitar a AIDS e também a ‘paranóia’ em torno do vírus. O veículo informa a produção de um caderno especial, mas o desqualifica quando se refere à AIDS como problema e, mais ainda, quando se refere à paranóia. Se a epidemia é importante o suficiente a ponto de se produzir um suplemento com tudo que se refere a ela, sejam dados epidemiológicos, perfil dos contaminados e dos doentes, formas de contágio, sua presença geográfica, concluimos que esses fatos não podem ser chamados de paranoia. Em termos discursivos, o teor argumentativo presente no *lead* e na função conativa resultante do grande destaque de capa esvaziam em importância a própria oferta de um caderno informativo de seis páginas.

Por outro lado, quando nos remetemos a trechos da matéria, são oferecidos dados que apontam para um aumento significativo nas notificações e nos óbitos; o óbito de mulheres quase dobra. Informa-se também sobre as mudanças em relação ao contágio, que deixou de ocorrer por meio das relações sexuais homossexuais e passou a se dever às drogas injetáveis. Os dados ainda apontam para um crescimento no número de óbitos de mulheres, um total de 750, um aumento de quase 50% quando em comparação ao ano anterior. Dos 8.653 casos notificados, das 5.383 pessoas que morreram, 4632 eram homens.

A matéria cita ainda campanhas publicitárias americanas que incentivam a masturbação em substituição às relações sexuais “consideradas cada vez mais arriscadas”. Ou seja, não nos

parece que os dados apresentados na matéria informem que “já se sabe tudo sobre a AIDS; houve, sim, uma mudança no perfil dos infectados ou, simplesmente, a comunidade médica não pode mais omitir os dados de outra população vulnerável, no caso os usuários de drogas injetáveis. Importante é que essa é uma manchete alta, ou seja, de grande destaque dentro da primeira página, mas seu título não encontra ressonância na matéria como um todo.

4.1.4 Ano de 1991: Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids

Já a capa do dia 1 de dezembro de 1991 traz o título “Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids. Leia pág. 4-4” para a chamada do Caderno Cotidiano. Ocupando um espaço pequeno 1,5 X 4 cm, ao centro, dentro de um box de 10 colunas X 10 cm, no rodapé da página. A nota vem sozinha, sem fotografia, ilustração ou infográficos, disputando o interesse do leitor por outros assuntos, como mundo, dinheiro, esporte, o que a faz estar flutuando dentro da página. E o fato de estar no Caderno Cotidiano nos remete à ideia de que o assunto não merece destaque, é corriqueiro, parte do dia a dia, quando não é. É a primeira notícia de tratamentos alternativos e uma das únicas em todos esses anos.

Apesar do pouco destaque para a epidemia, em 1991 havia 11.464 casos notificados, 7.367 óbitos, sendo 6.135 de homens e 1.229 de mulheres. Outras notícias marcam o ano, como os 10 anos da identificação da AIDS e a notificação feita pela ONU de que havia 10 milhões de pessoas infectadas pelo mundo. Foi também esse o ano em que Magic Johnson anunciou ter sido infectado pelo HIV. No Brasil, iniciou-se o processo para aquisição e distribuição gratuitas de antirretrovirais (medicamentos que dificultam a multiplicação do HIV) e foi lançado o Videx (ddl), que, como o AZT, faz parte de um grupo de drogas chamadas inibidores de transcriptase reversa.

4.1.5 Ano de 1992: Livro revela o custo da AIDS para o mundo

Ocupando 4,5 X 6 cm, localizada no meio da página à esquerda, a chamada de 1992 foi “Livro revela o custo da AIDS para o mundo”. O espaço ocupado pela chamada não é grande e não tem lugar de destaque, mas apresenta uma informação que ainda não havia aparecido: o

impacto econômico da epidemia e, por que não dizer, o valor para o enfrentamento. A análise que se segue recorta o *lead* em SDs.

SD3

O custo direto do tratamento de aidéticos em todo o mundo é estimado de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3,6 bilhões para 1992. Este dado consta no livro “O custo oculto da Aids”, lançado ontem.

SD4

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, 13 milhões de pessoas têm o vírus da AIDS e 500 mil adultos já desenvolveram a doença

As sequências discursivas SD3 e SD4 conceituam e transmitem informações de modo objetivo. Revelam ao leitor que, para além de tudo que já se sabe, um novo dado faz parte do cenário da AIDS: a questão econômica.

SD5

“Eventos marcam hoje o Dia da Luta Contra Aids”

Ao final do texto, há um pequeno enunciado em total dissenso com o conteúdo da notícia. Do ponto de vista discursivo, a nota traz à tona dados significativos sobre a AIDS. O dissenso se institui de forma discrepante, quando chama atenção para eventos comemorativos do Dia Mundial da Luta Contra AIDS.

A matéria apresenta um novo tema ao leitor, os custos da epidemia e o impacto da AIDS sobre a economia mundial. Isso deixa claro, mesmo implicitamente, que, para manter as pessoas vivas e continuar as pesquisas, é preciso dinheiro; logo os países pobres não conseguirão vencer a pandemia. Observamos que tanto o autor, que busca na epidemia uma forma de “vender seu peixe”, quanto do jornal que disfarça a chamada comercial falando do número de contaminados. Enquanto isso, o número de casos notificados continua crescendo. Em 1992 eram 14.229 casos notificados, um total de 9.020 óbitos, sendo 7.449 masculinos e 1.564 femininos.

4.1.6 Ano de 1993: Folha teen especial distribui preservativo

Com o título “Folha Teen especial distribui preservativo”, indiretamente a AIDS volta a ser manchete alta, ganhando foto e a seguinte legenda: “Alunos do curso Objetivo (SP) brincam com camisinhas”. O espaço ocupado pela chamada é bastante expressivo, com cinco

colunas (6 X 25,5 cm), e o *lead* é: “No Dia Mundial de Luta Contra Aids, edição especial do **Folha Teen** distribui hoje camisinha para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A **Ilustrada** traz a programação de eventos culturais em que artistas informam a população sobre a moléstia. **São Paulo** relata que, depois de quase um ano de silêncio, o Ministério da Saúde lança hoje uma campanha de prevenção. Serão dois filmes de televisão de 30 segundos”.

SD6

No Dia Mundial de Luta Contra Aids, edição especial do **Folha Teen** distribui hoje camisinha para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A **Ilustrada** traz a programação de eventos culturais em que artistas informam a população sobre a moléstia. (grifo FSP)

Na SD6, parece haver um contrassenso no campo semântico: enquanto “eventos culturais” remetem à festa, à movimentação para a propagação das informações, o texto ganha um tom lúgubre quando do uso da palavra “moléstia”. O que pode estar em jogo nessa oposição semântica instaurada entre essas duas expressões? Vários podem ser os sentidos que daí resultam: otimismo para enfrentar a doença; uma forma lúdica de conscientizar a população adolescente; um forte alerta para chamar a atenção de um mal que assola o mundo. A criação de uma edição especial voltada ao público adolescente parece revelar que o jornal está engajado na luta contra a AIDS. Associar a distribuição de camisinhas é uma jogada de marketing bastante interessante. A chamada da distribuição de camisinhas abre espaço para a manchete falar sobre os eventos culturais que trabalham o tema, mas o uso da palavra “moléstia” coloca em xeque a forma como se apresenta o assunto.

SD7

São Paulo relata que, depois de quase um ano de silêncio, o Ministério da Saúde lança hoje uma campanha de prevenção. Serão dois filmes de televisão de 30 segundos.

A SD denuncia que houve silêncio por parte do Ministério da Saúde. Esse silêncio é atribuído por quem? Pelo jornalista que faz a matéria, pelo próprio Ministério ou por um

representante de algum movimento social em defesa dos doentes da AIDS? Quem é a voz por trás deste texto? Neste momento, os casos notificados eram 16.392, sendo um total de óbitos de 11.469, 9.239 masculinos e 2.220 femininos. Se houve, de fato, silêncio, ele impactou sobre os dados, pois em dois anos há um crescimento importante tanto no número de casos quanto de óbitos.

4.1.7 Ano de 1994: Silêncio

Depois de um período publicando quase que ininterruptamente, a Folha de São Paulo silenciou em 1994. Em 1989, ano em que silenciou pela primeira vez, havia, segundo o Boletim Epidemiológico, 5.982 casos notificados, dos quais 3.274 iam a óbito, sendo 2.840 homens e 434 mulheres. Já cinco anos depois, em 1994, apesar de os dados terem triplicado, com 18.009 casos, 13.391 óbitos, entre eles 10.582 homens e 2.790 mulheres, o jornal optou por silenciar. Em vez de informações acerca da epidemia, a FSP destacou, entre as notícias quentes, as seguintes manchetes: “Malan será ministro da Fazenda” e “Exército prepara saída rápida do Rio”. A política interna volta a ganhar espaço, e os dados da AIDS não figuram entre os destaques.

4.1.8 Ano de 1995: 12 milhões no país devem ter doença sexual

Com o título “12 milhões no país devem ter doença sexual” servindo de chamada para a matéria localizada na pág.3-3. A chamada que ocupa o espaço de um módulo (4 X 5 cm), ela está localizada à esquerda da página, embaixo da chamada para a notícia da libertação do filho do Presidente da FIRJAN, Eduardo Gouveia Vieira, e de um empresário de Duque de Caxias: “Polícia do Rio liberta estudante e empresário”. A foto que ilustra a notícia traz o jovem e a mãe acenando à imprensa e aos curiosos. O sequestro levou 36 dias para ser resolvido. A chamada, além de ocupar um espaço inexpressivo em termos de destaque, é apagada pela notícia do rapto do rapaz.

Lead

“O Brasil deve registrar cerca de 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis em 95, estima a Organização Mundial de Saúde. Essas doenças aumentam as chances de contaminação pelo HIV. Hoje é o dia mundial de combate à Aids”.

SD 8

“12 milhões no país devem ter doença sexual”

Esta sequência discursiva assinala com pretensa objetividade o número de pessoas que podem morrer por conta de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). No entanto, a matéria se refere a todo tipo de DSTs, e não à AIDS especificamente. A matéria, já em seu título, é alarmista, informa que 12 milhões de pessoas devem ter DSTs. Depois chama a atenção para o aumento do número de infectados pelas DSTs, o que poderia acarretar um aumento de contaminação pelo HIV. O título não está se referindo à AIDS, mas às outras DSTs. A notícia publicada no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS imediatamente cria relação direta com o tema.

SD9

“Essas doenças aumentam as chances de contaminação pelo HIV”

Quando se lança mão dessa frase em meio a uma matéria que chama para 12 milhões de contaminados, omite-se que o HIV também pode ser transmitido sexualmente, essa não é a única forma de transmissão, mas também através de transfusão de sangue e uso compartilhado de seringas.

SD10

Hoje é o dia mundial de combate à Aids”.

Colocada em meio ao *lead* e ao *sublead*, a frase SD10 ganha um novo sentido ou perde-se o sentido. Fala-se de doenças sexualmente transmissíveis e refere-se ao Dia Mundial da Luta Contra Aids. O que o autor deixa subentendido?

É importante considerar que 1995 foi o ano em que houve mais mortes por AIDS no Brasil. Os casos notificados foram 20.754, contando com 15.156 óbitos, sendo 11.599 masculinos e 3.535 femininos. Trata-se de 5 mil mortes a mais do que no ano anterior. Em nosso entendimento, a chamada funcionou como uma cortina de fumaça em relação aos dados que só vinham crescendo ano a ano.

Dados do Ministério da Saúde atestam que até 1995 a assistência medicamentosa era precária, contando somente com AZT (zidovudina), Videx e dideoxicitidina. Uma nova classe de drogas contra o HIV, os inibidores de protease (dificultam a multiplicação do HIV no organismo), é aprovada nos EUA. Zerti e Epivir, outros inibidores de transcriptase reversa, são lançados, aumentando as escolhas de tratamento. Estudos revelam que a combinação de drogas reduz a progressão da infecção, mas o custo do tratamento é de US\$ 10 mil a US\$ 15 mil por ano. Pesquisa demonstra que o tratamento precoce das DST, com consequente redução no tempo de evolução das doenças e de suas complicações, faz com que o risco de transmissão e aquisição do HIV diminua. Com isso, a incidência do HIV reduz em 42%.

4.1.9 Ano de 1996: Coquetel e Prevenção, acerca da AIDS

No ano de 1996, a chamada de capa da Folha de São Paulo a respeito da AIDS ficou localizada à esquerda, no fim da página, acima da meteorologia. É uma chamada para o Editorial, ou seja, para Opinião da Folha, e, em meio ao texto, vem a chamada “Coquetel e Prevenção, acerca da Aids”.

Pequena e muito discreta, a chamada, já que o texto contempla apenas duas linhas, é inexpressiva e sem visibilidade, ainda por se tratar do Editorial, ou seja, a opinião do jornal sobre o tema.

SD 11

“Coquetel e Prevenção, acerca da Aids”
--

Esta sequência discursiva, em nosso entendimento, é instrutiva ao passo que precisa informar do que se trata o Editorial “acerca da Aids”. O autor do título não estava certo de que Coquetel e Prevenção seriam associados ao tratamento da Aids.

O Programa Nacional de DST e AIDS lança o primeiro consenso em terapia antirretroviral (regulamentação da prescrição de medicações para combater o HIV). O ano de 1996 é marcado pela lei que fixa o direito ao recebimento de medicação gratuita para tratamento da AIDS. Assim, o AZT venoso é disponibilizado pela rede pública.

Em relação aos casos notificados foram 23.658, sendo um total de óbitos de 15.017, 11.176 masculinos e 3828 femininos. Há uma discreta queda do número de óbitos do ano anterior que registrou o maior número de mortes. Porém, há alguns fatores que marcam a diferença. Há queda das taxas de mortalidade por AIDS, diferenciada por regiões. Percebe-se que a infecção aumenta entre as mulheres, dirige-se para os municípios do interior dos estados brasileiros e aumenta significativamente na população de baixa escolaridade e baixa renda. Entre outras palavras, a doença marca uma mudança importante, pois avança sobre o interior, as mulheres e os mais pobres.

4.1.10 Ano de 1997-1998: Silêncio

Depois de ter publicado por dois anos seguidos, 1995³⁸ e 1996, em 1997, o jornal silenciou novamente. Da última vez em que a Folha não publicou nada em sua capa, em 1994, os dados haviam triplicado desde o último silêncio, em 1989. Em três anos, segundo o Boletim Epidemiológico, o número de casos continuou crescendo significativamente. Dos 25.941 casos notificados, o total de óbitos foi de 12.078, sendo 8.749 homens e 3.321 mulheres, de onde se pode observar que o número de casos notificados se mantém aumentando, mas o de óbitos cai sensivelmente.

No segundo ano consecutivo de silenciamento, 1998, o número de casos notificados, um total de 28.836, cresceu praticamente 30%, mas continuou a se observar uma queda no número total de óbitos, 10.770. Essa queda deveria ser manchete? A Folha permaneceu em silêncio. O jornal fez um silêncio de dois anos, não publicou nada em 1997 e 1998, embora os remédios que já se apresentavam em 15 tipos diferentes estivessem sendo disponibilizados gratuitamente, o que provocou a queda do número de mortes por AIDS e garantiu significativa melhora da qualidade de vida dos portadores do HIV. Economia, política e esportes foram os temas que ilustraram a capa de 1 de dezembro de 1997: “Com o aumento de 46,7% a partir de 98, governo procura manter a meta de atingir um adicional de R\$20 bi no caixa. IR sobre renda fixa sobre para 22%”; “Palmeiras e Vasco ficam perto da final”, com uma foto cuja legenda é

³⁸ Ano em que a Aids registrou maior número de óbitos, um total de 15.156 pessoas. Fonte: Boletim Epidemiológico 2015

“Rogério corre para festejar seu gol, o primeiro da vitória do Palmeiras sobre o Atlético-MG (3 a 1); “Indicação de juiz do trabalho tem fraude” e “Governo justifica pagamento a doadores”.

Também foi neste ano que surgiram pacientes que desenvolveram efeitos colaterais aos remédios. Marylin, um chimpanzé fêmea, ajuda a confirmar que o SIV (*simian immunodeficiency virus* ou vírus da imunodeficiência dos símios) foi transmitido para seres humanos e sofreu mutações, transformando-se no HIV. Testes genéticos mostram que o HIV é bastante similar ao SIV, que infecta os chimpanzés, mas não os deixa doentes.

4.1.11 Ano de 1999: Erro médico mata mais que AIDS nos EUA

O título da chamada “Erro médico mata mais que AIDS nos EUA” é discreto, apresentado em apenas um selo (uma coluna), no rodapé da página, à direita, no tamanho de 4 cm X 8 cm.

Lead

Erros médicos matam entre 44 mil e 98 mil pessoas nos EUA todo ano, mais do que acidentes de carro, Aids ou câncer no seio. A estimativa consta de pesquisa nacional inédita feita e divulgada pelo Instituto de Medicina, uma associação independente ligada à Academia Nacional de Ciências norte-americana. Leia “Luta contra a Aids”, sobre avanços terapêuticos.

SD 12

“Erro médico mata mais que AIDS nos EUA”.

Há um deslocamento de enfoque. O que é notícia? A Aids ou o erro médico? A Aids veio sendo associada à morte desde 1982 e, de repente, erros médicos matam mais nos EUA? O Brasil havia registrado uma queda do número de mortes em 1996, de 15.017 caiu para 10.521 (1999), sendo 7.485 homens e 3.027 mulheres. Mesmo se tratando de 4.446 mortes a menos, são minimizadas as informações da AIDS. Por que dar uma notícia em primeira página de uma realidade nos EUA enquanto no Brasil o mesmo não se repete? As informações sobre a AIDS são minimizadas, deixando no ar uma conclusão equivocada de que a AIDS não mata mais. A AIDS é usada como gancho para “vender” a matéria e, além disso, apresentada em caixa-alta no título, por si só, chama atenção para a manchete.

4.1.12 Ano de 2000: Editoriais

SD 13

“Leia ‘Luta contra a Aids’, sobre avanços terapêuticos”.

Sob o título **Editoriais** (grifo FSP), num módulo (3,4 X 4 cm) ao final da página à esquerda, acima do código de barras, a chamada indica a leitura, mais uma vez, da opinião do jornal acerca da epidemia. Entretanto, nem mesmo o jornal entende que colocar à disposição sua reflexão sobre a epidemia é importante, visto o pouco espaço disponibilizado e a colocação dentro da página. Parece que, por ser a AIDS uma epidemia que já não vitima um grande número de pessoas e por suas vítimas não mais serem gays, drogados e prostituídos, e sim mulheres, mães, pobres e moradores do interior do país, bastam uma chamada e um texto na segunda página para marcar presença no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. O *bug* do milênio, os avanços terapêuticos, o crescimento das Igrejas neopetencostais não teriam impacto sobre o assunto? Para que falar que mulheres heterossexuais, casadas e monogâmicas estão morrendo de Aids? A pouca exposição da chamada é uma forma de silêncio local, de censura, pois foi feita uma escolha por parte dos jornalistas ou de seus editores, fala-se do assunto, mas a maneira de apresentá-lo expressa o silenciamento.

Em 2000, são 31.154 casos notificados, um total de óbitos de 10.730, sendo 7.540 homens e 3.187 mulheres. A matéria é temática porque toca no assunto da Aids, embora seja em apenas uma linha. O texto remete ao otimismo e deixa no ar avanços na luta contra a epidemia. Entretanto, cabe indicar que houve, sim, uma queda no número de mortes de homens, enquanto há um aumento importante no que se refere às mulheres. O Ministério da Saúde indica que há uma incidência maior entre as mulheres e uma proporção de uma mulher para cada dois homens no caso das notificações. Isso sem contar com a importância de eventos como o I Fórum em HIV/AIDS e DST da América Latina, no Rio de Janeiro, ou mesmo da 13ª Conferência Internacional sobre AIDS, em Durban, na África do Sul, que denuncia ao mundo a mortandade na África. Dezesete milhões morreram de AIDS no continente, sendo 3,7 milhões crianças. Foram contaminados 8,8% dos adultos. O presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, escandaliza o mundo ao sugerir que o HIV não causa a AIDS. Foi a partir desse encontro, promovido pelas Nações Unidas, que cinco grandes companhias farmacêuticas concordaram

em diminuir o preço dos remédios usados no tratamento da AIDS para os países em desenvolvimento.

4.1.13 Ano de 2001: Colcha de retalhos

Em especial, o ano de 2001 apresentou sua terceira manchete alta num período de 15 anos, sem título, usando a foto como a grande chamada. A foto ocupava três colunas (13 X 13 cm) com a seguinte legenda: “SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhangabaú (SP) em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no Brasil; hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país”.

SD 15 – fotografia



A foto mostra diferentes pessoas, umas ajoelhadas, outras em pé, montando um tapete na rua para lembrar os mortos pela Aids. A imagem remete a uma ideia de trabalho conjunto. Trata-se de uma sequência discursiva não verbal, uma vez que a imagem propõe uma ideia de solidariedade, que é reforçada pela legenda.

SD 16

“SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhagabaú (SP)”

Como argumento para esta sequência discursiva(SD16), o autor relaciona solidariedade à colcha de retalhos, trabalhando a ideia de fazer junto.

SD 17

“em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no Brasil”

A SD17 comunica ao leitor a ideia de que a união faz a força e, neste caso, reúne pessoas em torno de uma imensa colcha de retalhos para lembrar aqueles que não podem estar nesta comemoração. Juntar retalhos também pode significar população despedaçada pela Aids.

SD 18

“hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país”

O veículo propõe novamente a existência de duas forças quando a foto mostra imensa colcha de retalhos para lembrar os 150 mil mortos pela Aids no país e na legenda menciona a taxa de incidência, que está caindo.

É uma chamada temática porque tem a Aids como carro-chefe, mas vai buscar, numa foto colorida e em uma colcha de retalhos que mostra pessoas trabalhando em conjunto, o sentido de solidariedade. Deixando para o final a informação de que os índices estão caindo, entretanto, são registrados 32.029 casos para um total de óbitos de 10.948 entre 7.517 homens para 3.428 mulheres. Fala-se de solidariedade aos mortos, da queda do número de infectados, mas na chamada não há nada que remeta à ideia de que, pela primeira vez, 1/3 dos casos notificados é de mulheres.

4.1.14 Ano de 2002-2007: Silêncio

No ano de 2002, a FSP inicia um novo período de silenciamento, desta vez são seis anos consecutivos. O perfil da epidemia já vinha mudando, e o Brasil chegou a 2002 com 258 mil casos registrados desde 1980. De casos notificados, só nesse ano, foram 39.689, num total de 11.055 óbitos, um crescimento de 9% em relação ao ano anterior. Além disso, os óbitos de

mulheres chegam a quase 48% em relação às mortes de homens. Nos anos seguintes, é observada uma queda importante nos casos notificados, porém, há uma oscilação no número de pacientes que morreram. De maneira geral, entre os anos de 2002 a 2005, os números apresentam queda tanto para homens quanto para mulheres, mas voltam a subir em 2006. Entre os homens, os números apresentam queda a cada ano, mas entre as mulheres não há uniformidade, os números observados mostram oscilações: 3.610 (2003); 3.562 (2004); 3.736 (2005); 3.704 (2006) e 3.785 (2007).

Embora os dados apontassem para informações relevantes, pois há uma queda e de novo um crescimento, o que existe é um total apagamento da AIDS nesse período e um evidenciamento das notícias da economia e da política brasileira. Para Orlandi, “Todo discurso atesta sua relação com outros”, ora excluindo, ora incluindo, tendo em vista o seu **apagamento**” (ORLANDI, 1990, pp. 41/42). Podemos afirmar, então, que as notícias de economia e política cumpriram um papel de mediação, de negociação e, ao medir “forças”, provocaram um processo de **apagamento da AIDS**” (ORLANDI, 2006, pp.22).

Entre as notícias dadas pela FSP nesse período está, em 2002, “Segundo a FIPE, taxas de serviço do setor acumulam uma alta de 16,87% até outubro contra 6,06% do IPC. Tarifa bancária sobe além da inflação”. A foto imensa mostra uma fila formada por mulheres que observam homens passarem com pacotes sobre os ombros. A legenda dizia: “Outros tempos, outra carga: garimpeiros carregam cestas básicas distribuídas pelo governo em Serra Pelada (PA)”. No ano seguinte, a “alta” comemorava – “Cruzeiro vence brasileiro por antecipação”–, com uma foto em grande destaque mostrando a recepção aos jogadores. Ao lado, com menos espaço e menor destaque, “EUA decide libertar 140 da sua base em Guantánamo”. Em 2004, “Expansão do PIB é a maior desde 1995; destaques foram os investimentos e a indústria. País acumula no ano crescimento de 5,3%”, tendo ao lado um infográfico mostrando o que cresceu, o que estagnou e o que caiu. Os dados pertencem a uma pesquisa do IBGE. Ainda no conjunto das manchetes, estão “Governo rebate acusação de incompetência feita por FHC” e “Brasil não teve recessão em 2003”. Em 2005, a grande notícia era “Câmara cassa José Dirceu”, e uma foto de Dirceu, que se julgava vítima de “linchamento”, de dedo em riste ilustrava a página do maior jornal do país. Por 293 a 192 votos, o homem forte do governo Lula perdeu o mandato por conta do mensalão. “Câmbio faz país crescer só 0,5%” foi a grande notícia de 2006, mas no alto da página estavam as fotos de José Dirceu, Marina Silva e Hugo Chaves, além de frases emblemáticas que serviam como chamada para entrevistas com eles no interior do jornal. O

último ano desse período de silêncio contou com uma foto da manifestação em Caracas a favor das propostas do presidente Chaves, um imenso mar de pessoas de roupas vermelhas, cuja legenda foi: “MARÉ VERMELHA: Ato em Caracas a favor das reformas de Hugo Chaves, que serão amanhã submetidas a referendo; presidente ameaçou a oposição e EUA mandou militares ocuparem o campo de petróleo”. Com menor destaque, o jornal informou que “Tiroteio fere sete e causa pânico na estação da Sé” e “Acordos elevam a participação da Petrobras em petroquímica”.

4.1.15 Ano de 2008 Meninas contam por que namoram caras mais velhos

A última capa da Folha de São Paulo no período que compreende a nossa pesquisa é dentro do suplemento Folha Teen. A área total de 7 X 8,5 cm foi ocupada da seguinte forma: a chamada Folha Teen está dentro de uma foto de um casal, e o homem é aparentemente mais velho que a mulher. Ainda dentro desse espaço, há o texto “Meninas contam por que namoram caras mais velhos”. Chamamos atenção para o detalhe de que a fonte usada para escrever **caras mais velhos** é visivelmente maior do que o restante.

SD 19

“Dados da AIDS mostram que garotas se contaminam mais”.

Sob o título Jairo Bauer, dentro de um box chapado em verde, com um espaço de 2,5 X 7cm, “Dados da AIDS mostram que garotas se contaminam mais”.

Quando se olha para o conjunto, o que fica implícito é que mulheres só pegam AIDS de homens mais velhos. Se a matéria quer discutir no interior do jornal o fato de as meninas estarem se contaminando mais, na manchete fica claro apenas que homens mais velhos podem transmitir a doença. Não se discutem outros tipos de contágio.

Quando confrontamos essa assertiva com os dados do Boletim Epidemiológico de 2008, observamos que, já na apresentação, diz: “Esta publicação traz, em seu bloco temático, casos de AIDS em indivíduos de 50 anos ou mais de idade”. No decorrer do texto, fala da diminuição dos casos entre homens com mais de 50 anos e do aumento entre mulheres: “Entre homens, de 2000 para 2006 o coeficiente aumentou de 7,2 para 10,3/100.000 hab., e nas mulheres passou

de 2,5 para 4,3/100.000 hab. Em 2006, houve 21 óbitos por AIDS em homens para cada 10 mulheres”. A única menção às mulheres no tocante a casos de notificação de AIDS pela idade está na página 37, na Tabela XI - Casos de AIDS notificados no SINAN (número e percentual), segundo escolaridade por sexo e ano de diagnóstico. Brasil, 1980-2008³⁹. A tabela apresenta dados que compreendem o período de 18 anos e, nesse período, dos 32,2% de mulheres contaminadas, 7,2% tem (de 0 a 3 anos; 9,4%, de 4 a 7 anos; 5,5%, de 8 a 11 anos, e 1,5%, 12 anos ou mais. Diante dos dados, podemos afirmar que a chamada não representa a verdade. No mesmo período, os dados mostram que houve queda no número de casos cuja a orientação sexual do indivíduo é homossexual e um crescimento entre os heterossexuais, mas não há, no Boletim de 2008, nada que indique que mulheres jovens têm se contaminado mais do que as mais velhas. Foram notificados, em 2008, 39.855 casos de Aids, dos quais 11.839 resultaram em morte, sendo 7.797 homens e 4.042 mulheres.

4.1.16 Ano de 2009-2013: Silêncio

Desde o início da epidemia até 2009, foram notificados 544.846 casos de AIDS no país. O que observamos é um silêncio de cinco anos iniciado em 2009, ano em que os casos notificados chegaram a 39.855 e, em 2013, 41.814, o que representa um aumento de menos de 2 mil pessoas em seis anos. Em relação aos óbitos, houve um aumento de 11.839 para 12.564, menos de 1%. Embora o cenário pareça de alguma forma estável, houve oscilações durante todo o período. Constatou-se uma pequena queda de 2009 para 2010 nas notificações, 629 casos, e nos óbitos de homens, 183, porém, há um aumento nos óbitos de mulheres, um total de 127. Curiosamente, o número de mortos em 2010 e 2011 é o mesmo, 12.151 pessoas foram vítimas da AIDS. Em 2011, em relação ao ano anterior, há um crescimento de 0,9% nos casos notificados, uma queda nos óbitos masculinos e um crescimento entre as mulheres exatamente iguais. Nesse mesmo ano, 20 homens a menos morreram, enquanto morreram 20 mulheres a mais. Curioso também é o comportamento da epidemia nos anos seguintes. O ano de 2012 apresenta uma queda de 295 nos casos notificados e, em relação aos óbitos, mantém-se o mesmo perfil do ano anterior. Porém, em 2013, há um crescimento nos casos notificados e nos óbitos de homens e mulheres,

³⁹ FONTE: MS/SVS/PN-DST/AIDS NOTAS: (1) Casos até 30/06/2008. Dados preliminares para os últimos 5 anos. (2) 13 casos ignorados com relação ao sexo.

41.814, 8.302 e 4.257, respectivamente. Ainda assim, esses dados que mostram a oscilação não chamou a atenção dos jornalistas, sequer de quem envia “sugestão de pauta”.

Nesses anos de silêncio, muitas foram as conquistas, tais como a conclusão do processo de nacionalização de um teste que permite detectar a presença do HIV em apenas 15 minutos. A Fiocruz passou a fabricar o teste, ao custo de US\$ 2,60 cada enquanto o Governo gastava US\$ 5 por teste (2008); o Programa Nacional de DST e Aids torna-se departamento da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde e o Programa Nacional para a Prevenção e Controle das Hepatites Virais é integrado a ele (2009); os Governos do Brasil e da África do Sul firmam parceria inédita para distribuir 30 mil camisinhas e folhetos sobre prevenção da AIDS e outras DST durante a Copa do Mundo de Futebol (2010); as Casas de Apoio de atendimento a adultos com HIV/AIDS passaram a contar com incentivo financeiro do governo federal destinado ao custeio das ações desenvolvidas com crianças e adolescentes (2011); o Ministério da Saúde inclui a possibilidade de antecipação do início do tratamento entre parceiros sexuais fixos sorodiscordantes (2012) e em 2013, Anúncio do "3 em 1", unindo as drogas Lamivudina, Tenofovir e Efavirenz em um único comprimido e Teste rápido através do fluído oral é anunciado para venda em farmácia. No entanto, durante seis anos, houve um silenciamento na capa de um dos maiores jornais do país no Dia Mundial da Luta contra AIDS. Não podemos afirmar os motivos nem culpar a imprensa pelo não destaque dos dados apresentados, até porque há, no circuito midiático, outros interesses ou (des)interesses, sejam por parte das ONGs, dos movimentos sociais, da comunidade médica, dos doentes da AIDS e do governo. Apenas podemos apresentar nossos dados de pesquisa que mostram que, de 2009 a 2013, não houve uma linha sequer acerca da epidemia nas primeiras páginas da Folha de São Paulo.

Apesar dessa gama de fatos significativos com relação ao enfrentamento da AIDS, a grande manchete de 2009 foi: “Ex-secretário liga Tucano a mensalão. Presidente do PSDB no DF nega participação no esquema; governador Arruda diz que sua gestão é vítima”. Em grande destaque, uma foto, imagens de um vídeo, que mostrava o dono do jornal Tribuna do Brasil guardando dinheiro na cueca de suposta propina. Um artigo de Janio de Freitas, intitulado “Caso faz rombo na tática do PSBD para as eleições”, dava continuidade ao assunto. Em 2010, “Polícia investiga desvio de drogas e facilitação de fugas”, a foto mostrava “artefatos explosivos” apreendidos no Rio e que tinham a marca do Comando Vermelho. Ao lado, num box preto, havia a notícia de que “EUA criticam submarino e estratégia de brasileiros”, sobre o

vazamento de um telegrama pela ONG WikiLeaks⁴⁰ em que o governo americano chama o submarino de guerra de “elefante branco”. “Lupi acumulou cargos ilegalmente. Ministro recebia salários do Congresso e da Prefeitura do Rio, o que é proibido; se for ilegal devolverá o dinheiro” foi a grande chamada de 2011. Uma foto mostrava uma passeata com a seguinte legenda: “ANTIMORDIDA Químicos, bancários e metalúrgicos do ABC paulista param a marginal da via Anchieta contra a cobrança de IR sobre a participação no lucro das empresas; estudo aponta que arrecadação como imposto atinge R\$ 1,8 bilhão mercado” ilustrou este 1 de dezembro. Em 2012, são infográficos que chamam atenção para as notícias do dia. Uma série de três imagens mostrava o momento econômico do país em relação ao mundo. “PIB decepciona, e Dilma deve ter ‘biênio perdido’” anunciava que o Brasil veria crescer apenas 1% naquele ano. Em 2013, estampavam a capa chamadas para os cadernos especiais Ilustríssima, TV Folha e Cotidiano que trouxe uma página inteira sobre “Transexualismo deve sair da lista de doenças mentais”. Do cenário político, a notícia foi “Dilma amplia vantagens sobre rivais, diz Data Folha”.

4.2 O Globo

O Globo, veículo de circulação nacional, possui 882 mil leitores⁴¹ e tem uma circulação impressa de 172.926 exemplares nos dias úteis e 246.271 aos domingos. O perfil do leitor é assim distribuído, 55% na classe B e 16% na classe A. Os homens representam 51% do público leitor, e as mulheres, 49%. A faixa etária dos leitores é bastante diversa, porém, há uma concentração de 20% entre 30 a 39 anos, ultrapassados somente pelos 24% dos leitores com mais de 60 anos. Em relação à classe social, 49% possuem nível superior. Entre os interesses do leitor, com 88% estão a saúde, o bem estar e a qualidade de vida; 85% se interessam por diversão e lazer; a educação interessa a 72% dos leitores; a beleza conta 63% do interesse dos leitores. Uma grande maioria, 75% costumam fazer compras em shopping centers, 66% fizeram uma viagem pelo Brasil ou pelo exterior no último ano; 80% têm conta bancária, 80% têm casa

⁴⁰ WikiLeaks é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página, postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.

⁴¹ Fonte: Leitores: Ipsos Marplan - Gde Rio - Jan a Dez/14 // Fonte Circulação: IVC Dezembro/15

própria, 63% têm cartão de crédito e 61% têm plano de saúde. Assim como a Folha de São Paulo, os dados das assinaturas digitais de O Globo não são divulgadas.

4.2.1 Ano de 1988-1991: Silêncio

O jornal inicia os anos que compreendem nossa pesquisa com um grande espaço de silêncio que vai de 1988 a 1991, ou seja, durante quatro anos seguidos O Globo não faz qualquer menção à AIDS no dia 1 de dezembro em sua primeira página. No entanto, os dados epidemiológicos sofreram um aumento bastante significativo durante o período que inicia, em 1988, com 4.324 casos notificados e, em 1991, atinge 11.464, um aumento de 37%. No tocante às mortes por AIDS, em 1988 foram 2.056 óbitos e, em 1991, 7.367. Quanto aos falecimentos por gênero, observa-se que, em 1988, morreram 1.800 homens e 256 mulheres e, em 1991, 6.135 e 1.229, respectivamente, o que representa um aumento de 29% nos homens e um pouco mais de 20% nas mulheres.

Esse grande período de silêncio dividiu espaço com as seguintes manchetes em destaque: em 1988, “Álcool para CZ\$ 197 e gasolina para CZ\$ 286”; “Mínimo para dezembro é CZ\$ 40.425”; em 1989 – “Governo arbitra inflação em 40%”, “Collor e Lula levam campanhas às ruas” e o Editorial chamou-se “O eleitor agradece”. Em 1990, a manchete alta anunciava “Quércia alerta para perigo da recessão” e em um box, logo abaixo, era divulgado que “Rio passa no teste da ONU”, matéria relativa ao evento ECO 92. No ano seguinte, em 1991, a grande manchete foi “Juíza manda INSS pagar 147% ao Rio” e uma grande foto, cujo cenário era a praia e a legenda: “Pais aguardam criança acabar de se banhar na praia de São Bento, interditada por causa da cólera. Até agora só há mesmo um caso da doença confirmado no Rio”. Ao lado, em um box com o título “Jogando com a verdade”, era anunciado o artigo de Roberto Marinho onde ele “traça um quadro da situação econômica, com suas consequências para os diversos segmentos da população”. A chamada “Ministro afirma mal-estar de Collor” estava logo abaixo.

4.2.2 Ano de 1992: A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo

Após quatro anos de absoluto silêncio no Dia Mundial da Luta Contra AIDS, O Globo traz uma chamada de capa. Embora a notícia seja temática, pois trata da AIDS, é bastante discreta, situada ao fim da página, à direita, no tamanho de um módulo 4,5 X 3 cm.

SD20

“A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo”. Ciência e Vida, página 18.

Lead

A cada minuto surgem três novos casos de Aids no mundo. Isso significa que 5.320 pessoas são contaminadas pelo vírus HIV todos os dias, de acordo com o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Hiroshi Nakajima, que divulgou ontem em Nova York, um estudo a respeito da doença, marcando o Dia Mundial da Luta contra a Aids, celebrado hoje. Segundo ele, de 10 a 12 milhões de pessoas estão infectadas pela AIDS no mundo, das quais, dois milhões já desenvolveram a doença.

A SD apresenta fatos, mesmo imprecisos e embora verdadeiros, a mesma não dá ideia sobre a epidemia, embora esta cresça a cada minuto. Em 1992, 14.229 casos foram notificados, houve um total de óbitos de 9.020, sendo 7.449 de homens e 1.564 de mulheres. Entretanto, trata-se de um momento bastante significativo na história da epidemia em nosso país, pois o Ministério da Saúde incluiu os procedimentos para o tratamento da AIDS na tabela do SUS e inicia o credenciamento de hospitais para o tratamento dos pacientes. Nesse mesmo ano, a menina Sheila Cartopassi de Oliveira, de cinco anos, teve a matrícula recusada em uma escola de São Paulo por ser portadora de HIV.

4.2.3 Ano de 1993 – 1995: Silêncio

Como observamos, O Globo não manteve como assunto frequente em suas capas notícias acerca da aids no dia 1 de dezembro. Após o silêncio que compreende o período inicial

de nossa pesquisa, ou seja, de 1988 a 1991, o jornal, como vimos no item 3.1.2, publicou em 1992; em 1993, iniciou mais três anos de silêncio. Os dados cresciam ano a ano. Se em 1991, eram 7.367 casos notificados, em 1993 eram 16.392. Se em 1991 morreram 6.135 homens e 1.229 mulheres, em 1993, foram 9.239 e 2.220, respectivamente, um crescimento em torno de 66% para os homens e 55% para as mulheres. Nos anos seguintes, há um crescimento nos casos notificados, 18.009 (1994) e 20.754 (1995), uma diferença de 4.362 casos do início do silêncio até o fim desse período. Quanto às mortes, o ano de 1993 matou 11.459 pessoas e, em 1995, 20.754 pessoas, entre homens e mulheres, vieram a óbito em decorrência da aids. Aliás, este foi o ano em que mais pessoas morreram. Assim sendo, creditamos ao silêncio, ou seja, à ausência do assunto de forma mais efetiva nos grandes meios de comunicação de massa como corresponsável pelo crescimento do número de casos e de mortes.

A grande manchete de 1 de dezembro de 1993 foi “CPI vai convocar PC Farias” e de cada lado figurava cada uma das manchetes “FH submete a Itamar plano a ser anunciado terça” e “Prisão vai ser festejada com manifestações”. Uma das matérias trazia o ministro Fernando Henrique Cardoso, que voltava do Canadá prometendo submeter ao presidente Itamar o que viria a ser o Plano Real, e outra matéria falava sobre o que foi chamado pelo jornal de “carcerata”, fazendo menção a um cortejo de carros que acompanharia Paulo César Farias à prisão.

4.2.4 Ano de 1996: “Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa”

SD21

“Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa”

A segunda capa de O Globo, em oito anos, foi “Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa”. Apesar de não ocupar muito espaço (2,5 X 7,5 cm), estava dentro de um box, com as letras em negrito, no meio da página, à direita, e fazia menção para a matéria no Caderno Família. É uma matéria temática e provoca um deslocamento, pois cai o mito de que só homossexuais masculinos contraem o vírus HIV. O impacto da chamada, além de quebrar o mito de que só homens gays, profissionais do sexo, usuários de drogas injetáveis, hemofílicos e pessoas que fazem transfusão de sangue contraem o vírus, chama atenção para uma realidade

que o mundo vai ter que encarar: a questão das identidades sexuais e de gênero. Pouco tempo depois, a OMS criou o termo HsH para definir homens que fazem sexo com homens e MsM, para mulheres que fazem sexo com mulheres, a fim de contemplar homens e mulheres que fazem sexo com iguais, mas não se veem como homossexuais. Nesse caso, não há *lead*, apenas a chamada na capa. Vale a pena chamar a atenção para o fato de que, em 25 anos, não houve uma menção sequer aos HsH e às MsM, muito menos qualquer matéria que aborde a saúde sexual de mulheres lésbicas.

4.1.5 Ano de 1997–2000: Silêncio

O jornal O Globo novamente inicia um período de silêncio, desta vez por quatro anos, o mesmo tempo do primeiro período (1988/1992) e um ano a mais do que o segundo (1993/1995). Vale ressaltar que estamos apenas analisando as capas por considerarmos que a primeira página de um jornal é composta de chamadas, títulos, *leads* de assuntos que os veículos e seus profissionais acham relevantes. Nesta análise não estamos considerando as matérias que, porventura, tenham sido publicadas no interior do jornal. O ano de 1997 teve 25.941 casos notificados, 8% casos a mais do que o ano que fecha o último período de silêncio, 1995. Em 1998, há um crescimento de também 8% em relação ao ano anterior, porém, em 1999, há uma queda nas notificações de cerca de 9%. Infelizmente, em 2000, em relação a 1997 há um crescimento de 5.413 casos, mais de 20% casos a mais. Em relação aos óbitos, as notícias são melhores, pois há uma queda que se inicia logo após 1995, ano em que mais morreram pessoas em decorrência da AIDS. Os anos de 1997, 1998 e 1999 têm, respectivamente, 12.078; 10.770 e 10.551 vítimas fatais, sendo que os números caem para os homens e as mulheres. Entretanto, curiosamente, o ano de 2000 apresenta crescimento em números de casos e de óbitos. Nesse ano, o Ministério da Saúde indicou que há uma incidência entre as mulheres e uma proporção de uma mulher para cada dois homens no caso das notificações.

Embora O Globo não tenha dado nenhuma capa nesse intervalo, outros temas foram tratados nas primeiras páginas com destaque. Em 1997, por exemplo, o título “Mais uma sofrida vitória do Flamengo” com uma foto de Junior Baiano comemorando o gol que foi decisivo na vitória contra o Juventude figurou ao lado da notícia “Tarifa de embarque deve ser fixada em U\$27”, com o subtítulo “Entidades filantrópicas continuarão isentas do Imposto de Renda”. Em 1998, “Isenção de impostos beneficia escolas particulares” denunciava que, apesar das altas

mensalidades, escolas como CEL, Santa Úrsula, Gama Filho e Bennet eram consideradas como filantropia e usufruíam dos benefícios e descontos em impostos. Bem ao lado, dividindo o espaço, estavam as seguintes chamadas “Decisão do STF dificulta a privatização da Ceade”, “Petróleo cai no mundo e a gasolina sobe no Brasil” e “Vasco já pensa da decisão de 99 em Tóquio. E, em 1999, “Governo diz que cadastro de alunos devedores é ilegal” tratava de tornar público que o ministro da Educação, Paulo Renato, condenava a atitude da Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino em criar uma lista de inadimplentes e aconselhava os pais a buscarem seus direitos na Justiça. E, ainda, “IBGE: renda do país cai, mas melhora a distribuição” trazia a informação de que, embora a renda do brasileiro tenha caído 10% após a crise da Ásia, os mais pobres tiveram um ganho médio de 7,7% na renda enquanto os mais ricos tiveram uma perda de 1,3%, exatamente na virada do milênio.

Isso sem contar com a importância de eventos como o I Fórum em HIV/Aids e DST da América Latina, no Rio de Janeiro, ou mesmo da 13ª Conferência Internacional sobre Aids, em Durban, na África do Sul, que denuncia ao mundo a mortandade na África. Dezesete milhões morreram de Aids no continente, sendo 3,7 milhões crianças. Estão contaminados 8,8% dos adultos. O Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, escandaliza o mundo ao sugerir que o HIV não causa a aids. Foi a partir deste encontro, promovido pelas Nações Unidas, cinco grandes companhias farmacêuticas concordam em diminuir o preço dos remédios usados no tratamento da aids para os países em desenvolvimento. Porém nada disso foi relevante.

4.1.6 Ano de 2001: AIDS: Menos casos

A chamada “**AIDS: Menos casos**” (caixa-alta e negrito FSP) ocupa o espaço de duas colunas, dentro de fios (box), com foto, localizado ao fim da página, à direita. Ao lado da charge que mostra George Harrison em Abbey Road, tem-se uma menção ao falecimento do ex-Beatle, vítima de câncer. A informação da notícia da morte de Harrison disputa o espaço e o interesse do leitor, ainda que não seja suficiente para causar um apagamento, mas, disputa a atenção do leitor.

SD22 – fotografia



A foto mostra a imagem de um menino quase fora do quadro e de uma mulher sozinha, com a mão estendida, andando sobre o que o jornal denomina “tapete de panos”. A imagem não tem uma só leitura, tanto pode indicar solidão, por estar a mulher caminhando sozinha, quanto sua mão estendida pode transmitir a ideia de um convite para que outras pessoas façam parte do ato em solidariedade às vítimas da aids. Para compreender, é preciso lançar mão do conceito de “opacidade” em contraponto à esperada “transparência”, ou ainda para compreender o discurso do jornal a partir da foto. O que observamos é que

“Ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem em unidades discretas. A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma "imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer". A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens. É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal. A não co-relação com o verbal, porém, não descarta o fato de que a imagem pode ser lida”. (Souza, 1998).

Fato é que, na mídia impressa, assim como na mídia televisiva, a construção que compõe a chamada da notícia, a foto, que por sua vez é escolhida a partir da leitura de um profissional, e a legenda, na maior parte das vezes, está em dissensão com o que se quer noticiar. A foto fala de “Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à AIDS. O crescimento

da doença no país caiu 13,8%”, mas a foto só remete à imagem da mulher caminhando sobre o tapete, não há qualquer referência à queda do percentual de crescimento da doença.

Nesse caso, é a legenda que produz um processo de paráfrase (SOUZA, 1998), ela é quem determina a interpretação da imagem. A complexidade de um conjunto de imagens dentro da própria imagem se reduz a um processo de interpretação uniforme, e um sentido (que se quer) literal se impõe. Assim, a imagem torna-se um complemento, um acessório, destituída de seu caráter de texto, de linguagem, uma vez que, ao ser traduzida através de sua verbalização, apaga-se como elemento que pode se tornar visível. É o verbal se sobrepondo ao não verbal. Por mais que uma imagem valha mais do que mil palavras, o leitor não tem uma leitura partida, ele lê um conjunto: título, fotografia, legenda e *lead*.

Lead

Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à Aids, em São Paulo. O ritmo de crescimento da doença no país caiu 13,8%.

SD23

“Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à Aids, em São Paulo.”

A chamada é, sem sombra de dúvida, temática. O que, de fato, a SD23 “manifestante andando sobre tapete de panos” significa? A frase é esvaziada de sentido, pois não informa nada. Já as palavras “tapete de panos” podem nos remeter à ideia de mortalha⁴².

SD24

“O ritmo de crescimento da doença no país caiu 13,8%”.

A SD24 aponta a queda no crescimento, propõe-se a informar e assim o faz. No entanto, é impossível destacar a SD quando ela faz parte de um todo em que a fotografia é destaque. Isso sem contar que, quando a informação de que os índices estão caindo fica para o final da

⁴² pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de pessoa que será sepultada.

chamada, perde a força. Em duas décadas (1980 - 2001), o total de casos acumulados são 220 mil. Em 2001, foram registrados 32.029 casos e um total de óbitos de 10.945, entre 7.517 homens para 3.428 mulheres, um total de 31%.

4.1.7 Ano de 2002-2003: Silêncio

Mantendo uma tendência, o jornal O Globo não publicou nada nos anos de 2002 e 2003, pelo menos não em sua primeira página. Dados do Ministério da Saúde registraram que, de 1980 a 2002, foram notificados 258 mil casos de AIDS no país. Em 2003, o mesmo índice foi atualizado para 310.310. Em relação aos casos notificados, o Brasil teve 39.689 e 38.268, em 2002 e 2003, respectivamente. Quanto aos óbitos, foram 11.055, em 2002, e 11.283, em 2003. Quanto às mortes de homens, tanto em 2002 como 2003, foram cerca de 7.600 e, quanto às mulheres, de um ano para o outro, houve um crescimento de 9%, partindo de 3.473 e chegando a 3.610.

A grande manchete de 2002 veio antes mesmo do cabeçalho do jornal e dizia “MERCADO JÁ TEM PLANO DE PREVIDÊNCIA CORRIGIDO PELA INFLAÇÃO” (caixa-alta O Globo). “FLU derrota o Corinthians e o calor” trazia fotos que falavam mais do que qualquer texto, a imagem do relógio marcando 47º graus no Maracanã e o atacante Romário, o que o jornal apontou como “comemoração inédita”, dançando por conta do gol que deu vitória ao Fluminense. “Projeto do PT para educação reúne fome e alfabetização”, um que projeto de alfabetização que deveria ser incorporado pelo Programa Fome Zero. No decorrer do texto, falou-se sobre o Provão, atual ENEM, e já se anunciavam as cotas nas universidades públicas federais para alunos egressos do ensino público. Em 2003, também foi o esporte que ilustrou a capa com os títulos “Cruzeiro campeão incendeia Minas” e “O melhor vôlei do mundo é brasileiro”. E, mesmo no alto da página, mas com menos destaque, figurava a denúncia de que “Fundo dos partidos é usado para fins privados. Dinheiro público pagou até viagem para carnaval do Rio”.

Nesse período, muitas foram as notícias acerca da epidemia. Um relatório realizado pelo UNAIDS, programa conjunto das Nações Unidas para a luta contra a AIDS, afirmou que 70 milhões de pessoas no mundo morreriam até 2023, a maior parte na África, a não ser que as

nações ricas aumentassem seus esforços para conter a doença. O Programa Nacional de DST/Aids recebeu US\$ 1 milhão da Fundação Bill & Melinda Gates como reconhecimento às ações de prevenção e assistência no país. Os recursos foram doados para ONGs que trabalham com portadores de HIV/Aids. O programa foi considerado como referência mundial por diversas agências de cooperação internacional.

4.1.8 Ano de 2004: Abandonada, África é devastada pela Aids

A chamada de capa de 2004, cujos título e subtítulo foram, respectivamente, “Abandonada, África” e “Vírus ameaça segurança mundial”, ocupou um espaço significativo, veio em um box de 17 X 16 cm e contou com uma foto de 10 X 16 cm, cuja legenda era: “ORFÃOS DA AIDS num vilarejo da República Democrática do Congo: sem os pais, comida e escola”. No interior do box, ainda havia outras três chamadas “Vaticano diz ser doença do espírito”, “Órfãos são usados para testar drogas” e “É preciso desafiar costumes e tradições ancestrais. Luiz Loures, diretor do Programa de Aids da ONU, página 7. ”

Lead

“A epidemia da Aids está levando países africanos a retrocesso de um século em seu desenvolvimento, revelam, em Caderno Especial que O Globo publica hoje (Dia Mundial da Luta contra Aids), as enviadas especiais Roberta Jansen e Marizilda Cruppe. A expectativa normal de vida no sul da África foi reduzida para 47 anos e a segurança nacional está sob ameaça”.

SD 25

“Abandonada, África é devastada pela Aids”.

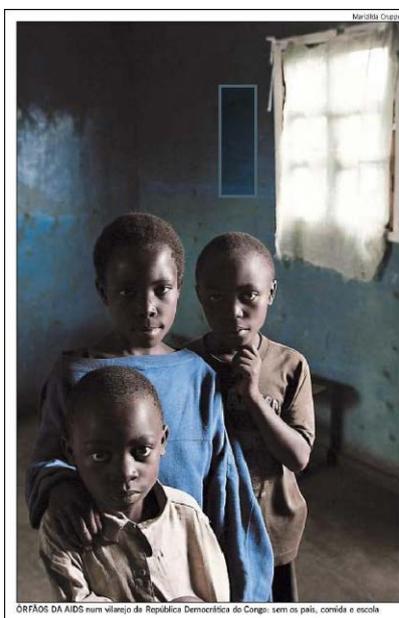
A SD propõe ao leitor uma ideia que facilmente ganha sua adesão, pois não difere do que o senso comum pensa em relação à África, ou seja, um câncer, um “país” que só reúne negros, pobres e doentes.

SD26

“Vírus ameaça segurança mundial”

O que é dito – “Vírus ameaça segurança mundial” – escamoteia o não dito (implícito): a África é uma ameaça mundial. No Brasil, embora o número de casos de AIDS ainda estivesse em crescimento, já não se morria tanto quanto em outros momentos. Como a última matéria que o jornal publicou foi sobre a queda do número de casos de AIDS, ficou parecendo que o veículo demorou a se dar conta da pandemia.

SD27



A fotografia é apelativa e mostra a imagem de três crianças em aparente abandono no interior de uma casa humilde. A foto funciona como um grande ícone do que é a África. Uma imagem que não diz, ao ser usada, para dizer qualquer flagelo relativo ao continente africano. Com destaque no tamanho e no que retrata, a foto chama a atenção para o que está, de fato, dito ou para aquilo que está implícito. A legenda acaba de construir o que a imagem sugere. De alguma forma, reforça a imagem que se tem do continente africano. Por outro lado, também na perspectiva do dissenso com o texto verbal, as imagens podem instaurar não uma interpretação contrária à do texto verbal, mas um texto paralelo, um outro campo de significação construído por intermédio dos operadores discursivos não verbais (cor, ângulo da câmara, elementos cênicos, luz e sombra etc.) que tecem a textualidade da imagem (SOUZA, 2001: 79-81).

A matéria é temática, porém os dados são da África, não se faz menção ao Brasil. Neste ano, os dados notificados eram 37.682, os óbitos chegavam a 11.020, 7.458 homens e 3.562 mulheres. Ao compararmos as fotos das matérias de 2001 e 2004, um tom dramático é usado até mesmo para dar boas notícias, ou, por conta das boas notícias em termos nacionais, optaram por explorar a tragédia alheia.

4.1.9 Ano de 2005: Aids: Negros serão alvo de campanha

A manchete de O Globo de 2005 foi “Aids: Negros serão alvo de campanha”, numa chamada que ocupou 3,5 X 6,5 cm, um módulo, no meio da página, à esquerda, sem foto. Em 2005, o tema do Dia Mundial de Luta Contra a Aids no Brasil abordou o racismo como fator de vulnerabilidade para a população negra: “Ministério fará campanha voltada a este público, já que doença, de modo geral, manteve-se estável”. Entende-se por vulnerabilidade um conceito que diz respeito às dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais, associadas às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e até mesmo nações. Nesse caso, o Ministério da Saúde observou que fatores como gênero, raça/etnia e pobreza contam na exposição, cada vez mais as mulheres negras correm o risco de contrair o vírus, uma vez que são vítimas da tríplice discriminação: o fato de ser mulher, ser negra e ser pobre. Entretanto, a matéria de O Globo aborda somente a questão na África. Enquanto isso, no Brasil, os casos notificados chegaram a 37.645, com um total de óbitos de 11.100, sendo 7.736 masculinos e 3.736 femininos.

Lead

O Ministério da Saúde anunciou que vai iniciar uma campanha de combate à Aids voltada à população negra. De acordo com o Boletim Epidemiológico divulgado ontem, os homens pretos e pardos respondiam em 2003 por 38,5% dos casos da doença e agora já são 43,3% dos contaminados com o vírus do HIV.

Enquanto os dados do boletim mostram que a epidemia retrocedeu entre os brancos, entre os negros, o número de casos aumentou.

SD28

“Aids: Negros serão alvo de campanha”

A chamada trata o tema como uma campanha publicitária. A SD28 trata os negros como alvo, algo que precisa ser atingido e, ainda que nesse caso ganhe o significado de público-alvo, alvo também é, segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, “branco, claro, puro, inocente. A cor branca, branco. Ponto a se dirigir o tiro, mira”.

SD29

“De acordo com o Boletim Epidemiológico divulgado ontem, os homens pretos e pardos (grifo nosso) respondiam em 2003 por 38,5% dos casos da doença e agora já são 43,3% dos contaminados com o vírus do HIV.”

A SD29, apesar de trazer uma notícia verdadeira porque de fato houve um crescimento entre essa parcela da população, e a indicação corresponder à forma com a qual o IBGE⁴³ trabalha raça/cor, a forma com que as palavras “pretos” e “pardos” são colocadas, indicam uma indiferença, desumaniza, parece que não são pessoas, são pretos e pardos.

4.1.10 Ano de 2006: Só no Brasil Aids cresce entre idosos

No decorrer da terceira década, a mudança no perfil doentes de AIDS continua, e a manchete de 2006 foi: “Só no Brasil Aids cresce entre idosos”. A chamada está localizada à esquerda, ao fim da página, com 3,5 X 6,5 cm, ao lado da foto da visita do papa Bento XVI a Istambul.

Lead

⁴³ Cor ou Raça - característica declarada pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena.
www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm, acesso em 20/07/2016

Especialistas estão surpresos com a transformação da epidemia da Aids. O Brasil tem um perfil distinto e só aqui o HIV avança na população mais velha. Em outros países, os jovens são a maior preocupação.

SD 30

“Só no Brasil Aids cresce entre idosos”

A SD30 “a Aids cresce entre os idosos” nos remete à pergunta: Por que não entre os idosos? É uma declaração de surpresa pelo fato de que idosos fazem sexo. Quanto ao fato de a manchete estar ao lado da foto do Papa, pode remeter a duas leituras: a ironia por se tratar também de um idoso, mas que fez voto de castidade e assim estaria livre das DSTs, ou uma questão moralista pelo fato de a Igreja Católica deixar claro suas posições tanto em relação ao uso de preservativos quanto às questões que envolvem os LGBTs.

SD31

Especialistas estão surpresos com a transformação da epidemia da Aids. O Brasil tem um perfil distinto e só aqui o HIV avança na população mais velha.

SD 32

Em outros países, os jovens são a maior preocupação.

Esta sequência discursiva aliada à SD31 deixa implícito que os jovens no Brasil estão livres da AIDS.

Não parece que os dados sejam, de fato, tão surpreendentes, uma vez que o mesmo jornal noticiou, uma década antes, que donas de casa apareciam entre as contaminadas pelo HIV. Os dados mostram que, a partir de 2006, um maior número de mulheres a partir dos 50 anos, heterossexuais, casadas e monogâmicas, estão entre os casos notificados. Não há, entretanto, nenhuma menção ao HsH, que estaria por trás do contágio dessas mulheres.

Esses dados não se refletem nas ações do Ministério da Saúde. Neste ano a campanha publicitária foi protagonizada por pessoas que vivem com AIDS, mostrando que a preocupação

maior estava em informar que havia mais pessoas vivendo do que morrendo. Na noite do dia 1 de dezembro, em uma ação inédita, a inscrição da RNP+ (Rede Nacional das Pessoas Vivendo com Aids) “Eu me escondia para morrer, hoje me mostro para viver” foi projetada em raio *laser* nas duas torres do Congresso Nacional, que ficou às escuras, como forma de lembrar os mortos pela doença. Também em 2006, o Brasil reduziu em mais de 50% o número de casos de transmissão vertical, quando o HIV é passado da mãe para o filho, durante a gestação, o parto ou a amamentação. O Brasil contabiliza 36.924 casos de Aids, com 11.046 óbitos, sendo 7.342 homens e 3.704 mulheres.

4.1.11 Ano de 2007-2013: Silêncio

Desde o início da epidemia até 2009, foram notificados 544.846 casos de AIDS no país. O que observamos é um silêncio de seis anos iniciado em 2009, ano em que os casos notificados chegaram a 39.855 pessoas e, em 2013, atingem 41.814 pessoas, o que representa um aumento de menos de 2 mil pessoas em seis anos. Em relação aos óbitos, houve um aumento de 11.839 para 12.564, menos de 1%. Embora o cenário pareça de alguma forma estável, houve oscilações durante todo o período. Tem-se uma pequena queda de 2009 para 2010 nas notificações, 629 casos, e nos óbitos de homens, 183, porém, há um aumento nos óbitos de mulheres, um total de 127. Curiosamente, o número de mortos em 2010 e 2011 é o mesmo, 12.151 pessoas foram vítimas da AIDS. Em 2011, em relação ao ano anterior, há um crescimento de 0,9% nos casos notificados, uma queda nos óbitos masculinos e um crescimento entre as mulheres exatamente iguais. Nesse ano, 20 homens a menos morreram, enquanto morreram 20 mulheres a mais. Curioso também é o comportamento da epidemia nos anos seguintes. O ano de 2012 apresenta uma queda de 295 casos nos casos notificados e, em relação aos óbitos, mantém-se o mesmo perfil do ano anterior. Porém, em 2013, ano em que a epidemia da Aids completa 30 anos, há um crescimento nos casos notificados e nos óbitos de homens e mulheres, 41.814, 8.302, 4.257, respectivamente. Ainda assim, esses dados e informações, principalmente os que mostram a oscilação, não chamaram a atenção dos jornalistas.

Nestes anos de silêncio muitas foram as conquistas, tais como: a conclusão do processo de nacionalização de um teste que permite detectar a presença do HIV em apenas 15 minutos. O teste, ao custo de US\$ 2,60 fabricado pela Fiocruz que substituiria o gasto do Governo US\$ 5 por teste(2008); Programa Nacional de DST e Aids torna-se departamento da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde e o Programa Nacional para a Prevenção e Controle das Hepatites Virais é integrado a ele(2009); Governos do Brasil e da África do Sul firmam parceria inédita para distribuir 30 mil camisinhas e pôsteres sobre prevenção da aids e outras DST durante a Copa do Mundo de Futebol(2010); Casas de Apoio de atendimento a adultos com HIV/aids contarão com incentivo financeiro do governo federal destinado ao custeio das ações desenvolvidas com crianças e adolescentes(2011); Ministério da Saúde inclui a possibilidade de antecipação do início do tratamento entre parceiros sexuais fixos sorodiscordantes (2012) e em 2013, Anúncio do "3 em 1", unindo as drogas Lamivudina, Tenofovir e Efavirenz em um único comprimido e Teste rápido através do fluido oral é anunciado para venda em farmácia. No entanto, durante seis anos, houve no Dia Mundial da Luta contra Aids um silenciamento na capa de um dos maiores jornais do país. Não podemos afirmar os motivos e nem culpar a imprensa pelo não destaque dos dados apresentados até porque há no circuito midiático outros interesses ou (des)interesses sejam por parte das Ongs, dos Movimentos Sociais, da Comunidade Médica, dos doentes da aids, do Governo. Apenas podemos apresentar os nossos dados de pesquisa que mostram que de 2009 a 2013 não houve uma linha sequer nas primeiras páginas de O GLOBO.

Mas, se a Aids não foi interessante durante esse período, principalmente nas capas, que assuntos o jornal noticiou? Em 2007, “No Rio, Lula faz críticas à remoção de favelas”, a matéria tratava da promessa que o presidente fez, garantindo que todos os moradores do morro do Cantagalo, cujas obras de urbanização foram iniciadas, ganhariam títulos de propriedade para que, no futuro, não pudessem ser removidos por políticos. “MEC: dos professores de ciência 70% têm formação na área”, a foto com imagens de um vídeo mostrava a ex-senadora Ingrid Betancourt, sequestrada pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), viva; dividindo espaço com a imagem da passeata em apoio a Hugo Chaves intitulada “Caracas Vermelha”. Já em 2008, foram os esportes que ganharam a cena: “Dramas até o último capítulo. Vasco vence, mas depende dos outros. Flu adia a festa do SP. E Fla decepciona”. Ao lado, a notícia o “Estado paga até 100 mil em imóvel em favelas do Rio” informava sobre a indenização

paga aos moradores de favelas que tiveram suas casas desapropriadas pelo Projeto de Aceleração do Crescimento (PAC). No ano seguinte, 2009, a grande manchete foi: “PM ocupa mais duas favelas da Zona Sul para expulsar o tráfico. Com ação em Ipanema e Copacabana, as UPPs beneficiam 11% dos moradores”. Curiosamente, em 25 anos, é a primeira vez que favela e tráfico surgem na primeira página. Em 2011, sob o título “Comissão de ética quer saída de Lupi, e Dilma pede calma. Decisão de órgão da presidência é inédita e foi adotada por unanimidade”, a matéria narrava as irregularidades encontradas no Ministério do Trabalho e a recomendação da Comissão de Ética Pública da Presidência da República para a exoneração do ministro Carlos Lupi. Em 2012, novamente a presidenta estampa a primeira página – “Dilma veta perdas bilionárias para o Rio. Presidente garante o cumprimento dos contratos, como prometera” – que noticia seu veto à diminuição dos Royalties do Petróleo, o que desencadearia uma perda para o estado do Rio. E, em 2013, fechando o recorte temporal de nossa pesquisa e o período de silêncio apontado por nós, O Globo publica “Frota de veículos mais do que dobra em 10 anos”, com o subtítulo “De moto a ônibus, já são mais de 80 milhões, internações por acidentes crescem 55%”. Por se tratar de um domingo, o alto da página é ilustrado por uma série de notícias de comportamento, entretenimento e até saúde, mas o tema é a saúde dos atletas. O casamento da cantora Daniela Mercury com a jornalista Malu; uma nova biografia de Michael Jackson; o lançamento de um novo programa de TV com Luiz Fernando Guimarães; a Coluna de Fernando Henrique Cardoso, entre outros assuntos, também estavam na capa.

4.3 Folha de São Paulo e O Globo

Como extensão da análise prévia, para melhor compreender nosso *corpus*, trabalhamos a seguir com uma análise comparativa dos dois jornais em foco. Decidimos analisar discursivamente não só as manchetes e seus leads, ou seja, o que foi publicado na primeira página no período de 25 anos, mas também as matérias veiculadas especificamente nos anos em que coincidentemente a Folha de São Paulo e O Globo publicaram em suas capas matérias relativas ao tema. Nesse caso, estivemos voltados apenas para as matérias anunciadas em capa. Definimos que as análises seriam feitas a partir dos títulos, dos *leads*, das fotos e dos infográficos, caso houvesse, nas referidas matérias. Assim sendo, analisamos a seguir as matérias publicadas pela Folha de São Paulo e pelo O Globo, no dia 1 de dezembro, dos anos de 1992, 1996 e 2001.

4.3.1 Ano de 1992: Aids atinge a economia do Terceiro Mundo/Aids contagia mais 5 mil pessoas por dia

Na FSP foram publicadas três matérias que se dividem entre as editorias Mundo e Cotidiano, mas somente a matéria “Aids atinge a economia do Terceiro Mundo” é o desdobramento da chamada de capa. As vozes presentes na matéria do jornalista Leão Serva foram de Martin Foreman, autor do livro “O custo oculto da Aids”, e de Michael Merson, chefe do programa de Aids da OMS.

Lead

As empresas de mineração em Zâmbia, África, responsáveis por 75% das exportações do país, já têm dificuldade de repor funcionários pela velocidade com que a Aids provoca baixas na mão de obra. Casos como esse, já comuns no continente mais afetado pela epidemia, impõem um enfoque econômico no estudo da doença.

Como já havíamos dito no 4.1.5 são apresentados ao leitor, a partir dos dados do *lead* da chamada de capa “Aids atinge a economia do Terceiro Mundo”, os custos da epidemia e o impacto da Aids sobre a economia mundial. O que fica claro, mesmo sem dizer, é que, para se manterem vivas as pessoas e as pesquisas é preciso dinheiro, os países pobres não conseguirão vencer a pandemia. A matéria interna, cujo título é “Livro revela o custo da Aids para o mundo”, apresenta um *case* em especial, as empresas da Zâmbia que têm dificuldades em repor empregados em função da AIDS.

SD 33

As empresas de mineração em Zâmbia, África, responsáveis por 75% das exportações do país, já têm dificuldade de repor funcionários pela velocidade com que a Aids provoca baixas na mão de obra. Casos como esse, já comuns no continente mais afetado pela epidemia, impõem um enfoque econômico no estudo da doença.

A SD33 apresenta ao leitor dados importantes: a África é tratada como continente quando se identifica a Zâmbia; não é um lugar só de florestas e savanas, não se vive só em aldeias e da agricultura, pois há mineração e, por fim, revela o impacto da doença sobre a população não só da Zâmbia como em todo o continente. As baixas nas empresas de mineração provocam a necessidade de se estudar a AIDS sob o ponto de vista econômico. Curioso é que a perda econômica gera a necessidade de se ter uma estratégia para o controle da epidemia, não são as mortes, mas o capital econômico (BOURDIEU, 2000) que importa. As vidas nada valem, as perdas são de dinheiro. Vale lembrar o conceito de capital econômico de Bourdieu (2000), quando este ressalta que o capital econômico se constitui de diferentes fatores de produção pelo conjunto de bens econômicos.

Em O Globo, foram publicadas cinco matérias, três na página 18, da editoria Ciência e Vida, e duas na página 11, da editoria Grande Rio. A matéria, que inclui um infográfico que mapeia a distribuição da doença, cujo título é “Aids contagia mais de 5 mil pessoas por dia”, está diretamente vinculada à capa. As vozes presentes na matéria do correspondente José Meirelles Passos são de Hiroshi Nakajima, diretor-geral da OMS, e de Michael Merson, diretor do programa global contra a Aids da OMS.

<i>Lead</i>

SD34

<p>A cada minuto surgem três novos casos de Aids no mundo. Isso significa que 5.320 pessoas são contaminadas pelo vírus HIV todos os dias, de acordo com o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Hiroshi Nakajima, que divulgou ontem em Nova York um estudo a respeito da doença, marcando o Dia Mundial da Luta contra a Aids, celebrado hoje. Segundo ele, de 10 a 12 milhões de pessoas estão infectadas pela Aids no mundo, das quais dois milhões já desenvolveram a doença.</p>

A SD34 usa dados epidemiológicos fornecidos pela OMS para falar da AIDS, mas sua contabilização está ligada ao número de mortos. Fica claro que o enfoque da FSP se diferencia do enfoque dado pelo jornal O Globo, embora ambos falem de perdas: A Folha o primeiro, de perda econômica, e o segundo Globo, da perda de vidas humanas.

4.3.2 Ano de 1996

A FSP publicou quatro matérias e três notinhas na editoria Cotidiano (páginas 3-23), um editorial e um artigo (páginas 1-02), ambos no primeiro caderno. Da chamada de capa “Coquetel e Prevenção acerca da Aids”, derivou o editorial, objeto desta análise.

Lead

Desde o surgimento da Aids, o ano de 1996 pode ser considerado o mais otimista diante da possibilidade de se encontrar uma cura num futuro próximo ou uma vacina contra a doença. Isso é devido aos bons resultados conquistados pelo “coquetel de medicamentos”, apresentado em julho na Conferência Mundial sobre a Aids.

O artigo da FSP, em 1996, é curioso e chega a ser ingênuo, considerando que 1995 foi o ano em que mais se morreu em decorrência da AIDS. Em 1996, não existe um perfil de óbitos muito diferente, na casa dos 15 mil. Extremamente otimista, o autor aposta na lei aprovada recentemente, que obriga o SUS a atender os pacientes soropositivos, com a doença desenvolvida ou não. Contudo, ignora o fato de que a infecção aumenta entre as mulheres, dirige-se para os municípios do interior dos estados brasileiros e aumenta significativamente na população de baixa escolaridade e baixa renda. Não é coerente, portanto, quando diz que 1996 é um ano próspero.

Já O Globo publicou três matérias, sendo uma na editoria País (pag. 18) e duas no Jornal da Família (pag. 1 e 2), caderno que circulou aos domingos de 1972 a 2004, quando foi substituído pela Revista de Domingo⁴⁴. A matéria que deriva da chamada de capa foi “Meu marido é gay”, com o subtítulo: “Pesquisa mostra que 75% das mulheres com Aids são donas de casa monogâmicas”. O repórter Antônio Marinho ouviu para esta reportagem V.W, dona de

⁴⁴ Junto com a edição de estreia dominical de *O Globo*, em 1972, saiu pela primeira vez o *Jornal da Família*, com matérias de comportamento, moda, culinária, decoração, beleza, medicina e saúde. Havia ainda as colunas *Vida Intima*, assinada pelo psicanalista Alberto Goldin, *Bem-estar*, de Antônio Marinho, sobre medicina e José Hugo Celidônio, falando de culinária. O *Jornal da Família* foi substituído pela *Revista O Globo*, em 2004. Três anos depois, a revista passou por uma reforma no formato e no conteúdo. Os títulos ganharam nova tipografia e mais peso na diagramação. A última modificação gráfica e editorial foi em 2012. Fonte: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/o-globo/destaques/jornal-da-familia-revista-o-globo.htm>, acesso em 30.06.2016

casa que não quis se identificar, Regina Maria Barbosa, pesquisadora, Wilza Vieira Villela, pesquisadora, Álvaro Matilda, médico do Programa de Controle à Aids, Betina Durovni, médica e coordenadora do setor de DST da Secretaria Municipal de Saúde.

Lead

A dona-de-casa V. M., de 30 anos, está casada há cinco anos e nunca se preocupou com a prevenção de Aids. Jamais pensou que estivesse vulnerável à doença: vivia uma relação estável, absolutamente fiel a seu marido. Ela estava no quarto mês de gravidez, quando seu médico pediu que fizesse um teste de HIV. Indignou-se, protestou, adiou o exame, mas afinal teve que se render, atônita, à realidade: estava infectada pelo vírus HIV. Foi apenas diante do resultado do exame que seu marido confessou: tinha uma vida bissexual e escondia este fato da mulher.

SD35

Meu marido é gay

Ainda que saibamos que essa frase pode ter sido colhida durante a entrevista, a SD expõe o preconceito e a ignorância da imprensa, pois não são apenas gays que se contaminam. Para uma chamada de capa, é bastante importante que se pense no que escrever. Não se cogitou o fato de o marido ser usuário de drogas ou mesmo ter se contaminado com uma profissional do sexo; ele é gay e não se discute. Mas fato é que, se ele tem um casamento e se faz sexo com a mulher (porque, afinal, ela se contaminou com o marido), ele é bissexual, e não gay.

SD 36

“Pesquisa mostra que 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa monogâmicas”.

A SD36 tenta “negociar” com o leitor o fato de que, se ela é dona de casa e não mantém nenhum caso extraconjugal, não pode ser usuária de drogas, não pode ter mentido ao entrevistador e ter um relacionamento fora do casamento. É mais fácil aceitar a fala de que o marido é gay.

SD 37

A dona-de-casa V. M., de 30 anos, está casada há cinco anos e nunca se preocupou com a prevenção de Aids. Jamais pensou que estivesse vulnerável à doença: vivia uma relação estável, absolutamente fiel a seu marido.

A SD37 fala do depoimento da dona de casa que “nunca se preocupou com a prevenção” por conta da estabilidade e da fidelidade em seu casamento. A narrativa do repórter ignora a janela imunológica, afinal, ela pode ter se contaminado no relacionamento anterior, mas se vende mais jornal com a manchete “Meu marido é gay”. A SD ainda revela a ignorância por parte de uma mulher jovem, sexualmente ativa, que não pensou em se proteger – afinal, a entrevistada tem 30 anos –, diferente de outros casos que não estão contemplados na pesquisa, mas nos quais a maior parte das mulheres soropositivas tinha mais de 50 anos e mantinha casamentos de mais de duas décadas. Além disso, a SD também revela o quanto as mulheres deixam por conta dos parceiros os cuidados relativos às doenças venéreas e à gravidez, por exemplo.

Ao analisar a produção dos veículos no ano de 1996, percebemos que há um dissenso. Enquanto a FSP traz um artigo otimista, falando de vacinas, tratamentos, coquetéis e de um futuro pródigo, O Globo traz uma matéria que denuncia um outro perfil de infectados, as mulheres heterossexuais, “donas de casa”, como descrito na matéria. Parece-nos que a diminuição das mortes em decorrência da AIDS e o investimento em pesquisas que “prometem” a cura, ou pelo menos o tratamento, provocam uma perda de interesse por parte da FSP. O que faz com que O Globo produza uma matéria, capa do Jornal da Família, é a exploração do fato de que uma mulher, casada, “recatada e do lar”, antes considerada imune ao HIV, seja contaminada por seu marido. Afinal, contrair matrimônio na sociedade ocidental é (ou deveria ser) garantia de heterossexualidade, razão pela qual o jornal explorou o fato.

4.3.3 Ano de 2001

Quando analisamos a matéria no interior do jornal, verificamos que o sentimento despertado pela capa não se mantém na matéria relacionada, pelo menos o título “Paulistano ignora atos pelos mortos da Aids” não corresponde à foto que na capa nos remete à

solidariedade. O subtítulo “ONGs estendem no vale do Anhangabaú faixas e colchas de retalhos em memória das 150 mil vítimas fatais da doença no Brasil” parece desconexo com o título, pois apresenta o motivo pelo qual foram estendidas as colchas.

Lead

Dezenas de faixas, centenas de balões e uma colorida colcha de retalhos com cem metros quadrados aberta no vale do Anhangabaú, sob o viaduto do Chá, em memória das 150 mil pessoas que já morreram de Aids no Brasil, não foram capazes de despertar a atenção dos paulistanos.

SD 38

Dezenas de faixas (...) não foram capazes de despertar a atenção dos paulistanos

A SD38 não revela o que levou o jornalista a pensar que “Dezenas de faixas, centenas de balões e uma colorida colcha de retalhos com cem metros quadrados aberta no vale do Anhangabaú” não foi suficiente para despertar a solidariedade dos cidadãos. A matéria de Ricardo Kotscho é bastante opinativa e, para escrevê-la, ele ouviu Rubens Oliveira Duda, presidente do Fórum de ONGs/Aids de SP, e Áurea Celeste da Silva Abbade, advogada e ajudante na fundação da GAPA. Não seria deles a impressão transmitida na matéria?

Já a matéria encontrada no interior de O Globo, na página 11 da editoria País, cujo título foi “Cai o ritmo do crescimento da Aids no Brasil” e o subtítulo “Desde 80, quando ocorreu o primeiro registro no país, doença só havia crescido. Maior problema é na região Sul”, disputou espaço com um enorme anúncio de uma loja de departamento.

Lead

Pela primeira vez desde 1980, quando foi registrado o primeiro caso de Aids no Brasil, o ritmo da doença diminuiu em 13,8% se comparado a 1999 e 2000. Até agora, o Ministério recebeu a notificação de 15 mil novos casos, no ano passado foram 20 mil. O percentual de redução pode ser ainda maior, mas o Ministério prefere trabalhar com números precisos.

SD 39

Pela primeira vez desde 1980, quando foi registrado o primeiro caso de Aids no Brasil, o ritmo da doença diminuiu em 13,8% se comparados a 1999 e 2000. Até agora, o Ministério recebeu a notificação de 15 mil novos casos, no ano passado foram 20 mil.

A SD39 se reverte de opacidade porque informa que a “doença diminuiu 13,8% se comparados a 1999 e 2000”, mas, na continuidade da frase, diz que recebeu 15 mil novas notificações de caso. Afinal, diminuiu? Deixou de crescer? Ou houve queda, mas novamente crescem os casos de infecção por HIV?

Ao analisar as duas matérias, percebe-se falta de foco, como se ambas estivessem cumprindo apenas o papel da imprensa de noticiar dados neste dia, mas já sem muita preocupação com a precisão dos dados, em busca de personagens. A FSP assume que nem os paulistanos se interessaram pelo tema, e O Globo deixa claro, na redação do *lead*, que já não está tão preocupado assim com a epidemia.

4.4 Fato e acontecimento jornalístico

A comparação das capas dos dois jornais e o *lead* das respectivas matérias aqui analisadas nos leva a refletir sobre a noção de acontecimento jornalístico em contraste com o fato jornalístico. Foram 25 anos de pesquisa sobre as capas e, ao longo desse percurso, vimos que em todos os anos, no Dia Mundial da Luta contra a AIDS, a doença não foi motivo de capa, embora muitas vezes estivesse contemplada no interior do jornal.

Assim, partimos do fato e procuramos entendê-lo como acontecimento discursivo que, segundo Pêcheux, é definido como o encontro de um fato com a memória que o atualiza no momento da formulação. No período de 1988 a 2013, o tema AIDS ganha uma atualidade que o transforma, ressignifica-o. Uma ressignificação que diz diferente na Folha de São Paulo e no O Globo, considerando-se a posição discursiva em que cada jornal se inscreve. Dessa ressignificação, resultaria, assim, o acontecimento jornalístico, fazendo da Aids um fato do

cotidiano que chama a atenção da mídia. Mas é sempre bom lembrar, como o faz Pêcheux, que a mídia lida com duas estratégias – estrutura e acontecimento –, podendo, a partir delas, inscrever ou apagar o acontecimento na memória.

4.5 Imagens das capas e matérias

4.5.1 FSP - 1988

FOLHA DE S. PAULO

17 de Janeiro de 1988

Turista poderá comprar dólar a preço livre



Uma multidão de turistas se aglomera em uma rua movimentada, provavelmente em São Paulo, aguardando para comprar dólares. O cenário é caótico, com carros parados e pessoas empurrando para frente.

Gasolina custa Cz\$ 286; álcool passa a Cz\$ 197

Montoro lança Covas à Presidência

Moreira muda Mínimo sobre o diretor em prisão do Rio a Cz\$ 40.425

ONU dá 24 horas para EUA receberem Arafat

Sem restrições, Walesa fala na TV da Polônia

Francesa fica 110 dias em uma caverna

Palmeiras faz 2 em vitória contra Goiás

Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto

50.000 CRUZADAS

4.5.2 FSP - 1990



FOLHA DE S. PAULO

Diário de Redação: Osório Freire Filho • São Paulo, sábado, 17 de dezembro de 1990 • Um jornal a serviço do Brasil • Ano 70 • Nº 22.522 • Al. Barão de Limeira, 425 • CxP 70.000



Pesquisa sobre Aids vive impasse no Dia Mundial

Os cientistas já sabem muito sobre o HIV, vírus causador da Aids, mas o mais importante: como lutar para eliminá-lo. As pesquisas científicas sobre a doença vivem um impasse. Apesar, elas são precedidas à procura de uma vacina e são ainda de condições que possam acabar com o vírus que já está no corpo de pessoas contaminadas. A Folha publicou...

Empresários querem prefixação de juros e preços no 'pacto'

A comissão empresarial que negocia, com representantes dos trabalhadores, propostas de "reestruturação" para o "reajuste salarial" prevê, entre a prefixação de preços, salários, aluguéis e juros por sete meses. As metas de inflação acertadas...

Expo Folha apresenta o SP Nordeste

A Expo Folha apresenta hoje e amanhã no Ibirapuera de São Paulo o SP Nordeste, seção regional da Feira de São Paulo que começa a circular na próxima segunda-feira. Em sua primeira edição, a feira...



Bush recua e propõe diálogo com o Iraque

O presidente dos EUA, George Bush, propõe novas negociações de alto nível com Bagdá, para "desarmar" o Iraque em troca de uma retirada parcial de suas tropas do Kuwait. A URSS declarou que...

Piloto corre e abate ladrão de seu Rolex



No jato Charles Miller, o piloto de São Carlos, Ricardo Campello (seg.) tenta agarrar o ladrão (dir.) que lhe roubara um relógio Rolex, depois de abater-se de moto com seu carro - Pág. C-1

Assalto leva Cr\$ 74 mi de banco na BA

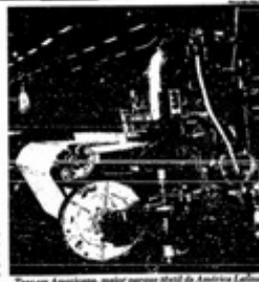
Sete homens armados invadiram na última noite o Banco Itaú em Salvador (BA) e roubaram Cr\$ 74 milhões. A polícia acredita que a mesma quadrilha atuou na noite de ontem no Banco Itaú em Curitiba (PR) e levou Cr\$ 1,25 milhão.

Ecologia marca amanhã 1ª eleição da Alemanha

Ecologia é o tema-chave da eleição geral da Alemanha em 1990. O partido ambiental é considerado o mais agudo na ex-Aldeia Oriental, onde o regime comunista não tinha qualquer preocupação ecológica.

Oito veículos são roubados todos os dias

Oito veículos, entre carros e motos, são roubados por dia em Campinas. A polícia diz que recupera 40% deles. O crime mais visível pelos ladrões são Páris, Monza e Commodore. Os ladrões foram atingidos em Cambé, Guarabira e Boremas.



Três em Americana, maior porque está de América Latina - e região vive crise, sem consórcio e desinchaço - Pág. 2-2

Opinião da Folha

Letra em negrito indica o texto principal da matéria. O texto em negrito indica o texto principal da matéria. O texto em negrito indica o texto principal da matéria.

esportes

Brasilero define hoje sua última classificação. O vencedor do Campeonato Brasileiro de Fórmula 1 será definido hoje.

Brasilero define hoje sua última classificação

O vencedor do Campeonato Brasileiro de Fórmula 1 será definido hoje. O vencedor do Campeonato Brasileiro de Fórmula 1 será definido hoje.

Índice

Índice de preços de consumo - IPCA - 1990

Tempo

Tempo de viagem de São Paulo para São Paulo

Letras

Letras especiais para os foliões

Merenda escolar intoxica em Mogi

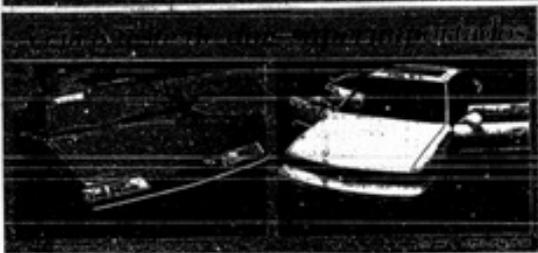
Viagem e oito alunos de Escola de Primeiro Grau Zenaide Franco, em Mogi das Cruzes, tiveram intoxicação alimentar depois de comer a merenda da escola.

4.5.3 FSP - 1991

CORTESIA PARA DIRETORIA

FOLHA DE S. PAULO 70

Diário de Redação: Oscar Freire Filho • São Paulo, São Paulo, 17 de dezembro de 1991 • Um jornal a serviço do Brasil • Ano 71 • Nº 22.887 • Al. Redo de Urubici, 425 • C4-600,00



10.530

9.716

EUA querem fígados de brasileiros



QUELOS

Prof. de São Paulo, precisa expor com o Parlamento de Brasília



Prof. de São Paulo, precisa expor com o Parlamento de Brasília



Prof. de São Paulo, precisa expor com o Parlamento de Brasília

República das bananas

ALVARO PEREIRA JUNIOR
Médico da Universidade de Pittsburgh, EUA, propõe ao Ministério da Saúde a criação de uma Agência Brasileira de Transplante de Órgãos a favor de fígados brasileiros por transplante de órgãos doado. Filho de fígado nos EUA. A...

...a proposta é mais importante do que a transplante de fígado do mundo... (Continua)

...transplante de fígado de Pittsburgh, Brasil continua à Folha que os fígados, são expostos no documento, são a principal al...

Às pressas, Collor cancela ida ao RJ

O presidente Fernando Collor de Melo cancelou a viagem a viagem que faria à Academia Militar das Amélie Nogueira, em Manaus (AM). O primeiro Chefe de Gabinete...

Sobral Pinto morre aos 98 anos em sua casa no Rio

O jornalista Sobral Pinto morreu aos 98 anos, em Rio, aos 98 anos, por falência múltipla dos órgãos. Estudou na Universidade de São Paulo, onde se tornou jornalista. Foi o primeiro jornalista brasileiro a trabalhar no exterior, em Londres, onde trabalhou para o jornal "The Times".

Folha inova sistema para recepção de suas artes

Em 7 de dezembro de 1991, a Folha lançou um novo sistema de recepção de suas artes, permitindo ao leitor acessar as artes de forma mais rápida e eficiente. O novo sistema foi desenvolvido pela equipe de arte do jornal.

Melhora previsão para o Natal

As estatísticas sobre o comércio de Natal, mais otimismo em relação ao Natal. A O. A. de Natal, com 10 dias de antecedência, prevê um Natal mais tranquilo.





CORTESIA PARA DIRETORIA

FOLHA DE S. PAULO

Diretor de Redação: Cláudio F. Filho • São Paulo, terça-feira, 17 de dezembro de 1992 • 110ª edição • 10 páginas • R\$ 1,20 • Nº 25.253 • Av. Barão de Limeira, 475 • CEP 0.000-000

EXPORTAÇÕES DE FUMO CRESCEM 29%
Em toneladas e 128 milhões de Aguilas

FINAL DO PAULISTA COMEÇA SÁBADO
Confira as datas dos jogos em Espetros

"BLACK" FOI O MELHOR INVESTIMENTO
No ranking de investidores em Debêntures

Copa do Brasil
Confira as datas dos jogos em Espetros

Mundial Interclubes
Confira as datas dos jogos em Espetros

Itamar tenta acerto com Congresso

Grupo de deputados e senadores vai dar sustentação ao governo até a votação do impeachment de Collor

Democracia será testada domingo na Venezuela

CLÓVIS ROSSI
Economista-Correa

Quase 10 milhões de venezuelanos votam domingo para escolher 22 parlamentares, 182 prefeitos e 2.118 vereadores, os que serão agitados por extensas campanhas de democracia em um país que há 34 anos não conhece outro modelo de governo. Mas os dois discursos práticos militares de 1992 representam a situação que não tem para o vigor de aplicação da democracia. **PÁG. 2-10**



Itamar e Fernando Henrique na chegada a Buenos Aires

Um grupo de parlamentares deu início a uma "operação de apoio" para tentar dar sustentação a Itamar Franco em a votação do impeachment de Fernando Collor, prevista para o dia 18. A intenção é evitar que os setores do governo e do Congresso sejam desestabilizados.

Em um momento delicado, os presidentes do Senado e da Câmara se reuniram para discutir a "composição da governabilidade". Além de Mário Soares, ministro da Justiça, e Fernando Collor, ministro da Saúde, participaram do encontro os líderes do governo Roberto Franco (Câmara) e Paulo Simon (Senado). Entre os que também estiveram a defesa do Itamar foram os senadores Luciano Melo, Carlos Cascaes e Alceu Góes. Em Buenos Aires, o ministro da Saúde Fernando Rodrigues, também esteve em reunião com o governo. **BRASIL**

Livro revela o custo da Aids para o mundo

LEÃO SERRA
Economista

O custo direto do tratamento de milhões de infectados a nível mundial é estimado em US\$ 2,5 bilhões, a US\$ 1,8 bilhão para o Brasil. São dados do livro "O Custo Oculto da Aids", lançado ontem. Segundo dados do Organismo Mundial de Saúde, 12 milhões de pessoas são infectadas anualmente e 200 mil morrem por complicações e doenças. **PÁG. 3-10 a 3-11**



Comitê de apoio visita Itamar em Buenos Aires e os parlamentares brasileiros votam em Brasília contra o impeachment - Pág. 1-9



Deputados do PP DP se reúnem no palácio depois de rebelião contra o impeachment e a falta de sustentação política, mas não são mais dominados pela política de S. Paulo - Pág. 2-7

BOA NOTÍCIA

Lojas abrem aos domingos em SP

A Prefeitura de São Paulo vai autorizar o funcionamento de lojas de comércio varejista de 11 a 18 horas aos domingos em todo o município. São lojas de comércio varejista, não de serviços e não de entretenimento. O decreto será publicado no Diário Oficial de São Paulo. **PÁG. 3-18**

<p>Brasil</p> <p>Opêtilos de Follia Linha de ônibus 170 comunitária "Opêtilos de Follia" - comunidade de "Opêtilos de Follia" - comunidade de "Opêtilos de Follia" - comunidade de "Opêtilos de Follia".</p> <p>O TIPO DE TEMPO</p> <p>16° / 26°</p>	<p>PC pagou até outubro de licenças para Zélia</p> <p>Deputados aprovaram que o "pagamento de licenças" - pagamento para o pagamento de licenças de uso de licenças. PÁG. 1-7</p> <p>dinheiro</p> <p>Salários até Cr\$ 6 mil Receitas licenças de IR</p> <p>A tabela de IR de licenças, aprovada em 17.7%, foi divulgada pela Receita Federal. PÁG. 1-7</p> <p>Congresso recorre três projetos sobre o INSS</p> <p>Um projeto, três projetos e Follia pública, porém o pagamento dos projetos que estão em andamento. PÁG. 1-7</p>	<p>Seções</p> <p>Esta edição tem</p> <p>de páginas de conteúdo de conteúdo</p> <p>301.426 exemplares</p>	<p>cotidiano</p> <p>Seguradoras cobram filio de empresário</p> <p>Marcos, filho de Sérgio (Câmara), foi obrigado a pagar, em um acordo com a Justiça. PÁG. 1-1</p> <p>Morre aos 77 anos Agostinho César Vasconcelos</p> <p>O diretor e produtor de TV morreu aos 77 anos de idade em um acidente. PÁG. 1-4</p> <p>Ballerina Jurga Danne morreu aos 43 em Paris</p> <p>Enfermidade de Danne "Ballerina de Paris" - ballerina com Danne. PÁG. 1-4</p> <p>classificados</p> <p>São 1.455 anúncios em 10 páginas.</p>
---	--	---	--



2.000 reais em 48 dias. Marcia é corresponsável por um projeto

FOLHA DE S. PAULO

Diário da Manhã - 1993 - São Paulo, quarta-feira, 17 de dezembro de 1993 - 140ª edição - 100 mil exemplares - Ano 111 - Nº 22.410 - Al. Santos de Lima, 333 - C.A.: 05508

USE CAMISINHA CONTRA A AIDS

EVENTOS DO DIA DE LUTA CONTRA A AIDS

- "O Tempo do Amor"**
Das 19h às 21h no Teatro Municipal de São Paulo. Distribuição de panfletos e cartazes.
- "Folhateen Especial"**
No Dia Mundial de Luta contra a Aids, edição especial do Folhateen distribuído gratuitamente para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A RedeRede tem a programação de eventos coletivos
- "Mito, Por Que Contar?"**
No dia de luta contra a Aids, edição especial do Folhateen distribuído gratuitamente para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A RedeRede tem a programação de eventos coletivos
- "Vida Melhor"**
No dia de luta contra a Aids, edição especial do Folhateen distribuído gratuitamente para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A RedeRede tem a programação de eventos coletivos
- "RedeRede + Aids"**
No dia de luta contra a Aids, edição especial do Folhateen distribuído gratuitamente para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A RedeRede tem a programação de eventos coletivos

Folhateen especial distribui preservativo

No Dia Mundial de Luta contra a Aids, edição especial do Folhateen distribuído gratuitamente para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A RedeRede tem a programação de eventos coletivos



Atenas do curso Objetivo (SP), distribuindo com quantidade de 20 segundos.

Missão busca PC na Tailândia

Segundo **Maurício Corrêa**, o empresário, que deve chegar sexta, não terá tratamento especial e pode ser algemado

BRASIL
Opinião da Folha
De acordo com o empresário, a missão da imprensa é "informar, não opinar", afirma o jornalista. "Não se trata de uma missão, mas de um dever", afirma o jornalista. "Não se trata de uma missão, mas de um dever", afirma o jornalista.

DINHEIRO
Após liberaram o ranking do mês
No Brasil de hoje e São Paulo continua em queda de 1993. Paralisação em vários setores do país. Pág. 2-3

ESPECIADA



Agência católica e o empresário PC. Parado de cada no escritório de investigação para a sede da entrevista coletiva

ANDRÉA FORNOS
São Paulo
O empresário Paulo César Farias deve chegar a São Paulo na sexta-feira. Ele já está em Bangkok (Tailândia) no meio de uma missão. Segundo o empresário, a missão é "informar, não opinar", afirma o jornalista. "Não se trata de uma missão, mas de um dever", afirma o jornalista.

Empresário diz que quer pedir asilo

ROSA WAKEMAN
São Paulo
Em entrevista exclusiva à Folha de São Paulo, o empresário Paulo César Farias afirmou que quer pedir asilo político na Tailândia. Ele afirmou que não poderia voltar ao Brasil porque o país não oferece mais segurança. Pág. 1-4

ORIENTE ME
O senador Arthur Franco (PPS-BA) disse hoje ao Senado Federal que não se sente pressionado a renunciar ao cargo de senador. Ele afirmou que não se sente pressionado a renunciar ao cargo de senador. Ele afirmou que não se sente pressionado a renunciar ao cargo de senador.

Passarinho vê pressões contra CPI

O senador Arthur Franco (PPS-BA) disse hoje ao Senado Federal que não se sente pressionado a renunciar ao cargo de senador. Ele afirmou que não se sente pressionado a renunciar ao cargo de senador. Ele afirmou que não se sente pressionado a renunciar ao cargo de senador.

Governo adia o anúncio de novas medidas

O governo adia o anúncio de novas medidas econômicas. O anúncio das novas medidas econômicas será feito em uma data posterior. O anúncio das novas medidas econômicas será feito em uma data posterior.

ANA
A Ana pode ter sido estrangulada. A Ana pode ter sido estrangulada. A Ana pode ter sido estrangulada. A Ana pode ter sido estrangulada.

ANA pode ter sido estrangulada

A Ana pode ter sido estrangulada. A Ana pode ter sido estrangulada. A Ana pode ter sido estrangulada. A Ana pode ter sido estrangulada.

CUT alugou Anhembi por preço menor

O CUT alugou o Anhembi por um preço menor do que o esperado. O CUT alugou o Anhembi por um preço menor do que o esperado. O CUT alugou o Anhembi por um preço menor do que o esperado.



Investigação feita no Conselho Nacional de Planejamento, hoje de 21h30 em Brasília e São Paulo, e em Brasília e São Paulo em 17 de dezembro de 1993, onde foram Paulo César Farias e o jornalista

INFORMÁTICA
Programa "diet" é opção para desenho
Surge novo programa "diet" para projetos e desenhos em computador. Este programa faz desenhos para facilitar o uso de uma planilha. Ele é um programa de desenho para projetos de casas, escritórios, apartamentos e outros em duas ou três dimensões. Pág. 6-7

SEJA REALISTA
Sabe salário do comércio em SP
A média salarial do comércio em São Paulo é de R\$ 1.200,00. A média salarial do comércio em São Paulo é de R\$ 1.200,00. A média salarial do comércio em São Paulo é de R\$ 1.200,00.

4.5.6 FSP - 1995

FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, sexta-feira, 12 de dezembro de 1993 • Uma página a menos do Brasil • Ano 115 • Nº 24.311 • Alameda dos Lírios, 422 • R\$ 1,20

CINEMA

De "Mistério"
Uma história de suspense de Luís Fernando Mendes.

"O Gato"
Uma aventura sobre um gato perdido em companhia de um menino.

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29</

4.5.7 FSP - 1996

FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, domingo, 17 de dezembro de 1996

ANO LVIII - Nº 10.444 - CIRCULAÇÃO DIÁRIA: 1.000.000

Estudo inédito feito por médico brasileiro revela que 350 abortos foram concedidos no país, em casos proibidos por lei

Justiça libera aborto em anomalias

Brasilero tem rodada decisiva hoje

O brasileiro enfrenta o Brasil, de 15h (17h, no Marabá), por pelo menos dois gols de diferença para os brasileiros do Campeonato Brasileiro. A rodada de hoje terá ainda Goiás e Goiás e Atlético-PR e Atlético-SP. **Págs. 6-7 e 6-7**



Epafrodito, meio atacante do Palmeiras, volta para defender os tricolores para o jogo contra o São Paulo.

A Justiça concede prisão preventiva para o acusado de homicídio em São Paulo, mas o crime não é considerado grave. O juiz considera o crime de menor potencial ofensivo. **Págs. 1-11**

Corrupção de um lado só não existe

Investigação do que se tornou o maior escândalo de corrupção em São Paulo, com o envolvimento de 170 milhões em negócios. **Págs. 1-11**

Poupança será a melhor opção para aplicar 13%

A caderneta de poupança é a melhor opção para aplicar o dinheiro. **Págs. 1-11**

"Nós paramos no tempo", diz Erundina

Erundina discute o futuro do Brasil e o papel da mulher. **Págs. 1-11**

"Guia" mostra locais visados por criminosos

Um guia de locais visados por criminosos em São Paulo. **Págs. 1-11**

Dicionário começa dia 8

Novo dicionário de língua portuguesa começa a ser publicado. **Pág. 1-4**

Ganhe hoje 40º fascículo

Reciba o 40º fascículo de "O Guia do Leitor". **Pág. 1-4**



Conheça 20 bons cursos

Veja os 20 melhores cursos de idiomas. **Págs. 5-7**



Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, em uma entrevista.

A TAM e o Relatório Preliminar das Autoridades Aeronáuticas

Um relatório preliminar das autoridades aeronáuticas aponta para a necessidade de uma investigação mais profunda sobre o acidente da TAM 107. O relatório menciona a possibilidade de falhas técnicas e humanas. A TAM defende que o acidente foi causado por uma falha de comunicação entre o piloto e o controle de tráfego aéreo. O relatório também menciona a possibilidade de falhas no sistema de navegação por satélite.

Opinião da Folha

Opinião da Folha sobre o acidente da TAM 107. **Pág. 1-4**

Navegue até o Banco de Boston

Para internet você encontra nosso portfólio de produtos e serviços e também um pouco da história do Banco de Boston. **Pág. 1-4**

Atendimento

Atendimento ao cliente e informações sobre o serviço. **Págs. 5-7**

TAM

Logo da TAM e informações sobre a companhia aérea. **Págs. 5-7**

FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, quarta-feira, 1º de dezembro de 1999
DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ••• UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 425 • ANO 79 • Nº 25.809 • R\$ 1,25

Dinheiro quita parte da dívida de SP; valor de venda do banco, fixado em R\$ 5,95 bi, inclui multa fiscal de R\$ 2,8 bi

União assume Banespa por R\$ 1,96 bi

Brasil culpa barreiras de ricos por sua crise

CLOVIS ROSI
enviado especial a Seattle
O charicter Luiz Felipe Lampreia culpou o protecionismo dos países ricos por parte da vulnerabilidade do Brasil em suas contas externas, no início da 3ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio, em Seattle (EUA).
Protestos de ONGs, que impediam a entrada dos representantes, retardaram a abertura do encontro e levaram as autoridades locais a decretar estado de emergência e toque de recolher na cidade. **Pág. 2-4**



Policiais usam gás lacrimogêneo ao dispersar manifestantes que protestavam contra a OMC, em Seattle, nos EUA

O governo federal fechou acordo para comprar, por R\$ 1,96 bilhão, os 33% do capital social do Banespa que estão em poder do governo paulista.
O dinheiro quitará a parcela da dívida de São Paulo com a União que deveria ter sido paga em novembro de 98.
O valor de venda do banco foi definido em R\$ 5,95 bilhões, considerando-se a multa de R\$ 2,8 bilhões aplicada pela Receita este ano. O Tesouro Nacional afirmou que a autuação foi incluída de acordo com a legislação vigente e que a direção do Banespa tem autonomia para decidir se continuará a recorrer do pagamento.
Antes da operação, a União, que pretende vender o Banespa no primeiro semestre do ano que vem, já detinha 50,1% das ações do banco, devido à federalização de 97. **Pág. 1-4**

Expectativa de vida deve prejudicar aposentado

O aumento da expectativa de vida do brasileiro vai provocar a redução dos valores dos benefícios pagos para quem receber a aposentadoria.
O governo simulou o fator previdenciário baseado em dados de 95. Nos próximos dias, o IBGE deverá divulgar uma nova tabela, elaborada no ano passado, que mostrará aumento na sobrevida no país. Feitas novas regras, se o contribuinte viver mais, receberá menos da Previdência. **Pág. 2-3**

Renda cai, mas está menos concentrada

A renda média mensal do trabalhador brasileiro, descontada a inflação, caiu 0,9% em 98 em relação a 97 e 2% na comparação com 96, mostra pesquisa nacional do IBGE. Já a concentração de renda manteve a tendência de queda verificada desde 88.
A taxa de desemprego saltou de 7,8% para 9% entre 97 e 98. O crescimento do índice no ano passado foi de 15%.
O levantamento indica que houve redução do analfabetismo e aumento do nível de instrução da oferta de serviços aos domicílios. **Pág. 2-10**



Escola pode exigir fiador de alunos, diz ministro

O governo considera aceitável a proposta das escolas particulares de exigir fiador de alunos. "Nos mesmos estamos exigindo fiador (para crédito educacional)", afirmou o ministro Paulo Renato (Educação).
Por meio de seu porta-voz, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse que não pode impedir a exigência se ela for legal. O governo, porém, condena a intenção das escolas de divulgar um cadastro de alunos inadimplentes. **Pág. 3-1**

DNA explica o êxodo da África para a Austrália

Estudo de cientistas europeus realizado com base no DNA de populações atuais prova que o homem utilizou um segundo caminho para deixar a África, além do que foi percorrido para chegar ao Oriente Médio.
De acordo com a pesquisa, há 60 mil ou 70 mil anos houve um êxodo, via Etiópia, que permitiu a espécie posar inclusive na Austrália, as ilhas do Pacífico, passando por penínsulas Arábica, Indonésia e Sudeste Asiático. **Pág. 1-12**



Torcedora da Palmeiras enxuga lágrima na sede da torcida Mancha Alíviverde após o time perder o Mundial Interclubes ao ser derrotado pelo Manchester **Pág. 1-11**



Ana Moser, 31, destaque da seleção feminina de vôlei desde 1987, chora ao anunciar em São Paulo sua despedida das quadras por causa de contusões **Pág. 1-14**

Erro médico mata mais do que Aids nos EUA

Quarenta médicos causam de 44 mil a 86 mil mortes nos EUA por ano. O índice supera o verificado em acidentes de carro. Adverte-se sobre o risco do levantamento de dados de por uma associação ligada à Academia Nacional de Ciências. A associação afirma que não pode impedir a exigência se ela for legal. O governo, porém, condena a intenção das escolas de divulgar um cadastro de alunos inadimplentes. **Pág. 1-12**

ATMOSFERA
Tempo em São Paulo **Pág. 3-10**

Nublado	
Manhã	17°C
Maxima	26°C
Chuva	100%
Minima	16°C
Tempo em...	15,7°C

OPINIÃO DA FOLHA

Leu os editoriais "Direito processual", sobre a polémica das medidas provisórias; "Abertura para os países", acerca de reuniões da OMC; e "Lacração no Piauí" **Pág. 1-2**



ÍNDICE

Brasil	1-12
América Latina	1-12
Europa	1-12
África	1-12
Ásia	1-12
Oceania	1-12
Artes e Letras	1-12
Esportes	1-12
Opinião da Folha	1-2
Atmosfera	3-10
Indicador	2-10
Brasil	2-10
América Latina	2-10
Europa	2-10
África	2-10
Ásia	2-10
Oceania	2-10
Artes e Letras	2-10
Esportes	2-10
Opinião da Folha	2-10
Atmosfera	2-10
Indicador	2-10

www.folha.com.br

Governador do MS é acusado de censurar TV

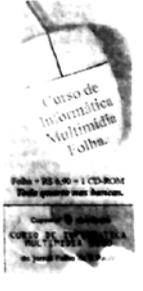
O governador de Mato Grosso do Sul, Ivo Miranda dos Santos, acusado de censurar o conteúdo de notícias na TV, foi acusado de permitir a instalação de um sistema de comunicação do governo. Eduardo dos Santos, que é "supostamente" diretor da emissora. **Pág. 1-9**

Ronaldo opera joelho e fica 5 meses afastado

O atacante Ronaldo da Cruz operou o joelho direito e ficará afastado por cinco meses. Ele vai ficar internado até segunda-feira. O atleta rompedor foi levado ao hospital de manhã cedo em 21 de novembro, quando a Fifa governa. **Pág. 1-14**

Empresas têm plantão contra o bug

Empresas estão desenvolvendo esquemas de emergência para lidar com crises, sempre com o bug de milhões que pode ocorrer na estrada para o pronunciamento. **Pág. 5-1**



4.5.9 FSP - 2000

FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, sexta-feira, 1º de dezembro de 2000

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO * * * UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 455 * ANO 86 * Nº 26.175 * R\$1,50

Desgastado por denúncias de espionagem, Ariel de Cunto cai ao confirmar que nomeou assessor acusado de tortura

Diretor-geral da Abin é demitido

O diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência, coronel Ariel de Cunto, foi demitido após confirmar que nomeou para cargo na Abin ex-tenente acusado de tortura.

A demissão de De Cunto foi exigida pelo general Alberto Cardoso (Segurança Institucional), que também pediu o afastamento do ex-tenente Carlos Alberto del Menezzi.

Del Menezzi, suspeito de participar de sessões de tortura durante o regime militar, é o responsável pelo Departamento de Organização Criminosa, posto de confiança na agência.

O general considerou a nomeação como a gota d'água no processo de desgaste da Abin, acusado de investigar procuradores, ministros e o governador de Minas, Itamar Franco.

Informado sobre a demissão do diretor-geral da Abin, o presidente Fernando Henrique Cardoso declarou: "Tenho horror de qualquer pessoa que tenha ligação com tortura".

O ex-tenente Del Menezzi afirmou que não foi torturado, mas "instrutor de torturador", e disse que está sendo vítima de uma tortura de "ordem psicológica". **Pág. A4**

Dólar fecha em R\$ 1,981, e Nasdaq cai 4,03%

O dólar comercial teve alta de 1,29% e foi vendido a R\$ 1,981, maior cotação da moeda desde 27 de novembro de 1999. O mercado de câmbio foi afetado pelas fortes quedas das Bolsas dos EUA — o índice Nasdaq chegou a cair quase 7% e fechou em baixa de 4,03%. A Bolsa eletrônica foi abalada por previsões de queda nas vendas de fabricantes de computadores e chips. O índice Dow Jones recuou 2,02%, e a Bovespa, 3,62%. **Pág. B1 e B3**

FHC critica FMI e defende mudança na globalização

O presidente Fernando Henrique Cardoso criticou o FMI e a globalização, considerando "hipócritas" as declarações de organismos "que pedem a países em desenvolvimento que façam o que não podem fazer". Para FHC, que está no México para a posse de Vicente Fox, o comércio mundial está errado e a globalização "tem de ser modificada". **Pág. B10**



EMOÇÃO O governador Mário Covas com a mulher, Lila, na primeira entrevista após a operação para extrair dois tumores malignos; "O que me move é testar, no limite das minhas forças, cumprir a minha tarefa (de governador)", afirmou ele. **Pág. A3**

Em ranking, SP está violenta como Cali

Ranking de violência feito em mais de 300 cidades do mundo pela consultoria inglesa Control Risks avalia que São Paulo e Rio são cidades onde "o crime é ameaça constante". As duas capitais tiveram nota 3 no ranking, que vai de 1 (menos violento) a 7 (mais violento).

Para a consultoria, que atende 5.300 multinacionais, São Paulo e Rio são tão perigosas quanto Cali, um dos centros do narcotráfico colombiano e que também teve 3. O relatório atribui nota 3 a Brasília, Curitiba e Manaus — mesmo nível de Paris e Londres. **Pág. C4**

O RANKING DA VIOLÊNCIA NAS CIDADES

Ranking	Cidade
1	Genebra (Suíça) e Zurique (Suíça)
2	Genebra (Suíça) e Zurique (Suíça)
3	São Paulo (Brasil), Rio de Janeiro (Brasil), Bogotá (Colômbia), Cali (Colômbia), Medellín (Colômbia), Bogotá (Colômbia), Bogotá (Colômbia)
4	Genebra (Suíça) e Zurique (Suíça)
5	Genebra (Suíça) e Zurique (Suíça)
6	Genebra (Suíça) e Zurique (Suíça)
7	Genebra (Suíça) e Zurique (Suíça)

Secretário de Marta diz que manterá o Cingapura

O deputado estadual Paulo Teixeira (PT), futuro secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano do governo de Marta Suplicy, disse que manterá o projeto Cingapura, de verticalização de favelas, mas com mudanças e outro nome. Hoje a prefeitura anuncia, além de Teixeira, Valdemir Garreta (Comunicação), do PT, e Evílasio Farias (Bem-Estar), do PSB. O PT quer que ela seja o anúncio de nome do partido. **Pág. C1 e A6**

Projetos para novo mínimo emperram no Congresso

Deputados governistas impediram a aprovação do pedido de urgência para apreciação do projeto que permite à Receita Federal usar dados da CPF, para investigar sonegação e do que combate o eixo fiscal. A obtenção foi liderada pelo PSB. Os projetos foram indicados como fontes de financiamento do reajuste do salário mínimo de R\$ 151 para R\$ 180. Segundo políticos, grandes empresas pressionam contra os dois projetos. **Pág. B8**

Estabilidade deve respeitar limites sociais e políticos

O ministro Pedro Malan voltou a sua tese favorita: a divisão das responsabilidades em responsabilidade e irresponsabilidade — estas, na sua opinião, seriam agressões da lógica dos mercados, na busca a qualquer preço do crescimento. O que temos é capacidade de buscar a estabilidade, respeitando as limitações políticas e sociais que uma democracia impõe. E, para conseguir isso, é preciso mais que um discurso duro e pressuroso. **Pág. B2**



FESTA. Jogadores do Palmeiras comemoram a marcação do pênalti que resultou no primeiro gol da vitória (2 a 1) sobre o São Paulo, que classificou o time na Copa João Havelange. **Pág. D1**

Luxemburgo não explica origem de R\$ 10 milhões

O ex-técnico da seleção brasileira Wanderley Luxemburgo não soube explicar, em seu depoimento à CFI do Futebol, a origem de mais de R\$ 10 milhões em depósitos em contas bancárias suas entre 95 e 99. Nesse período, ele declarou R\$ 8,5 milhões, mas seu crédito em banco foi de R\$ 18,5 milhões. O técnico afirmou não ter "a mínima possibilidade de explicar o porquê". **Pág. D1**

Fidel afirma que novela do Brasil é boa, mas aliena

O dirigente cubano Fidel Castro afirmou que "as novelas brasileiras não envolvem, elas alienam as pessoas". Para Fidel, as novelas, apesar de boas, ocupam muito o tempo dos cubanos, que gostam das produções brasileiras. **Pág. A4**

EDITORIAIS

Leia "Luta contra a Aids", sobre avanços terapêuticos; "Pau manco", acerca do final da gestão Faria; "México, segundo", sobre posse do novo presidente. **Pág. A2**

BOVESPA

Setor	Variação
Índice	+3,62%
Alfabetização	+0,10%
Alimentos	+0,10%
Automóveis	+0,10%
Bancos	+0,10%
Comércio	+0,10%
Construção	+0,10%
Indústria	+0,10%
Mineração	+0,10%
Seguros	+0,10%
Serviços	+0,10%
Tecnologia	+0,10%
Transportes	+0,10%
Utilidade Pública	+0,10%

GUIA DA FOLHA

Comentários: "O Bilhaus", com Gerson Omet e Daniel Depedade, entre em contato em 20 anos na Grande São Paulo e sobre a temporada de férias.

PROTUBANOS DE FÉRIAS

Logo após um tempo com 12 opções de passagens para as férias, como o projeto Samba, com fantasias maravilhosas, no parque da Água Branca.

EXPOSIÇÕES

Do dia 1º de dezembro até o dia 10 de dezembro, no Centro Cultural São Paulo, no Parque da Água Branca, que começa na terça, dia 5.

ALCANTARA NETO

INSC. ESTADUAL Nº 12.384

O dirigente cubano Fidel Castro afirmou que "as novelas brasileiras não envolvem, elas alienam as pessoas". Para Fidel, as novelas, apesar de boas, ocupam muito o tempo dos cubanos, que gostam das produções brasileiras. **Pág. A4**

RECEIHA ESMAGADORA

FOLHA

224-4000

9 771610 572001

www.folha.com.br

224-4000

FOLHA DE S. PAULO 80

São Paulo, sábado, 1º de dezembro de 2001
RUA DEBORAÇÃO, 850 - JARDIM PAULISTA - TELEFONE (51) 3061-0000 - FAX (51) 3061-0000 - www.folha.com.br

Em votação eletrônica anulada por pane, flexibilização da lei trabalhista teve 255 votos a favor e 206 contra Governo venceria na CLT, diz painel



Harrison em São Francisco em 1967

Morre ex-beatle George Harrison

George Harrison, guitarrista dos Beatles, morreu em Los Angeles aos 58 anos, em decorrência de um tumor no cérebro, estado por câncer. A notícia foi divulgada nesta sexta-feira depois de meses.



Um projeto de arquitetura para a reforma da CLT em um site para lembrar os 100 mil mortos pela AIDS no Brasil. O projeto foi desenvolvido por um grupo de arquitetos e designers, cujo trabalho já está em fase final.

O governo deve o sucesso decisivo de votos para aprovar o projeto que altera a CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) na votação eletrônica de quarta-feira passada.

Procura por emprego leva 50 semanas em São Paulo

O desemprego na região metropolitana de São Paulo atingiu este mês o nível de 16,7% de PIB. Segundo o levantamento da FGV, a procura por emprego levou 50 semanas em São Paulo.

Livro reúne textos de expoentes da cultura

O livro traz textos, poemas, crônicas, ensaios, memórias e peças teatrais de 30 autores da cultura brasileira, entre eles: Carlos Drummond de Andrade, Fernando de Azevedo, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojardo Leite, Nelson Rodrigues, entre outros.



Protesto em frente ao Congresso Nacional em Brasília em apoio à reforma da CLT.

Argentina vive corrida a bancos, e juro dispara

Um delírio de corrida bancária em Argentina fez com que o dólar caísse para níveis históricos. O juro disparou para 100% em resposta à crise financeira.

Crime sem castigo

Um homem foi condenado a prisão perpétua por um crime cometido há décadas. O caso gerou grande repercussão na mídia.

Divisão de poder afegão gera impasse na Alemanha

A disputa pelo poder no Afeganistão levou a Alemanha a adotar uma postura cautelosa na região.

Em revisão, PIB dos EUA cai 1,1% no 3º trimestre

O PIB dos Estados Unidos caiu 1,1% no terceiro trimestre de 2001, devido à desaceleração econômica.

CRIMINALS

Notícias sobre crimes e processos judiciais em São Paulo.

AMERICA

Notícias internacionais e globais.

FESTA

Publicidade para uma festa ou evento cultural.

4.5.11 FSP - 2008

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

SECONDA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 2008
COTAÇÃO: R\$ 0,45

Desalojados pela chuva já são 85 mil em 3 Estados

SC, RJ e ES são os mais atingidos; previsão é que mau tempo continue

Até agora, mais de 85 mil pessoas já foram desalojadas em três estados do sul e sudeste do Brasil. São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro são os mais atingidos. A previsão é que o mau tempo continue até o fim de semana.

Em Santa Catarina, mais de 24 mil pessoas já foram desalojadas. No Rio de Janeiro, mais de 10 mil pessoas já foram desalojadas. Em São Paulo, mais de 5 mil pessoas já foram desalojadas.

A previsão é que o mau tempo continue até o fim de semana.



As ruas inundadas em Laguna de São, sul de Santa Catarina, no domingo. O rio de São Francisco já está com 1,5 m de água. (Foto: A. S. / Agência Brasil)

Decisão fica para a última rodada

Lider de Brasília, o São Paulo se prepara para a última rodada da Libertadores. O time de Tite enfrenta o Corinthians em São Paulo. A decisão pode virar o título da competição.

JUCARIM
Algo diz que o São Paulo não vencerá

Brasil pode crescer só 0,5% em 2009, diz ONU

A Organização das Nações Unidas prevê um crescimento econômico de apenas 0,5% para o Brasil em 2009. Isso é devido à crise econômica global e à redução do consumo interno.

Começa regra de 1 minuto para atendimento em call center

Passar o tempo de espera em um call center será limitado para um minuto. A regra será aplicada em todos os setores de atendimento ao cliente.

Hugo Chávez tenta de novo derrubar limite à sua reeleição

O presidente venezuelano Hugo Chávez tentou novamente derrubar o limite de dois mandatos para sua reeleição. Ele alega que o limite é uma violação da constituição.

Aperto no crédito faz setor bancário começar a demitir

O aperto no crédito bancário está levando a demissões em massa no setor. As instituições financeiras estão reduzindo custos para lidar com a crise econômica.

Auditoria aponta irregularidade em obras do Judiciário

A auditoria apontou irregularidades nas obras de construção do Poder Judiciário. Há suspeitas de superfaturamento e má gestão.

Índia cria agência contra terrorismo e troca ministro

A Índia criou uma nova agência para combater o terrorismo e trocou o ministro responsável. A medida visa fortalecer a segurança nacional.

Meninas contam por que namoram caras mais velhos

Um estudo revela que muitas meninas escolhem namorar homens mais velhos por razões emocionais e econômicas.

Garfield faz 30 anos

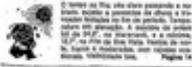
Hoje, gato gordo e preguiçoso criado pelo americano Jim Davis tem histórias publicadas em 10 países.

ATMOSFERA No dia 17
Temperatura: 18°C
Umidade: 75%
Ventos: 10 km/h

BOFÉIO EM SP No dia 17
Cotação: 1,2

EDITORIAIS No dia 17
Tema: Crise econômica

HOJE
12 horas
12 horas
12 horas



O GLOBO

Publicado todos os dias, exceto aos domingos e feriados. Preço de venda: R\$ 0,50. Preço de assinatura: R\$ 15,00 por mês. Endereço: Rua do Diário, 100, 20.130-000, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: (21) 250-1111. Fax: (21) 250-1112. E-mail: oglobo@oglobo.com.br

Fundador: **RENATO MARINHO** Diretor-geral: **Roberto Marinho** Diretor de Redação: **Roberto Marinho** Diretor de Administração: **Roberto Marinho** Diretor de Circulação: **Roberto Marinho**

Classe média pagará luz para os pobres

Gestão de d. Rosane deu prejuízo de US\$ 800 mil à LBA

Análise na LBA revelou que, no período de Rosane Collor, a entidade registrou prejuízo em quase todos os meses. O prejuízo foi de US\$ 800 mil. A dívida chegou a US\$ 400 mil em alguns meses. **Página 12**

Universitário foi torturado pelos seqüestradores

Libertado apenas após 41 dias em poder dos seqüestradores, o universitário Marcos Guarnieri, de 30 anos, revelou que foi torturado durante a gestão de uma filial de rádio arrojada, há pouco de 10 dias, para pressionar a sua família. **Página 12**

Deputado denuncia que Brizola gastou 2 bilhões com 'tijoloço'

O deputado Mário Antônio Zanoni, filio de perfil, denunciou nesta quarta-feira que Brizola gastou quase Cr\$ 2 bilhões para produzir "tijoloço" — esse mesmo tijoloço usado para construir o edifício do "Rio" antes e depois de sua queda em 1974. **Página 12**

Chico



Roberto Marinho, em Paris: televisão aproxima os povos

As palavras do empresário "De lá vão notícias de lá vão notícias" em Paris, o presidente da Organizações Globo, Roberto Marinho, definiu "o segredo êxito de interesse". Para ele, televisão é "o elemento mais importante" que há no mundo moderno e se popularizou. **Página 4**



O deputado Marcos Guarnieri é seqüestrado pelos seqüestradores por cerca de 40 dias de seqüestro.



A Noivada no Zoológico de Curitiba, Nancy com um filhote de zebra — o que não aconteceu no Rio há 17 anos. Ao lado da mãe, de já pode ser visto pelo público.



Roberto Marinho, presidente da Organizações Globo, com o diretor-geral Roberto Marinho, o diretor-geral Roberto Marinho e o diretor-geral Roberto Marinho.

As tarifas de energia elétrica cobram hoje 30%, um índice, de que se dá uma correção. Não se incluem, portanto, os custos de produção, transporte e distribuição. Quanto mais se dá de energia, mais se dá de energia. Quanto mais se dá de energia, mais se dá de energia. Quanto mais se dá de energia, mais se dá de energia. **Página 12**

Salário até Cr\$ 6 milhões fica isento do IR na fonte

A Receita Federal fixou em Cr\$ 6 milhões a CR de imposto de renda, o que beneficia de imposto de renda em torno de Cr\$ 800 mil. Os contribuintes terão que pagar 15% de imposto de renda sobre o excedente. **Página 12**

Previdência inicia o maior pagamento da sua história

A Previdência Social hoje a maior pagamento da sua história em apresentação. Serão pagos de R\$ 100 mil a R\$ 120 mil, o benefício de pensão a título de primeira pensão de 15%, para três milhões de segurados. **Página 12**

Vote/Vote/93



Augusto César Vannucci

1935 - 1991

O filho do programa especial de Rádio Globo estreia nesta quarta-feira, às 20h. **Página 12**

Mostra de Max Weber e Bazille é sucesso em NY

Segundo Colares, página 1

A cada minuto, três novos casos de Aids no mundo

Colares e Vilela, página 12

0001

0001

4.5.13 O Globo - 1996

NAS BANCAS, GRÁTIS, O 9º FASCÍCULO DE HELP — LÍNGUA PORTUGUESA

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 1 DE DEZEMBRO DE 1996 — ANO LXIV — Nº 23.217 Preço: R\$ 2,00

Estatais cortaram 85 mil empregados desde 95

Mais 25 mil funcionários serão demitidos para reduzir custos

• O esforço para a redução do déficit público já contou 85-820 empresas das estatais, desde janeiro de 95. Sem 20 meses, em nome da agenda fiscal, os dirigentes de estatais reduziram pessoal com desistências, voluntárias ou não, aposentados não substituídos e vagas não preenchidas. Mesmo assim, ainda há 248-604 pessoas empregadas nessas empresas. Os 25 mil funcionários já aposentados pela Previdência e que continuam trabalhando em outras instituições serão demitidos, sem direito às vantagens previstas no Plano de Demissões Voluntárias. Banco do Brasil, Petrobras e CEF são os campeões do emagrecimento. Mas Telebrás e SCT praticamente não tiveram cortes. **Página 3**



'Salsa e merengue' entra em ritmo de fado com Paulo Pires

Leticia Sabatella será a nova Dona Flor

Pesquisa: 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa

Courtney Love, viúva de Kurt Cobain, estrela filme sobre os bastidores da pornografia

Moda verão: o que os jovens vão usar durante a estação

Lojas de conveniência, um rentável setor em expansão



O CRAQUE-CARTOLA: Zico põe em campo o Rio Futebol Clube

• O futebol do Rio passou a ter um craque como cartola: Zico. A partir do início do próximo ano, ele estará assediado no banco de reservas, assessorando os jogadores do Rio de Janeiro Futebol Clube. A equipe, fundada e dirigida pelo ídolo rubro-negro, tem planos ambiciosos. Quer disputar a Taça dos Estados em 1997 e chegar à Primeira no ano 2000, substituindo o clube como Flamengo e Vasco. Com investida ainda na formação de jogadores, em sua escolinha, na Barra, estão inscritos atualmente cerca de 300 crianças. **Páginas 71 e 72**

FH cobra mais empenho para aprovar o ITR

• Em reunião ministerial ontem, Fernando Henrique cobrou mais empenho na aprovação do novo ITR, da tributação das microempresas e do Código de Trânsito. **Página 5**

3ª EDIÇÃO
R\$ 2,00

Empresas substituem o Estado na educação

Pior ensino do continente deixa a mão-de-obra despreparada e faz Brasil perder competitividade

• A falta de preparo da mão-de-obra brasileira está afetando a competitividade do país no exterior. Para corrigir a deficiência, as empresas estão investindo em educação por conta própria ou adotando escolas, como a Vixia e a Valencianas. — Se a indústria precisa de mão-de-obra preparada, não tem jeito: ou ela treina seus funcionários ou vai buscá-los no exterior — diz Alexandre Rodrigues, diretor do Senai. Na América Latina, o Brasil é um dos países que mais investe em educação, 4,6% do PIB, mas os trabalhadores brasileiros não os que têm a mais baixa escolaridade do continente. **Páginas 49 e 57**

Novo sistema da Telerj deixa linhas mudas

• A instalação do sistema digital da Telerj, com a substituição dos antigos telefones, está causando congestionamento nas linhas e fazendo muitos assinantes sofrerem ansiedade do antigo sistema. O cronista Zélio Viana trouxe seu relato em 200 por um 537, mas enfrentou dez dias de linha muda e hoje espera até 30 minutos para fazer uma ligação. Segundo a Telerj, o problema está sendo solucionado. **Página 26**

CHANGE PARA INGLÊS DO CÔR NÃO VAI

RIO

4.5.14 O Globo - 2001

O CALENDÁRIO PARA O PAGAMENTO DO IPVA DE 2002 • PÁGINA 18

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 1 DE DEZEMBRO DE 2001 • ANO LXXVII • Nº 24.949 • WWW.OGLOBO.COM.BR

Presidente: ROBERTO MARINHO

A alma dos Beatles

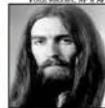
Câncer mata George Harrison, o mais místico dos 'Fab Four'



HOMENAGEM A GEORGE HARRISON deixada pelos fãs, no Central Park, em NY

• O sonho já tinha acabado há muitos anos. Mas a mística dos Beatles, que resistiu à perda da genialidade de John Lennon, mostrou ontem, após a morte de George Harrison, que ainda reina no mundo da música. Contido, espiritual e religioso, Harrison, de 58 anos, era, por isso, definido como a alma do conjunto. Autor de canções eternas como "Here comes the sun" e "Something", guitarrista da banda mais famosa de todos os tempos, Harrison morreu e foi enterrado recentemente, em Los Angeles. Desde 1998, ele enfrentava uma dura batalha contra o câncer, primeiro

na laringe e depois no pulmão e no cérebro. Após inúmeras sessões de tratamento, ele não resistiu e morreu, tendo ao lado a mulher, Olivia, e o filho Dhani, de 24 anos. Em Liverpool, cidade natal dos Beatles, o clima era de consternação nas ruas. O parceiro Paul McCartney chamou-o de "irmão caçula", enquanto o "quinto beatle", George Martin, destacou suas qualidades de músico e compositor: "Estou devastado e muito, muito triste", disse McCartney, de olhos marejados ao lembrar dos momentos que passara com Harrison nos anos 60. **Páginas 30 a 32**



Lista mostra que governo venceu votação anulada da CLT

Votos a favor de mudanças nas leis trabalhistas chegaram a 255

• A lista da votação do projeto que permite aos sindicatos fazer acordos que se sobreponham à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) mostra vitória do governo na votação de quarta-feira. Foram 255 votos a favor e 206 contra. O resultado não valeu, devido a uma falha no painel eletrônico da Câmara. O projeto deve ir a nova votação na terça-feira. O governo vai investir sobre 50 deputados que se ausentaram da sessão. Com a lista, ficou claro que a pressão do presidente Fernando Henrique funcionou: dividiu o PTB, o PL e o PMDB. **Páginas 3 a 5**

Blitz fecha casas noturnas do Rio por falta de segurança

• A prefeitura do Rio interditou por falta de segurança contra incêndios cinco casas de shows. Nutz, na Barra; By Marius e Asa Branca, no Centro; e Bar Baccarat e Café do Bico, em Copacabana. Nenhuma delas tem o certificado atualizado do Corpo de Bombeiros. • Coordenador de Policiamento de Belo Horizonte, Flávio Batista é acusado de ser o chefe da segurança do Caneleiro Mineiro, que pegou fogo. **Páginas 11 e 13**

Copa: Brasil conhece hoje três primeiros adversários

• O pontapé inicial para a Copa de 2002 será dado hoje. As 32 de Brasília, será realizado o sorteio dos grupos e a seleção brasileira conhecerá os seus três primeiros adversários no Mundial. O técnico Felipão estará presente ao sorteio, na cidade sul-coreana de Busan, que escolherá ainda os locais dos jogos. O Brasil deve ter em sua chave dois europeus e um africano. **Páginas 38 a 40**

Nesta edição, tabela para acompanhar o sorteio da Copa

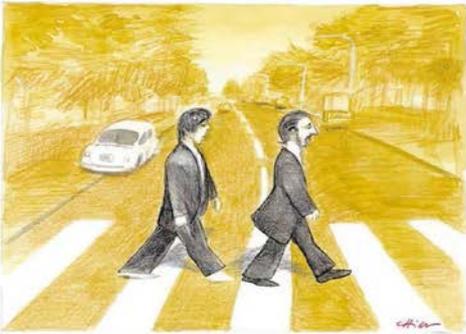


AIDS: Menos casos

• Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à Aids, em São Paulo. O ritmo do crescimento da doença no país caiu 13,8%. **Página 11**

CHICO

ENQUANTO ISSO, EM ABBEY ROAD...



1ª EDIÇÃO
Preço de venda sugerido por ocasião de lançamento
R\$ 1,70
Classificada para a Grande Rio-90 páginas
Lê o caderno: 156 páginas

SEGUNDO CADERNO

• Gordinhos, peludos e gays, Ursos do Rio vão contra a ditadura das barbies.

ELA

• Poemas do Stela do Patrônio ressaltam o valor histórico de escritos do hospício.

PROSA & VERSO

• Hollywood comemora o centenário de Walt Disney, criador do Mickey Mouse.

4.5.15 O Globo - 2004

O GLOBO • PÁGINA 1 • Edição: 1/12/2004 • Impresso: 30/11/2004 — 22: 31 h

AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

MINISTÉRIO PÚBLICO INVESTIGARÁ SEGURO CONTRA DESEMPREGO • PÁGINA 29

O GLOBO

RIBEIRO MARINHO (1936-1925) RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 2004 • ANO LXXX • Nº 26.049 • www.oglobo.com.br ROBERTO MARINHO (1936-2003)

Varig pode ser saneada com US\$ 1 bil do BNDES

• O ministro da Defesa, vice-presidente José Alencar, apresentou ontem aos funcionários da Varig a proposta de reestruturação da empresa, que prevê a liquidação extrajudicial e a criação de uma nova companhia. Pela proposta, o BNDES injetaria US\$ 1 bilhão para financiar os novos investidores e pagar os custos da demissão dos 11.500 empregados, dos quais 9 mil seriam readmitidos. **Página 33**

Jôqueis são suspensos por fraude

• O Jockey Club suspendeu ontem cinco jôqueis por envolvimento numa fraude em apostas. Eles teriam armado um esquema para ganharem a quinexata, que estava acumulada em R\$ 1 milhão. Entre os suspensos está Alex Mota, vencedor do GP Brasil deste ano. **Página 40**

Argentina atrai por engano em navio do Brasil

• Um navio de guerra argentino acertou por engano um tiro de canhão na fragata brasileira Rademaker, durante um exercício conjunto de tiro a 300 quilômetros da costa do Brasil, na altura de Cabo Frio. Quatro marinheiros brasileiros e um oficial argentino ficaram feridos sem gravidade. **Página 10**

Toda nudez será retirada

• Com o aumento da clientela feminina nas oficinas, os calendários de mulheres nua sumiram das paredes.

SEGUNDO CADERNO

• Diva do pop sofisticado, Norah Jones vem tocar no Rio e diz que, apesar de amar a música brasileira, tem vergonha de cantá-la.

ARTUR XEZÉ

• Aguilinaldo Silva pega colunista pelo cangote e não larga mais.

ANCELMO GOIS

• Vem aí um redutor para as indenizações a anistiados.

Populaceiramente conhecido como Foca-Jornal
R\$ 2,00
 Circulação: 200 mil exemplares por dia
 Fundação: 1925



Economia tem o maior crescimento desde 1995

PIB aumenta 5,3% em nove meses; Palocci diz que não dá para descansar

• A economia brasileira está apresentando um crescimento forte e generalizado. Segundo o IBGE, o PIB cresceu 6,1% no terceiro trimestre, frente ao mesmo período de 2003 e no ano a expansão chega a 5,3%, o melhor desempenho desde

1995. Os números mostram uma sucessão de recordes, que, dizem especialistas, pode ser o início do "espécúlo do crescimento" do presidente Lula. Além disso, na revisão do PIB do ano passado, a economia saiu de uma recessão de

0,2% para um crescimento de 0,5%. O Governo comemorou e o ministro Antonio Palocci reforçou a necessidade de disciplina fiscal: "os resultados são bons, mas não nos deixam descansar. É preciso fazer muito ainda". **Páginas 25 e 28**

Economistas erram previsões

• O forte crescimento da economia pegou no contrapé economistas renomados, críticos da gestão de Palocci. Eles apontaram num cenário que não se confirmou. **Página 28**

Carta de prefeitos do PT apoia Lula

• Reunidos em Brasília, prefeitos eleitos e reeleitos pelo PT divulgaram carta de apoio às políticas do governo Lula. O documento, porém, foi preparado pela cúpula do PT. **Página 3**

Governo usa PIB para reagir a FH

• O Planalto e o PT aproveitaram o crescimento do PIB para reagir duramente às críticas do ex-presidente FH, que na véspera chamou o governo Lula de incompetente. **Página 9**



ORFAOS DA AIDS num orfanato da República Democrática do Congo: sem os pais, comida e escola

Abandonada, África é devastada pela Aids

Vírus ameaça segurança mundial

• A epidemia de Aids está levando países africanos a retrocesso de um século em seu desenvolvimento, revelam, em caderno especial que o GLOBO publica hoje (Dia Mundial de Luta contra a Aids), as enviadas especiais ROBERTA JANSEN e MARILUZA CRUPE. A expectativa de vida no sul da África foi reduzida para 47 anos e a segurança internacional está sob ameaça.



Vaticano diz ser doença do espírito

• O Vaticano disse ontem que a epidemia de Aids se alastra pelo mundo devido ao que classificou como imundeficiência moral. O cardeal mexicano, Javier Lozano Barragán, presidente do Conselho da Pastoral da Saúde, afirmou que a Aids é uma doença do espírito. **Página 36**

Órfãos são usados para testar droga

• O laboratório GlaxoSmithKline realizou testes de drogas contra a Aids em órfãos e crianças pobres de um abrigo em Nova York. No Brasil, o Ministério da Saúde revelou que a epidemia de HIV está crescendo entre a população negra de baixa escolaridade e menor renda. **Páginas 14 e 36**

É preciso desafiar costumes e tradições ancestrais
 Luis Loures, diretor do Programa de Aids da ONU, página 7

4.5.16 O Globo - 2005

Tráfego incendiou passageiros de propósito




Em ação classificada como terrorista, os 20 traficantes que atacaram o ônibus da linha 330 (Pavão-Jardim Botânico), atacaram de madrugada, em Vila de Pira, incendiaram propositalmente seus inúmeros passageiros. Com dois litros de gasolina e um pedaço de fita, os bandidos transformaram o veículo num forno, que explodiu, matando cinco pessoas, entre elas mãe e filha, de 1 ano e 3 anos, além de deixar 14 feridas, dois em estado grave. Os sobreviventes foram salvos por Igar, passageiros que conseguiram abrir uma porta. O ataque foi uma resposta à morte de um traficante. **Páginas 17 e 19 e Cartão dos Leitores**

França faz 1º transplante de rosto

Uma francesa recebeu ontem o primeiro transplante de rosto do mundo. Ela fora diagnosticada por câncer no nariz, no pescoço e nos olhos, e suas condições de vida de um doador com morte cerebral. Segundo médicos, o caso será o primeiro do tipo e o do doador. **Página 24**

Aids: negros serão alvo de campanha

O Ministério da Saúde anunciou que vai iniciar uma campanha de combate à Aids voltada para a população negra. De acordo com dados epidemiológicos desenvolvidos em 2004, os negros têm a maior incidência de Aids no Brasil, com 42,3% dos contaminados em 2004. **Página 16**

RECEITA DA FINEZA



2005. Carneiros de luxo em Teresopolis.

Flórida, a favorita dos brasileiros

Edição especial mostra como se divertir na Flórida, o estado americano que recebeu 167 mil visitantes brasileiros em 2004.

SEBASTIÃO CAZEMIRO

Festividade de Brasília dá adeus ao governador "Eduardo de Sá", de Edgard Navarro.

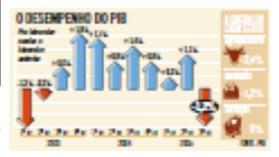
Juros e crise encolhem economia no trimestre

PIB cai 1,2% entre julho e setembro e surpreende até mais pessimistas



Seu sorriso de vitória de outro mês, o encontro dos presidentes Lula e Kirchner acabou ótimo com o apoio do Brasil à Argentina junto ao IML. **Página 21**

O Produto Interno Bruto do Brasil encolheu 1,2% entre julho e setembro deste ano, como medida de desaceleração da manutenção dos juros altos por longo tempo, de valorização do real e da crise política. Foi a menor taxa registrada pelo IBCP desde o início de 2003, ano em que o Brasil cresceu na economia. Os especialistas até os mais pessimistas que esperavam, no máximo, uma redução de 0,5%. O ministro Antonio Palocci minimizou o resultado. "Foi apenas um ponto fora da curva de crescimento", disse ele. O ministro do Planejamento, Paulo Henrique, afirmou que o ritmo de queda dos juros deverá ser acelerado, mas ressaltou que os ministros já consultados do quarto trimestre podem compensar em parte o resultado. Bancos e empresas, no entanto, começaram a revisar suas projeções de crescimento para este ano, que agora estão na faixa dos 2%. **Páginas 27 e 30 e Mônica Leticia**



4.5.17 O Globo - 2006

O GLOBO • PÁGINA 1 - Edição: 1/12/2006 - Impresso: 30/11/2006 - 22: 26 h

AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

www.oglobo.com.br

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1923)

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 2006 • ANO LXVIII • Nº 26.779

ROBERTO MARINHO (1954-2002)

Combate ao ecstasy tem mais 17 presos

Um dia depois da ação da Polícia Federal, que desarticulou a maior quadrilha de tráfico de ecstasy do estado, a Polícia Civil também detragou ontem sua guerra contra as drogas sintéticas no Rio. Desta vez foram presos mais 17 traficantes de classe média — entre eles um veterinário — que vendiam drogas em lasas raves e boates na Zona Sul. **Páginas 16 e 17**

Bolsa Família terá reajuste; servidor, não

O ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, disse que o governo não deverá conceder reajuste linear para servidores do Executivo em 2007, mas já estudou aumentar o valor do benefício pago a 11 milhões de famílias pelo Bolsa Família. O percentual de reajuste não está definido. **Página 13**

Conflito entre sem-terra e ruralistas fere 7

Sete sem-terra ligados ao MST ficaram feridos em confronto com produtores que tinham bloqueado uma estrada perto de Cascavel (PR). Em Maceió, 5 mil milicianos de três grupos de sem-terra invadiram e parcelaram o porto. **Página 14**

Venezuela cresce mas pobreza não cai

As melhorias sociais na Venezuela não conseguiram reduzir o nível de pobreza, embora o governo, após ter mudado a metodologia, garanta que sim. Segundo universidades, 70% vivem abaixo da linha da pobreza no país. **Página 39**

Só no Brasil Aids cresce entre idosos

Especialistas estão surpresos com a transformação da epidemia de Aids. O Brasil tem um perfil distinto e só aqui o HIV avança na população mais velha. Em outros países, os jovens são a maior preocupação. **Página 42**

Edição Nacional
Preço de venda em circulação: R\$ 2,00
Circula com este anúncio: Segundo Caderno
R\$ 4,00

PIB indica crescimento abaixo de 3% este ano

No terceiro trimestre, expansão da economia foi de apenas 0,5%

O desempenho da economia brasileira no terceiro trimestre confirmou as expectativas de especialistas e será insuficiente para alcançar o crescimento de 3,2% pretendido pelo governo. De julho a setembro, o PIB do país expandiu-se apenas 0,5% contra os três meses anteriores. Segundo o IBGE, para atingir o resultado projetado pelo governo será preciso ter um crescimento de

5,2% no fim do ano. Para economistas, o país, no entanto, não chegará a crescer 3%, o que o deixará novamente quase na lanterna da América Latina, com desempenho superior apenas ao Haiti. Na Nigéria, o presidente Lula disse que não pensa mais no resultado da economia deste ano: "Agora só penso para frente." **Páginas 31 a 34, Miriam Leitão e Flávia Oliveira**



O dado concreto é que não estou pensando em 2006. Estou pensando em 2007, 2008, 2009 e 2010*
LULA, sobre o PIB do trimestre



LINHA DE FRENTE: Raul Mauer, Mauro Benevides, Octávio Sáenz, Torner e Romão Carneiros durante a reunião do conselho político do PMDB que aprovou o apoio ao governo Lula

Ciro ataca política econômica

O ex-ministro Ciro Gomes atacou a política econômica do governo e a Deputados, a quem acusa de prejudicar o Ceará. Para Ciro, o crescimento do país é medíocre e Lula deixou de ser reeleito no primeiro turno "porque a economia está arrebitada". Ele criticou a coalizão com o PMDB. **Página 3**

O presidente Lula sabe que não pode ser feito de pathço no Brasil e no Ceará?

CIRO GOMES, ex-ministro de Finanças do Ceará, prejudicando o Ceará

PMDB adere em peso a Lula

Com ampla maioria, o conselho político do PMDB aprovou a adesão ao governo Lula. O partido espera até seis ministros. 55 a ala pernambucana, liderada pelo senador eleito Jarbas Vasconcelos, não apoiou a coalizão. Lula disse que foi um gesto importante do partido. **Página 3**



BENTO XVI reza junto ao grão-nevú de Istambul na Mesquita Azul

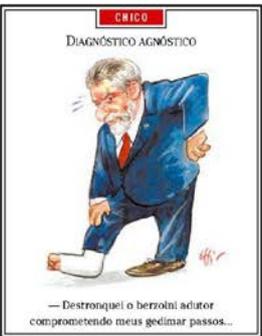
O Papa na casa de Alá

Bento XVI reza em mesquita voltado para Meca

Num gesto que surpreendeu cristãos e muçulmanos, o Papa Bento XVI fez uma oração voltado para Meca, a cidade sagrada do islamismo, em sua visita à Mesquita Azul, ontem, em Istambul. Segundo Pontífice a entrar num templo islâmico — após João Paulo II em 2001 —, Bento XVI cruzou as mãos na altura da cintura, na tradicional forma muçulmana de rezar. Alvo de protestos por conservadores, meses atrás, sobre o Islã, o Papa tem recebido elogios na Turquia. **Página 41**

SEGUNDO CADENNO

Claudia Leitte, do Babado Novo, muda de axé music, diz que seu trabalho é só para divertir e que bons mesmos são Clarice Lispector, "Fausto" e Etta James.



— Destronquei o herzoini adutor comprometendo meus gelmar passos...

4.6.2 O Globo - 1992

Aids contagia mais de 5 mil pessoas por dia

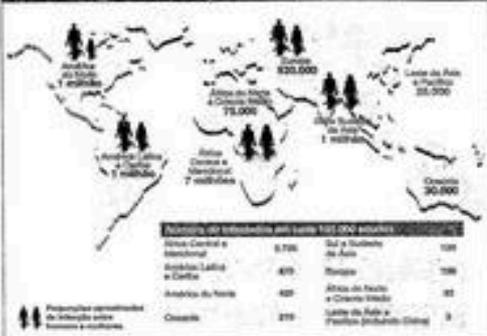
AS PESSOAS MAIS vulneráveis

WASHINGTON — A aids segue sendo hoje a mais rápida de todas as doenças contagiosas que se espalham pelo mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento. Em países desenvolvidos, a taxa é de 10 a 15 por cento. Em países em desenvolvimento, a taxa é de 10 a 15 por cento.

— O grupo mais vulnerável para contrair a aids são os homossexuais, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento. Em seguida vêm os usuários de drogas injetáveis, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento. Em seguida vêm os usuários de drogas injetáveis, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento.

— O grupo mais vulnerável para contrair a aids são os homossexuais, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento. Em seguida vêm os usuários de drogas injetáveis, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento.

A distribuição da doença



— O grupo mais vulnerável para contrair a aids são os homossexuais, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento. Em seguida vêm os usuários de drogas injetáveis, com uma taxa de contaminação de 10 a 15 por cento.

Mulher pobre será a principal vítima

A aids está se propagando mais rápido de pessoa a pessoa do que se imaginava. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento. Em países desenvolvidos, a taxa é de 10 a 15 por cento. Em países em desenvolvimento, a taxa é de 10 a 15 por cento.

Quarenta vacinas estão em fase de teste

NOVA YORK — Atualmente, não há vacina para a aids. No entanto, cerca de 40 vacinas estão em fase de teste. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

Corpo de brasileiro morto em Angola é levado para Luanda

Um corpo brasileiro morto em Angola, vítima de um acidente aéreo, foi levado para Luanda. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

A tensão de quem ficou em casa

Notícia assomou o marido do sargento Helene



— O sargento Helene ficou em casa, preocupado com a situação de sua esposa. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

PM de Minas vai enviar substituto

— O governador de Minas Gerais vai enviar um substituto para o cargo de governador. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

CIA aponta avanço em programa nuclear do Irã

— A CIA aponta um avanço no programa nuclear do Irã. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

Neonazistas incendiaram albergue na Alemanha

— Neonazistas incendiaram um albergue em uma cidade da Alemanha. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

Sargento pretendia juntar dinheiro para se casar assim que voltasse

— O sargento pretendia juntar dinheiro para se casar assim que voltasse de Angola. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

— O sargento pretendia juntar dinheiro para se casar assim que voltasse de Angola. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.

— O sargento pretendia juntar dinheiro para se casar assim que voltasse de Angola. Segundo a OMS, cerca de 10 milhões de pessoas vivem hoje com a doença. A taxa de contaminação é de 10 a 15 por cento.



4.6.3 FSP - 1996

2 opinião Domingo, 27 de dezembro de 1996

FOLHA DE S. PAULO

Publicada desde que o Proprietário da Empresa Folha de Notícias S.A. Presidente Luis Figueiredo Diretor Editorial Cláudio Figueiredo Diretor Administrativo Paulo Figueiredo

DÓLARES PARA O BRASIL

Na esteira dos resultados negativos de 1995, a Folha de Notícias analisa o impacto de um resultado negativo de 17 bilhões de dólares em 1996. O balanço de 1995 foi o pior desde a criação da Folha de Notícias em 1925.

Na esteira dos resultados negativos de 1995, a Folha de Notícias analisa o impacto de um resultado negativo de 17 bilhões de dólares em 1996. O balanço de 1995 foi o pior desde a criação da Folha de Notícias em 1925.

Na esteira dos resultados negativos de 1995, a Folha de Notícias analisa o impacto de um resultado negativo de 17 bilhões de dólares em 1996. O balanço de 1995 foi o pior desde a criação da Folha de Notícias em 1925.

COQUETEL E PREVENÇÃO

Desde o aparecimento da Aids, o uso de álcool para prevenir a transmissão do vírus tem sido alvo de pesquisas científicas. O uso de álcool para prevenir a transmissão do vírus tem sido alvo de pesquisas científicas.

O BASCO GLOBAL

De um lado, José Ignacio López de Arriola, Basco. De outro, General Motors e Volkswagen, gigantes empresariais. A história desse vilarejo de um e de outro lado é a história de uma empresa em que trabalha.

FOLHA DE S. PAULO



PC

São Paulo — A investigação sobre a morte de Paulo César Farias pode ser concluída a qualquer momento, segundo o delegado da Polícia Civil de São Paulo, Paulo Roberto Ferreira de Almeida.

São Paulo — A investigação sobre a morte de Paulo César Farias pode ser concluída a qualquer momento, segundo o delegado da Polícia Civil de São Paulo, Paulo Roberto Ferreira de Almeida.

São Paulo — A investigação sobre a morte de Paulo César Farias pode ser concluída a qualquer momento, segundo o delegado da Polícia Civil de São Paulo, Paulo Roberto Ferreira de Almeida.

FHC 1, Maluf O

Brasília — Fernando Henrique Cardoso viajou no último domingo para o Rio de Janeiro para o lançamento de seu livro de memórias, 'Um ano de governo'.

Brasília — Fernando Henrique Cardoso viajou no último domingo para o Rio de Janeiro para o lançamento de seu livro de memórias, 'Um ano de governo'.

Brasília — Fernando Henrique Cardoso viajou no último domingo para o Rio de Janeiro para o lançamento de seu livro de memórias, 'Um ano de governo'.

O gigante em coma

Brasília — O gigante japonês da indústria automotiva, a Toyota, anunciou que vai reduzir a produção de veículos no Brasil para 1997.

Quanto desperdício!

ANTONIO EMÍLIO DE MORAES

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima que 1 bilhão de pessoas vivem em condições de pobreza extrema.



Antonio Emílio de Moraes, autor do texto.

4.6.4 O Globo - 1996

O GLOBO

Bichos: Obesidade de cães e gatos é fácil de ser tratada e prevenida • 3

JORNAL DA FAMÍLIA

Saúde: Cresce o número de mulheres cardíacas • 4 e 5

DOMINGO, 1 DE DEZEMBRO DE 1996

Meu marido é gay

Pesquisa mostra que 75% das mulheres com Aids são donas-de-casa e monogâmicas



Antônia Martins

Antônio Carlos V. W., de 30 anos, está casado há cinco anos e nunca se preocupou com a prevenção de Aids. Já sua esposa, que sempre valorizou a higiene, viveu uma relação estável, amorosa, com seu marido. Ela estava no quarto mês de gravidez, quando seu médico pediu que fizesse um teste de HIV. Inclusive, em, primeiro, adoeceu e, depois, sua filha teve que ser resuscitada. E, finalmente, estava infectada pelo vírus HIV. Foi apenas depois do resultado do exame que seu marido confessou: tinha uma vida homossexual e escondia esta fato da mulher.

— Meu marido nunca falou em sair casado e nunca desmentiu que ele mantivesse relações sexuais fora de casa, com homens. Já vezes, pensei que é melhor manter, só assim consigo manter uma criança. Mas não posso manter segredo — conta V. W.

União estável não garante infectado contra Aids

V. W. não é uma exceção entre as milhares de mulheres com HIV positivas. Uma pesquisa feita pelo pesquisador Paulo Pereira, da Universidade Gama Filho, indica que 75% das mulheres infectadas pelo HIV são monogâmicas. E um estudo feito, de 1985, de Epidemiologia do Hospital Espírito-Santo, da Fundação Oswaldo Cruz, revela que 87% das mulheres mantiveram relações com parceiros fixos até o momento da infecção, número que diminuiu (para de 77%), quando as parceiras são infectadas.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Programa das Nações Unidas contra a Aids, existem hoje quase 18 milhões de pessoas em todo o mundo infectadas pelo vírus HIV. A cada dia, ocorrem 1,5 mil novos casos de contaminação e a expectativa é que, no ano 2000, haja 40 milhões de infectados, sendo 14 milhões de mulheres. No Brasil, a OMS calcula

que pelo menos 500 mil brasileiros estão infectados com o vírus HIV.

De acordo com o relatório de estudos do programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids do Ministério da Saúde, foram verificadas 62.224 pessoas com sintomas de Aids. A maioria se situa entre 20 e 39 anos de idade. Em 1995, havia uma mulher para cada 18 homens infectados. No ano passado, a proporção passou a ser uma mulher para cada três homens.

No livro "Quadrando o círculo — Mulheres e Aids no Brasil" (Editora Luluza Chaparrão), os autores afirmam que 62% das mulheres com Aids, em São Paulo, têm parceiros fixos. Um estudo demonstrou que, entre 1993 e 1995,

25% dos infectados (descontando apenas os parceiros sexuais de drogas), 82% homens com múltiplos parceiros e 7% mulheres. As donas de casa e as divorciadas são as mais atingidas e neste contingente mais 72% das casos de mortalidade levanta por Aids, no município de São Paulo, entre 1991 e 1993.

— No Rio, a tendência se mantém. Apesar de as mulheres brasileiras usarem serviços de saúde, algumas continuam a Aids e a outras doenças, como bégua, perda de peso, febre e falta de ar. Isso, entre as mulheres, maior probabilidade de ser infectadas sexualmente e, por causa disso, são as investigadas — dizem os pesquisado-

reses Regina Maria Barreto e Wilza Vieira Vilhota.

Uma das explicações para o aumento do número de mulheres com Aids é o preconceito que cerca as relações sexuais com parceiros do mesmo sexo. A conta inclui também de contaminação à água que bebe, de um lado, um marido que mantém suas relações com parceiros de mesmo sexo e que usa a homossexualidade de forma apoliticizada, sem se proteger, e, de outro lado, a mulher que faz de costume uma relação de contaminação e se volta para o seu marido.

— O casamento não é garantia de proteção contra Aids. Um parceiro está bem, mas não há poder para es-

ter um de casados. Carente o risco de contaminação se o marido tem múltiplos parceiros, e o marido de drogas ou transexual — diz o médico Alberto Malafaia, do Programa de Controle de Aids da Secretaria Estadual de Saúde.

O Estado do Rio de Janeiro tem 18,2% do número dos casos de Aids, com 14.432 infectados (dados de setembro). Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, no estado do Rio de Janeiro são 11.067 (3.817 mulheres). Nos últimos anos, o número de mulheres infectadas cresceu 30%. Com relação à escolaridade, 70% das portadoras têm o primeiro grau. Pesquisas mostram que 27% das mulheres infectadas são donas-de-casa e 19%, divorciadas.

A maioria das mulheres exige o uso de camisinha pelo parceiro

Outro fator que contribui para aumentar o risco de contaminação é a falta de hábitos de usar o preservativo.

— No Brasil são vendidos cerca de 13 milhões de preservativos por ano, mas só se fabricam 50 milhões. O resto tem que ser importado, o que encarece o produto. Como a Aids atinge cada vez mais as classes sociais menos favorecidas, o preço elevado dos preservativos desestimula o uso — diz Malafaia.

A médica Regina Barreto, coordenadora de ação de Doenças Sexualmente Transmissíveis da Secretaria Municipal de Saúde, acha que, nos anos 90, as mulheres casadas pensavam que não estavam expostas ao risco de contrair o vírus. Hoje a situação mudou.

— Há dois anos, a maioria das mulheres preferia a pílula, o DIU e o diafragma. Só 9% faziam questão pelo casamento. Agora começaram a brigar e se defender — diz Barreto.

Ela diz que mulheres casadas, em um caso contra outro, têm dificuldade em negociar o uso da camisinha.

— Algumas dizem que, se pedirem ao marido para usar a camisinha, ele vai pensar que ela tem um amante. Outras dizem que os maridos não se adaptam. O preconceito dificulta e faz com que as mulheres não tenham a Aids — afirma. *Continua na página 2*

4.6.5 FSP - 2001

FOLHA COTIDIANO

Publicação Diária - 1991-2001 - 1ª Edição - 1991-2001 - 1ª Edição - 1991-2001

Entre as mulheres, no entanto, cresce o número de infectadas pelo vírus HIV; hoje, elas são 1/3 dos casos notificados

Contaminação por Aids segue em queda

DE QUANTOS DE CASOS DE AID

LEIA ENTÃO:
O programa de prevenção à Aids no Brasil conseguiu reduzir a incidência de doenças de 0,2 casos por 100 mil habitantes para 0,1 por 100 mil em 2000 e o ano passado, mas, por outro lado, o número de infectadas está aumentando em um ritmo de 10% ao ano. Em 2001, a epidemia de Aids, com transmissão sexual e uso de drogas, é a principal responsável por 15% de sua incidência. Hoje, entre as causas estão os casos de transmissão por contato sexual com o sangue.

Em 2000, foram notificados 22 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 8 mil mulheres. Em 1999, foram notificados 23 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 9 mil mulheres. Em 1998, foram notificados 24 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 10 mil mulheres. Em 1997, foram notificados 25 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 11 mil mulheres. Em 1996, foram notificados 26 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 12 mil mulheres. Em 1995, foram notificados 27 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 13 mil mulheres. Em 1994, foram notificados 28 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 14 mil mulheres. Em 1993, foram notificados 29 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 15 mil mulheres. Em 1992, foram notificados 30 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 16 mil mulheres. Em 1991, foram notificados 31 mil casos de Aids, sendo 14 mil homens e 17 mil mulheres.

...em 1991, o número de infectadas pelo vírus HIV cresceu em 10% em relação ao ano anterior. O número de infectados pelo vírus HIV cresceu em 10% em relação ao ano anterior. O número de infectados pelo vírus HIV cresceu em 10% em relação ao ano anterior.

3 Dormitórios

CHAUDEIRASSO, 90 m²

3017-5454

4056-9165

NÃO PERCA NESTA EDIÇÃO CADERNO ESPECIAL FIAT

3017-5454

4056-9165

3017-5454

4056-9165

Condomínio Fechado já implantado

- Segurança Total 24h
- Lotes Privativos de 330 a 550 m²
- Áreas 20 Casas
- Despacho privativo do condomínio
- Acesso controlado
- ENTREGA EM 18 MESES

PREÇO TOTAL À MARRER DE:
RS 486.340,47*

Rua Diogo Pereira, 1 - Junto ao Portal do Morumbi.

Investing

SPINOVIS

UNIBANCO

ASAARA

Contato de atendimento da Algor: Av. República do Líbano, 417 - Fone: (11) 2085-7000 - Atendimento de 20 horas.

3017-5454

4056-9165

4.6.6 O Globo - 2001

Sábado, 1 de dezembro de 2001

O GLOBO

O PAÍS • 11

Cai o ritmo de crescimento da Aids no Brasil

Desde 80, quando ocorreu o primeiro registro no país, doença só havia crescido. Maior problema é a Região Sul

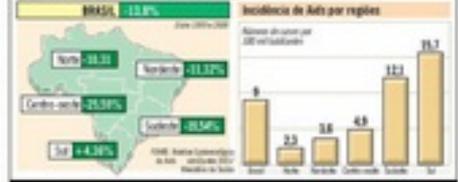
Quênia Pinguicelli

■ **BRASIL.** Pela primeira vez desde 1980, quando foi registrado o primeiro caso de Aids no país, diminuiu o ritmo de crescimento de casos da doença no Brasil. O número de novos casos registrados caiu 13,8% de 1999 para 2000. Já agora, o Ministério recebeu a notificação de pouco mais de 12 mil novos casos em 2000. No ano anterior foram cerca de 20 mil. O percentual de redução pode ser ainda maior, mas o Ministério calcula uma margem de segurança entre dois mil e três mil casos que podem ter ocorrido

em 2000 e que ainda não foram notificados. A epidemia só continua crescendo no Sul. Em 2000, o número de novos casos foi 4,4% maior do que em 1999. Contudo, a região passou a ser o maior desafio para os programas de prevenção. A incidência absoluta de novos casos e a taxa de transmissão de mãe para filho, além disso, segundo o Ministério, o maior problema no Sul é a constatações, por via sexual, dos parceiros dos usuários de drogas injetáveis.

O crescimento da Aids no Sul faz com que, das dez unidades que mais registram incidência de doença no país (baseado em dados constantes por seis mil habitantes), sete estejam em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, incluindo os estados, Porto Alegre e Florianópolis. Os dados confirmam a tendência de a epidemia continuar para o interior. Em 1998, apenas 220 municípios tinham registro de pelo menos um caso de Aids. No ano passado, já eram 2.200. Isso ocorreu juntamente com a tendência de a epidemia aumentar cada vez mais entre mulheres e pessoas mais pobres.

Os números por região



Contaminação de mulheres por homens cresce

Méda nacional é de dois soropositivos para uma portadora do vírus

■ **BRASIL.** Cresce o número de mulheres que contraiu o HIV no país em relações heterossexuais. O Instituto Brasileiro de Saúde mostra que 70,7% das mulheres que contraiu a doença entre 1989 e 2000 foram contaminadas em relações sexuais com homens. Em 1990, esse índice era de 67%. Essa é a principal via de transmissão da doença por mulheres. Em 1990, a proporção era de 22 homens contaminados para cada mulher infectada, a méda nacional é de dois homens para cada mulher.

— A mulher casada ao iniciar a vida sexual tende a ter maior risco de ser contaminada do que as solteiras, diz o diretor Paulo Roberto Teixeira, coordenador de DSTs e Aids do Ministério.

No entanto, há cidades brasileiras onde existem mais mulheres do que homens contaminados. São municípios de menos de 20 mil habitantes. Itaboraí, em São Paulo, atualmente tem sete mulheres com HIV para um homem infectado. Belo Horizonte, no Espírito Santo, e Belo Vale de Goiás, MG, cada uma, têm o mesmo número de mulheres para um homem.

No Rio, duas municípios do norte do estado, Campos e Maricá, registram alta taxa de Aids em mulheres para um homem. Pelos registros de doença é possível ver que as suas propostas citadas sobre a doença chegam às mulheres não se mostram eficazes.

PM seria chefe de segurança do Canoeiro Mineiro

Detetive acusa major de ser responsável por empresa clandestina

■ **SEM INTERESSE.** Coordenador do Comando de Policiamento da Capital, o major da Polícia Militar Fábio Barreto foi acusado ontem de ser o chefe da segurança e também relações públicas da casa de shows Canoeiro Mineiro, onde este semana aconteceu o maior show brasileiro sobre trabalho no sábado passado. Segundo o detetive Fábio Barreto, o major foi verificado na casa, onde quatro seguradoras confirmaram a subversão ao departamento de polícia.

A segurança do Canoeiro Mineiro era feita pela empresa Controlis, que, segundo os depoimentos, era administrada por Barreto e por Wilson A Pereira Figueiredo, sócios que a Controlis não tem registro.

O major Barreto não foi levado a julgamento, a major Wilson Figueiredo, da administração da empresa do PM, informou ontem de manhã que a denúncia seria investigada. É certo, porém, de dizer que a denúncia não tem fundamento e que o major vai processar sua defesa por calúnia.

10x SEM JUROS

NOKIA 5125 ou Ericson 1228

Promoção
QUERO SO VOCE

No Plano Perfil

19⁹⁰

10x SEM JUROS

GRÁTIS
Kit Acessórios
(1 capa de caso + 1 fone de ouvido + 1 carregador veicular)

Comprando no Plano Pré-Pago (cartão), você ganha **BÔNUS de R\$100,00** em ligações e serviços

No Plano Pré-Pago

29⁹⁰

10x SEM JUROS

E mais...
Canhe 20% de desconto, entregando seu celular antigo ATL na compra de qualquer modelo, no Plano Perfil.

10x SEM JUROS

CASA & VIDEO

Conclusão

Após a análise, podemos concluir que, no decorrer de 25 anos do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, a imprensa deu atenção à epidemia. Ao todo, foram 283 matérias, sendo 89 matérias no jornal O Globo, e 194 na FSP, incluindo as capas. Foram editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativos às “comemorações” à data – ou não –, mas que tinham alguma relação com o tema. A FSP deu mais atenção à epidemia, dedicando-lhe 11 capas, ao passo que o jornal O Globo deu destaque ao tema em seis capas.

Partindo de nossas hipóteses iniciais, não podemos afirmar que o interesse da imprensa pela epidemia de AIDS diminuiu a partir de 1996, quando o Programa Nacional de DST e AIDS lançou o primeiro consenso em terapia antirretroviral (regulamentação da prescrição de medicações para combater o HIV), momento em que foi decretada uma lei que garantiu o direito à medicação gratuita para tratamento e disponibilizado o AZT venoso na rede pública. As capas se dividem em oito anos antes de 1996 e oito anos depois. A partir da queda no número de óbitos, em função das novas drogas e de um maior investimento no tratamento do HIV, é possível acompanhar nas capas dos jornais as diversas transformações da doença. A FSP, por exemplo, publicou, até 1996, 104 matérias e, posteriormente, 90; o jornal O Globo publicou, no mesmo período, 45 matérias e, posteriormente, 38. É uma diferença pouco significativa para afirmarmos a hipótese inicial de que houve uma queda de interesse a partir da diminuição dos óbitos.

Também não podemos afirmar que, uma vez convencida de que a AIDS não matava mais, a imprensa não contemplou da mesma forma os novos cenários, o novo perfil de doentes, as mudanças de rumo do HIV. O que nossa pesquisa mostra é que há um acompanhamento, mas que sai das capas e segue no interior dos jornais. A suposta desatenção com a epidemia, que poderia contribuir para a desinformação de um grupo que hoje é fatalmente acometido pelo vírus, como os jovens em especial, também não se pode comprovar a partir de nossa pesquisa. Não podemos afirmar que é de responsabilidade da imprensa a ausência do tema nas capas e/ou no interior dos veículos. Afinal, o que vai a público via imprensa é fruto de um esforço conjunto. A divulgação sobre a epidemia não é uma atribuição exclusiva da imprensa, mas também dos órgãos de saúde, da comunidade científica.

Igualmente, não se pode afirmar que a imprensa seleciona aquela informação que mais se adapta a sua linha editorial. Os jornais seguiram aquilo que os órgãos de saúde definiam como correto. Por exemplo, as denominações grupo de risco, comportamento de risco e vulnerabilidade foram definidas pela OMS, e não pela imprensa. Obviamente, a relação preconceituosa quanto aos homossexuais, drogados e profissionais do sexo também não é invenção ou privilégio da mídia, que apenas faz parte da sociedade e, por conta disso, reproduz seu discurso. Foi a própria sociedade que dividiu as pessoas em algozes (gays, usuários de drogas injetáveis e prostituídos) e vítimas (hemofílicos, pessoas que fizeram transfusões de sangue e crianças). Os jornais acompanham o tratamento que a própria ciência dá aos acometidos por HIV/AIDS.

Nossa pesquisa também não comprova nossa hipótese de que o fato de a AIDS deixar de ser uma doença de homossexuais, drogados e prostituídos gerou a perda de valor para a imprensa. O que ocorre – e que pode ser observado em nossa pesquisa – é que a preocupação com a epidemia de forma contundente se dá enquanto ela faz muitas vítimas e gera muitos óbitos. A partir do momento em que se vive com AIDS, há um desinteresse da sociedade como um todo. O leitor também não se interessa por saber, e isso pode, sim, explicar porque atualmente, a AIDS volta a ser um problema entre os jovens. Também não podemos afirmar em nossa pesquisa que o fato de a epidemia ter avançado sobre as famílias e os lares possa ter chamado menos atenção dos veículos de imprensa. O jornal O Globo publicou, em 1996, uma matéria de capa para o Jornal da Família sobre mulheres infectadas por seus maridos. Ocorre que, se em 25 anos, não observamos nas matérias uma linha sequer sobre os HsH (homens que fazem sexo com homens), não podemos culpar os jornais e os jornalistas por isso. A bissexualidade masculina é um tabu em nossa sociedade. Pode-se culpar os gays, os drogados e os profissionais do sexo, com anuência de toda a sociedade, mas não se ousa levantar a questão de que homens casados que não se identificam com a orientação sexual homossexual vivam a bissexualidade. Se o tema foi discutido, ficou nos porões da comunidade científica e não chegou à imprensa de forma pujante.

De toda forma, não somos ingênuos de afirmar que a imprensa é vítima da comunidade científica, do Ministério da Saúde, da OMS, da UNAIDS, dos movimentos sociais, mas sim que a imprensa é parte da sociedade e, portanto, carrega em si todo o preconceito em relação ao sexo, à homossexualidade, às drogas, aos profissionais do sexo e à bissexualidade masculina, entre tantos temas. O que mais nos chama atenção nesta pesquisa não é o discurso jornalístico,

aquilo que é escolhido para estampar as páginas dos periódicos, ou mesmo o juízo de valor, seja do jornalista, de seu editor ou inclusive do leitor; ou, ainda, a presença ou ausência do tema AIDS nas capas e páginas dos jornais. Nem mesmo o discurso comprometido, fruto da nossa sociedade heteronormativa e machista, observado em nossa pesquisa, mas como a sociedade brasileira, em nosso caso, reage a uma epidemia que ainda, em 2016, mata e matará por muitos anos, apesar dos esforços mundiais. Chama nossa atenção como a sociedade brasileira – população, órgãos do Estado, ONGs, movimentos sociais – reage a um vírus que, após 40 anos, ainda infecta milhões de pessoas no mundo e milhares de brasileiros por todo o nosso território.

É verdade que a divulgação da AIDS é carregada de símbolos como medo e moral, mas também há muita esperança. O que observamos é que a imprensa reproduz o discurso das fontes consultadas, buscando atribuir as falas a personagens. As metáforas, os mitos, os estereótipos e os preconceitos divulgados pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo, no período estudado, refletem e reforçam o inconsciente coletivo. Dessa forma, a doença é fortemente ligada aos homossexuais, aos usuários de drogas injetáveis, aos hemofílicos e, posteriormente, àqueles que estão em vulnerabilidade. No caso do HIV e das outras DST, por exemplo, dificuldades econômicas podem impedir o acesso de algumas pessoas ao preservativo e aos serviços de saúde, o que aumentará as chances de essas pessoas terem mais relações sexuais desprotegidas do que aquelas que conseguem comprar os preservativos. Outras situações que determinam diferentes vulnerabilidades entre as pessoas são o acesso a ações e serviços de educação, a idade, o gênero, o acesso aos meios de informação, entre outras. A AIDS acabou por revelar as fragilidades sociais vividas pela sociedade durante o período estudado.

A divulgação da AIDS não teve o tempo todo efeito moralizante, muitas vezes se pôde ver a humanização dos pacientes, compreender e aprender sobre prevenção e revelar problemas enfrentados por todos os envolvidos com a questão no Brasil. Entretanto, não se pode esquecer do papel que desempenhou ao lembrar, constantemente, a população de seus deveres morais em frear a epidemia e, especialmente, dos “erros” que os soropositivos teriam cometido para terem sido contaminados. Devemos considerar que esse problema ganha força em virtude da escassez de informações e de meios de se chegar à população, deixando a mídia incumbida de fazer o papel de informar sobre a epidemia. É bem verdade que nesse caso não é só por seu papel de informar, mas também por audiência. Sabemos que a informação não chega aos leitores apenas porque deve ser transmitida, mas também atende aos interesses do emissor e do receptor.

Se há alguma coisa boa em tanta dor e em tantas perdas é que a AIDS propiciou que milhões de lésbicas, gays, travestis, bissexuais e transexuais não pudessem mais ser escondidos. Também os LGBTTs não se furtaram a enfrentar, ainda que vítimas da sociedade ultraconservadora, e se dedicaram a mais uma luta, a luta pela vida. Hoje, “fora do armário” lutam contra a homofobia, mas isso é tema para outra pesquisa, quem sabe para um pós-doutorado. Foram os gays, responsabilizados pela epidemia, que partiram para o enfrentamento e para a luta pela prevenção e pelos cuidados aos doentes, tanto que se pode observar, a partir de um dado momento, uma mudança no perfil infectados dentro da sociedade.

Finalmente, acreditamos que os resultados de nossa pesquisa possam colaborar para uma reflexão sobre a divulgação das informações da saúde junto à imprensa e, por conseguinte, pela imprensa à população. É nosso desejo que esta tese não seja vista como o nosso “objeto do desejo”. O Brasil, entre 2010 e 2015, passou de 700 mil para 830 mil doentes de AIDS, com 15 mil mortes por ano. Sozinha, a nação brasileira conta com mais de 40% das novas infecções por HIV da América Latina. Mesmo que saibamos que há indivíduos mais vulneráveis que outros, não se trata de uma doença restrita às populações economicamente excluídas, uma vez que atinge todo tipo de pessoa, homens e mulheres, homossexuais, bissexuais, transexuais e heterossexuais, ricos e pobres, e em todos os lugares do planeta. Todos os dias e horas, pessoas acessam informações que julgam credíveis nos órgãos da imprensa. Aproveitando, merece destaque o artigo de Richard Parker – *O fim da Aids?* – para pensar na pergunta que o autor faz ao leitor: *Estamos realmente próximos ao “fim da AIDS”* (ou de “uma geração livre da AIDS”)? Se não, como a imprensa poderá colaborar?

REFERÊNCIAS

“AIDS. As epidemias dos vírus e das informações”. *Revista Ciência da Informação*, n.3, Brasília, MTC/CNPq, 1993.

Aids no Brasil: um esforço conjunto governo-sociedade. Coordenação Nacional de DST e Aids, Brasília, Ministério da Saúde, 1998

ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro “quatro poder”: imprensa e compromisso político no Brasil, *Revista Contracampo* nº4. IACS/UFF, 2000

BARROS, Clóvis de. “A sociologia de Pierre Bourdieu e o campo da comunicação”: uma proposta de investigação teórica sobre a obra de Pierre Bourdieu e suas ligações conceituais e metodológicas com o campo da comunicação. Tese de doutorado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.

BASTOS, Francisco Inacio. AIDS NA TERCEIRA DÉCADA.. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 104 pp. (Coleção Temas em Saúde).

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Editora Hucitec, 1999

BESSA, Marcelo. *Histórias positivas*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1997.

Boletim Epidemiológico, 2015 <http://www.aids.gov.br/publicacao/2015/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2015>, download feito em 1 de dezembro de 2015.

BONNEWITZ, Patrice. Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 2005

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001.

CASCAIS, A.F. *A recepção da SIDA – imagens e mitos*. *Revista de Comunicação e Linguagem* n.10/11. Lisboa, UNL.,1990.

CAMARGO, Ana Maria. *A AIDS e a sociedade contemporânea*. São Paulo, Ed. FUNCAMP, 1994.

COURTINE, Jean “Analyse du discours, années zéro: quelques réflexions rétrospectives”. *Revista “Policromias – Estudos do Discurso, Imagem e Som”*. UFRJ, 20016

COURTINE, Jean “Analyse du discours, années zéro: quelques réflexions rétrospectives”. Revista “Policromias – Estudos do Discurso, Imagem e Som”. UFRJ, 20016

CURADO, Olga. A notícia na TV – o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.194 p.

DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.

FAUSTO NETO, Antonio. *Comunicação & Mídia Impressa: Estudo sobre a AIDS*. Editora Hackers, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1998.

_____ *História da Sexualidade II: o Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.

_____ *História da Sexualidade III: o Cuidado de Si*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, edições Graal, 1986.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2001. Pg. 10.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança social. Ed. UNB. 2001

FORD, Anibal. *Navegações: comunicação, cultura e crise*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

HARVEY, David. *Condições Pós-modernas*. São Paulo, Ed. Loyola, 2000.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Porto Alegre, Ed. DP&A, 6ª edição 2000.

_____. *Enconding/deconding in television discourse*. In: Culture, Media, Language. Londres, Hutchinson, 1981.

_____. *Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres, Routledge, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza. *Sexualidade o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, d. Jorge Zahar, 1999.

LAGO, Regina Ferro. Bissexualidade masculina: dilema de construção de identidade sexual, 1999. 1 v. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, Denílson. *O Homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2000.

MANN, Jonathan et al. (orgs.). *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993 321p. (História Social da Aids, 1)

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

_____. *Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina*. **Boletim INTERCOM**, n. 49/50, p. 23-35, 1984.

_____. *La comunicación desde la cultura : crisis de lo nacional y emergencia de lo popular*. Trabalho apresentado no SEMINÁRIO LATINOAMERICANO SOBRE CULTURA TRANSNACIONAL, CULTURAS POPULARES Y POLÍTICAS CULTURALES, Bogotá, 1985.

_____. *Comunicación y cultura : unas relaciones complejas*. **TELOS**, Madri, n. 19, p. 21-26, 1989.

MONTEIRO, Simone; VILELA, Wilza *Estigma e Saúde*. Fiocruz, 2013. Pag. 207. <http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n1/0103-7331-physis-24-01-00311.pdf>, acesso em 13/07/2014

MORLEY, David. *The Nationwide: Structure and Deconding*. London: BFI, 1980.

_____. *Interpreting Television*. Milton Keynes: Open University Press, 1981.

_____ *Cultural Studies and Communications*. Edited by James Curran, David Morley and Valerie Walkerdine. Arnold, 1996.

_____ *The Nationwide television studies*. Edited by David Morley and Kuan-Hsing Chen. Routledge, 1999.

_____ *Family Television: Cultural power and Domestic Leisure* by David Morley and Stuart Hall, Paperback, 1998.

_____ *Home Territories: Media, Mobily and Identity*. Library Biding, 2000.

Manual da redação da Folha de São Paulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Dilene R.. *As Pestes do Século XX. Tuberculose e Aids no Brasil: uma história comparada*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Ed. Pontes, 1999

_____ *As formas do silêncio – No movimento dos sentidos*. Campinas. Ed. UNICAMP, 2007

PARKER, Richard e outros(org.) *A AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA IMS, 1994

PARKER R, Agleton P. *Estigma, discriminação e AIDS*, Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; 2001. (Coleção ABIA, Cidadania e Direitos, 1).

PECHÊUX, M. “Semântica e discurso. Uma crítica da afirmação do óbvio. *Campinas*, Unicamp, 1997

_____ “*O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução. Eni Orlandi. 6ª edição Pontes. 1990

ROBINS, K. “*Tradition and translation: national culture in its global context*” In Corner, J. and Harvey, S.(orgs.), *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. Londres: Routledge, 1991.

ROSEMBERG, Charles e GOLDEN, E. *Framing Disease. Studies in Cultural History*. New Lersey, Rutgers University Press, 1977.

RUBIN, Antônio Albino Canelas, BENTZ, Ione Marina e PINTO, Milton José, *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*, Petrópolis, RJ: Ed. VOZES, 1998.

SARLO, Beatriz. *Cenas da idade pós-moderna*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2000.

SEFFNER, Fernando. Cidadania, doença e qualidade de vida: o caso da aids. In: *Cidadania e Qualidade de Vida*. Canoas, La Salle, 1998a 118p.

SEFFNER, Fernando. Aids e(é) falta de educação. In: SILVA, Luiz Heron. (org.). *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura. A comunicação e seus produtos*. Petrópolis. Vozes, 1996.

SONTAG, Susan . *AIDS e suas metáforas*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2001.

_____ *Contra a interpretação*. Porto Alegre, Ed. LPM, 1996.

SOUZA, T. C. C.. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Rua (UNICAMP)*, Campinas, SP, v. 7, p. 65-94, 2001.

TERTO Jr., Veriano. Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de AIDS. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 90.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença. 1995.

FONTES DA INTERNET:

<http://www.aids.gov.br/>

<http://bireme.br>

<http://www.capes.gov.br>

<http://www.fiocruz.br/iciet>

<http://www.pelavidda.org.br/>

<http://portalweb01.saude.gov.br/saude/default.cfm>

<http://www.imediata.com/infoaids/linhadotempo/linha/linha1.html#>

<http://www.abiaids.org.br/> <http://scholar.google.com.br> <http://www.minerva.ufrj.br>